PSICOLOGIA SOCIAL

PELO

PROFESSOR RAUL BRIQUET

CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E PROFESSOR DE PSICOLOGIA SOCIAL DA ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

1.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & CIA.
166 - RUA DO OUVIDOR - 166 — RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO - RUA LIBERO BADARO' 49-A
BELLO HORIZONTE - RUA DA BAHIA 1052
1935

Prefácio

Reünem-se, neste volume, as lições do curso de Psicologia Social, feitas no segundo semestre de 1933, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Nelas se recolheu a doutrina dos autores cujas obras se alegam na bibliografia capitular.

Vai a matéria distribuída em PARTE GERAL e ESPECIAL.

Além de uma INTRODUÇÃO HISTÓRICA, a PARTE GERAL abrange aspectos da BIOLOGIA e PSICOLOGIA, de grande interesse para o assunto, e uma apreciação sucinta do método em SOCIOLOGIA, conforme Augusto Comte.

Na PARTE ESPECIAL, consideram-se, primeiramente, os FATORES PSÍQUICOS que motivam o comportamento social, a saber, INSTINTO e HÁBITO; as três formas da identidade social: SUGESTÃO, IMITAÇÃO, SIMPATIA; e, por último, a INTELIGÊNCIA. Sob a rubrica — VIDA SOCIAL — encaram-se os efeitos dêsses fatores sôbre os indivíduos em sociedade: GRUPOS SOCIAIS; a personalidade no triplo aspecto: EU SOCIAL, PERSONALIDADE e ADAPTAÇÃO SOCIAL. Para rematar, examina-se a psicologia coletiva pròpriamente nas suas reações fundamentais: PRECONCEITO ÉTNICO, LIDERANÇA, OPINIÃO PÚBLICA, MULTIDÃO e REVOLUÇÃO.

Muito nos desvanecerá si concorrermos, com esta INTRODUÇÃO, para que melhor se estudem as causas psíquicas dos fenômenos sociais.

S. Paulo, Maio-1935.

Adotou-se a ortografia combinada pelas Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa.

ÍNDICE DE MATÉRIA

PREFÁCIO III

PARTE GERAL

Pg.

CAPÍTULO I — INTRODUÇÃO. 1
" II — SUBSÍDIO DA BIOLOGIA 17
" III — SUBSÍDIO DA PSICOLOGIA . . . . .
A) BIEVIORISMO 27
B) GUESTALTISMO 32
C) LEIS DA NATUREZA HUMANA. 44
D) APRENDIZAGEM 54
" IV — SUBSÍDIO DA SOCIOLOGIA 75

PARTE ESPECIAL

FATORES PSÍQUICOS

CAPÍTULO V — INSTINTO 96
" VI — INSTINTO AGRESSIVO 108
" VII — HÁBITO. 117
" VIII — SUGESTÃO. 126
" IX — IMITAÇÃO 136
" X — SIMPATIA 144
" XI — INTELIGÊNCIA 150

VIDA SOCIAL

CAPÍTULO XII — GRUPOS SOCIAIS 157
" XIII — EU SOCIAL 172
" XIV — PERSONALIDADE 179
" XV — ADAPTAÇÃO SOCIAL 194
" XVI — PRECONCEITO DE RAÇA 204
" XVII — LIDERANÇA 220
" XVIII — OPINIÃO PÚBLICA 228
" XIX — MULTIDÃO. 235
" XX — REVOLUÇÃO 248

INDICE ALFABÉTICO 259

" " AUTORES 262

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A psicologia social estuda os aspectos sociais da vida mental. Segundo GECK, examina os fenômenos psíquicos do grupo social. Para ELLWOOD, tem por escopo a aplicação dos princípios psicológicos á interpretação dos fenômenos sociais.

A escola italiana, representada por SIGHELE, ROSSI, GROPPALI, etc., insiste na distinção entre *psicologia social* e *coletiva*. A primeira opõe-se á individual e considera as manifestações psíquicas do grupo social como um todo. A segunda objetiva o comportamento especial dos indivíduos em sociedade. Deve, pois, ser parte da psicologia social, talvez, a mais interessante, e que se expressa nas representações da multidão.

Diferencia-se, por outro lado, da *psicologia étnica*, que investiga as reações psíquicas dos grupos humanos, tendo em vista a sua especificação racial.

Entendem COMTE e DURKHEIM que a psicologia social deva preceder a *individual*. Em verdade, argumentam êles, si o homem só é completamente conhecido dentro das reações sociais, compreende-se que só possa ser convenientemente caracterizado em função do reagente social. Por conseguinte, a psicologia individual, que, então, passaria a denominar-se *moral* ou *antropologia*, constituiria a ciência suprema, indo ocupar o ápice da hierarquia científica, porquanto encara o homem do ponto de vista social e ético.

A psicologia social, ao lado da biologia social, da antropologia social e da história, constitue as bases da sociologia.

A psicologia social participa assim do método sociológico como do biológico. Não pode constituir uma ciência autônoma pela simples razão que não mira a problema algum cujo estudo não incumba, respectivamente, á biologia ou á sociologia. Entretanto, o seu objetivo, no conjunto dos conhecimentos, em especial no grupo das ciências sociais, consiste em evidenciar a importância dos fatores psíquicos, na interpretação do comportamento dos indivíduos. Essencial é manter-se a coordenação dos fatos, relacionar sempre as partes ao todo, e conservar nítida a unidade estrutural. Não foi outro o critério de DURKHEIM ao consolidar o pensamento comtiano de colocar a moral na cúpola dos conhecimentos humanos. Si o indivíduo só se completa depois de integrado na sociedade, e, uma vez que desinteressa o aspecto estritamente pessoal ou biológico, claro é que a psicologia, no sentido lato, há-de ser forçosamente social.

Tal a importância da psicologia que se pode subscrever o conceito do eminente mestre francês P. JANET, quando entende que, em certo sentido, a sociologia é parte da psicologia. Elas se distinguem pelos instrumentos de que se socorrem; esta, da observação de crianças, primitivos e alienados, etc.; aquela, do método comparativo e estatístico.

Sabido é que nos fenômenos sociais há sempre o fator psíquico, que, entretanto, não é exclusivo; embora magno, não é só êle que rege o comportamento coletivo. E' preciso considerar que o espírito humano, em grande parte, é produto evolutivo, e a história mostra que a motivação ou determinismo da conduta é de natureza psicológica. Seria êrro, portanto, salienta ELLWOOD, pretender estudar psicològicamente as instituições sociais, sem o subsídio insubstituível dos informes sôbre o respectivo desenvolvimento concreto.

E' indispensável que o progresso da psico-sociologia se faça, contudo, em harmonia com os dados científicos anteriores, em particular, da biologia.

Os filósofos preocuparam-se sempre com a explicação da conduta dos indivíduos em sociedade.

ARISTÓTELES chama a atenção para a preponderância da *amizade*, como laço indispensável ás sociedades e que muito nobilita a vida humana. SPINOZA acentua o papel da *simpatia*, sentimento induzido entre os indivíduos e povos. HUME discorre sôbre imitação, simpatia, psicologia das nações e ação do clima no que toca ao comportamento dos homens.

COMTE faz sobressair o sentimento como fator dinâmico da vida social. No seu modo de opinar, todo problema humano consiste em estabelecer a unidade pessoal e social pela subordinação constante do egoismo ao altruismo.

SPENCER (H.) resumiu a psicologia dos povos primitivos nos *Princípios de Sociologia*, que merecem ser lidos, quando não seja pela exposição doutrinária, muitas vezes infirmada por fôrça de novas descobertas e de novos conceitos, pelo menos pelo método de exposição lógico e positivo. Tem-se alegado que só regista fatos que lhe abonem o ponto de vista. Pouco importa; o argumento poderia tirar a universalidade de valor ás suas conclusões, mas respeita uma das faces pela qual se deve encarar o problema das origens sociais.

Consideremos, agora, sumàriamente, alguns nomes que se destacam no estudo da psicologia social.

a) — Nos *Estados Unidos*, em especial, tem sido cultivada com grande cuidado, já como investigação científica, já como disciplina pedagógica em universidades e cursos secundários.

JAMES (WILLIAM) (1842–1910), fundou a psicologia científica na America do Norte. A sua obra "*Principles of Psychology*" constitue um marco entre a psicologia antiga e a moderna. Nela examinou o problema do instinto, do hábito e do *Eu* social, com tal segurança sintética, que DEWEY declarava não passarem os volumes, depois publicados sôbre a matéria, de mera ampliação daquela centena

de páginas. Assinalou a importância dos fenômenos psíquicos, mòrmente do hábito, na manutenção da ordem social.

STANLEY HALL (1846-1924). Introduziu a psicologia experimental nos Estados Unidos. E' clássica a sua obra sôbre *Psicologia da Adolescência.* Tinha visão panteista, entendendo que a alma do indivíduo nada mais é que uma fração infinitésima da universal. Pôs em destaque o valor da psicologia genética e suas relações com a sociologia. Frisou a necessidade de se estudar a psicologia do animal, da criança e dos povos primitivos, afim de elucidar muitos fatos da gênese e evolução do espírito humano e da vida social. Realçou a imitação como fator educativo e de socialização, tendo sido o primeiro, no seu país, a admitir a doutrina psicanalítica de FREUD. Aludia á grande atuação dos fenômenos subconcientes na ética individual e coletiva, assim como ao predomínio da mediocridade na moderna organização política, sobretudo em grandes crises sociais.

BALDWIN (J. M.) (1861 –) é grande divulgador da teoria de TARDE, a saber, da imitação como fator máximo na vida coletiva. Reconhece quatro períodos na evolução da conciência individual: *objetivo*, em que a criança reconhece os objetos, mas não os distingue das pessoas; *projetivo*, na qual discerne os objetos pessoais dos impessoais, embora não tenha conciência dela própria; *subjetivo*, quando adquire o conceito do *Eu* e surgem as primeiras manifestações volitivas; *ejectivo*, com a formação da conciência pessoal e dos outros, no qual, constituído o *Eu* social, julga os outros por si.

Conforme BALDWIN, verificam-se três fases no desenvolvimento da imitação: a) *biológica*, também chamada *orgânica* ou *subcortical*, que não alcança o nivel conciente; b) *psicológica*, *conciente* ou *cortical*, quando as imagens se repetem concientemente; c) *plástica* ou *subcortical secundária*, em

que a imitação, a princípio conciente, com o tempo se torna automática e subconciente.

THORNDIKE (E. L.) (1874 –) distinguiu-se não só por notáveis estudos experimentais sôbre a psicologia dos animais e da aprendizagem, mas também por ter acentuado a significação social do instinto.

WATSON (J. H. B.) (1878 –). Sistematizou o bieviorismo, ou psicologia do comportamento, contrário á introspecção, com o qual procura imprimir á experimentação maior positividade, qual seja a das respostas do aparelho neuro-glândulo-muscular aos respectivos estímulos. Para avaliar-se a importância do bieviorismo, no rebater a introspecção, é oportuno repetir o reparo de DEWEY de que o atraso da psicologia é conseqüência direta de tal método.

GIDDINGS (F. H.) (1855 – 1931). Professor na Universidade de Colúmbia, defendeu a teoria da *consciência da espécie*, modalidade do sentimento de simpatia, como fator psíquico do comportamento social. Êle e MAX SCHEELER, de Colônia, representam os dois maiores propugnadores modernos da emoção como causa da conduta humana.

Dos contemporâneos, lembraremos ELLWOOD, BERNARD, e WHEELER.

ELLWOOD (CH.), professor de sociologia na Universidade de Missouri, hoje em Duke University, na North Caroline, possue notável faculdade de sintetizar o essencial da sociologia e psicologia social, matérias em que se tornou autoridade.

Ao prefaciar-lhe a tradução francesa da *Psico-Sociologia*, G. TARDE atribuía-lhe prudência no exame amplo de tôdas as faces do problema; eqüidade no admitir o fundamento parcial das doutrinas; ponderação em conferir justo valor a cada uma das fôrças sociais; generosidade pelas grandes causas, e extrema clareza.

BERNARD (L.) (1884 –) da Universidade de Washington. Constitue, com JOSEY, FARIS, KANTOR,

e outros, a pleíade dos que não aceitam o instinto como fator psico-social. Em sua opinião, só se deve admitir como instintiva a organização fundamental, quer do ponto de vista estrutural, quer funcional, que se mantenha imutável na vida do indivíduo e conserve as formas herdadas com modificação mínima. A maioria dos atos-padrões, considerados instintos, são adquiridos pela adaptação ás experiências da vida. Os instintos sociais complexos são agregados de hábitos e reflexos organizados. O controle futuro das raças humanas e da civilização depende mais da transmissão de elevadas qualidades pelo convívio social, do que da formação seletiva por via de herança.

WHEELER (R.), da Universidade de Kansas, tornou-se credor do aprêço dos psico-sociólogos por ter imprimido á psicologia aspecto guestáltico ou configuracional. Claro é que a teoria guestáltica ainda não está em fase de aplicação sociológica. Tal circunstância não diminue, porém, o valor das suas obras didáticas, que devem ser lidas por todos quantos procurem modernizar os conhecimentos de psicologia geral.

Muitos nomes ilustram ainda a psicologia social entre os norte-americanos: KIMBALL YOUNG, de Wisconsin, com o precioso *Source-Book for Social Psychology* (1931), e um manual-*Principles of Social Psychology;* BOGARDUS (E.), da Califórnia, autor de interessante volume: "*Fundamentals of Social Psychology*", e diretor da revista *Sociology and Social Research;* FOLSOM (J. K.), com valiosa obra: *Social Psychology:* KRUGER e REKLLESS, que escreveram *Social Psychology*, trabalho muito apreciado, e tantos outros autores exibem o interêsse por tal disciplina.

Merecem ainda citados numerosos compêndios, tais como os de ALLPORT, ROSS, MURPHY, GAULT, SPROWLS, KANTOR, EWER, MURCHISON, etc. sem fa-

lar na monumental *Encyclopedia of Social Sciences*, editada por E. R. A. SELIGMAN.

b) Dentre os *inglêses*, citaremos BAGEHOT, TROTTER e MAC DOUGALL.

BAGEHOT (W.) (1826 – 1877). Foi o primeiro a expor a interpretação psicológica da evolução social. E' célebre a sua obra *Physics and Politics*, (1873), traduzida para várias linguas, e que traz o subtítulo: Reflexões sôbre a Aplicação dos Princípios de Seleção Natural e Hereditariedade á Sociedade Política. Não obstante a importância que conferia ao substrato biológico, evidenciou o conceito psicológico da vida política das instituições.

Precursor de TARDE, colocou a imitação em primeira plana na *formação dos costumes*, base da lei, contingência anteprimeira do grupo humano. Depois dêsse período inicial de socialização, onde prevalece a imitação, surge o segundo, dos *conflitos de costumes*, no qual se salienta a guerra como fator soberano. Esta fase corresponde ao tipo militar de civilização de SPENCER. Descreve, como terceira fase de evolução social, a da *discussão*, que rompe a ação rotineira e faculta o surto do progresso.

TROTTER (W.). Este notável cirurgião e sociólogo enfeixou em volume publicado, em 1916, sob o título: "*Instincts of the Herd in Peace and War*", vários escritos sôbre o instinto gregário. Para êle, o homem é social; isolado, nada significa. A característica da grei é ser homogênea e sugestionável em grau diverso.

As conseqüências sociais do instinto gregário têm a mais subida influência, pois permitem especificar a parte central e altamente dinâmica da psicologia social, que é a coletiva ou da multidão. Portanto, seria grave êrro pretender sufocar a sugestão gregária, o que, aliás, seria impossível. Equivaleria a suprimir êsse mesmo instinto, grande baluarte

da coesão e progresso social. O instinto religioso seria forma do gregário, porquanto o crente aspira a estar em harmonia mística e a unificar-se com o infinito. FREUD capitula de profundo o pensamento seguinte de TROTTER: "A tendência á formação de agrupamentos maciços é, na ordem social, a expressão biológica da estrutura pluricelular do organismo superior".

MAC DOUGALL (WILLIAM). Professor em Oxford, depois na Universidade de Harward, e agora na de Duke, em North Caroline, foi quem primeiro ordenou, em volume, os conhecimentos a que se convencionou chamar psicologia social na obra : *Social Psychology* (1908). Defende a função social do instinto. No comportamento coletivo, na evolução social e política de todo povo adiantado, assim como dos indivíduos, do nascimento á maturidade, distingue quatro fases: a) *instintiva - hedonística*, na qual se procura o prazer e se foge á dôr; b) *instintiva*, em que se temem as sanções e se almejam recompensas ; c) a terceira, condicionada á antecipação do *aplauso* ou da *censura* social; d) *ideal*, na qual a ação independe do prêmio, e é levada a efeito tão só pelo sentimento de retidão.

c) A *escola alemã* é representada, essencialmente, por HERBART, LAZARUS e STEINTHAL, WUNDT, HOLZAPFEL, HAASE, SIMMEL e GECK.

HERBART (J. F.) (1776-1847), famoso educador, a quem cabe a primazia de ter pôsto em destaque o aspecto social do homem, negando-lhe significação fora da sociedade. A psicologia social objetiva o estudo da alma individual coletivamente relacionada.

LAZARUS e STEINTHAL, em 1860, procuraram destacar a psicologia social da *demo-psicologia* ou psicologia do povo. Pertence, todavia, a LINDNER o mérito de ter estabelecido, de modo definitivo, em 1871, a separação entre uma e outra. Aquela considera a sociedade como personalidade espiri-

tual ; esta estuda as reações psíquicas elementares, como sejam, as manifestações abstratas da alma popular: língua, mitos, religião e arte.

WUNDT (W.) (1832 – 1920). Foi o criador da psicologia experimental, organizando o primeiro laboratório, em Lípsia, de 1878 a 79. E' notabilíssima figura, imarcescível na projeção psicológica, social e filosófica.

No domínio da psicologia do povo escreveu a "*Volk-Psychologie*", em dez volumes, onde estabelece as leis do desenvolvimento dos quatro instrumentos de cultura humana: religião, língua, costumes e mitos.

HOLZAPFEL. Em 1901, publicou o *Pan-Ideal*, onde afirma que a psicologia só pode ser social, uma vez que o homem não pode viver segregado do grupo, pelo menos psìquicamente. Para êle, todo saber é socialmente condicionado.

A *psicologia social* tem por fim o estudo do conhecimento psíquico resultante das relações entre duas pessoas no mínimo ; a *psicologia individual* estuda o conjunto das experiências do indivíduo em um grupo ou mais ; a *sociologia* considera o total das experiências humanas decorrentes das relações de dois ou mais grupos.

HAASE (KURT). Assim não pensa êste autor, para quem a psicologia social é forçosamente individual, porquanto só existem as experiências dos indivíduos. Ramo da psicologia geral, a social só se ocupa com o conhecimento individual relacionado com o meio. Igualmente, a psicologia da sociedade funda-se em experiências individuais e é, por conseguinte, também social, enquanto trata dos membros do grupo, coletivamente subordinados.

SIMMEL (G.) Este eminente sociólogo julga a psicologia social e a individual indivisíveis e, por conseguinte, indissolúveis.

Aquela seria parte da geral, que, por sua vez, o é da individual, e com filiação na psico-fisiologia. Tem

por objeto o estudo das modificações que o mecanismo mental sofre sob influxo do meio social.

GECK (L. H. A.) Publicou, em 1929, ótimo pequeno volume sôbre a *Psicologia Social na Alemanha*, onde desenvolve apreciações a respeito dos autores germânicos, acima mencionados.

d) Entre os *franceses*, são nomes consagrados os de TARDE, DURKHEIM e LE BON.

TARDE (GABRIEL). Foi quem mais se bateu pela imitação como fator psíquico do comportamento social. Além de magistrado, era diretor da seção de estatística criminal do Ministério da Justiça, e, nesses cargos, impressionou-se pela reincidência de certos fenômenos.

Na sua maneira de apreciar, o mecanismo social consiste fundamentalmente na atividade inter-mental dos indivíduos associados. Tal atividade se exerce por três mecanismos: *adaptação* dos socialmente menos adaptáveis aos que mais o são; *oposição*, por meio da rivalidade, discussão e luta armada; e a *repetição* ou imitação. Esta se operaria mediante três leis – da *progressão geométrica* relativamente ao número de indivíduos influenciados; da *refração do meio* (ação física e biológica), e da *influência social*. Os processos de atividade inter-espiritual atuam, a seu turno, sôbre desejos e crenças, matéria psicológica de socialização.

DURKHEIM (EMÍLIO), figura de grande relêvo como sociólogo, filósofo e moralista, foi professor da Sorbona e fundador do periódico — *L'Année Sociologique*. E' êste um repositório de monografias sôbre sociologia, antropologia social, etc., e preciosas análises bibliográficas sistematizadas, que o tornam indispensável para o conhecimento do ponto de vista dos sociólogos franceses, no período de 1896 a 1909.

Chefiou a escola chamada *Nova Sorbona*, em que avultam os nomes de: LÉVY-BRÜHL, FAUCONNET, G. DAVY, BOUGLÉ, HALBWACHS (M.), HUBERT, (H.) e MAUSS (M.).

Não cabe, aqui, um apanhado, embora sumaríssimo, da obra durkheimiana, ainda que se confinasse ao aspecto psico-sociológico. Complexa e extensa, engrandecida pelo subsídio antropológico, documentada no método estatístico e comparativo, é vazada em tal linguagem que reclama grande contenção de espírito para se lhe não trair o pensamento.

DURKHEIM dinamizou o contingente da etnografia, confirmando o conceito, já externado, de que a psicologia, a antropologia e a história constituem os fundamentos da sociologia.

A etnografia ou, melhor, a antropologia social, patenteia o seu papel no cotejo dos povos primitivos com as fases iniciais da civilização e cultura dos povos mais adiantados. Incumbe-se de investigar as origens sociais, entendendo-se como origem não o começo absoluto, senão as causas sempre presentes e eficazes na formação e desenvolvimento das sociedades. Sanciona, outrossim, as conclusões da psicologia social, demonstrando a atuação dos fatores psíquicos na vida dos povos primitivos, simplificada pela menor interferência de fatores econômicos e outros.

Formulou a teoria do meio ou substrato social, representado pela morfologia social, fusão da geografia humana (estudo das raças) com a demografia (estudo da população). O meio social seria *interno* e *externo*. Este é formado pelas sociedades ambientes com as quais se relaciona a sociedade considerada. Aquele se reduz a dois fatores essenciais: a) *massa* dos indivíduos, ou massa social; b) *densidade* dinâmica ou concentração da massa.

Nega DURKHEIM a sociologia geral, sob fundamento de que viria ou confundir-se com a história descritiva da vida das sociedades particulares, ou perder-se em uma vaga filosofia das ciências sociais, sem objeto definido e sem leis precisas para se formularem. Entende que as leis devem ser pesquisadas pelas ciências sociais particulares (sociologia reli-

giosa, jurídica, criminal, econômica, ciência dos costumes e morfologia social), cujo conjunto constitue o *Corpus* ou sistema de ciências sociais.

Dêsse modo, procurava evitar a confusão da sociologia com a filosofia. Baseava a unidade das ciências sociais em uma filosofia da identidade, renovada de SCHELLING (RICHARD). Modificou, mais tarde, tal conceito, ao declarar que a reflexão sociológica estende-se espontâneamente e, no seu progresso natural, assume a forma de reflexão filosófica.

Entre outros pontos, que feriu de modo particular, sobressai o das representações coletivas, produzidas pelas ações e reações das conciências individuais umas sôbre as outras.

Estatuíu que a religião, comunhão dos homens, criada por grande exaltação coletiva, é de tôdas as formas sociais a mais primitiva, dela procedendo tôdas as manifestações sociais – direito, moral, arte, ciência e formas políticas.

Ao tratar dos juizos de realidade e de valor, lembra DURKHEIM que, si os primeiros exprimem determinados fatos, os segundos não averiguam o que sejam as coisas, a não ser o que valem em relação a um critério (*sujet*) conciente e ao preço que este lhes confere. O juizo de valor está condicionado ao ideal, que jamais fica ao serviço do objectivo, que subsiste por si mesmo, não lhe servindo de medida os interesses da realidade. Os elementos do ideal colhem-se da realidade, mas combinam-se de modo diverso. Contràriamente a KANT, não exclue os valores econômicos. Escusa, portanto, reduzir o juizo de valor ao de realidade, quer destruindo a noção de valor, quer subordinando-a a uma faculdade, mercê da qual o homem se poria em relação com o mundo transcendente. O valor decorre da relação das coisas com os vários aspectos do ideal, que nada tem de misterioso, pois está na natureza e é da natureza. A tarefa do sociólogo, remata o profundo pensador, é incluir em a natureza o ideal sob

tôdas as suas formas, respeitando-lhe, todavia, os atributos característicos.

Do mesmo modo, aqueles problemas que foram surgindo na apreciação da gênese e evolução das sociedades vêm desfechar no ponto crucial da especulação filosófica, que é a teoria do conhecimento.

Parte-se da sociedade, realidade *sui generis*, e chega-se aos postulados da psicologia individual. Quer isto dizer que há um momento, no desenvolvimento desta, em que é inseparável da sociologia, a saber, quando se estuda o indivíduo na sua projeção máxima, moral e social.

No capítulo quarto desta obra, reproduzem-se as regras de investigação sociológica, que DURKHEIM estabeleceu.

LE BON (GUSTAVO) foi grande divulgador da teoria imitativa de TARDE e do realismo social de DURKHEIM. Polígrafo fecundo, escreveu sôbre diversos assuntos de ordem científica.

Dentre as suas obras, devem ser lidas pelo psicosociólogo: *La Psychologie des Foules, La Révolution Française, Les Opinions et Les Croyances.* Muitos juizos seus já não prevalecem: classificação das raças em primitivas, inferiores, médias e superiores; diferenciação psicológica do indivíduo em função do aperfeiçoamento mental da raça; argumentos anticientíficos contra a miscegenação; unilateralidade da documentação histórica, que, no caso particular da revolução, se limitava, ao que parece, ás *Origines de la France Contemporaine*, de H. TAINE. Sem embargo, muito merece por ter chamado atenção para conspícuos problemas da vida social.

Não seria justo calar os nomes daqueles que, sem filiação doutrinária, muito têm concorrido para enriquecer a literatura psico-sociológica. RICHARD (G.), CH. BLONDEL, ESSERTIER (D.), DUPRAT (G. L.) e MARIE (A.A.). O primeiro, professor de Ciência Social, da Universidade de Bordéus, é vigoroso pensador, emancipado de escolas e sistemas, para o

que contribuíu, certo, o conhecimento amplo de trabalhos estrangeiros, sobretudo, alemães e italianos.

e) A *escola italiana* fecha brilhantemente a lista dos vultos com que se engrandeceu a psicologia social. SCIPIO SIGHELE, PASCUAL ROSSI, GROPPALI e SERGI (G.) são muitíssimo familiares a todos quantos conhecem a escola positiva do determinismo científico, no terreno das aplicações sociais e jurídicas.

ENRICO FERRI, LOMBROSO, GARÓFALO, tornaram-se credores da veneração de todos que filiam a sua formação intelectual nas aplicações do método positivo à criminologia e ao direito.

A psicologia social italiana tem assinalado a distinção entre a psicologia social e a coletiva como já se disse. Examinou com cuidado os múltiplos aspectos da multidão, normal e patológica, e a caracterização psíquica dos líderes.

ROSSI distingue a multidão *estática*, geralmente estudada, da *dinâmica*, em que os membros estão dispersos. Discrimina a ação sugestiva do *lider imedialo*, que atua pela presença direta, da do *lider mediato*, que influencia a massa indiretamente, em virtude do prestígio social ou intelectual. Formulou três leis de psicologia social: a) A reünião de várias pessoas nunca dá resultado igual à soma de cada um delas (FERRI); b) na multidão, o pensamento se apaga e o sentimento se adiciona, aliás já enunciada por SIGHELE; c) a inter-ação mental funde as emoções mais atávicas.

Na bibliografia deste capítulo, mencionam-se as obras recomendáveis para uma apreciação de conjunto da psicologia social.

BIBLIOGRAFIA

ALLPORT (F. H.): Social Psychology. Boston. H. Mifflin. 1924.
BAGEHOT (W.): Leyes Cientificas del Desarollo de las Naciones. Madrid. La Espana Moderna. s. d.

BALDWIN (J. M.): Psychologie et Sociologie. Edition française. Paris. Giard. 1910.
" " " : Interprétation Sociale et Morale des Principes du Développement Mental. Paris. Giard. 1899.
BARNES (H. E.): (ed.) The New History and the Social Studies. N. Y. Century Co. 1925.
BERNARD (L. L.) An Introduction to Social Psychology. N. Y. Holt. 1926
BLONDEL (C.): Introduction á la Psychologie Collective. Paris. Colin. 1928.
BOGARDUS (E. S.): Fundamentals of Social Psychology N. Y. Century Co. 1931.
CARVALHO (DELGADO DE): Sociologia. Rio. Alves. 1933.
DAVY (G.): Sociologues d'Hier et d'Aujourd'hui. Paris. Alcan. 1931.
" " : Emile Durkheim. Paris. L. Michaud.
" " : La Sociologie, em DUMAS (G.): *Traité de Psichologie.* Paris. Alcan. 2.° v. 1924.
DUNLAP (K.): Civilised Life. The Principles and Aplications of Social Psychology. 1934.
DUPRAT (G. L.): La Psychologie Sociale. Paris. Doin. 1920.
DURKHEIM (E.): Les Régles de la Méthode Sociologique. Paris. Alcan. 1897.
" " : Sociologie et Philosophie. Paris. Alcan. 1924.
" " : Sociologie et Sciences Sociales. em BOUASSE, etc.: *De la Méthode dans les Sciences.* Alcan. 1909. 1.° v.
ELLWOOD (CD.): Principes de Psycho-Sociologie. Ed. fr. Paris. Giard et Brière. 1914.
" " : Methods in Sociology. Duke Un. 1933
" " : The Psychology of the Human Society. N. Y. Appleton. 1931.
ESSERTIER (D.): Psychologie et Sociologie. Paris. Alcan. 1927.
" " Philosophes et Savants Français au XIX Siécle. La Sociologie. Paris. Alcan. 1930.
EWER (B. C.) Social Psychology. Macmillan. 1929.
FOLSOM (J. K.): Social Psychology. N. Y. Harper. 1931.
GAULT (R. H.): Social Psychology. N. Y. Holt. 1923.
GECK (L. H. AD.): Social Psychology in Germany. Sociology and Social Research. n. 2. 1929.
GIDDINGS (F. H.) The Principles of Sociology. N. Y. Macmillan. 1928.
HAYES (H. G.): (ed.) Recent Developments in the Social Sciences. Phil. Lippincot. 1927.
JANET (P.): L'Individualité en Psychologie. em *Caullery*, etc.: *L'Individualilé.* 3ème Semaine Internationale de Synthèse. Alcan. 1933.
KANTOR (J. R.): An Outline of Social Psychology, Chicago. Follett. 1929.
KARPF (F. B.): American Social Psychology. Mc. Graw-Hill Book Co. N. Y. 1932.
KRUEGER and RECKLLESS: Social Psychology. N. Y. Longmans Green. 1932.
LE BON (G.): Psychologie des Foules. Alcan. 1909.
" " : Lois Psychologiques de l'Evolution des Peuples. Alcan. 1906.
" " : Les Opinions et les Croyances. Paris. Flammarion. 1911.
" " : La Révolution Française et la Psychologie des Révolutions. Flammarion. 1913.
LOWRIE (SAMUEL H.): Sociologia Geral (aulas mimiografadas da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo) 1933-1934.
MARIE (A.A.): La Psychologie Collective. Paris. Masson. 1909.
MC. DOUGALL (W.): An Introduction to Social Psychology. Londres. Methuen. 1931.
" " " : The Group Mind. Cambridge Un. Press. 1927.

MUKERJEE and N. N. Sen-Supta ; Introduction to Social Psychology. Boston Heatte Co. 1928.
MURCHISON (C.): Social Psychology. Clark Un. Press. 1929.
MURPHY (G.): Experimental Social Psychology. N. Y. Harper. 1931.
PARODI (D.) La Phisolophie Contemporaine en France. 2.ª ed. Paris. Alcan. 1920.
RICHARD (G.) La Sociologie Générale et les Lois Sociologiques. Paris. Doin. 1912.
ROSS (E. A.): Social Psychology. N. Y. Macmillan. 1929.
ROSSI (P.): Psicologia Coletiva Morbosa. Turim. Bocca. 1909.
" " : Los Sugestionadores y la Muchedumbre. Barcelona. Henrich. 1906.
" " : Sociologia y Psicologia Colectiva. Madrid. La Espana Moderna. s. d.
SELIGMAN — etc.: Encyclopedia of Social Sciences. N. Y. Macmillan. 14 vs. publicados.
SIGHELE (SCIPIO): Psychologie des Sectes. Paris. Giard. 1898.
" " : A Multidão Criminosa. Lisboa. Bertrand. s. d.
SPROWLS (J. W.): Social Psychology Interpreted. Baltimore. W. Wilkins. 1927.
TARDE (G.): Les Lois de l'Imitation. Paris. Alcan. 7.ª ed. 1921.
" " : Les Lois Sociales. Alcan. 1921.
" " : Etudes de Psychologie Sociale. Paris. Giard, Briére, 1898.
THOULESS (R. H.): Social Psychology. London. University Tutorial Press. 1932.
TROTTER (W.) Instinct of the Herd in Peace and War. Londres. Benn. 1930.
VIANNA (OLIVEIRA): Pequenos Estudos de Psicologia Social. São Paulo, Revista do Brasil. 1921.
WHEELER (R. H.): The Science of Psychology. Londres. Jarrolds. 1931.
WILLIAMS (J. M.) The Foundations of Social Science. N. Y. Knopf. 1920.
WUNDT (W.) Elements of Folk Psychology. Londres. Allen and Unwin. 1928.
YOUNG (KIMBALL): Source Book for Social Psychology. N. Y. Crofts. 1931.
" " : Social Psychology. N. Y. Crofts. 1931.
" " : The Field of Social Psychology. Psychological Bull. 1927. dez. vol. XXIV.
" " (ed.) Social Attitudes. N. Y. Holt Co. 1931.

CAPITULO II

SUBSÍDIO DA BIOLOGIA

A-pesar dos grandes progressos da biologia no domínio da evolução e hereditariedade, são errôneos muitos conceitos e aplicações que dela se fazem ás questões sociais. Representam sofismas em que incorrem até pesquisadores de valor em outros departamentos da ciência. Não se alegue que seja pequena a conseqüência disso. Tenham-se em vista certos paises, onde as leis que regulam a imigração e outros problemas administrativos não correspondem á completa verdade biológica.

Baseiam-se muitas opiniões, ora em provas fragmentárias, ora no êrro de mistura com a verdade, ora, ainda, na conservação de noções peremptas ante as modernas conquistas da experimentação.

Quem estuda tem dois caminhos a seguir: do raciocínio ou do empirismo. Pelo comum, inicia-se o exame de um problema, coligindo os conhecimentos que se têm do assunto, afim de estruturar um sistema de definições, conceitos e conclusões. E' êste sistema um como crivo aferidor pelo qual vão passar os futuros conhecimentos, que serão retidos ou rejeitados, conforme se harmonizem ou não, com o respectivo cabedal científico. A eficiência do raciocínio, meticuloso em *genética*, – estudo por essência experimental da hereditariedade, – reclama, para ampla dinamização, uma mentalidade precisamente oposta. O experimentador conserva-se em estado de constante renovação intelectual. As idéias e concepções velhas são postas á mar-

gem, e substituídas por outras que decorrem de novas observações e de resultados experimentais recentes. Sem flexibilidade, nem sempre privilégio do investigador, impossível é a depuração de juizos ou o reajustamento com os dados da ciência moderna.

Não raro, o estudioso estabelece um compromisso entre a noção antiga e a moderna, que conjuga como pode, e, dessa forma, chega a deduções imprecisas e deficientes.

JENNINGS, autor de notável volume sôbre genética aplicada á natureza humana, que muito nos subsidiou neste capítulo, lembra que é exatamente o que ocorre com a hereditariedade. Todos aqueles que não têm observação direta e pormenorizada dos fenômenos genéticos, juntam os dados modernos a conceitos pre-experimentais. Alguns desconhecem, ao passo que outros admitem o papel da herança, embora dêle descurem.

O ilustre geneticista enumera catorze falácias que podem condensar-se nas sete seguintes.

1.ª FALÁCIA. *Formar juizo não experimental sôbre hereditariedade e evolução.*

E' vulgar entre biologistas, que conceituam os fenômenos hereditários, não pelos informes experimentais, mas pelo modo como encaram os vários problemas do universo.

Houve tempo em que os intelectuais se julgavam no dever de emitir opinião sôbre os dois principais problemas da biologia – evolução e hereditariedade. Filósofos, psicólogos, médicos, criminalistas, ninguém deixava de interferir na apreciação que só se justificaria, entretanto, á vista de observações novas e de experiências minuciosas.

Por princípio, não deve prender a atenção nenhum trabalho sôbre biologia que se não substrate em observações e experiências diretas e especificadas. São suspeitas as antecipações silogísticas em que se vão enquadrar novas descobertas. Na história da ciência encontram-se exemplos da falta dêsse critério. Hajam vista muitos positivistas que herdaram o pa-

trimônio filosófico de COMTE e não lhe conservaram a significação metodológica, por lhe imprimirem rijeza incompatível com a constante renovação da verdade científica. A negação da análise espectral e da doutrina microbiana aí está para corroborar o asserto.

Não é raro ouvirem-se pessoas, aliás de opinião acentadíssima em certos assuntos, julgar de outros em que se deviam cingir á posição modesta de hóspedes. Tôda divergência científica é desvaliosa si não traz novo elemento devidamente documentado.

Porisso, não valem, em genética, juizos de biologistas que se não fundem em pesquisas científicas levadas a efeito dentro de rigoroso determinismo. Os resultados experimentais em genética, insiste JENNINGS, são paradoxais, imprevistos, e dificilmente se ajeitam a idéias pre-estabelecidas, sendo o estudioso levado, como que inconcientemente, a desconhecê-los.

11.ª FALÁCIA. *Atribuir a uma só causa o que depende de muitas.* E' a apreciação unilateral.

E'o êrro mais comum dos que se não subordinam ao determinismo preciso. Com efeito, na experimentação não se procura pròpriamente a causa de dado fenômeno. Investiga-se como êle responde ás modificações de um ou mais fatores, não se preconcebendo uma causa com exclusão de outras. Verdade é que, si os pesquisadores não tivessem em mira descobrir a causa de certos fenômenos, muitos, de seguro, não prosseguiriam nas indagações, por lhes faltar o incentivo que alimenta o entusiasmo.

Muitas vezes, descoberta a causa, reputada única, são postos de lado outros fatores que concorrem no problema. Ora, semelhante vício de interpretação equivale a afirmar um resultado primitivo, negando a atuação de outros fatores; nada, porém, impede que se descubra uma causa, e depois outra bem diversa. A lógica manda, por conseguinte, que, ao se proclamar um resultado positivo, não se excluam

outras que não estejam em jôgo. Do contrário, seria limitar e comprometer o avanço científico.

III.ª FALÁCIA. *Os caractéres orgânicos ou são hereditários ou condicionados ao meio.*

Consiste no mesmo sofisma de aceitar-se uma causa, repelindo outra. E' o simplismo no raciocínio, cujos malefícios avultam no caso de problemas políticos e sociais.

Cumpre lembrar que os caractéres orgânicos resultam do desenvolvimento intra e extra-uterino, produto de interação dos *gens*, *genes* ou *genos*, (*) e de outros fatores, sem contar a influência do meio. Denominam-se os primeiros hereditários ou fatores de herança, porque os caractéres individuais se alteram com a modificação dos genos. Transformam-se, também, segundo as condições ambientes em que os genos operam e, porisso, se chamam mesológicos.

Os caractéres são, assim, hereditários e mesológicos, isto é, o geno e o ambiente participam na produção, podendo, conforme a mudança, ocasionar-lhes modificações correspondentes.

Funda-se tal falácia na suposição de que a herança seja unidade completa em si mesma, e de que cada caráter hereditário seja representado por determinada partícula nas células germinativas. A noção de partícula unitária, exclama JENNINGS, foi a última floração da doutrina das causas únicas. A genética mostra que o caráter hereditário resulta da interação de muitos genos e de outros fatores, além do meio.

IV.ª FALÁCIA. *A hereditariedade importa semelhança da prole com os pais. Semelhantes geram semelhantes.*

Para alguns, a hereditariedade era a própria semelhança; para outros, a fôrça que a determinava. De qualquer maneira, os fenômenos definidos distin-

(*) *Genes* são como complexos orgânicos dispostos em série nos cromosómios.

guiam-se dos que não lhe eram dependentes e se patenteavam pela conformidade.

Segundo os geneticistas, a hereditariedade significa a subordinação dos caractéres da prole ao material oriundo dos genitores, por via das células sexuais e revelada pela semelhança. A noção de identidade ou correlação é pre-experimental, anterior a 1900, e, embora se baseie em observações verdadeiras, só é presente em 40 ou 50 % dos casos, nos membros da mesma família. O geneticista ocupa-se dos fenômenos hereditários, de semelhança ou não. O mecanismo de transmissão é análogo em ambas as hipóteses. Cogita, pois, das alterações dos genes e não da identidade dos caractéres de pais e filhos.

A semelhança da descendência com os pais será, portanto, matéria de médias e não de forçosas similaridades individuais. Ressalve-se, todavia, que a estatística constitue um instrumento de trabalho que serve para estabelecer a percentagen dos vários tipos, embora nada informe sôbre o mecanismo fisiológico da herança.

Enquanto não se abandonou a suposição das semelhanças como predicado da hereditariedade, não foi possível, adverte JENNINGS, a ciência da genética.

Os estudiosos dos fenômenos humanos, ao verificarem que o biologista tudo classifica de hereditário, quer dizer, alterável por mudança nas células germinativas, supõem tratar-se de semelhança. Como não a encontram nos fatos que examinam, reputam pequeno ou nulo o papel da hereditariedade humana. Outros, ao revés, concluem pela sua influência soberana em homens e animais e, então, se tornam adeptos da eugenia.

V.ª FALÁCIA. *O caráter hereditário não é alterável pelo meio. Inversamente, o caráter modificável pelo meio não é hereditário.*

PEARSON declara que 50–70 % das mortes, em dada população humana, decorrem fundamental-

mente de fatores hereditários, e não são suscetíveis de modificações sob influência do meio.

O sofisma dessa proposição está na sua segunda parte, em afirmar a inevitabilidade do que é hereditário. Escusa frisar o mal de tais preconceitos. Defendem-nos certos biologistas de nomeada, não obstante prova de que alguns caractéres, herdados pelo mecanismo mendeliano, possam ser modificáveis em virtude de ação do meio, por forma desconhecida.

Sirvam de exemplo as experiências com que R. A. EMERSON, em 1921, mostrou que as côres diferentes do milho eram tìpicamente hereditárias. Cultivadas em condições usuais de insolação, as flores e fôlhas de certas plantas são avermelhadas; em outras, verdes ou tintas de vermelho.

Cultivado separadamente, cada tipo perpetua a si próprio. Quando se cruza planta verde com vermelha, ambas as côres são herdadas, segundo a lei mendeliana, a saber, na proporção de 1:3, na segunda geração, — F^2. A diferença cromática depende não só dos genos, mas também do meio. Os genos produzem a côr vermelha só á luz solar; á sombra, dão verde.

Em outros termos, de duas plantas com os mesmos genos, uma pode ser vermelha e outra verde. A diferença resulta do meio e das condições diferentes em que vive.

Por outro lado, si duas plantas tiverem idêntica exposição solar e produzirem as côres vermelha e verde, a diferença será devida ao geno e não ao meio. Logo, obtém-se resultado divergente, mas análogo, ora com o geno, ora com o meio.

Idêntico fenômeno se observa com o trigo, de que há variedade púrpura, parda, verde e avermelhada. Reage diversamente á luz solar e á sombra, como a outros fatores mesológicos. A terra pobre dá trigo vermelho em certas variedades e, em outras, não. A reserva tissular ou textrina de hidrato de

carbono produz côr vermelha, em algumas plantas, e, em outras, não.

T. H. MORGAN demonstrou, em experiências, a ação do meio sôbre o abdome da *Drosophila melanogaster*.

Nesse inseto, môsca das frutas fermentadas, habitualmente criado em frasco com gelatina e banana em decomposição, o abdome, de normal, torna-se anormal, com irregularidade na disposição e número de faixas. Tal anomalia é devida a defeito no geno do cromosômio sexual, exibindo-se a herança por ligação de sexo (*sex-linked*), isto é, verificando-se a anomalia em proporções diferentes, segundo a parte anormal procede do macho ou da fêmea. Variando-se as condições nutritivas, a anomalia depende, contudo, do meio húmido ou sêco.

Fato análogo ocorre com as patas reduplicadas, aumento do número de segmentos e articulações, que se obtém sob efeito do frio, e não do calor. Outro exemplo: alguns insetos têm normalmente 800 facetas em cada ôlho. KOFFKA, em 1920, observou que o número baixa notàvelmente sob ação da temperatura alta.

Alguns geneticistas opinam, todavia, que tais alterações mesológicas só são possíveis com o fenótipo* e não com o genótipo, que é imutável, imutabilidade esta relativa ao prazo e número de gerações que ao homem é dado registar.

Em verdade, o pigmento preto é genótipo da raça africana. Sabe-se, porém, que, experimentalmente, na cauda do urodelo se pode produzir a pigmentação pelos raios ultra-violeta. De passagem, é para lembrar-se que recentes expêriencias têm negado tal papel específico. O pigmento representaria, por conseguinte, salvaguarda contra a influência dêsses raios. Deduz-se que determinados caractéres são produzíveis, quer pelos genos, quer pelo meio.

(*) *Fenótipo* é o *soma*, isto é, o aspecto aparente do indivíduo, animal ou planta, em relação a dado caráter. *Genótipo* é o patrimônio hereditário, a saber, o *plasma germinativo*.

Podem-se subscrever as seguintes proposições de JENNINGS.

1.ª) Todos os caractéres orgânicos são alteráveis por mudança do geno, uma vez que se saiba como proceder.

2.ª) Muitos caractéres podem ser variados, modificando-se as condições do meio onde o organismo se desenvolve, conhecidas as circunstâncias que devam ser diferençadas e como fazê-lo.

3.ª) Numerosos caractéres resultantes da alteração do geno podem igualmente ser obtidos, sabido o modo de diversificál-os. E' tese aberta á discussão, mas provavelmente exata.

A falácia da irredutibilidade do caráter hereditário tem prejudicado muito o aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade. Não tem merecido atenção maior nem do médico, que o considera inacessível á terapêutica, nem do psico-sociólogo, que o julga inaplicável ao estudo do comportamento social.

Pelo fato de dados fenômenos de herança serem experimentalmente hereditários, não se há-de concluir que se não possam obter por via de ação ambiente. O próprio fato experimental é produto do meio. Inversamente, o papel importante da hereditariedade não exclue, de forma alguma, o da educação.

Está visto que, de ambos os males, maior é o que confere soberania á herança.

VI.ª FALÁCIA. *Evitando-se o cruzamento de indivíduos com vícios hereditários, ter-se-ão, quasi completamente, reduzido tais defeitos nas gerações futuras.*

A debilidade mental, a insânia, a deformidade são hereditárias, porque semelhantes geram semelhantes.

Sem dúvida, é recomendável a não procriação de indivíduos com taras graves e manifestas. Daí, porém, o afirmar-se que, resolvido o problema dos vícios hereditários, se fecharão hospitais de alienados e prisões, vai grande distância.

Para uma população de 100 milhões, ter-se-iam 330.000 débeis mentais, com os dois genos defeituosos ; 10 milhões de indivíduos normais em aparência, com um só geno defeituoso, e 90 milhões de normais.

Si a proporção é, pois, de 1/1.000, para reduzí-la a 1/10.000, seriam necessárias 68 gerações, ou seja, um período de dois a três mil anos.

A despeito da ação lenta da eugenia, deve-se aconselhar que os membros de uma mesma família, com defeitos similares, não se casem, embora aparentemente isentos dêles, porquanto é provável a recessividade. Os filhos poderiam receber um par de genos, um de cada progenitor, de caractéres desfavoráveis. Convém ainda apontar o perigo do consórcio dos não consanguíneos, quando houver, em ambas as famílias, caractéres recessivos indesejáveis.

Não existindo sinal de sério defeito genético, é admissível o matrimônio de primos-irmãos.

VII.ª FALÁCIA. *Os indivíduos superiores ou inferiores, procedem, respetivamente, de pais superiores ou inferiores.*

Teve tanta voga semelhante preconceito, que houve tempo em que se esquadrinhavam antepassados notáveis para explicar o aparecimento de um gênio.

Nada mais contrário aos resultados da genética experimental. O trigo, oriundo de duas variedades inferiores, pode ser muito superior ao da sua procedência. Prole vigorosa e de longa existência origina-se também de pais fracos, e de vida curta.

A superioridade ou inferioridade depende muito da forma pela qual tais genos se combinam, porquanto um par dêles pode produzir múltiplas combinações.

No entanto, o número limitado dos filhos, na diminuta classe de pais superiores, mostra maior proporção de indivíduos superiores do que na de pais medíocres.

O filho de alienado ou indolente pode perfeitamente ser ativo e equilibrado.

Em substância, deve ficar a noção de que a herança e o meio se unem para formar o indivíduo; aquela fixa os limites do seu possível desenvolvimento, que êste realiza ou não. Deve, portanto, ser posta á margem tôda doutrina que exalte um dêsses fatores em detrimento do outro, e não saiba conjugá-los.

Não esqueçamos o conceito de JUST (G.) que, no fundo do problema da hereditariedade, está sempre a vida cujas fôrças se ostentam idênticas assim na formação dos olhos do inseto como na da alma humana. —

BIBLIOGRAFIA

DENDY (A.): The Biological Foundations of Society. Londres. Constable. 1925.

DOMINGUES (OTÁVIO): Eugenia em Cinco Lições. Cia. Editora Nacional. S. Paulo. 1933.

JENNINGS (H. S.): The Biological Basis of Human Nature. W. W. Norton. N. Y. 1930.

JUST (GUNTHER); La Herencia Biológica, Barcelona. Col. Labor. 1934.

KEHL (RENATO): Lições de Eugenia. 11ª lição. Rio. Alves. 1929.

PERAL (R.): Studies in Human Biology. Baltimore W. Wilkins. 1924.

CAPITULO III

SUBSÍDIO DA PSICOLOGIA

A *psicanálise*, o *guestaltismo* e o *bieviorismo* constituem as três correntes do moderno movimento psicológico.

Com a *psicanálise*, * FREUD submeteu a estudo científico o *inconciente*, que representa a maior parte da vida psíquica. O *bieviorismo* restringe-se ao estudo das respostas motoras e glandulares. O *guestaltismo* encara o problema psicológico dentro do todo funcional organizado, isto é, da unidade organizada, em que o todo é maior do que as partes.

A) BIEVIORISMO

Também chamado *psicologia objetiva, concreta, de reação, de comportamento, comportamento bio-social* (A. P. WEISS), *antroponomia* (W. S. HUNTER), o bieviorismo surgiu em 1913, com WATSON (J. H. B.), ao repudiar a psicologia clássica e a introspecção, e ao admitir tão só, como substrato científico, as respostas do aparelho músculo-glandular.

PIÉRON (H.) propende a aceitar como ampliação da resposta bieviorística, as reações nervosas, fisiològicamente conhecidas, que, somadas ás dos músculos e glândulas, não modifiquem a objetividade do conceito de reação. Tais reações poderiam tornar-se objetivas com o emprêgo da linguagem.

Entretanto, muitos não compartilham semelhante

(*) Não nos ocuparemos, aquí, da *psicánalise*, que, sôbre ser bastante divulgada entre nós, não se compadece, pela complexidade estrutural e vastas aplicações sociais, com uma exposição necessàriamente sumária.

modo de ver. Com efeito, a equação *pensamento-linguagem* não pode subsistir. A palavra, muito raro, exprime o pensamento com tôda a precisão. Si se inverterem os membros da equação, escrevendo *linguagem-pensamento*, ressalta o vício, pois infringe a igualdade dos membros.

¿Qual a origem do bieviorismo? São bem conhecidas as experiências de psicologia animal de THORNDIKE, com quem trabalhou J. B. WATSON. Lembraremos, p. ex., a do pinto que acaba de nascer. Colocado sôbre uma caixa, quasi rente ao chão, salta; elevando-se a caixa algumas polegadas, hesita, mas salta; si a altura fôr de um pé, hesita, mas não salta. Logo, conclue THORNDIKE, a avezinha responde á distância ou terceira dimensão, sem ter aprendido a resposta.

Após numerosas experiências, chegou êsse autor á dedução que os animais aprendem por tentativas. Chama-se *trial-and-error learning* – aprendizagem por tentativas e erros - ao ajustamento resultante da série de respostas motoras e ocasionais, das quais o animal elimina, aos poucos, as que lhe não consultem o objetivo. Significa que aprende, não observando ou considerando, senão fazendo, isto é, por tentativas e não pelo raciocínio ou imitação. Depois, consagrou-se á psicologia educacional, para a qual transferiu muitas das suas conclusões sôbre a inteligência animal. No mecanismo da aprendizagem, estabelecem-se conexões no sistema nervoso, entre os nervos aferentes, que recebem o estímulo, e os eferentes, que o devolvem sob a forma de contração muscular, dando resposta motora. Reduzem-se a duas as leis da aprendizagem : a) do *exercício*, em que as ligações se robustecem com o uso, e se afrouxam com a falta dêle ; b) do *efeito*, segundo a qual as conexões eficazes são reforçadas com prejuizo das outras. Esta lei explicaria porque se eliminam as reações inúteis e se consolidam as proveitosas.

WATSON, mais tarde, na "*Psychology from the Standpoint of a Behaviourist*", estabeleceu que o

reflexo condicionado é a chave de formação do hábito. A psicologia objetiva, da escola russa, muitíssimo concorreu para pôr em evidência o valor da resposta condicionada.

Ninguém contesta o valor educativo do hábito. Educar é criar hábitos, sobretudo mentais, pouco se nos dá sejam formados pelos reflexos condicionados, ou pelo discernimento, como pretendem os guestaltistas.

Em 1921, S. SMITH e E. R. GUTHRIE, no "*General Psychology in Terms of Behaviour*", consideram tôda aprendizagem como baseada em reflexos condicionados.

WATSON assim distribue as respostas bieviorísticas: a) *respostas-hábito explícitas* (jogar futebol, tocar piano); b) *respostas-hábito implícitas* (pensar, fala subvocal) e o importante grupo dos reflexos condicionados; c) *respostas-hereditárias explícitas*, reações instintivas – preensão, espirro, pestanejar, etc., ou emotivas – mêdo, cólera e amor; d) *respostas-hereditárias implícitas* : função endócrina, modificações circulatórias, etc.

Implícita, ou *covert* dos americanos, é a resposta conhecida por inferência. O pensamento, para o bieviorista, é comportamento implícito, e consta de movimentos musculares delicados, sobretudo da laringe.

O conceito watsoniano da emoção e instinto é digno de referência.

A emoção consiste em profundas modificações do organismo como um todo, e, em particular, do sistema visceral e glandular, sendo cada uma, de per si, padrão especial de tais mudanças.

Procedeu WATSON a estudos interessantes sôbre a *emoção* nas crianças. Reconhece, nas que são muito novas, três tipos bem caraterizados de comportamento, denominados *mêdo*, *cólera* e *amor*, que descreve mais em função das respostas manifestas do que de resposta visceral implícita.

Como não encontra outros no recém-nascido, acredita que sejam três os padrões emotivos inatos, sendo os de-

mais hábitos formados pelo mecanismo da aprendizagem. Os estímulos naturais do mêdo são os sons fortes e a falta súbita de apôio; da cólera, a restrição da liberdade de movimentos; do amôr ou alegria, a carícia e o afago.

Foi WATSON pioneiro da escola que rejeita o *instinto* como fator de comportamento. Ao seu parecer, tôda criança normal, em meio conveniente e com treino adequado, pode ser transformada no cidadão que se deseja – sábio, artista, e, até, mendigo ou ladrão, sem levar em conta tendências, vocações e raça.

O bieviorismo não aplaude a *introspecção* cujo aproveitamento se restringiria á observação do autocomportamento, quer pelas reações êxtero-perceptivas, quer próprio-ceptivas ou viscerais.

E' interessante o reparo de B. RUSSELL que os conflitos emocionais reaparecem nos hábitos, ou em um hábito e um reflexo. Quer isso dizer que a técnica educativa há-de socorrer-se, alternadamente, ora da psicánalise, para matéria que importe forte instinto, e ora do bieviorismo, para a de menor conteúdo emotivo.

MAX MEYER, de Missouri, no "*Fundamental Laws of Human Behaviour*", (1911), circunscreve a ciência psicológica ás leis que regulam a ação nervosa. Em outro livro seu: "*The Psychology of The Other One*", isto é, Psicologia do Outro, (1921), manda inverter a ordem habitual dos estudos, que teria a vantagem de focalizar a boa norma de atuar. O autor coloca-se no papel de indivíduo a ser observado, e põe o investigador de guarda contra a natural tendência ao antropocentrismo, mòrmente na primeira fase de estudo. Não exclue a introspecção, porque o "outro" pode servir de objeto de experiência, e, indiretamente, introspeccionar-nos (WOODWORTH).

Cabe aquí mencionar os estudos de LASCHLEY (K. S.) e FRANZ (S.T.). O primeiro dedicou-se á doutrina das localizações cerebrais, consoante FRITSCH e HITZIG (1870), confirmada pela psicologia normal

e patológica. Localizaram-se não só áreas sensitivas mas também motoras. Todavia, ambas representam tão só pequena superfície relativamente á zona silenciosa ou muda do córtex cerebral.

S. T. FRANZ reeducava o animal, depois de lhe ter extraído porções do cérebro. Para ajuizar do papel dos lóbos frontais, no mecanismo da aprendizagem, p. ex., começava por ensinar o animal – gato – a sair da gaiola virando um botão. Aprendido o truque, extirpava os lóbos frontais, e, aguardando o período de convalecença, notava si o animal tinha, ou não, esquecido o manejo do botão. No caso negativo, ensinava de novo. Concluíu, então, que, no mecanismo da aprendizagem, participam os referidos lóbos, cuja extração ocasiona esquecimento, sem, contudo, obstar a que o animal reaprenda com facilidade quasi idêntica á do período anterior á operação. Com êsse método, chegou a resultados prestimosos na reeducação de paralíticos e afásicos.

LASCHLEY adotou o processo de FRANZ, consubstanciando os seus resultados em duas leis : 1.°) da *equipotencialidade :* tôda região do córtex, com exclusão da área sensitiva e motora, é potencialmente igual a qualquer outra, quanto á aptidão de colaborar no mecanismo da aprendizagem ; 2.°) da *ação - massa:* o córtex atua como um todo, de sorte que, quanto maior a superfície, tanto mais eficientemente operará, e tanto mais de-pressa o animal aprende.

Foi êsse precisamente o grande mérito da escola watsoniana - mostrar que o método científico reclama radical reforma do entendimento humano. Não há sinceridade nem desejo de precisão capaz de transformar a física aristotélica em experimental, exclama POLITZER, porque a sua natureza metafísica a isso se opõe. Ao seu ver, a história da psicologia, neste último meio século, não é de organização, mas de aniquilamento do mito da natureza dupla do

homem, conceito que procede dos gregos, e recebeu consagração de DESCARTES.

A psicologia do comportamento tem sofrido alguns ataques. Limitando-se á resposta músculo-glandular, enquadra-se na fisiologia, ou, melhor, na psico-fisiologia. Por outro lado, não lhe assiste o direito de restringir aprioristicamente as formas de reação orgânica, porquanto os métodos de investigação não são definitivos, e adquirem cada vez maior grau de segurança e sensibilidade (PIÉRON).

Cabe ao bieviorismo o mérito de ter não só extremado a objectividade das reações psicológicas e o combate á introspecção, mas também o de abranger a sociologia e a moral, no pressuposto de regular a conduta humana. A sua ampla difusão deve-se tanto ao seu programa de remodelação social quanto á revisão metodológica da psicologia. Esta não podia ir além das normas a que se subordina o espírito científico, ao passo que, èticamente considerado, o watsonismo veio exaltar as esperanças em um mundo melhor, onde os homens se preparem e se organizem dentro dos ensinamentos da ciência.

Na Rússia Soviética, onde é doutrina oficial o conceito fundamental de PAVLOV e o do bieviorismo americano, procede-se a estudos de dinâmica social, a começar do grupo infantil em período pré-escolar.

Graças á observação e á experimentação sistématicas, pretende o bieviorismo predizer a atividade humana dentro de razoável certeza, e formular leis e princípios pelos quais as ações do homem possam ser pautadas pela sociedade.

B) GUESTALTISMO

Para alguns, os fatores psico-sociais (hábito, instinto, sugestão, etc.) poderiam ser substituidos por uma

lei única e fundamental, assim enunciada: os indivíduos são partes de um todo organizado, que é a sociedade ou grupo.

O guestaltismo é caracterizado pelo duplo problema da relação do todo com as partes, e da harmonia, adaptabilidade e perfeição teleológica de certas estruturas morfológicas e tipos de comportamento. (KOFFKA).

Gestalt significa *configuração, forma, estrutura*, de modo que *Gestalt-Psychologie* pode traduzir-se por *psicologia da forma* ou da *estrutura*. Entretanto, parece mais acertado ou conservar o vocábulo alemão, ou vernaculizar – *guestaltismo*, criando os cognatos *guestalte, guestaltista* e *guestáltico*.

A princípio, limitára-se o guestaltismo ao estudo da percepção. Depois, estendeu-se á psicologia e, por fim, a outros domínios científicos.

Os seus fundadores são: MAX WERTHEIMER (1880), KURT KOFFKA (1886), e WOLFGANG KÖHLER (1887).

WERTHEIMER é o mesmo que ideou um conhecido teste de associação para investigações policiais. KOFFKA dedicou-se ao estudo das imagens e do desenvolvimento mental. KÖHLER, discípulo de STUMPF, consagrou-se á psicologia da audição, e, hoje, é professor de filosofia em Berlim. Esteve 4 a 5 anos em Tenerife, nas Canárias, dirigindo uma estação experimental destinada ao estudo da mentalidade dos chimpanzés.

O guestaltismo se opõe, sobretudo, ao *associacionismo*, que vem do 17.° e 18.° séculos, e que se resumia na aplicação da análise, e na apreciação do aspecto intelectual da vida. Como o bieviorismo, o *guestaltismo* combate o associacionismo, e nega o conceito de sensações, pelo menos elementares, que não passam de experiência fracionada.

Para apreciar-se devidamente o sistema contra o qual se levanta o guestaltismo, cumpre lembrar que, segundo WUNDT, fundador da psicologia expe-

rimental, tôda experiência, idéia, ou emoção, é fenômeno complexo. Por conseguinte, o objeto da psicologia é reduzir tais fenômenos aos seus elementos, e recombiná-los depois, investigando-lhes as leis de combinação. O objetivo compreende, primeiro, a identificação dos elementos, e, depois, o exame de estruturas cada vez mais complexas.

A isso chamam os guestaltistas - psicologia do *tijolo-argamassa*, pretendendo mostrar que se desmancha o fenômeno até ás unidades irredutíveis, mas desconhece-se aquilo que as une, a saber, as relações que as partes mantêm com o todo.

Era essa a situação, quando, em 1890, EHRENFELS introduziu em psicologia a noção de *Gestalt-Qualität*, propriedade-forma.

Propriedade-forma é aquela que o todo tem, e não as partes constitutivas. A melodia, v. gr., forma-se com as notas da escala, mas não existe nelas consideradas isoladamente, e só quando se ordenem segundo determinado padrão. Muitas melodias podem formar-se com as mesmas notas; dispostas de certa maneira, ter-se-á um tom; de outra, será o tom diferente. Mudando-se de clave, com nova série de notas, arranjadas convenientemente, obtém-se tom idêntico ao da clave anterior. Si se fizer transposição, mudam-se as notas, mas não o tom. O que se reconhece, portanto, na melodia, é o *tom*, e não as *notas*. Logo, a melodia, como um todo, possue o tom como propriedade da unidade estrutural que os componentes – notas, destacadamente, não possuem.

Por conseguinte, é tão legítimo estudar as propriedades do todo, como dos seus elementos. A propriedade-forma carateriza-se pela *transponibilidade*.

Guestaltismo e o Todo Organizado. O guestaltismo põe em relêvo o todo, organizado ou estrutural, unidade no tempo e espaço. Considere-se, p. ex., o problema da expressão facial da emoção, apreciado pela psicologia clássica e pela guestáltica. Na-

quela, examina-se cada um dos elementos : fronte, supercílios, olhos, lábios, etc., que, somados, constituem o complexo do estado emocional.

Para o guestaltismo, a face é vista como um todo. Claro está que as partes serão estudadas, dentro, porém, das suas relações globais.

Verifica-se que a expressão de uma parte pode mudar, quando o resto da face também muda, sem alteração objetiva dessa parte. Com efeito, ao se observar, em primeiro lugar, a porção superior da face, inclusive os olhos, e, depois, ao descobrir-se o resto do rosto, até aqueles parecem ter outra expressão. Operando sôbre silhuetas, nota-se que qualquer leve modificação do perfil muda a linha de face, e dá impressão diversa ao todo, ao passo que outras modificações consideráveis só ligeiramente alteram a fisionomia. Um queixo idêntico, p. ex., em dois perfís, diversos por outros aspectos, parecerá diferente. Em verdade, a forma da face está no todo, assim também a sua expressão.

Igualmente, diz WOODWORTH, não se pode conhecer o caráter de alguém, enumerando-lhe os vários traços de personalidade, dando a cada um o seu coeficiente e, por fim, inscrevendo os índices em tabelas. Estas não mostrarão onde esteja o traço dominante, quais os de segunda ordem, nem tão pouco o papel de cada um isoladamente. A personalidade não é simples soma de caractéres, mas um todo organizado.

A soma simples, em que cada parcela independe das outras, e se conta como uma no total, só é possível em aritmética, onde é abstrata. Do ponto de vista concreto, não é fácil ter-se certeza de que um agregado consiste realmente de itens independentes.

Os todos organizados são mais encontradiços do que os de soma pura, até no mundo inorgânico. O sistema solar, p. ex., é um todo organizado ou

guestalte física, porquanto o movimento de cada corpo celeste é influenciado pela presença dos outros. Também o é uma usina elétrica, onde o dínamo gerador, os fios, as lâmpadas etc., são conjugados; basta uma mudança no circuito para alterar a corrente em qualquer ponto.

O organismo humano será, de seguro, forma ou todo organizado, e não a soma apenas das suas partes e órgãos. Mercê da circulação e do sistema nervoso, todos se relacionam, alguns mais ìntimamente do que outros, de sorte que a economia atua mais como unidade complexa, do que simples.

O comportamento orgânico não se restringe a mera adição de reflexos. SHERRINGTON, um dos fisiologistas que melhor estudaram o assunto, afirmava que o reflexo simples era abstração útil, mas consagrou-se a provar a ação integrativa do sistema nervoso.

PAVLOV, a seu turno, estudou a correlação dos reflexos condicionados, e LASCHLEY acredita que o cérebro funcione de modo global.

Verificou COGHILL que, no embrião de salamandra, os primeiros movimentos (36 horas), são do organismo como um todo. Ondas de contração, denominadas de flexão, percorrem, da cabeça á cauda, o corpo do animal, assumindo êste a forma de semicírculo. Antes de terminada essa onda, nasce outra em sentido oposto, que flete o animal em direção contrária; a configuração dêste lembra, então, um S.

No embrião humano, o problema foi estudado por IRWIN, que observou ser o processo de crescimento igual ao dos embriões de rato e coelho. Os primeiros movimentos coordenados do corpo são de totalidade.

Guestaltismo e Percepção.

Como foi dito, as experiências fundamentais do guestaltismo versaram sôbre a percepção.

O trabalho inicial da escola guestáltica data de 1912, quando WERTHEIMER examinou a percepção

visual do movimento, prestando-se KOFFKA e KÖHLER ao papel de observandos.

Em última análise, estudára o problema da visão cinematográfica. A noção dos "quadros móveis" tem quasi um século, e deve-se a PLATEAU, fisiologista belga, precursor da psicologia experimental. Imaginara êsse autor um dispositivo para se verem desenhos em rápida sucessão, com curto intervalo entre um e outro. Si representavam o animal em fases sucessivas de movimento, vistos em rápida seqüência, davam a impressão correspondente.

Seguiu-se a descoberta da câmara cinematográfica e do projetor. A máquina cinematográfica tira uma série de instantâneos ou vistas paradas.

O projetor é disposto de sorte que os instantâneos sejam exibidos como uma série de quadros sem movimento, interceptando-se a luz entre cada um dêles, á proporção que se projeta.

Si assim não fôra, os espectadores só veriam uma mancha e não o movimento dos objetos. Fìsicamente, o que se vê na téla, é, portanto, o total dos instantâneos separados por faixas pretas. Tais intervalos de escuridão não podem ser vistos, porquanto a sensação visual excede em prazo o estímulo físico, e prolonga-se até á projeção seguinte, quando o intervalo não fôr muito grande. Do contrário, o observador veria tudo tremido. Em segundo lugar, não se pode vêr o conjunto dos quadros estacionários, porquanto o cérebro responde ao estímulo, vendo-se o movimento através da série de posições, e não destas, consideradas em separado.

Quando se observa alguém que anda ou corre, não sê enxergam as posições sucessivas dos movimentos que executa. Com freqüência, os instantâneos que, então, se obtêm, reproduzem atitudes grotescas ; seriados, porém, a projeção mostra a movimentação natural. Significa isso que se percebe o movimento como um todo contínuo, e não como a soma das posições sucessivas (WOODWORTH).

WERTHEIMER (1912) estudou as condições em que o movimento aparece, ou não. Reduziu os quadros a uma linha vertical, e, ao lado dela, á direita ou esquerda, a pequena distância, traçou outra, a saber, duas linhas paralelas com espaço branco intermédio. Variou a extensão desse espaço. Quando igual a 1/5 de segundo, o observador ainda via as duas linhas ; a 1/15 de segundo, tinha noção clara do movimento de uma só, que se deslocava; a 1/30 de segundo, não a tinha mais, e as duas linhas pareciam estar uma ao lado da outra. WERTHEIMER, em seguida, traçava uma linha horizontal, e após outra vertical, com intervalo apropriado. O observador recebia a impressão da linha oscilando em tôrno de 90° graus. Dispunha as coisas, depois, de modo que as duas linhas parecessem deslocar-se, a um tempo, em sentido oposto, resultado que lhe permitiu afirmar que os olhos não podem, concomitantemente, seguir dois movimentos em sentido oposto.

No diagrama abaixo, (fig. 1) cada ôlho tem três pa-

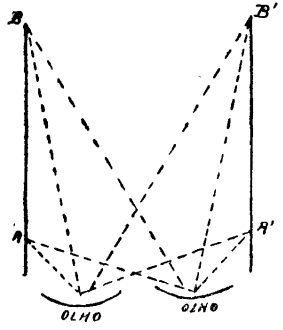


Fig. 1 - Dinâmica Ocular. (Wheeler)

res de músculos, que se contraem e relaxam como unidade, assim que o sistema óptico esteja devidamente

evoluído. Suponha-se o foco de luz deslocado de A para B. Ambos os olhos seguí-lo-ão. Si, porém, se partir de A', acompanharão igualmente a luz de A' para B'. Entretanto, a situação é por completo diversa. No primeiro caso, os músculos, á esquerda, estão em resolução, e, á direita, em contração; no segundo caso, estão contraidos á direita, e relaxados á esquerda. Em ambas as hipóteses, a luz incide sôbre pontos diferentes da retina. Conclue-se que os elementos nervosos mais ativos nos dois movimentos são diferentes em ambos os casos. Com efeito, divergem para cada posição inicial, direção e extensão diferente de movimento (WHEELER).

O cérebro não apreende uma posição, e depois outra, para sintetizá-las, por fim, na percepção do movimento. Quando, todavia, as duas posições ficam distanciadas por um intervalo conveniente, a resposta da primeira posição funde-se, por desvio gradual, na da segunda.

Entendendo-se por *sensação* tôda resposta primária do cérebro ao estímulo dos órgãos sensoriais, vê-se que o movimento se incluirá na sensação. Considere-se o caso do tamanho aparente dos objetos á visão. Si o indivíduo se afasta de nós, de dez para vinte pés, a imagem retiniana diminue de metade nas dimensões, e, no entanto, parece tão grande como antes. Costumava-se explicar, dizendo que se aprende a interpretar a dimensão da imagem em relação á distância do objeto; de sorte que a constância aparente do tamanho do mesmo objeto, a distâncias diferentes do órgão da visão, não seria matéria de sensação, mas de interpretação adquirida e mais elevada. O guestaltismo contesta, acreditando que o mecanismo sensorial do cérebro é parte da situação total, e, portanto, sujeita á influência do afastamento do objeto.

Figura e Fundo.

Para os guestaltistas, a distinção entre fundo e figura é básica, no mecanismo da visão. A figura tem forma e contôrno, e chama mais a atenção do que o fundo, espaço ilimitado. Não são, contudo, privativos da visão. O rufar dos tambores e o ruído da lancha motora, são também figuras, no fundo geral de outros ruídos menos distintos. A diferença entre um e outro é capital na organização da experiência e do comportamento.

A *inversão perceptiva* da figura em fundo se obtém de modo deliberado ou imprevisto. (fig. 2)

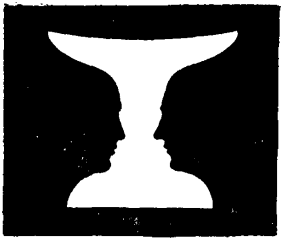


Fig. 2 - Vaso com duplo perfil humano, em fundo preto

O guestaltismo estabelece as condições em que se dá a *individuação do todo*, no campo ou massa geral dos estímulos presentes. Muitos fatores importantes podem descobrir-se quando se observem coleções de pontos dispersos regularmente no campo. Os pontos parecem reünir-se em grupos, e pergunta-se quais as condições em que êles se formam. A primeira é a *proximidade;* pontos vizinhos participam facilmente do mesmo grupo. A segunda é a *similaridade* dos pontos. Si no campo se apresentarem de duas formas, ou, melhor, de duas côres, os que se assemelham entram sem dificuldade na composi-

ção do grupo. A terceira é da *regularidade de forma*, isto é, deve constituir uma figura fechada de forma regular (WOODWORTH). (fig. 3)

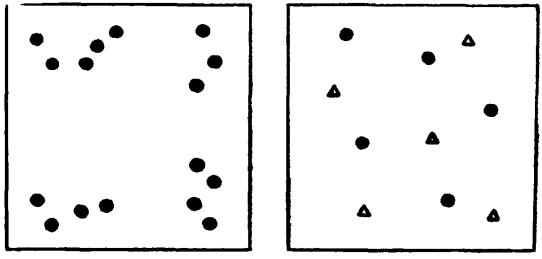


Fig. 3 - Fatores de agrupamento das partes no campo

Conforme o guestaltismo, a figura fechada tem vantagem sôbre as outras. Se fôr desenhada com falhas ou lacunas, estas passam despercebidas, ou são havidas como secundárias; por vezes, porém, fixam a vista e representam o principal.

A tendência natural de se preencherem as *lacunas*, exprime o modo como o cérebro reage ao total das excitações visuais. Com os claros, há tensões não balanceadas. Suprimidas as lacunas, dá-se o equilíbrio. O mecanismo de recepção cerebral orienta-se no sentido do equilíbrio ou da tensão mínima, de modo igual a qualquer outro sistema físico contínuo: rêde elétrica, etc. O cérebro não responde com igual presteza e fidelidade a tôdas as figuras, mas ao todo, e, dessa maneira, a visão não é aprendida, senão inerente á natureza da atividade cerebral. O preenchimento das lacunas é paralelo á tendência de desprezar irregularidades, e, de maneira geral, de ver a figura como boa ou cheia, a saber com a possível *Prägnanz* ou precisão. Quando imperfeita, exprime tensões cerebrais desequilibradas, ao passo que a boa, revela equi-

líbrio, e, portanto, a resposta cerebral orienta-se no sentido da perfeição e regularidade.

O estudo dos mecanismos sensoriais proporciona excelente meio de analisar a dinâmica do comportamento em geral. Seria absurdo estudar as respostas-motoras do organismo ao meio, sem considerar o que êste representa.

A atividade motora é determinada pela perceptiva, ou, antes, tôda atividade isolada é fragmentária, artificial, uma vez que o organismo atue de modo global. Quando a percepção se enquadra na função total do organismo, a resposta motora também nela se inclue.

Guestaltismo e Discernimento.

O guestaltismo repele o conceito do *estímulo-resposta*, isto é, que o comportamento se possa reduzir a unidades *estímulos-respostas*. Nega a ligação entre a excitação e a resposta, quer natural, quer adquirida.

Nesse particular, os trabalhos mais interessantes são os de KÖHLER sôbre os antropoides. Reconhece neles o discernimento, que consiste em vêr o que se faz.

Discernimento é mais do que aprendizagem por tentativa. Na teoria das tentativas e erros, recorria THORNDIKE a labirintos. O animal aprendia ás cegas, por meio de atos impulsivos que, de acôrdo com a lei do efeito, eram aproveitados ou repelidos, conforme consultavam, ou não, o respectivo mecanismo. Reputando o seu método o único pelo qual o animal adquire conhecimentos, THORNDIKE ideou situações complicadas para que houvesse algo que aprender. Estivesse o caminho desimpedido, nada havia que conhecer. KÖHLER adverte que, mesmo nessa hipótese, o animal deveria, desde o comêço, ter discernimento da situação total e, graças a êle, já não resolveria cegamente o pro-

blema. Os elementos da situação devem ser todos visíveis, e o problema consiste em combiná-los, caso o animal veja o respectivo padrão.

Como exemplo de discernimento, é clássico o seguinte : um cão é levado a um pátio desconhecido, onde há uma cêrca. Quando o animal estiver pelo meio dela, coloca-se-lhe o alimento á vista, do lado oposto. O cão dá volta pela ponta da cerca, e alcança o prato. Pode, pois, ver o que vai fazer, isto é, o caminho, que, embora indireto, leva ao alimento.

Com a teoria da aprendizagem, por tentativas e erros, jamais poderia adquirir noção nova, porque, lembra KOFFKA, importa respostas instintivas. O que se obtém, com tal mecanismo, é eliminar algumas respostas e reter o resto... O animal nunca pode ver ou saber como atingiu o objetivo, porque aprendeu inconcientemente.

O discernimento tem gradações. Na experiência, atrás mencionada, si o animal sabe que é o botão da gaiola que lhe dará saída, mostra discernimento de ordem inferior ; si sabe que deve ser voltado, é maior; si pode fazê-lo, é ainda mais evoluído.

Na guestalte, o fator percepção tem suma importância no mecanismo da aprendizagem. Aprender é fazer alguma cousa nova, reorganizar a situação total, preencher claros entre a situação presente e o objetivo. Ora, supre-se a lacuna, vendo-se a situação como um padrão que inclue e dirige o objetivo.

Há, sempre, nas tentativas e erros, uma parcela de discernimento, por menor que seja, presente em tôdas as experiências de psicologia educacional. Dá a percepção original e a compreensão final do objetivo. Mostra que o indivíduo deixa de repetir movimentos antigos, por já não existir o complexo ou campo, que os impunha. A educação confere, a cada passo da aprendizagem, padrão novo e total de respostas. A tarefa educacional abrange, portanto, a totalidade, e cumpre evitar o ensino fracionado. As experiências de KÖHLER são bá-

sicas: o chimpanzé colhe vista da situação total para depois atuar.

No conceito guestáltico, a aprendizagem consiste na formação de uma nova organização, como experiência ou comportamento, quer por diferenciação de estrutura subordinada, quer assimilando duas ou mais estruturas. Os pormenores dessa formação dependem das gradações da experiência e comportamento, e da reedificação das organizações existentes em formas novas e únicas. Em outros termos, o guestaltismo renuncia á teoria dos estímulos-respostas e á dos reflexos condicionados, que dão resposta forçada a excitantes externos.

Como se depreende dos estudos de C. M. CHILD e COGHILL sôbre o desenvolvimento embriológico, de LASCHLEY referentes á neurologia experimental, e de KÖHLER, que dizem respeito á aprendizagem em macacos e outros animais, o comportamento tornou-se um problema de dinâmica.

C) LEIS DA NATUREZA HUMANA

Fazendo parte da natureza, claro é que, pelas suas leis gerais se regerá o comportamento humano. Igualmente, si o homem constitue um sistema de energia, deve condicionar o seu funcionamento ás leis da energética ou dinâmica. Esta subordinação é provada por investigações de embriologia sôbre a motilidade e sistema nervoso, e por experiências de fisiologia nervosa. Não há razão, por conseguinte, para reduzir o organismo humano a uma máquina. Doravante, será considerado como unidade funcional, que obedece aos princípios da dinâmica.

No mecanicismo, vingava o pressuposto de que o complexo se entende pelas partes, tendo estas primazia sôbre o todo. O corpo humano explica-se pelo conjunto das células ; o composto químico pelos

elementos que entram em sua formação; a conciência pelas idéias e sentimentos, e o movimento pelos atos reflexos. Ora, assim, precinde-se das relações preexistentes entre as partes, que traduzem a mútua dependência, e mostram a influência da mudança de uma parte sôbre as outras.

O conceito de todo é primário e deve preceder o das partes. Com efeito, não se pode pensar em meia laranja, sem ter em vista a laranja inteira. A unidade funcional, que é o todo, permite explicar as partes e suas propriedades. Nos múltiplos compostos químicos, os elementos que participam da composição são os mesmos, e distinguem-se pelas proporções, a saber, pelas relações. Por conseguinte, a proporção é a propriedade da molécula total e não a dos elementos que intervêm na formação do composto. Em uma figura geométrica, no quadrado, p. ex., não é a quantidade de espaço limitado que a define, por que a mesma área se obteria com outra – é a forma ou estrutura, que confere propriedades ás partes: lados, ângulos e diagonais.

A noção de conjunto é antiga, compreendendo os gregos no vocábulo *Physikon* o estudo de tôda a natureza.

O antropomorfismo refere-se á descrição dos fenômenos e não á sua dinâmica. Concorreu para tal confusão a terminologia da mecânica. Os físicos introduziram, em mecânica, vocábulos e expressões de conteúdo filosófico ou psicológico. Sejam exemplos as leis da inércia, do menor esfôrço, da atração, do repouso, que tiveram o seu emprêgo em outros domínios científicos. O mesmo não aconteceu quando a designação era adeqüada: lei da conservação das áreas, princípio das velocidades virtuais, etc.

O grau de complexidade só atinge a explicação e descrição dos fenômenos, mas não a sua dinâmica. Quer isso dizer que as formas de energia variam com a complexidade do conteúdo aparente, isto é, do nú-

mero de fenômenos a que possam ser reduzidas pela análise. Funcionalmente, todos os sistemas de energia são unidades, pouco importa o grau de complexidade. Do ponto de vista energético, o homem não é mais complicado do que o átomo químico. Dinâmicamente, eqüivalem-se os termos *complexo* e *simples*. A distinção é fenomenológica. Os vocábulos – sensação, vontade, emoção, percepção, não têm conteúdo diverso das palavras - calor, luz, electrônio, etc. As formas, ou propriedades fenomenológicas, desaparecem com a análise que as destrói. Nesse sentido é que se diz: as partes não podem explicar o todo; a química não explica a fisiologia, nem esta o comportamento humano.

Compare-se a brisa com o ciclone. Como fenômenos meteorológicos são diferentes, mas funcionalmente não. Obedecem ás mesmas leis, tão numerosas no primeiro caso, como no segundo. Os fatos são os mesmos, as condições em que se verificam é que são diversas.

Examinem-se as leis gerais da dinâmica explicativas da circulação da energia (unidades energéticas) no universo, e que, portanto, se aplicam ao comportamento humano. Foram muito bem compendiadas por WHEELER.

I — Lei das propriedades da massa: *o todo é maior do que a soma das partes.* Vimos que aquele tem propriedades que estas não possuem, como sejam, a melodia, a água, cujas propriedades são diversas das dos seus componentes, etc. E' o que se chama propriedade da massa ou *Gestalt-Qualität*. Por isso, deve dizer-se o todo integrado, indiviso, e não as partes integradas. O corpo humano é unidade de organização, massa equilibrada de fôrças metabólicas, a que se subordinam órgãos e células.

II — Lei das propriedades derivadas: *as propriedades das partes derivam das do todo.* O pêso de um corpo, p. ex., é propriedade derivada do todo, que é o sistema de gravitação. A personalidade é pro-

priedade decorrente da organização humana, e pois, da sociedade.

E' lei universal: as propriedades geométricas das figuras dependem dos respectivos todos; o êxito de um serviço decorre da sua estruturação, etc.

III — Lei da ação determinada: *o todo governa as partes.* E' amplificação da lei anterior. Bom exemplo depara-nos a biologia. O desenvolvimento das partes é determinado pela relação dinâmica com o todo.

A teratologia experimental mostra que se pode inverter a finalidade evolutiva de certas regiões do ôvo. Aquela que, normalmente, se desenvolverá em extremidade cefálica passa a ser caudal, e vice-versa. Examinando-se a organogênese do sistema nervoso, vê-se que, a partir da sua origem, que é a medula, os nervos se distribuem aos membros, consoante os mesmos princípios que regulam o trânsito da energia em campos elétricos. Cada célula nervosa possue fibras receptoras ou dendritos, e transmissoras ou axônios. Recebem ou transmitem o influxo sensorial e motor-glandular, conforme a dinâmica da região do corpo onde se desenvolvem.

Significa isso que as células nervosas são polarizadas em cadeias que as cercam com gradações fisiológicas. As fibras que levam o influxo nervoso, axônios, esgotam-se no segmento muscular onde o metabolismo é maior; as que recebem os impulsos sensoriais, dendritos, terminam no segmento muscular onde o metabolismo é menor.

IV — Lei da individuação: *as partes emergem do todo por diferenciação.* A individuação integra unidades menores em um todo maior. Preside aos movimentos embrionários, e á aquisição de destreza no aprendizado. A personalidade surge no indivíduo, como a figura geométrica no espaço, e a melodia na série de notas musicais.

V — Lei da gênese da massa: *os todos evolucionam como todos.* A energia da massa muda de forma, e passa da homogeneidade relativa á heterogeneidade. Concebem-se teorias e hipóteses sôbre a formação dos planetas, oceanos e continentes, sôbre o mecanismo da evolução biológica, como todos que se expandem e se diferenciam, e não como produtos ou resultados sintéticos de partes previamente não relacionadas. Conclue-se que os todos são primários.

Evolutivamente, o esqueleto do homem, hoje com menor número de ossos, é de estruturação total mais complicada, e, porisso, pode exercer atos mais complexos.

Representado por uma só célula, o ôvo humano, que é um todo, evoluciona em embrião, a seu turno, outro todo, que oferece magnífico exemplo de unidade que se desenvolve e individua. O desenvolvimento não é só multiplicação de células, mas também diferenciação de protoplasma.

Considere-se o período de evolução intra-uterina, o mais importante para a vida do indivíduo. Do nascimento á fase adulta, o pêso aumenta vinte vezes, (3 kg. 500 a 70 kg.), e o comprimento pouco mais de três vezes (50 cm. a 1,65). Na gestação, o pêso aumenta 900 milhões de vezes, e o comprimento 2.500 vezes. O ovo humano é uma vesícula esférica, que não excede 1/3 de mm. de diâmetro, e cuja massa é quasi imponderável, pois pesa apenas $\frac{1}{250}$ de mg. A energia embriogênica é dada pela extremidade cefálica do espermatozóide, cuja dimensão, relativamente ao ôvo, é apenas de 1/200.000. Embora iso-cromosômica, a colaboração masculina é o estímulo que dinamiza a obra maravilhosa da embriogênese. Hajam vista as experiências de Loeb, que levou á fase de girino ovos de rã, fecundados pela ação exclusiva de uma solução química. Concluir-se-ia, com COMTE, que somos essencialmente filhos de

nossas mães, devendo-lhes nós a quasi totalidade da caraterização orgânica e emotiva.

Depreende-se a importância da assistência prenatal, em que se pode, até certo ponto, plasmar a estruturação orgânica.

VI — Lei do menor esfôrço, da ação mínima ou estacionária: *o objeto desloca-se de um ponto para outro, pela distância temporal mais curta.* Excetua-se a luz que segue o trajeto mais longo no tempo. Foi enunciada, pela primeira vez, por MAUPERTUIS, e, depois, por EULER, seu verdadeiro descobridor. Apreciou-a LAGRANGE, que lhe pressentiu a aplicação universal, e generalizaram-na HELMHOLZ e E. MACH.

O menor esfôrço compreende, como pontos da referência, os de *partida*, *direção* e *chegada*.

Para a energia cinética, o fim é o centro da terra. Antes que o movimento seja possível, o todo dinâmico proporciona começo, direção e fim, que, sendo remoto, é estabelecido antes de iniciar o movimento. Todo comportamento humano será, pois, objetivado: terá alvo remoto. Daí, o preceito de ordenarmos a atividade, por menor que seja, si lhe pretendermos imprimir simetria e utilidade. A vontade, diz WHEELER, é energia organizada, e pensar é obedecer ás leis dinâmicas.

A evolução biológica é direcional, a saber, o progresso caminha no sentido do objetivo distante.

Todo esfôrço em vencer a tensão ou resistência, em dada direção, obedece á ação mínima, donde uma lei geral aplicável a várias contingências.

Em todo sistema particular de energia, de duas ou mais fôrças, o movimento faz-se da tensão mais alta para a mais baixa, até que o equilíbrio se estabeleça, ou fique o sistema alterado por uma fôrça externa. Entre as componentes da estrutura, há diferença de fôrças que dão energia potencial, possibilidade de movimento, ao corpo em repouso, e energia cinética ao que se move. A directriz da ação mínima é, pois, o caminho mais curto, no

tempo, da posição de alta tensão para a de baixa. Ele preexiste ao movimento que começa; é o alvo, e dirige o movimento.

Estritamente considerada, a lei do menor esfôrço refere-se tão só ao percurso seguido pelo corpo em movimento, e não ás condições que determinam o trajeto. Uma vez, contudo, que êste e as condições constituem aspecto do mesmo problema geral, é razoável pensar nessa lei quanto á configuração das fôrças que determinam o trajeto.

Conclue-se que as leis da configuração e do menor esforço se interpenetram.

Na sociedade humana, o princípio é o mesmo. O auditório fatigado, p. ex., luta entre o desejo de deixar a sala e o desgôsto de quebrar a praxe de cortesia. Resolve ficar, obedecendo á lei do menor esfôrço. Prefere o incômodo físico, tensão menor, á deselegância social, tensão maior.

Conforme a lei referida, não há movimento inútil ou perdido. Os atos classificados de bons e maus lhe obedecem também. Tudo depende do grau de organização.

As tensões são proporcionais ao índice cultural do grupo: o civilizado está sob constrangimento maior do que o selvagem, o letrado tem de enfrentar mais conflitos do que o inculto.

Quando o indivíduo não se conforma com as normas do grupo, estabelecem-se, entre êle e êste, tensões de vária intensidade. Na sociedade primitiva, o grupo não só tem mêdo do oposicionista, como chega a adorá-lo. Na civilizada, para descarregar as tensões, isola-se o elemento que diverge, seja êle anormal ou delinqüente. Quando se trata de figura genial, tanto podem aclamá-lo líder, como excluí-lo ou encarcerá-lo; tudo depende das necesidades e objetivos sociais em dado momento.

RIBOT, em interessante trabalho "*Le Moindre Effort en Psychologie*" (1914), lembra as suas três formas principais: esfôrço mínimo ou *inércia;* esfôrço

muito diminuto, que se entronca no *hábito*; e esfôrço mínimo, com resultado máximo, *lei da economia* ou *parcimônia*.

Entende RIBOT preferível dizer tendência ou disposição, em vez de lei ou princípio. Aliás, é uma tendência multiforme. Pode coexistir com outra antagônica, ser total ou parcial, permanente ou transitória, nociva, e, por vezes, útil do ponto de vista social.

FERRERO (G.), em 1893, publicou um artigo, sob a rubrica "*A inércia mental e a lei do menor esfôrço*", á qual confere grande importância. A evolução social, diz o eminente historiador, mostra, admiravelmente, que tal lei regula a atividade psíquica do homem.

Na manifestação mais completa, é o estado de apatia e inércia, em que os dois tipos estabilizados se representam pela velhice e preguiça, sendo esta, velhice antecipada. São verdadeiros estados de regressão, caraterizados pela *lógica primária* — atenção mínima, repulsa do que é novo, e de tudo que reclame obra criadora; *associação por contigüidade*, simples e elementar, automática; e *raciocínio analógico*, que escusa a crítica.

Esta é lei salutar e imposta pela natureza humana – vida breve e memória fugidia.

A abstração e a generalização são meios de simplificar, uma, pela análise, outra, grupando e fixando no conceito a pluralidade dos fenômenos reduzidos á unidade. Uma vez que simplificam, reduzem a elaboração intelectual e economizam o esfôrço.

E' copioso o exemplo da lei do menor esfôrço que se observa na transformação evolutiva da significação dos vocábulos. A gramática histórica, quer na parte léxica, quer na sintática, oferece disso incessante testemunho.

O misoneismo, ou relutância em inovar, é expressão forte da lei mencionada. A estagnação é

cautela ; mêdo de desarticular a vida social ou individual. A pessoa receia não possuir plasticidade necessária, e encaramuja-se no passado.

Arrastando GALILEU ao tribunal da Inquisição, afim de que se retratasse das afirmações demolidoras do conceito teológico do firmamento, a Igreja assim procedia na defesa instintiva do patrimônio tradicional. Com efeito, ¿ que confiança mereceriam as coisas humanas, si até as celestes andavam ao contrário do que sempre se supusera ?

A descoberta da circulação sanguínea, de HARVEY, foi repelida pelos médicos, por se não conformarem com êsse mecanismo admirável, que podia parar de repente, sem maior aviso, escarnecendo da vaidade dos homens e da arte hipocrática.

Do ponto de vista do menor esfôrço, RIBOT divide os homens em três categorias: a) *de atividade superior*, de grande dinamismo físico e mental; são infatigáveis; b) *de atividade média*, que constitue a maioria; poupam porque têm pouco; c) *astênicos*. Os mais ativos são os que atuam dentro do menor esfôrço.

Quais as causas da mencionada lei ? Para o psicólogo francês, seriam quatro: *insuficiente produção e distribuição de energia ; aversão á dor e ao pesar; desinterêsse*, e *hábito*.

1.º) *Produção de energia*. O homem ideal seria como pilha reversível, que, depois de funcionar, se recarregasse pela corrente nervosa. No menor pêso e volume, o homem produziria maior soma de fôrça motora. A energia penetra no organismo sob duas formas : *interior* (alimentos), e *exterior* (excitações sensoriais), mas nem tôda ela se transforma em soma igual de energia liberada. Os processos físico-químicos mantêm o estado de tensão, que é o tono muscular, subordinado aos centros nervosos motores.

2.º) *Aversão ao pesar e á dôr*. A conciência, instrumento de seleção, não exclue o esfôrço produtor da fadiga, que é a dôr. Esta não deserta o seu papel de assinalar a desorganização orgânica ou

moral. Decorre do esfôrço nulo ou contraproducente. Não é causa primária, senão um segundo movimento, que pressupõe experiência adquirida.

3.º) *Desinterêsse.* O interêsse participa do conhecer, sentir e atuar. Parece que é sobretudo afetivo e motor. A fuga ao esfôrço traduz a conciência da debilidade orgânica.

4.º) O *hábito* transforma a atividade em automatismo do qual se retraíu a conciência.

Para os filósofos, o ideal está na vida contemplativa, na ataraxia, que é perfeita tranqüilidade de alma. E' a doutrina psicanalítica da volta ao regaço materno.

VII — Lei do trabalho máximo ou energia máxima: *tôda perturbação do sistema energético compromete o todo.*

O potencial disponível é dinamizado para o reequilíbrio. Onde a tensão é maior, também o é a soma de energia aproveitável. Porisso, os animais aprendem melhor quanto maior o estímulo da fome. Indivíduos há que produzem melhor sob o império de forte emoção. Escritores assombram pelo trabalho sob premência de dificuldades financeiras: Camilo, Fialho, W. Scott, Balzac, etc.

Decorrentemente, tôda influência sôbre o sistema de energia interessa as partes. O traço saliente pode desequilibrar a personalidade total. A quantidade máxima de energia de um sistema, para dado conjunto de condições, será despendida para manter o equilíbrio.

Na vida humana, a resistência constitue gasto de energia. Quando a pessoa luta para resguardar a unidade, obedece a tal lei. Consome a quantidade de energia máxima para as condições existentes, afim de conservar a organização.

VIII — Lei da configuração: *todo sistema de energia funciona como unidade,* e sempre se adapta ás numerosas influências perturbadoras.

A unidade, que se ajusta, representa a forma ou estrutura. Esta lei mostra que o sistema de energia é parte de um todo maior, unidade temporal, e que se não pode explicar um fenômeno em função dêle próprio. O fenômeno mais simples é o da unidade, dinâmicamente influenciada por outro sistema, como um todo organizado, do qual o primeiro faz parte.

A estabilidade ou equilíbrio é caraterizado pela *simetria no espaço* (caráter esférico dos planetas e suas órbitas, simetria dos cristais, bilateralidade do corpo humano, etc.), e *simetria no tempo*, ritmo universal dos fenômenos da natureza.

D) APRENDIZAGEM

O estudo da aprendizagem * só assumiu maior positividade depois que recebeu o contingente da psicologia animal, até então inaproveitada em virtude do preconceito da distinção radical e supremacia do homem sôbre os demais seres do universo.

A sua importância social põe-se em destaque, atentando-se em que na aprendizagem colctiva é que se desenvolvem a civilização e a cultura.

Define WHEELER a aprendizagem como o comportamento pelo qual o indivíduo amplia o discernimento de determinada situação e aumenta a complexidade dos atos em relação ao objetivo. Entende-se por *discernimento* a resposta organizada de acôrdo com o comportamento conciente, e que dá a percepção de início, direção e objetivo.

Houve tempo em que se supunha a aprendizagem mera simplificação do comportamento. As primeiras tentativas para executar-se determinado ato ou adquirir certa manualidade são, em regra, mais ou menos complexas; com o tempo, contudo, os movimentos efeituam-se melhor e se tornam mais simples e mais fáceis. No entanto, facilidade não significa

*Muito nos valeu, neste capítulo, a obra de R. WHEELER: *The Science of Psychology*.

simplicidade, mas tão só resposta guestáltica, isto é, organizada dentro do discernimento desenvolvido.

Na aprendizagem, o organismo humano ou animal executa, pela primeira vez, determinados atos. Para isso adquire novos conhecimentos e coordena novos movimentos.

E' errôneo, porém, acreditar que os lapsos de percepção e julgamento, assim como a incoordenação motora, sejam necessários no começo de tôda aprendizagem.

Esta se verifica dentro de várias *condições*, das quais muitas são controláveis. Sejam exemplos: o objetivo, a extensão, a dificuldade e exatidão da tarefa, o conteúdo emotivo, as relações de tempo, etc.

Objetivo. Sabido é que só se aprende aquilo cuja utilidade, próxima ou remota, se conhece ou pressente. Daí, o uso louvável de encetar o estudo de matéria nova com a exposição preliminar da sua importância e relações.

A aprendizagem, no animal, refere-se ao objetivo: alimento, satisfação sexual e abrigo. No homem, todavia, relaciona-se com objetivos mais numerosos e complexos. Todos os pormenores de dado mecanismo de aprendizagem são aspectos de resposta simples e unificada, dirigida pelo estímulo-padrão. Êste encerra o objetivo e é, parte, ambiental, e, parte, subordinado á estrutura orgânica.

Acredita-se que o estado orgânico determine, no momento, aquilo que será a finalidade do estímulo-padrão. No caso, p. ex., do camondongo que corre através de um labirinto á busca de alimento, as condições são representadas pelos fatores fisiológicos da fome.

Objetivo Antecipado. O objetivo pode não ser presente de modo palpável e imediato, mas antecipado. Embora não seja diretamente demonstrável, em animais inferiores, é óbvio que se conduzem em função do fim em mira. Assim, o animal faminto persegue a caça : outro, pelo faro, sente o cheiro

da presa invisível, trazido pelo vento. Dir-se-á que tal afirmação é resíduo de antropomorfismo. Si os animais respondem aos objetos e suas relações, embora de modo mais simples do que o homem, é de esperar que a representação dos objetivos dêles tenha semelhança com a que fazemos dos nossos alvos. Atribuir-lhes imaginação não é indício de antropomorfismo, uma vez que se aponte o que imaginam, e se mostrem as relações que o objetivo mantêm com o comportamento total.

Não há necessidade de supor, por outro lado, que concebam os fins dentro de relações complexas, como nós. São, para êles, espaciais e concretas, ao passo que, para o homem, são lógicas e até abstratas.

Precisão do Objetivo. Si o alvo fôr vago, a aprendizagem será insuficiente, porque a nada de definido reage o organismo, e nada de preciso dirige o comportamento.

Isso acontece, amiúde, na experimentação, diante de cuja complexidade o animal fica embaraçado em perceber o objetivo. Cria, então, umpró prio, queé, p. ex., o de escapar ou voltar á gaiola. Donde a imposição pedagógica de *programas de ensino* compatíveis com o tempo e capacidade dos alunos. Quando excessivos, deixam de ser objetivados e os estudantes se limitam a adquirir as noções que acreditam suficientes para a sua formação mental.

Concorrem para o aprendizado o desejo de aprender e o conhecimento dos resultados obtidos.

Desejo de Aprender. EBBINGHAUS, em 1885, organizou uma lista de sílabas desconexas, que repetia sem maior interêsse. Ao cabo de 50 repetições, lembrava-se apenas de uma única; quando, porém, resolveu estudá-las, conseguiu reter doze, no mesmo lapso de tempo.

Em 1916, fêz J. PETERSON experiência análoga. Distribuíu a duas turmas uma relação de palavras; a primeira era lida com displicência, e a segunda com a maior atenção. Imediatamente depois da leitura, procedia-se á memorização, e, de novo, dois dias após.

Com aquela o resultado foi de 22 %, e com esta, de 50 %.

Conhecimento dos Resultados. Em 1922, BOOK (W. A.) e NORWELL (L.) mostraram que o grupo submetido a experiência progride muito mais rápido e com maior exatidão, quando a par dos resultados obtidos.

KITSON observou em compositores-tipógrafos que o rendimento diário aumentava extraordinàriamente si estavam ao corrente dos resultados do trabalho, chegando a 75 %, graças á variedade na tarefa e atividade mais vigorosa.

Segue-se a conveniência de se informarem os alunos das notas obtidas, e de se manterem as sabatinas e provas parciais, de grande valimento no controle do aprendizado.

Aprendizagem e Esquecimento. Ao contrário da opinião geral, quem aprende mais depressa retém mais e melhor, porquanto aplica métodos de maior eficácia. Tem discernimento mais exato da tarefa, e, quanto maior fôr êle, tanto maior o volume do que recorda. Por fim, com maior soma de pormenores, fica habilitado a perceber a matéria dentro de relações múltiplas.

Não sendo o assunto, porém, familiar, e havendo menor oportunidade de se abrangerem as relações, aquele que aprende devagar e gasta mais tempo em estabelecer relações entre minúcias, esquece menos do que aquele que aprendeu de-pressa, e superficialmente.

Para demonstrar a importância de concluir-se dado trabalho, e, portanto, o inconveniente da *tarefa incompleta*, confiou K. LEWIN, em 1917, a diferentes pessoas encargos diversos, como sejam esboços, quebra-cabeças, etc. Ora interrompia a aprendizagem antes de ultimado o trabalho, ora deixava que fôsse a têrmo. Depois, pedia que recordassem aquilo que haviam feito. Obteve o seguinte resultado: os adultos, em 90 %, lembravam-se melhor das tarefas incompletas do que das completas, sendo que as crianças quasi exclusivamente das primeiras. E' que a interrupção deixa a

pessoa em estado de tensão insatisfeita. A melhor memória, em tais casos, traduz, provavelmente, o esfôrço para ultimar a incumbência.

Emoção e Aprendizagem. Sempre que o indivíduo manifesta emoção no decurso da aprendizagem, esta já teve começo. Nesse caso, o sentimento e a emoção equivalem a aspectos do mecanismo da aprendizagem, não havendo motivo para separar esta da emoção, como faz THORNDIKE. Com isso, não se pretende afirmar a identidade da aprendizagem emocional e da indiferente. Por via de regra, consideram-se os sentimentos e emoções como fatores distintos.

Na *punição infantil*, entretanto, o problema é mais complexo. A criança castigada por ter mentido, vê, no castigo, a conseqüência da confissão, e não da falta. E' êste o raciocínio a que é levada pelo discernimento.

As *condições emotivas* são duas: *a)* – *Estímulos-padrões*, que provocam tensão orgânica, mòrmente no sistema neuro-muscular voluntário. *b)* – *Estruturação orgânica*, complexa do sistema nervoso autônomo, do trato digestivo e glândulas que determinam o estímulo interno. Quando tais condições estão presentes, diz-se que a aprendizagem é emotiva e, em parte, resulta da rapidez e energia funcional do sistema neuro-muscular.

Merecem relembradas as experiências de F. A. MOSS, com animais sob forte tensão de estímulos orgânicos. Após dois a três dias de fome, submetia camondongos ao efeito da corrente elétrica. Ao cabo de 72 horas, a fome era imperiosa e sufocava o receio de choque, levando o animal a suportar uma carga de 28 voltes.

Associação e Discernimento. Julgava-se, outrora, que se aprendia conforme a *lei da contigüidade*, a saber, dois fatos ocorridos simultâneamente, com muita probabilidade, reaparecerão juntos. O surto concomitante depende, quer da simultaneidade dos estímulos, quer da imediata continuidade temporal. As leis secundárias da contiguidade são cinco: *freqüência, recentidade, viveza, intensidade* e *coerência intelectual.*

1.° – *Lei da freqüência.* E' a lei do exercício de THORNDIKE, donde o conceito de que a repetição produz o hábito. Fundamenta todo exercício: *repetitio mater studiorum.*

2.° – *Lei da recentidade.* Em condições iguais, as últimas experiências e derradeiros movimentos são os que melhor se gravam na memória.

3.° – *Lei da viveza.* Os objetos e acontecimentos que exercem impressão mais viva no momento da observação, serão, com tôda a probabilidade, aqueles que mais fàcilmente se recordem. Corresponde á lei do efeito.

4.° – *Lei da intensidade.* Quanto mais intenso o estímulo, tanto mais fácil recordá-lo. O exercício vigoroso robustece a reação mais do que o fraco; seria uma sub-lei do exercício.

5.° – *Lei da coerência intelectual.* O objetivo do momento fixa os limites dentro dos quais as seqüências associativas das experiências se verificam em dado momento. Pensa-se, em um vocábulo — *frio*, p. ex., cujo significado é oposto ao da palavra-estímulo: *quente.* Outra não ocorre em virtude da consciência da tarefa que dirige as associações.

Impropriedade da Associação. Suponha-se um camondongo sob o estímulo de fome de dois a três dias, a percorrer um labirinto com vários becos sem saída. O animal parte de uma extremidade, até dar com aquela onde está o alimento. Pela teoria das tentativas e erros, firmada nas leis da associação, não existe objetivo preciso, porquanto os movimentos não são organizados, e sim casuais. De acôrdo com a lei do efeito e da recentidade, e por causa do resultado satisfatório, só os últimos movimentos serão lembrados.

Com o tempo, cessam os movimentos ocasionais e o camondongo vai diretamente do ponto de partida ao alimento; é vítima passiva de fatores mecânicos. Não se reconhece ao animal discernimento algum, pois que os seus atos resultam diretamente da re-

petição, contigüidade e prazer ou derprazer. (WHEELER).

No estudo do mecanismo da aprendizagem, cumpre levar em conta o intervalo de tempo, que se verifica após uma única observação, e, nesse caso, determina a *memória* ou *esquecimento*, ou entre observações repetidas, e constitue, então, o *crescimento* ou *maturação*.

Memória é a faculdade de recompor a impressão ou acontecimento passado, sem o estímulo originário. Elabora-se com a excitação sensorial, que ocorre ao recordar, amplificada pelo sistema nervoso central.

Em nossos dias, o grande fisiologista inglês, SHERRINGTON, sugeriu a *teoria das sinapses*. Compreende-se por sinapse o ponto de união de duas células nervosas, onde se encontram duas membranas, terminal de uma, e inicial da contígua. Tais membranas oferecem resistência, que diminue á proporção do trânsito do fluxo nervoso pela sinapse.

Carateriza-se a memória pela tendência em simetrizar as impressões. Nesse sentido, depõem as experiências.

F. WULF e KOFFKA (1922) procederam ao seguinte experimento. Expunham aos observados figuras geométricas simples, pedindo que as reproduzissem depois de 24 horas, uma semana, um mês e mais. Verificaram, assim, que a linha quebrada passava a ser reta ou formar ângulo. Por via de regra, as figuras adquiriam simetria. Ora, isso reforça o fato de que a unidade guestáltica, mais estável de fôrças físicas, é simétrica e se equilibra dentro da lei do menor esfôrço.

N. L. PERKINS (1932) recorreu a curiosa experiência que robustece a precedente. Apresentava figuras geométricas simples, não simétricas. Dava cinco segundos para examiná-las, e, decorridos outros quinze, distribuía papel para que fôssem reproduzidas. Êsse trabalho de memória repetia-se no segundo, terceiro, nono, décimo sexto, vigésimo pri-

meiro, e trigésimo quinto dia. O resultado, em suas linhas gerais, foi o seguinte: igualização de ângulos e de linhas, orientação da figura na horizontal ou vertical, tendência a formação de círculos ; omissões, acréscimos, modificações da simetria bilateral e total da figura. (fig. 4)

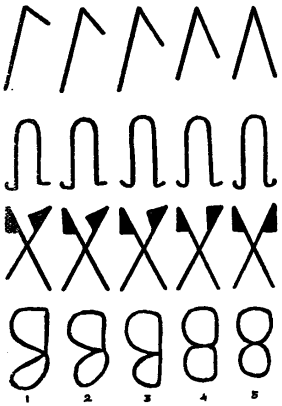


Fig. 4—Simetrização nas recordações sucessivas de figuras visuais. (Perkins)

Erros de Recordação. Podem ser: a) de *omissão*, peculiar a tôda recordação; b) de *elaboração* ; c) *sensoriais* — Pela homogeneidade, os fenômenos verbais e motores são sujeitos a lapsos menores do que os visuais e outros, por dependerem de sentidos mais especializados.

Prova Testemunhal. A psicologia moderna elucidou bastante êste aspecto do problema da memória. Conforme WHEELER, carateriza-se do modo seguinte. 1.° – O testemunho baseia-se em uma observação única do fato, e não foi feita com intuito de ser recordada. Não é passível de repetição, que faculte corrigir vícios de percepção ou interpretação ; 2.° – Quando chega á esfera judiciária, a ocorrência des-

perta estado emocional vário, de tal sorte que o depoente já não se conserva imparcial perante as partes. 3.° – Quasi sempre é tardia e, raro, obtida imediatamente após o acontecimento. 4.° – As circunstâncias do processo em juizo são desfavoráveis á verdade da prova. A testemunha intimida-se ou se embaraça e, pelo geral, é encaminhada ao sabor da defesa ou acusação. Enquanto ela mira a dado objetivo, empenham-se as partes mais em demonstrar determinado ponto da causa. Ninguém desconhece quanto o advogado hábil pode infirmar o depoimento testemunhal, quer exibindo-lhe a incoerência, quer pondo em relêvo indevido certos aspectos do processo. 5.° – Tratando-se de pessoas de inteligência curta, ou com reação psicopática, o depoimento, por via de regra, não merece fé. Além de muito sugestionáveis, tais indivíduos fantasiam o depoimento e apreendem, imperfeitamente, assim o sentido das perguntas que lhes são feitas, como o alcance das respostas. 6.° – Nos casos que empolguem a opinião pública, forma-se a mentalidade coletiva, a cuja influência poucos poderão resistir. Daí, a tendência moderna do processo penal de se reduzir a prova testemunhal a uma só.

Amnésia. Não é invulgar em estados mórbidos, traumas cranianos, histeria, dizendo-se *retroativa* quando se refere a fatos imediatamente anteriores ao seu surto. Geralmente, a pessoa possue sistema nervoso de menor resistência por efeito de prolongado dispêndio emotivo. Produzem-se tensões muito elevadas, que reclamam desafôgo ou compensação correspondente. Depreende-se que, nessas circunstâncias, não esteja o indivíduo apto para desenvolver o mecanismo da aprendizagem.

Valor da Repetição. JOST (1897) formulou a lei que, quando duas associações têm igual intensidade e são de data idêntica, a repetição aumenta a fôrça da mais antiga.

Si, há um mês, A estava associado a B, e si a relação de C para D, só ontem foi percebida, em

igualdade de condições, A, hoje, é mais eficiente para sugerir B, do que C a D.

STARCH* (1912) estudou o efeito das *repetições espaçadas*, substituindo os números por letras, segundo certa convenção. Grupando o número de letras transcritas durante cinco minutos, obtinha uma curva, em que o progresso decrescia na ordem seguinte: máximo, em trabalho de 10 minutos durante seis dias; outra, em período de 20 minutos; depois, de dois períodos diários de uma hora cada um, e, por fim, um mínimo de duas horas diárias consecutivas. (fig. 5)

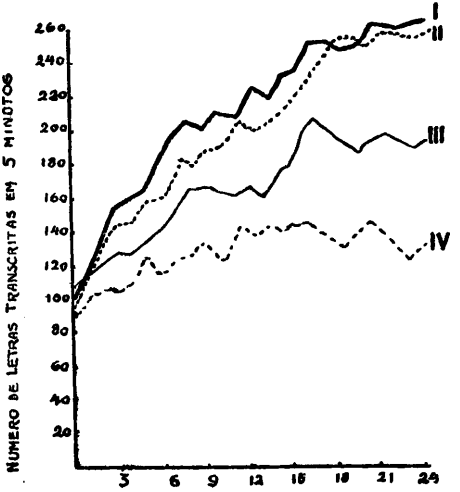


Fig. 5—Curvas de Repetições Espaçadas (Starch)

A curva I mostra o trabalho do grupo em 10 minutos, a II, em 20 minutos; a III, em dois períodos de uma hora cada um, e a IV, em duas horas consecutivas. Todos os grupos levaram o mesmo tempo na tarefa.

SNODDY (G. S.)** mostrou que o intervalo entre as repetições é mais importante do que o número destas.

* Cit. em WHEELER: *The Science of Psychology.* **Idem.

Memória Lógica. WHEELER organizou uma relação de sílabas e palavras distribuídas em três colunas. A primeira era formada de sílabas desconexas. Os observados reproduziam a lista no fim de doze repetições e seis minutos; apreendiam tão só a relação espacial de uma sílaba para outra, em particular, das próximas.

Na segunda coluna, composta de palavras monossílabas, *cão, mar, ar, flor, sol, gás, som, luz, dar, ver* – além da relação espacial, havia outras, como sejam as imagens verbais. Eram precisas quatro repetições e prazo de dois minutos.

As da terceira coluna se recordavam com uma só leitura, isto é, sem repetição e em quinze segundos. O observado percebia cada vocábulo — *sala, parede, soalho, teto, porta, janela, mesa, cadeira, aluno, professor* — em relação definida com a lista inteira.

Com efeito, esta representa uma unidade, e cada palavra, ao ser percebida, torna-se membro dela.

O Todo e as Partes. Em igualdade de condições, é mais fácil reter o todo do que, dividindo-o, discernir as partes em separado.

Em estudos experimentais, EBERT e MEUMANN* (1904), notaram que, em crianças, quanto mais se fragmenta a matéria, mais penosa é a aprendizagem.

No adulto, assegura MEUMANN (E.)** ao contrário de outros experimentadores, até com assunto desconexo é preferível o método *total.* EPHRUSSI (P.) verificou, em 1904, que êste é mais adequado para assunto conhecido e o *parcial* para matéria nova.

Métodos Auxiliares de Memorização. Em dadas circunstâncias, pode a matéria ser repartida nos trechos de divisão lógica, para que se detenha o aluno em passos mais difíceis, de relações menos explícitas.

No *método progressivo,* decora-se a primeira parte; depois, a segunda; em seguida, a primeira e segunda; depois a terceira, e por fim, tôdas elas (fig. 6).

O *método de repetição direta* consiste em começar com a primeira parte, depois estudar a primeira e segunda, e, em seguida, a primeira, segunda e terceira.

*WHEELER, obr. cit. **Idem

Decora-se, no *método de repetição inversa*, em primeiro lugar, a última parte, depois esta e a penúltima, e, finalmente, aquelas e a antepenúltima.

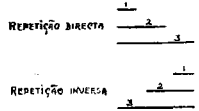


Fig. 6 — Métodos de Memorização

Segundo PECHSTEIN (L. A.)* (1917), o método progressivo e o de repetição direta são superiores ao total. Tratando-se de poesia, as pessoas de mais elevada inteligência tiram melhor resultado com o método total. Ao ver de SAWDON (E. W.)**, (1927), só este é aconselhável para poesia fácil, rítmica e de conteúdo claro. A vantagem, porém, não é manifesta em trechos intrincados e de certa extensão.

Na escolha do método de recordação, deve levar-se em conta a equação pessoal, resultante dos hábitos e estados emotivos.

E' destacado o papel dos intervalos entre o trabalho e o repouso. Cada aluno deveria organizar o seu *horário* de estudo. De modo geral, aconselha-se, para um estudo diário de duas horas: meia hora á tarde, uma á noite, e meia hora pela manhã seguinte, para a terceira leitura. Intercalem-se fases de repouso, quer descansando, quer variando o assunto.

Não se deve esquecer que mais valem trinta ou quarenta minutos de estudo por dia do que três ou quatro horas consecutivas por semana.

Há, na aprendizagem, um aspecto curioso, que SNODDY (G. S.) estudou em 1920. E' o fenômeno da *irradiação*.

---

* WHEELER: obr. cit. ** Idem

Pedindo-se ao aluno que escreva uma longa carta, de sete páginas, p. ex., começa caprichando na primeira, a segunda e a terceira ainda são bem caligrafadas, a quarta é rabiscada, e as últimas, pràticamente ilegíveis. O estudante aumenta aos poucos o estado de tensão e acaba com caimbra de escrivão. E' o que acontece em períodos longos de estudo. Sobrevém a irradiação, cansaço que pode chegar á desintegração nervosa, e se prenuncia na insônia. Estabeleça-se, portanto, um prazo de repouso, depois do qual o aluno resolverá o problema por se ter revigorado assim do efeito depressor como do desgaste da repetição.

E' a irradiação causa da falta de discernimento e do desinterêsse pelos trabalhos escolares.

Conclue-se que de dois programas de ensino, idênticos quanto ao objetivo e capacidade dos professores e alunos, será de maior eficácia o menos volumoso, por não produzir tal fenômeno.

São bem conhecidos, sobretudo depois dos estudos de BRYAN e HARTER, 1897, os *planaltos* ou períodos estacionários, em que não é apreciável o progresso da aprendizagem. Não revelam decréscimo de interêsse, pois aparecem quando o escolar se concentra na tarefa. Tão pouco exprimem menor velocidade de aprendizagem, porque não há correlação entre êles e os conhecimentos adquiridos.

Provou SNODDY que se podem controlar os planaltos pela intercalação judiciosa das fases de trabalho e repouso; revelam, por conseguinte, a distribuição defeituosa dos estímulos.

Inibição Retroativa. MÜLLER e PILZECKER,** em 1900, assim designaram a desordem da memória, por efeito de intercalação de matéria nova, durante ou logo após a aprendizagem. Sugeriram duas leis: 1.ª) a inibição retroativa é diretamente proporcional á *dificuldade* do assunto interposto. 2.ª) é inversamente proporcional ao *intervalo*

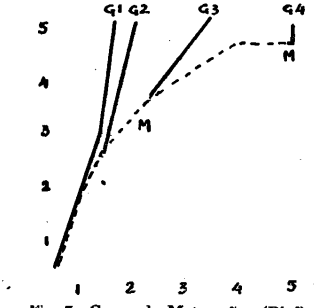
*WHEELER: obr. cit. **Idem

de tempo entre a aprendizagem anterior e a tarefa entremeada. A inibição depende do fator individual, do grau de conhecimento da matéria anterior e da extensão do assunto originário a ser estudado.

Transferência. ROBINSON (E. S.),* em 1920, entendia que a inibição não estava subordinada ás citadas leis, e, sim, era efeito da transferência, a saber, da resposta duplicada a vários atos. Ocorre quando existe similaridade de conteúdo mas não de relações lógicas.

É significativa a experiência de EWERT (P. H.),** 1926, sôbre a *transferência bilateral.* Mandava desenhar uma estrêla sob reflexão do espêlho, primeiro com a mão direita, depois com a esquerda, notando que com esta era mais fácil. Explica-se isso porque o controle de execução era primitivamente feito pelo cérebro como um todo, que continuava a dirigir os atos, ainda depois da substituição da mão direita pela esquerda.

Maturação. Operou BIRD (C. H.)***, em 1926, sôbre uma ninhada de pintos, nascidos em plena escuridão. Sabendo-se que não bicam no escuro, ainda que tenham fome, pôde estabelecer uma curva de maturação. Quanto mais velhos os pintos, mais precisos os movimentos de bicada. (fig. 7)



Obteve-se a curva de maturação M, unindo-se os pontos iniciais das curvas de aprendizagem de quatro grupos de pintos (G 1 a G 4), submetidos a experiências, logo ao nascerem, e em intervalos de 24, 36 e 48 horas. A ascensão da curva indica progresso na execução inicial, provavelmente condicionada á idade dos grupos. Os algarismos verticais, á esquerda, correspondem ao número de bicadas positivas em 25 ensaios; os horizontais, á idade em dias.

Fig. 7—Curva de Maturação (Bird)

*WHEELER: obr. cit. **Idem ***Idem

A curva obedece á progressão aritmética e mostra que o aprendizado é subordinado ao grau de maturação.

Aspectos Motores da Aprendizagem. A recitação, outro fator de aprendizagem, foi estudada por KATZAROFF, em 1908. Supõe-se que concorra para a memorização, contanto que seja devidamente regulada. GATES (A. I.) (1917) observou que: a) operando-se com sílabas desconexas, a recitação duplica a aprendizagem no caso de reprodução imediata, e quadruplica quando adiada. A combinação de leitura e recitação, para assunto com significado, dá 27 % de resultados melhores do que a leitura isolada para a recordação imediata, sendo dupla para a protelada. A recitação aumenta o treino, confere maior segurança ao conhecimento, reduz os lapsos de memorização. Além disso, permite avaliar os progressos feitos, uma vez que a exibição dos resultados é forte incentivo. Apreende-se melhor a significação do assunto, formam-se associações acrescidas, e tem-se nova impressão.

Quem estuda recitando tem vantagens. Atente-se, todavia, em que a leitura em voz alta não é forma única de recitação, que está presente na redação individual, no interrogatório e na discussão.

Destreza Muscular. A habilidade ou destreza muscular não é mais do que nova coordenação. Tem sido considerada como fixação de hábitos motores, regulada pelas leis de efeito, exercício, freqüência e recentidade.

Desenho sob Reflexão. Em 1926, pôde SNODDY analisar, por miúdo, o movimento manual ao se desenhar uma estrêla, sob reflexão do espêlho (*mirror tracing*). Para tanto é de mistér considerar a musculatura antagônica do braço e antebraço, com os grupos de músculos flexores e extensores. Na curva obtida, vê-se, em *a*, *b*, a contração dos

*WHEELER: obr. cit. **Idem

extensores, quando a mão sobe; em *b*, *c*, a contração dos flexores, quando desce. Si ambos os grupos musculares conjugam a contração, o movimento resultante é harmônico com o objetivo. (fig. 8)

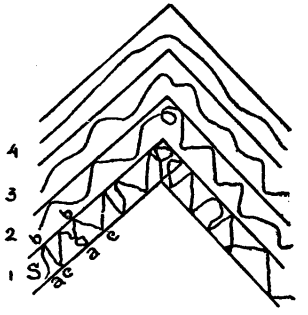


Fig. 8 — Desenho ao espelho (Snoddy)

A figura mostra o progresso na aprendizagem: 1 corresponde ao caminho seguido pelo principiante ao fazer a volta no ângulo da estrêla; 2, 3 e 4 representam fases sucessivas no progresso do aprendizado, graças á ação hàrmônica dos músculos flexores e extensores.

Dilação ou Demora Inicial. Coube a SNODDY medir a velocidade do movimento com um interruptor de luz elétrica projetado sôbre o estilete que traçava a estrêla. Os pontos pretos indicam os de luz; a distância entre um e outro, a velocidade do movimento do braço. Antes de dar volta, o indivíduo diminue a velocidade, e, antes de novo movimento, hesita. E' o período de demora inicial, que se explica porque a pessoa constrói a guestalte ou configuração perceptiva da direção que deverá seguir. Conclue-se que a demora inicial e a escolha são fenômenos eqüivalentes. O surto do discernimento requer tempo, máximè em crianças. Precisam, em primeiro lugar, compreender, para depois coordenar, na fase final da nova unidade perceptiva. Deduz-se a importância de aguardar-se êsse período

de dilação, absolutamente fisiológico e variável com a natureza do estímulo e do indivíduo. (fig. 9)

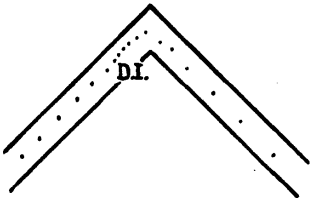


Fig. 9 — Dilação inicial (Snoddy)

Avulta o seu efeito na contração emotiva dos estudantes durante os exames.

Si a demora inicial, anterior á execução do ato, é período no qual se forma a guestalte, ¿ que responderá, pergunta WHEELER, pelo aparecimento do padrão? Não é o discernimento, aspecto conciente da própria configuração, nem o crescimento, diferenciação de fôrças no sistema nervoso, que faculta construir novos padrões. E' o *estímulo-padrão*, a saber, aquele que, especìficamente, condiciona a unidade da estrutura. Os atos-padrões formam-se enquanto os estímulos atuam e o organismo responde. E' preciso, pois, tempo, e o período de demora é aquele em que novos sistemas de fôrças se desenvolvem completando todo e qualquer movimento particular.

As coordenações obedecem á lei do menor esfôrço. Os movimentos tornam-se mais fáceis embora mais complexos. Repelindo-se a hipótese, guestáltica, não se compreenderia o movimento muscular em direção ao objeto. ¿ Porque em uma direção e não em outra? Nem a teoria dos reflexos nem a do hábito poderia explicar o caráter diretivo dos movimentos orgânicos. Dentro da guestalte, ficam subordinados á lei do menor esfôrço.

Acerte-se ou não com os movimentos, pratica-se algo que ainda não se havia feito. Estabelece-se

nova configuração perceptiva, que se desenvolve em relação á tarefa. O mecanismo de aprendizagem consiste em constantes descobertas e invenções.

Como em todo crescimento, uma fase no desenvolvimento da destreza não responde pela que se segue. A experiência antiga por igual não corresponde ao incremento somado a outra nova. A coordenação motora antiga, em período de aprendizagem, não importa coordenação futura. Por conseguinte, deve-se entender a maturação como fenômeno básico na evolução das configurações motoras.

Descrição e Explicação. Muito monta diferençar a descrição da explicação. Figure-se, em A, o acontecimento. Conhecido apenas êste, o estudo será descritivo. Para explicar A, cumpre levar em conta B, que representa as condições, ou seja o determinismo em que A se verifica. (fig. 10)

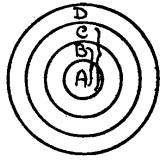


Fig. 10 — Descrição e explicação (Wheeler)

Considerando, agora, A e B como um só fenômeno, o que se afirmar de B, já não será explicativo. A e B são descritivos, e sòmente se tornarão explicativos em função de C. Incluindo-se C na situação total, D precisa ser apreciado antes de se explanar o fato A, B, C. Pode-se, por conseguinte, dizer que descrição e explicação são relativas e dependem completamente do ponto de referência.

O discernimento e a experiência devem entender-se dentro do princípio lógico de que a descrição e a explicação estão condicionadas ao escopo do problema.

Conclue-se que se deve considerar o mecanismo de aprendizagem como um todo, e que se não aprende sem discernir. Quando alguém, v. gr., sente náusea e mal-estar, adquire experiência nova, mas construíu nova guestalte, percebeu o seu estado, pela primeira vez, em conexão com a desordem gástrica.

A experiência só é explicativa quando compreendida como discernimento pelo qual se encara dada situação de aprendizagem. Não responde pelo progresso de um estágio a outro, porque, entrementes, aperfeiçou-se o discernimento.

A aprendizagem não pode, igualmente, resultar de tentativas e erros, a saber, de êxitos casuais fixados pelo prazer, e de erros eliminados pelo desprazer. De modo análogo, a aprendizagem não começa com movimentos ocasionais, que, ao depois, se excluam por fatores mecânicos. O indivíduo não repete movimentos inúteis, por perceber o objetivo diferente, e sim, pelo estímulo-padrão, no qual figura o fim, e que apresenta relações á altura do discernimento.

A experiência é condição externa, necessária, mas não suficiente, do aprendizado. A prova disso é que muita gente, assim no campo intelectual, como no social, não sabe tirar lição dos fatos, por não perceber as situações diversas que se sucedem. Cada passo no aprendizado, seja qual fôr, importa substituir a situação anterior por outra relacionada a fatores diferentes. Constante renovação de objetivo, eis a condição para se adquirirem novos conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA

A) Psicologia Geral

BORING (E. G.): A History of Experimental Psychology. N. Y. Century Co. – 1929.

DUMAS (G.): Nouveau Traité de Psychologie. v. I-III. Paris. Alcan. 1930–1933.

GARRETT (H. S.): Great Experiments in Psychology. N. Y. Century Co. 1932.

JAMES (W.) Précis de Psychologie. Ed. fr. Paris. Rivière. 1909.

MURPHY (G.): An Historical Introduction to Modern Psychology. Londres. K. Paul – 1932.
OLINTO (PLINIO): Psicologia. Ed. Guanabara. Rio. 1933.
PIÉRON (H.): Psychologie Expérimentale. Paris. Colin.
POLITZER (G.): Critique des Fondements de la Psychologie. v. I – Paris. Rieder – 1928.
WOODWORTH (R. S.): Contemporary Schools of Psychology – Londres. Methuen. 1931.

B) Bieviorismo

BECHTEREW (V. M.): General Principles of Human Reflexology. Londres. Jarrolds. – 1933.
PAVLOV (I. P.): Les Réflexes Conditionels – Paris. – Alcan. 1927.
" " ": Leçons sur l'Activité du Cortex Cérébral – Paris. A. Legrand. s. d.
WATSON (J. B.): Psychology from the Standpoint of a Behaviorist – Lippincott. 1919.
WATSON (J. B.): Behaviourism. Londres. – K. Paul. Ed. 2. – 1931.

C) Guestaltismo

CHILD (C. M.): Biological Foundations of Social Integration, em Wheeler: *Readings in Psychology.*
COGHILL (G. E.): The Early Development of Behavior in Amblystoma, em Wheeler: *Readings in Psychology.*
FLEURY (L. G.): Noções sôbre a Teoria da Estrutura. Rev. Educação. S. Paulo. Março 1933.
FOLLETT (M. P.): Creative Experience – N. Y. Longmans, Green Co. 1930.
GIBSON (W. R. B.): The Principle of Least Action as a Psychologic Principle – *Mind.* out. 1900.
HELSON (H.): The Psychology of Gestalt. *Am. Journal of Psychology:* 1925. v. 36, n. 3., e 1926, v. 37. n. 1.
HSIAO (H. H.): A suggestive review of Gestalt Psychology. *Psychological Review.* julho 1928.
KOFFKA (K.) Gestalt–Theory, na *Encyclopedia of Social Sciences* v. VI – Macmillan. N. Y. 1930.
KOFFKA (K.): The Growth of the Mind. Londres. K. Paul – 1931.
KOFFKA (K.): La Teoria de la Estructura – incl. OGDEN (M.): La Gestalt-Hipotesis e RIGNANO (E.): La teoria psicologica de la forma. Ediciones de la Lectura. s. d.
KÖHLER (W.): Zur Gestaltheorie. *Scientia.* 1928: p. 309.
KÖHLER (W.): Gestalt – Psychology – Londres. – K. Paul. 1930.
KÖHLER (W.): L'Intélligence des Singes Supérieurs. Paris. – Alcan. – 1927.
OGDEN (R. M.): Psychology and Education. – N. Y. Harcourt Brace, Co. 1932.
OGDEN (R. M.): Educational Psychology, na *Encyclopedia of Social Sciences* v. V. Macmillan. N. Y.
PETERMANN (BRUNO): The Gestalt–Theory and the Problem of Configuration. Londres. K. Paul – 1932.
RIGNANO (E.): Zur Gestaltheorie. *Scientia.* 1928. p. 323.
RIGNANO (E.): La teoria della forma della nuova scuola psicologica tedesca contraposta all'associazionismo della scuola psicologica inglese. *Scientia* – 1927. p. 145, 215 e 281. 1928 v. 35.

D) Natureza Humana

FERRERO (G.): La Legge del Minimo Sforzo e la Inerzia Mentale, no "*I Simboli*". Turim. Bocca. 1893.

MACHADO (ALCANTARA): A Psicologia do Testemunho. Rev. Criminologia e Medicina Legal. S. Paulo. 1929. vol. IV.

RIBOT (TH.): La Vie Inconsciente et les Mouvements – Paris. Alcan. 1914.

THORNDIKE (E. L.): Human Learning. N. Y. Century Co. 1931.

WHEELER (R. H.): The Laws of Human Nature. Londres. Nisbet – 1931.

WHEELER (R. H.): Readings in Psychology. T. Crowell. N. Y. – 1930.

E) Aprendizagem

WHEELER (R. H.): The Science of Psychology. Londres. Jarrolds. – 1931.

WHEELER (R. H.) and PERKINS (F. T.): Principles of Mental Development. N. Y. T. Crowell. – 1932.

CAPITULO IV

Subsídio da sociologia

Importa ao psicólogo que objetiva o estudo da gênese mental dos fatos sociais, possuir juizo exato, embora sucinto, do conjunto do espírito e método sociológico.

A lógica da ciência procurou unificar não só o método de prova mas também o de pesquisa científica. Ficou, porém, demonstrado que o método não podia ser única na variedade dos fatos e fenômenos a serem examinados. Êste conceito restringe-se, todavia, á colheita de material, sôbre o qual, mais tarde, vai operar a síntese.

Tôda ciência define-se quanto ao modo de observação, a saber, de analisar pormenorizadamente os fatos e fenômenos que lhe compete estudar. Quer isso dizer que, si a observação difere com o objeto ou fenômeno considerado, o mesmo não se dá com a indução. Esta é universal para o conhecimento, e, partindo dos fatos para a lei, que é a unificação teórica, sobe do particular para o geral.

Tal o método que, desde comte, se aplica aos problemas da ciência social. Não significa que se exclua o recurso da dedução, quando se transfiram, a problemas sociológicos, leis e princípios conhecidos por meio da indução.

Nas considerações que se seguem, procuramos penetrar-nos dos ensinamentos de a. comte, seguindo de perto a excelente condensação de rigolage.

O método é indissolúvel da doutrina, e o é na razão

direta da complexidade dos fenômenos que se estudam. Sem aplicação, as regras metodológicas, por mais exatas que sejam, reduzem-se a generalidades, insuficientes para dirigir as pesquisas, porquanto não indicam as modificações que sofrem na sua uniformidade. No estudo dos fenômenos sociais ressalta o condicionamento do método ao conceito de ciência.

A ciência política (social, diríamos hoje), escrevia COMTE, em 1842, é, para a verdadeira ciência, o que, outrora, fôra a astrologia para a astronomia, a alquimia para a química, e a panacéia universal para a medicina. Tais considerações aplicam-se, quer á política teológica, quer á metafísica. O fato de se reduzirem os fenômenos á intervenção sobrenatural, ou explicá-los por entidades (conceitos, em essência, idênticos), não impede a reprodução dos seus caractéres. Constam êstes, no concernente ao método, da preponderância da imaginação sôbre a observação, e, no que respeita á doutrina, da busca do absoluto. Daí, a tendência, na ciência social, de exercer-se ação arbitrária e indefinida sôbre fenômenos, que não são havidos como subordinados ás leis naturais.

Particulariza-se a filosofia positiva, quanto ao método, pela *supremacia da observação* sôbre a imaginação, sendo preciso introduzir, em ciência social, a tendência de se submeterem os conceitos aos fatos ; no tocante á doutrina, pelo caráter relativo da noção, inicialmente absoluto. A passagem do absoluto para o relativo constitue um dos resultados mais importantes de tôda revolução intelectual.

Do ponto de vista científico, o contraste entre relativo e absoluto é específico entre a filosofia moderna e a antiga. E' absoluto todo estudo da natureza íntima dos seres e fenômenos, das suas causas primeiras e finais ; relativa, tôda pesquisa das leis que regem os fenômenos, de modo que o progresso especulativo se submete ao aperfeiçoamento da observação, e não pode a realidade exata, em campo algum, ser inteiramente descoberta.

A predominância da observação sôbre a imaginação, e a passagem do absoluto para o relativo constituem a dupla condição de positividade da ciência social. Para patentear tal ponto, atente-se no espírito de aplicação da política contemporânea, caracterizada pela convicção ilusória de se exercer ação ilimitada sôbre os fenômenos sociais. Semelhante êrro dominava, outrora, tôda sorte de concepções, e prolonga-se tanto mais quanto mais a complicação dos fenômenos retarda o conhecimento das suas leis.

O concurso de outra influência qualquer decorre de que os diferentes fenômenos, a um tempo mais complicados, tornam-se mais modificáveis. Os fenômenos sociais são havidos como indefinidamente modificáveis. A espécie humana seria destituída de qualquer impulso espontâneo, e sempre pronta para sofrer passivamente a ação do legislador, temporal ou espiritual, investido de autoridade suficiente. Nesse particular, a política teológica é menos incoerente do que a metafísica. Ela explica a desproporção entre a amplitude dos efeitos e a exigüidade das causas, reduzindo o legislador a instrumento do poder sobrenatural e absoluto, donde o seu domínio indefinido.

Recorrendo, de modo muito mais vago, ao artifício da providência, a escola metafísica fêz intervir entidades ininteligíveis, e, sobretudo – a natureza – que não passa de modificação do princípio teológico. Deixando-se de condicionar os efeitos ás causas, atribuem-se ao acaso os acontecimentos observados, ou, quando se demonstre a inutilidade de tal recurso, exagera-se a influência do gênio individual sôbre a marcha dos problemas humanos. Dessas duas doutrinas, é-se levado a representar a ação política do homem como indefinida e arbitrária. O gênero humano, com isso, fica entregue á experimentação de diversos sistemas políticos, cada um dos quais pretende exaltar o seu tipo de govêrno.

O antigo sistema político impedia o livre exame das questões sociais e conseguia disfarçar tais in-

convenientes. Quando, porém, a política metafísica permitiu o exame delas, extremou-se o perigo a ponto de se pôr em dúvida, até, a utilidade do estado social. Não se hesitou em preconizar a superioridade da vida selvagem, o retôrno á vida primitiva, como se não fôra esta uma fase obrigatória e inicial na evolução das sociedades. Esquece-se que o desequilíbrio social decorre da revolução industrial e da concentração do capital. O excesso relativo de população, agrava, outrossim, o ajustamento de dada geração, que não prevalece para a seguinte.

Para evolver da fase instintiva á racional, requer-se a sublimação constante dos instintos. O neomaltusianismo impõe-se, pelo menos, como medida provisória, enquanto a fraternidade universal não corrigir o individualismo excessivo dos grupos humanos.

As utopias metafísicas mostram a impossibilidade de se estabelecer, em política, noção estável, enquanto se cogitar da pesquisa do melhor govêrno, sem atentar no respectivo estado de civilização. Todo progresso humano, político, moral ou intelectual, afirma COMTE, é inseparável do material, ou seja, do fator econômico, em virtude da íntima conexão que carateriza o curso natural dos fenômenos sociais.

A ordem e harmonia só podem existir dentro da subordinação dos fenômenos sociais ás leis naturais, cujo conjunto circunscreve, para cada época, os limites e o caráter da ação política. A noção do movimento social, regulado por leis naturais, constitue a base da dignidade humana, na ordem dos acontecimentos políticos. As principais tendências da humanidade adquirem, dess'arte, marcado cunho de autoridade, que deve ser respeitado por tôda e qualquer legislação. A crença no poder indefinido das combinações políticas confere ao homem automatismo social, dirigido pela supremacia absoluta e arbitrária, quer da providência, quer do legislador.

Para se consubstanciarem as condições que a so-

ciologia deve preencher, basta aplicar-lhe o princípio da previsão racional, que constitue, em outras ciências, o critério da positividade. Os fenômenos sociais devem ser concebidos como suscetíveis de previsão, tanto quanto os demais, dentro dos limites compatíveis com a complexidade crescente.

A simples idéia de previsão científica pressupõe que o espírito humano tenha abandonado o idealismo metafísico para firmar-se no terreno das realidades, e submeter a imaginação á observação.

Deixando de ser absolutos, os conceitos políticos devem referir-se ao estado variável de civilização, afim de que, seguindo o curso dos acontecimentos sociais, possa a teoria prevê-los, sujeitos, como são, a profundas desordens por parte do legislador.

Em todo sistema social, distingue-se o estudo das condições de sua existência, das do seu movimento. Donde duas ciências: *estática social* e *dinâmica social*, autônomas e distintas como a anatomia e a fisiologia. Esta divisão corresponde á dupla noção de ordem e progresso.

O princípio das leis estáticas do organismo social consiste no consenso caraterístico dos fenômenos dos corpos vivos, evidenciado na vida social em seu mais alto grau. Assim entendida, a estática tem por fim o estudo experimental e racional das ações e reações mútuas que as várias partes do sistema social exercem umas sôbre as outras, excluindo-se o movimento que as modifica. Fundadas no conhecimento de tais relações, as previsões sociológicas permitem conhecer quais as indicações relativas a cada modo de existência social, de forma idêntica ao que se observa em anatomia.

Todo elemento social é solidário com os demais. Serve tal doutrina de base ao estudo do *movimento social*, cujo conceito pressupõe a conservação do organismo correspondente. Além disso, supre, pelo menos temporàriamente, a observação direta que,

amíúde, não se aplica a certos fatores sociais. Avalia-se o estado dêles conforme as relações científicas com outros elementos conhecidos.

A história da ciência põe em relêvo a importância de tal contingente. Desfez-se, v. gr., a suposição de certos conhecimentos de astronomia dos egípcios, pelo cotejo do estado dessa ciência com o da geometria abstrata, ainda na infância naquela época. O estudo dos limites de variação constitue, pelo menos, tanto quanto em anatomia, o complemento de qualquer teoria de sociologia estática, onde o exame indireto seria errôneo.

Tôdas as ciências e artes guardam entre si relação tal que o estado de uma permite deduzir o das outras.

O desenvolvimento da humanidade prova o *consenso social* pela reação de tôda mudança especial. Em política, como em mecânica, a comunicação dos movimentos demonstra a existência de ligações. Verifica-se o mesmo quando, em vez de se encararem os fenômenos sociais de uma só nação, êstes se apreciam em diversas nações contemporâneas, embora o consenso, então, seja menos pronunciado.

O único caso essencial em que a solidariedade ainda é desconhecida diz respeito á organização social, cuja teoria é concebida fora do exame da civilização correspondente.

E' o defeito de escolas opostas, que discorrem abstratamente sôbre regime político sem levar em conta o estado correlato de civilização. Pelo geral, o seu tipo corresponde ao início da evolução humana.

Para ajuizar-se do êrro, preciso é remontar ao dogma teológico da degradação original do homem no qual se filia o desenvolvimento da civilização. Tal dogma, que tôdas as religiões repetem, e cuja preponderância se robusteceu no pendor do homem á admiração do passado, faz coincidir o aviltamento com a extensão civilizadora. Ao pas-

sar a filosofia do estado teológico ao metafísico, o dogma da degradação original transformou-se em hipótese equivalente, isto é, do estado da natureza superior ao social, do qual o homem se afasta cada vez mais pela expansão civilizadora.

O princípio da relação entre as instituições e o estado paralelo de civilização consiste na harmonia que se estabelece entre o conjunto e as partes do sistema social. As instituições políticas, de um lado, os costumes e conceitos, de outro, são sempre solidários. Relacionam-se ás condições correspondentes da evolução da humanidade, considerada na atividade intelectual, moral e física.

Menos assinalada nas épocas revolucionárias, essa harmonia ainda é apreciável; cessaria com a dissolução completa do organismo social. Pode considerar-se o regime político como sendo, sempre, correlativo ao estado de civilização, decorrendo as lacunas e desordens, em um, dos desarranjos equivalentes, no outro.

A teoria em vigor atribue ao legislador a faculdade de romper a harmonia social, contanto que possua autoridade suficiente; vale negar tôda solidariedade. Donde o conceito quimérico sôbre a origem do poder político, onde se toma o sintoma pela causa.

Todo poder é constituído pelo assentimento das vontades individuais, dispostas a concorrerem para a ação comum, da qual o poder é, a princípio, o órgão, e, mais tarde, o regulador. A autoridade decorre do concurso, e não êste daquela, salvo reação inevitável. O poder só pode resultar das disposições preponderantes na sociedade onde se estabelece, e, si não houver predomínio manifesto, será fraco.

Tal correlação é tanto mais irresistível, quanto mais extensa a sociedade. O conjunto do regime político exerce, por uma reação necessária, alta influência sôbre a civilização. Não se contesta êsse aspecto da questão, ao passo que o êrro comum consiste em colocar a reação secundária acima da ação principal. Uma e outra concorrem,

dentro da inter-dependência, para exibir o consenso do organismo social.

O ponto de vista relativo, dentro do qual o sistema social deve ser encarado, constitue o principal caráter de positividade. Devendo o regime político ser concebido consoante as relações com o estado de civilização, tal conceito apresenta tôda idéia de bem ou mal político como relativa e variável, sem que, porisso, seja arbitrária, porquanto a relação é sempre determinada. Tal filosofia poderia levar a perigoso otimismo, êrro, aliás, só possível em espíritos pouco científicos. Tôda inteligência, medianamente desenvolvida, jamais confundirá a noção científica da ordem espontânea com a apologia da ordem presente. Segundo o princípio das condições de existência, a filosofia positiva ensina que, nas relações dos fenômenos com o homem, estabelece-se espontâneamente certa ordem. Mostra que esta pode apresentar graves inconvenientes, capazes, todavia, de serem modificados por uma sábia intervenção. Quanto mais os fenômenos se complicam ao se especializarem, mais as imperfeições se multiplicam e agravam. Os fenômenos sociais são os mais desordenados, e, ao mesmo tempo, os mais modificáveis, o que, aliás, não é compensação.

A noção das leis naturais acarreta a idéia de ordem espontânea, ligada ao conceito de harmonia. Essa dedução não é mais absoluta do que o princípio de que resulta. Completando-a com o exame da complicação dos fenômenos, remata-se a concepção de semelhante ordem. Tal o espírito da filosofia positiva, nesse particular.

Só a hipótese de direção providencial, continuamente ativa na marcha dos acontecimentos, pode conduzir á idéia de execução perfeita. A concepção positiva resulta do dogma teológico, assim como o princípio das condições de existência decorre da hipótese das causas finais, e a noção das leis matemáticas brotou do misticismo metafísico sôbre a potência dos números. A analogia é idêntica em todos os

casos. Conexiona-se á tendência intelectual de conservar os meios de raciocínio, seja qual fôr a idade em que forem descobertos, adaptando-se a novos métodos de atividade, segundo certas transformações que lhes mantenham ou aumentem o valor.

A filosofia positiva indica a conformidade de cada regime político com a civilização paralela, conformidade esta necessária para que se possa estabelecer, e, sobretudo, conservar. Ensina que a ordem natural é, pelo geral, muito imperfeita em virtude da complicação extrema dos fenômenos. Em vez de rejeitar a intervenção humana, tal filosofia promove-lhe a aplicação ativa, reputando os fenômenos sociais como os que mais se devem e deixam modificar, consoante normas científicas.

Dois motivos levam a insistir sôbre a noção do consenso peculiar ao organismo social. Primeiro, tal conceito constitue a base da nova filosofia política. Segundo, é preciso preliminarmente caraterizar o espírito da sociologia estática. A concepção da harmonia social dá o fundamento teórico da ordem política, espiritual ou temporal. Induz a encarar a ordem artificial e deliberada como simples prolongamento da natural e involuntária, para a qual tendem sem cessar as diferentes sociedades.

Para ser eficaz, tôda instituição social deve repousar sôbre a análise das tendências espontâneas correspondentes, pois que só elas podem dar raizes sólidas á autoridade. Cumpre contemplar a ordem para aperfeiçoá-la, e não criá-la, o que seria impossível.

Do ponto de vista científico, a noção do consenso não é exclusiva ao estudo dos corpos vivos. Em todo sistema, há solidariedade. A própria astronomia oferece esbôço dêle: certos desarranjos de um astro provocam desordens em outro. O consenso aumenta á proporção que os fenômenos se tornam mais complexos e menos gerais. Nesse parti-

cular, os fenômenos químicos são intermédios entre os inorgânicos e orgânicos. A êstes, em essência, e por efeito de maior complexidade, é que se aplica melhor a noção de solidariedade e consenso.

O conceito de consenso social determina a modificação do método positivo, aplicado á sociologia. Uma vez que os fenômenos sociais são correlatos, ao estudá-los não os devemos separar. Deduz-se o dever de examiná-los, simultâneamente, em seus vários aspectos. Nenhum fenômeno social, apreciado por um meio qualquer, pode ser introduzido em ciência, quando encarado de modo isolado.

A dicotomia da ciência social resulta do desenvolvimento da ciência em geral e baseia-se em estudo de conjunto. Depois é que se irão pormenorizar os trabalhos para dada especialidade crescente. Leva-se em conta o exame dos elementos como enquadrados no sistema, cuja noção esclarece cada aspecto especial, salvo inevitáveis reações secundárias. O dever de observar semelhante marcha aumenta a dificuldade, por exigir contenção intelectual mais intensa e prolongada, afim de que não escape nenhuma das numerosas faces em relação ás quais cumpre investigar tais reações.

Manda um aforismo empírico que, em tôda matéria, se parta do simples para o composto ; é o método das ciências inorgânicas. Dentro da lógica bastaria, porém, o preceito de partir do conhecido para o desconhecido.

Dêsse modo, vai-se do composto para o simples, e vice-versa, conforme um é mais conhecido e acessível á investigação do que o outro. Neste particular, é grande a diferença entre a filosofia inorgânica e a orgânica. Na primeira, onde a solidariedade é pouco pronunciada, incumbe investigar o sistema cujos elementos são mais conhecidos do que o todo, e os únicos diretamente apreciáveis ; faz-se mistér proceder do caso mais simples para o composto.

No segundo, cujo objetivo é o homem ou a sociedade, a marcha oposta é a única racional, por ser o conjunto melhor conhecido do que as partes.

A concepção de animal é mais nítida que a de vegetal, e o é, progressivamente, á medida que se aproxima do homem, cuja noção constitue o ponto de partida de tais cogitações. Comparando a filosofia inorgânica á orgânica, vê-se que, naquela, é vedado o exame do grau mais alto de estruturação, nesta, o último de simplicidade. No mundo exterior, é o todo que escapa. A concepção do universo nunca se tornará positiva, sendo a noção do sistema solar a mais complexa que se possa conceber.

Em filosofia biológica, as minúcias ficam inacessíveis, pois os sêres se desenvolvem na razão direta da complexidade.

O método de ir do conjunto para as partes não prevalece só em sociologia, mas também em biologia. Aquela, porém, exige maior desenvolvimento dessa modificação lógica.

Figurou CONDORCET a hipótese de um único povo, em que se integrassem tôdas as modificações sociais. E' ficção menos distante da realidade do que se supõe. Do ponto de vista social, os sucessores dêsse ou daquele povo são os que lhe utilizam e continuam os esforços, prolongando-lhes o progresso, seja qual fôr o solo que habitem, e a raça da qual procedam.

O espírito da *sociologia dinâmica* consiste em conceber cada um dos estados sociais consecutivos, como resultado do precedente e propulsor do seguinte, dentro do axioma de LEIBNIZ: *o presente encerra o germe do futuro.*

A estática social estuda as leis de coexistência; a dinâmica as de sucessão. Esta proporciona á prática a doutrina do progresso, aquela, a da ordem.

O curso da vida humana permite perceber as modificações que sobrevenham no estado da socieda-

de, constituindo o movimento social a soma das suas mudanças sucessivas.

Na seqüência das modificações sociais, dos tempos mais remotos aos nossos dias, verifica-se uma ordem determinada. Sirva de exemplo a evolução intelectual, que concorreu mais do que outra qualquer para o progresso humano. A série dos trabalhos científicos, adverte COMTE, não foi arbitrária, senão que o avanço, em cada época e para cada geração, resultou do estado imediatamente anterior.

Os espíritos criadores são órgãos apenas dêsse movimento progressista. Hajam vista as importantes descobertas científicas, feitas contemporâneamente, de BOYLE e MARIOTTE, com a lei da pressão dos gases; de LEIBNIZ e NEWTON, com o cálculo infinitesimal; das leis de hereditariedade mendeliana, novamente enunciadas por CORRENS, DE VRIES e TSCHERMACK (1900), etc.

A *perfectibilidade humana* objetiva o aumento de felicidade nas várias fases de civilização, assim se entendendo a harmonia entre o desenvolvimento das faculdades do homem e as circunstâncias que dominam a sua existência.

Para os antigos, todos os fenômenos cósmicos eram movimentos periódicos com retôrno perpétuo ao seu princípio. Conforme ARISTÓTELES tudo é movimento cíclico... as idades humanas, os govêrnos, a terra quando floresce e frutifica. FONTENELLE não se iludia ao exclamar: "o coração humano é sempre o mesmo, só o espírito se aperfeiçoa; as paixões, virtudes e vícios não mudam, apenas os conhecimentos é que aumentam".

CONDORCET proclamava a sua fé inquebrantável na perfectibilidade indefinida do homem. CL. BERNARD, mais adstrito á realidade da vida, traçava um círculo de ferro ao progresso: "o objetivo da vida é a morte; o arquétipo biológico é o indivíduo

senil, que, após ter esgotado a fôrça vital, morre e se decompõe".

O conteúdo real da noção de aperfeiçoamento é a idéia de evolução contínua da natureza humana, vista em seus diversos aspectos, segundo uma constante harmonia com as leis evolutivas, e apreciando-se não um povo isolado, mas o conjunto da humanidade.

E' indiscutível o melhoramento do mundo ambiente, através da ciência e da arte, da maior suavidade nos costumes e melhor organização social.

A política positiva exibe o *princípio dos limites da ação política.* Todo estadista, com experiência de govêrno, está convencido de que a ação política sofre, por parte das influências sociais, uma limitação subordinada não só á modificabilidade do desenvolvimento pelo total das causas de variação, causa principal, mas também á ação voluntária e deliberada das combinações políticas.

Si a intervenção humana atuar em intensidade proporcional a outras causas de modificação, será mais decisiva e considerável em sociologia do que em biologia ou química. Donde o fundamento científico das esperanças no aperfeiçoamento sistemático da Humanidade.

As modificações só se referem á intensidade e ao modo de atuar dos fenômenos sem alterar-lhes a natureza e filiação. E' o caso biológico da doença ou desequilíbrio para mais ou menos nas funções assecuratórias da vitalidade orgânica; das neuroses e psico-neuroses em que o desvio da razão ou do sentimento é mera questão quantitativa e de desorientação da energia psíquica. Do ponto de vista dinâmico, a evolução da humanidade só pode ser modificada quanto á velocidade, sem inversão da ordem evolutiva, e sem saltar por cima de intermediário algum de importância. Não há superioridade intelectual

capaz de antecipar descobertas reservadas a futuro mais ou menos remoto. Os gênios mais eminentes têm mostrado que estão subordinados ao estado contemporâneo do saber. O mesmo condicionamento regula o progresso na moral e nas artes.

São três as fontes de *variação social:* raça, clima e ação política, cuja importância recíproca não pode ser precisada. Pràticamente, a derradeira é a que mais interessa por ser a única capaz de interferência humana. Não se atribua a certas operações políticas a eficácia de soluções que resulta tão só da conformidade com as tendências correspondentes. Emana de evolução espontânea, embora pouco aparente.

Em política, como em ciência, a oportunidade é condição de eficiência, seja qual fôr o mérito do super-homem a quem se confiar a direção dos negócios públicos. A intervenção política, como a do médico, só é benéfica quando consulte o estado orgânico e suas reações. A história apresenta exemplos de autoridade política prolongada, que não deixou vestígio por ser contrária ao movimento social contemporâneo, tal FELIPE II de Espanha. São igualmente dignos de reflexão os casos em que a ação política, sustentada pela autoridade poderosa, malogrou por ter introduzido melhoramentos prematuros, embora dentro da tendência social. Não incumbe ao político reger os fenômenos senão modificar-lhes o desenvolvimento, o que requer o conhecimento das suas leis. Um fato está explicado quando pode ser ligado, assim á situação presente, como ao movimento precedente. O entroncamento do fenômeno na evolução mostra o sentido que deve ser observado para evitar-se dissipação de energia.

INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA. — Recorre-se aos métodos da *observação, experimentação,* ao *comparativo, histórico, estatístico, monográfico* e *de inquérito.*

OBSERVAÇÃO. Para ser valiosa, deve ser dirigida

e interpretada pela teoria. E' essa subordinação que lhe confere caráter científico.

As observações, por conseguinte, deverão integrar-se em teorias que conexionem os fatos atuais aos conhecidos; só podem ser eficazes quando dirigidos pelo conhecimento esboçado dentro das leis da solidariedade social.

O espírito de síntese não é só indispensável para conceber e determinar as questões científicas mas também para dirigir e dar cunho racional á investigação. Cumpre objetivar as cogitações positivas sôbre as leis de solidariedade e de seriação dos fenômenos correspondentes.

Nenhum fato social, já foi dito, terá valor si não se articular entre o respectivo antecedente e subseqüente. Todo espírito preparado por uma educação conveniente, assegura COMTE, conseguirá converter, depois de exercícios suficientes, em indicações sociológicas, as impressões que recebe de quasi todos os acontecimentos da vida social.

EXPERIMENTAÇÃO. Tôda observação passa a ser experimental quando a seqüência normal dos fenômenos sofre determinada mudança. Os casos patológicos e movimentos revolucionários equivalem a experimentação biológica e social.

Os movimentos patológicos sociais não podem ser inteiramente utilizados, porquanto as leis do estado normal da sociedade ainda não são bem conhecidas. Todavia, tais casos não violam as leis do organismo social, pois só alteram o grau e intensidade dos fenômenos e não a sua natureza e relações. Ora, uma vez que as leis subsistem, em qualquer estado do organismo social, cabe concluir-se que, pela análise das desordens sociais, se chegue á teoria da existência normal. Segue-se a importância do estudo das massas revolucionárias.

MÉTODO COMPARATIVO. A separação profunda estabelecida pela filosofia teológica e metafísica entre o homem civilizado e primitivo, de um lado, e os animais, do outro, não permitiu o cotejo amplo

e necessário das sociedades humanas com as de animais, sobretudo dos mamíferos superiores, onde se encontram os rudimentos de solidariedade, (laços de familia, p. ex.), nem facultou tão pouco apreciar os vários graus evolutivos dos grupos sociais. No entanto, êste método permite confirmar, a um tempo, as leis da existência e do movimento social.

Baseia-se o método comparativo no princípio da identidade constante do desenvolvimento humano, embora tenha o inconveniente de não considerar a sucessão dos estados sociais, que representa como coexistentes.

Este método só terá valimento si a aplicação e os resultados forem encaminhados de acôrdo com o conceito evolutivo da humanidade.

Para aplicá-lo de modo científico, dentro do princípio da causalidade, é mistér fundamentar-se na proposição que, ao mesmo efeito, corresponde sempre a mesma causa.

MÉTODO HISTÓRICO. Parte do geral para o particular, permite diferençar a biologia da sociologia, e imprime-lhe caráter assim científico como lógico. Nenhuma explicação isolada, assevera o fundador da sociologia, terá valor si não repousar no conceito geral de evolução humana.

A comparação histórica das diversas fases de civilização deve referir-se sempre á totalidade do desenvolvimento social.

A preponderância dêste método expande o sentimento social pondo em relêvo a concatenação dos acontecimentos e recorda a influência que exerceram sôbre o advento gradual da civilização.

A tendência para considerar cooperadores aos homens de todos os tempos, só se observa nas ciências, e, isso mesmo, nas mais adiantadas. O método histórico dá-lhe desenvolvimento e cultua o respeito aos antepassados.

O espírito do método histórico consiste no uso das *séries sociais*, a saber, na apreciação dos diversos estados da humanidade que mostram, pelo conjunto

dos fatos, o aumento contínuo de tôda disposição física, intelectual, moral ou política, combinado ao decréscimo correspondente do pendor oposto.

Cumpre aplicá-lo primeiramente ao passado, procurando deduzir cada situação histórica bem conhecida do total das que a precederam. Só se aprende a predizer o futuro depois de haver, de algum modo, predito o passado. As máximas da maioria dos estadistas falham na prática por terem observado apenas o presente, e, quando muito, o passado próximo.

Na apreciação do momento atual, incide-se no risco de confundir fatos principais com secundários, de sobrepôr manifestações estrepitosas e efêmeras ás tendências fundamentais, em regra pouco brilhantes, e, por fim, de conferir ascendência ao poder ou instituições e doutrinas em declínio.

O cotejo do presente com o passado é o melhor meio de evitar tais inconvenientes, e a comparação só será decisiva quando abranger todo o passado. O êrro será tanto menor quanto mais distante do presente se houver sustado a análise.

O sociólogo deve evitar tomar o decréscimo contínuo como tendência á extinção total. Seja exemplo o homem civilizado cuja alimentação diminue cada vez mais, por efeito da preponderância do exercício intelectual e moral, á medida que se eleva o grau de civilização. Aquí, o concluir pela extinção total seria absurdo.

A importância da história, releva COMTE, exalta-se na sociologia, cuja diretriz está no conjunto das determinações históricas.

MÉTODO ESTATÍSTICO. Tem-se-lhe atribuído valor que não pode ser constante, por tratar-se de deduções cuja positividade depende da natureza científica dos dados sôbre que opéra. Para ELLWOOD, constitue uma fase do *survey*, sondagem ou levantamento, onde se procura medida exata dos movimentos e tendências sociais, por meio de tábuas e tabelas, enumeração e cotejo dos fatos coligidos pela

observação. O vício de interpretação é conseqüência das falhas ou precariedade da análise qualitativa, dos dados sôbre os quais procede a estatística. Em suma, é, como se depreende, uma análise quantitativa. - Põe em destaque a essência do método científico, mostra a interdependência dos diversos fatores, em dada situação, evidencia as relações de causa e efeito e supre as deficiências do método dedutivo. Muito elucida os fenômenos de *mobilidade social.* Assim designa SOROKIN a transição de um indivíduo, objeto ou valor social, tudo que é criado ou modificado pela atividade humana, de uma para outra posição social. Diz-se *horizontal* ou *vertical,* conforme a transição se faz, ou não, de um grupo para outro do mesmo nivel, distinguindo-se a mobilidade vertical em *ascendente* e *descendente.*

Ora, são precisamente as correntes horizontais e verticais, ascendentes e descendentes, quantitativamente apreciáveis pela estatística, que permitem avaliar o índice do progresso material de um país pela sua maior mobilidade vertical.

f) MÉTODO MONOGRÁFICO E DE INQUÉRITO. Corresponde ao *survey,* muito em voga na América do Norte, e consiste em estudos mais ou menos particularizados de condições locais. E' processo analítico cujo valor decorre da extensão das áreas a que se aplica, e do seu constante encadeamento na soma dos fatores que definem o problema geral.

DURKHEIM (E.), depois de COMTE, sistematizou as normas de investigação dos fenômenos sociais, distribuindo as regras da metodologia sociológica em cinco grupos.

I° grupo — OBSERVAÇÃO DOS FATOS SOCIAIS.

Ao pensar do eminente representante da moderna sociologia francesa, *fato social* é tôda maneira de proceder, fixada ou não, capaz de exercer sôbre o indivíduo constrangimento exterior, ou que,

geral na extensão de determinada sociedade, possua existência própria, independente das manifestações individuais.

Regra. *Considerar os fatos sociais como coisas*, isto é, objetivamente. E' a mais importante dêsse grupo, e compreende três corolários.

A) *Excluir sistemàticamente tôdas as prenoções* (conceito baconiano de noções vulgares, sem verificação científica).

B) *Só aceitar como objeto de pesquisa o grupo de fenômenos prèviamente definidos por certos caracteres que lhes são comuns, e incluir na mesma investigação todos os que respondam a essa definição.*

C) *Esforçar-se em considerar os fatos sociais pelo lado em que se apresentem isolados de manifestações individuais.*

IIº grupo — DISTINÇÃO LÓGICA ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO.

O fato social só se pode dizer normal para dada espécie social, e em relação a determinado período de desenvolvimento. Por conseguinte, para conhecer si lhe cabe tal denominação, não basta observar sob que forma se apresenta, no geral das sociedades pertencentes a essa espécie. Cumpre, outrossim, cuidadosamente considerar as espécies na fase correspondente de evolução. Como *espécies sociais* entendem-se os intermediários entre a multidão confusa das sociedades históricas, e o conceito único, mas ideal, de humanidade.

Regra 1.ª *O fato social é normal para determinado tipo social, apreciado em dado período de desenvolvimento, quando ocorra na média das sociedades dessa espécie, consideradas na fase correspondente de evolução.*

Regra 2.ª *Podem-se verificar os resultados do método precedente, mostrando que a generalidade do fenômeno se prende ás condições gerais da vida coletiva.*

Regra 3.ª *Tal verificação é necessária quando o fato se refira a espécie social que ainda não tenha ultimado a evolução integral.*

III° grupo — CONSTITUIÇÃO DOS TIPOS SOCIAIS. —PRINCÍPIO DE CLASSIFICAÇÃO. Começa-se por classificar as sociedades, consoante o grau de composição, tomando por base a sociedade perfeitamente simples ou de segmento único. Nessas classes, distinguem-se variedades e diferenças, conforme se dá, ou não, a fusão completa dos segmentos iniciais.

Por *sociedade simples* compreende-se tôda aquela que não encerra outras mais simples, e que, presentemente, não só se reduz a um único segmento, como também não apresenta vestígio algum de segmentação anterior.

IV° grupo — EXPLICAÇÃO DOS FATOS SOCIAIS. Em sociologia, como em biologia, o órgão independe da função, quer dizer, conserva-se o mesmo dentro de fins diversos.

Regra 1.ª *Quando se explica o fenômeno social, faz-se mistér pesquisar separadamente a causa eficiente, e a função que exerce.*

Regra 2.ª *A causa determinante do fato social deve ser inquirida entre os antecedentes, e não em estados de conciência individual.*

PROPOSIÇÃO COMPLEMENTAR. A função do fato social deve sempre ser investigada na relação que mantém com o fim social. A origem primeira de todo processo social de certa importância deve ser procurada na constituição do meio social interno, a saber, nos elementos de qualquer natureza que entrem na composição da sociedade.

V° grupo — EXIBIÇÃO DE PROVA.

Só há um meio de demonstrar que um fenômeno é causa de outro : comparar os casos em que são simultâneamente presentes ou ausentes, e investigar si as variações das diferentes combinações de circunstâncias provam a dependência de um para outro.

Regra. *Só se explica o fato social de certa complexidade, acompanhando o desenvolvimento integral das suas espécies sociais.*

BIBLIOGRAFIA

BLUMER (H.) : Book Reviews. *The American Journal of Sociology.* Chicago. Maio 1930. p. 1101 – 1111.

COMTE (A.) : Cours de Philosophie Positive. 4.°–6.° vol. Paris. 1839–1842.

CONDORCET: Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humain. Paris. Stenheil. nova ed. 1900.

COOLEY (C. H.) : Social Organisation. N. Y. Scribner. 1929.

DURKHEIM (E.) : Les Régles de la Méthode Sociologique. Paris. Alcan. nova ed. 1919.

ELLWOOD (CH.) : Methods in Sociology. Duke Univ. 1933.

FERRIÈRE (A.): La Loi du Progrès en Biologie et en Sociologie. Paris. Giard Brière. 1915.

GEE (WILSON) : (ed.) Research in the Social Sciences. N. Y. Macmillam. 1930.

LALANDE (A.) : La Psychologie, ses divers objets et ses méthodes. em "G. DUMAS": *Nouveau Traité de Psychologie.* 1.° v. Paris. Alcan. 1930.

LESER (WALTER P.) : Contribuição para o Estudo dos Métodos Estatísticos Aplicáveis á Medicina e Higiene. Tese Inaugural. Faculdade de Medicina de S. Paulo. 1933.

MIRANDA (PONTES DE): As leis Sociológicas e o Ensino de Direito. *Estado de S. Paulo. Conferência.* Agosto 1927.

ODUM and JOCHER : An Introduction to Social Research. N. Y. Holt. Co. 1929.

RIBOT (T.) : Psychologie, em *De la Méthode dans les Sciences.* 1.° v. Paris – Alcan. 1909.

RICE (STUART A.) : (ed.) : Methods in Social Science. Univ. Chicago Press. 1931.

RIGOLAGE (J. E.) : La Méthode Positive en Seize Leçons. Lição X. Paris. Vigot. 1917.

SALLES (ALBERTO): Sciência Politica. S. Paulo. Teixeira Irmão. 1891.

SOROKIN (P.) Contemporary Social Theories. Harper Brothers. N. Y. 1928.

CAPITULO V

INSTINTO

Instinto é o conjunto das tendências condicionadas a fatores inatos (RIVERS). Carateriza-se pela grande adaptabilidade ao meio, e distingue-se do impulso, que designa, em geral, pendor indesejável e nocivo á sociedade.

Para H. SPENCER, instinto é uma cadeia de reflexos. Tal o conceito dominante entre os biologistas modernos. Sejam exemplos os seguintes. — PARKER, da Harward Un., pensa que todo ato é, em parte, instintivo e, em parte, adquirido pelo hábito; raríssimos são aqueles que traduzem instinto puro. CONKLIN, de Princeton, define-o como cadeia mais ou menos complexa de reflexos, relacionados sempre, de algum modo, com o sistema nervoso. O elemento fundamental é o reflexo, isto é, a resposta automática subordinada á organização da matéria viva. CALKINS, da Colúmbia, vê, no instinto, uma série de reações protoplásmicas provocadas por estímulos externos, sem controle voluntário, ao passo que, no hábito, tais reações respondem a excitantes orgânicos, e estão sob o controle deliberado. Ao juizo de CANNON, da Harward, o instinto é conseqüência natural de certas emoções. O indivíduo encolerizado, que ataca, exemplifica a associação *instinto-emoção*. O próprio caráter não seria mais que um conjunto de reflexos, embora muito mais complexos. Segundo HEGNER, da Johns Hopkins, o instinto representa as respostas automáticas aos estímulos do meio e tem a herança como base física. A complexidade do tipo animal é

diretamente proporcional ao número dos instintos, mais simples nos protozoários. Assim se entendem aquelas atividades dos animais inferiores, não experimentadas anteriormente, e que os preparam para as conjunturas do futuro. HERRICK (C. J.), da Chicago Un., define os reflexos como respostas imediatas ao excitante e que, provàvelmente, na maioria, são padrões herdados; o instinto sucede a essa série de reflexos sem nítida linha divisória.

Era necessário insistir nesse ponto, para divergir de autores modernos (WHEELER, BERNARD, JOSEY, etc.), que, nos Estados-Unidos, impugnam o conceito de instinto. A verdade em biologia também o é em psicologia e sociologia. Podem-se, porém, considerar como sinônimos os vocábulos instinto e reflexo.

A controvérsia *instinto-hábito* reduz-se á suposta predominância dos fatores herança e meio. Cumpre conjugá-los e não exaltar um em prejuizo do outro. Excluindo-se do estudo da natureza humana o que tem ela de mais espontâneo e inato, como sejam as respostas automáticas aos estímulos do meio, tôda obra de reconstrução ou aperfeiçoamento social, que se não estear no instinto ou no hábito, tem de ser artificial, esboçada em apriorismo e, por isso mesmo, votada a reveses nos resultados práticos.

Não se entenda o instinto como unidade distinta e isolada do comportamento individual inato, senão como tendência orgânica, geral e total, que confere especificidade ás respostas provocadas pelo ambiente.

PAVLOV, após numerosas e minudentes experiências, verificou não existir diferença fundamental entre instinto e reflexo.

Dos reflexos de maior projeção social lembra PAVLOV o *do alvo* e o *da liberdade.*

O *reflexo do alvo* é o impulso á posse do

objeto que provoca o estímulo, a posse e o objeto entendidos em sentido amplo. Vive o homem a desejar coisas várias, mais ou menos nobres, de importância desigual, para cuja obtenção aplica desproporcionada energia: grande para as insignificantes, e pequena para as de vulto. Deve-se distinguir o ato em si, da significação do alvo, interessando só o efeito, porquanto o objetivo tem valor secundário.

A forma mais comum do reflexo do alvo é a *paixão de colecionar*, tendência para reünir as partes de um todo, que, no mais das vezes, é irrealizável. Tal desejo leva a criatura ao desvairo e a tôda sorte de sacrifícios. Exemplo depara-nos o avarento: coleciona dinheiro e morre no abandono, desconfôrto e menosprêzo, vítima do impulso irresistível. O verdadeiro colecionador é atraído pelo número seguinte da coleção, justamente como qualquer pessoa, depois de certo intervalo, o é pela refeição que se segue. PAVLOV explica o fato do modo abaixo. Escoa-se a existência em atingir certo alvo, salvaguarda do instinto vital, que compreende uma série de reflexos, na maioria motores-positivos, e dirigidos para as condições favoráveis da vida. Formam o *reflexo de preensão geral*, dirigido para todo objeto que tenha despertado a atenção. Opera-se a generalização do reflexo por duas maneiras: a) *irradiação do estímulo*, que parte de um dêsses instintos, ao atingir a excitação grande intensidade. Quando se tem muita fome, p. ex., mastiga-se qualquer coisa não comestível, para "enganar o estômago". b) *associação entre o objeto e o reflexo de preensão*. A afinidade entre o reflexo de alvo e a forma típica do colecionismo, de um lado, e o reflexo da nutrição, do outro, aspecto principal do de preensão, manifesta-se clara nos caractéres de ambos.

Neles, o traço principal é o pendor á posse do objeto que, uma vez obtido, produz calma e indiferença. Outro predicado é a *periodicidade*. Quando o fim é remoto e vultoso, procede-se por etapas, afim de criar o necessário ritmo, que provoca

economia de energia, e mais pronto acesso ao fim colimado.

O reflexo do alvo é básico da vida, que só será bela si obedecer a um fim atingível, embora nunca atingido, ou quando o indivíduo passe, com o mesmo ardor, de um objetivo para outro. O progresso e a cultura estão a êle condicionados, pois resultam ùnicamente dos homens que alimentam um ideal. Com efeito, tanto se podem colecionar coisas insignificantes, como grandes. Ao revés, a vida deixa de ter expressão quando cessa a sua finalidade.

O reflexo do alvo, como o de nutrição, não é imutável. Para tornar-se eficiente requer certa intensidade.

Para o anglo-saxônio, assinala PAVLOV, as condições ótimas de alcançar a meta estão nos obstáculos. Quer isso dizer - quanto mais intenso o aludido reflexo em função dos impedimentos, tanto maior a certeza de alcançar o escopo, sejam quais forem os óbices. Está visto que semelhante disposição de ânimo exclue a hipótese de malôgro. Depreende-se, por outro lado, o valor educativo do reflexo do alvo, hàbilmente aproveitado.

O *reflexo da liberdade* é reação geral dos animais, e o mais importante dos reflexos inatos porque, sem êle, o indivíduo, á menor dificuldade, modificaria totalmente o curso da vida. Ao lado dêle há o da *submissão*. KUPRINE, citado por PAVLOV, narra o caso do estudante que se suicidou por ter denunciado os colegas. Era vítima do complexo de submissão ou escravização, herdado da sua mãe, que vivera sempre da caridade pública.

* * *

ARISTÓTELES e COMTE, entre outros, puseram em evidência o papel social do instinto, chamando atenção para a necessidade de reformar-se a sociedade dentro da sua sublimação.

ELLWOOD menciona os seguintes conceitos errôneos que têm comprometido a significação real do ins-

tinto: *a*) suposição de que seja privativo dos animais inferiores, e imitável como nos insetos; *b*) opinião de que independa da ação do meio, quando sabido é que o estímulo ambiente provoca a resposta instintiva; *c*) exclusão da conciência no dirigir o instinto; ora, êle é fator modificável e, portanto, perfectível e educável; *d*) por fim, desconhecimento do seu surto gradual. O indivíduo não os apresenta todos e os que possue não são inteiramente desenvolvidos. O instinto é tendência peculiar á espécie, e a todos os homens. Daí, a sua significação primacial no prever o comportamento dos grupos humanos, sôbre êle se assentando a base das relações sociais.

MARSHALL distingue três instintos fundamentais assecuratórios: *a*) da vida individual; *b*) da vida da espécie; *c*) da vida coletiva. O instinto da vida individual abrangeria o *nutritivo* e o de *defesa pessoal;* o da vida da espécie, o *sexual* e o *parental* (materno e paterno), sendo o coletivo também nomeado *gregário.*

O instinto nutritivo oferece aspecto de grande importância no *aquisitivo* ou *de apropriação.* Nele se estriba a propriedade privada, e, da sua hipertrofia, verdadeiramente neoplásica, ressente-se o mundo contemporâneo. Para se verificar si é legítima a propriedade privada, aconselha RIVERS consultar a antropologia. Procedendo á observação em arquipélagos da Melanésia, verificou que, em alguns, de Salomão e das Novas Hébridas, p. ex., a terra é do domínio coletivo da tribu. Resta saber si o é por efeito do instinto gregário ou das tradições sociais e do exemplo, sendo que, no primeiro caso, será mais difícil erradicar o caráter profundamente individualista do nosso regime de propriedade.

No instinto de *defesa pessoal,* RIVERS enumera cinco reações, sendo passivas três dentre ellas: a) *fuga,* variante da tendência repulsiva a objetos nocivos; b) *agressão,* fase mais adiantada, na qual se juntam armas para defesa e ataque; c) *mano-*

bra, com que o homem normal exprime a adaptação exata dos sentidos e movimentos afim de subtrair-se a situações desfavoráveis. Assim, o motorista, para evitar acidente, deve conjugar atos e pensamentos em uma manobra ativa; d) *imobilidade*, na qual a pessoa concentra a energia, que é mínima, para enfrentar o adversário, e, assim, esquiva-se á destruição; e) *abatimento* ou desânimo, reação de defesa individual, de valor seletivo, que exclue os ineptos, incapazes de se precaverem, e reduz as probabilidades de malôgro.

A' fuga corresponde o sentimento de *mêdo;* á agressão, o de *cólera;* á manobra, o de *inemotividade;* ao abatimento, o de *terror*, e á imobilidade, o de *eliminação*. Esta dispensa a interferência de mecanismos antagônicos. Sirva de exemplo, na resposta dupla, a vida dos anfíbios, ou, na resposta sucessiva, a metamorfose dos insetos. A supressão nunca é total, e não se confundirá com a regressão, esfôrço voluntário para remover da conciência elementos obsediantes.

Si o instinto sexual leva á formação da família, o materno e o paterno consolidam o núcleo de organização social. Como prova de fortaleza do instinto parental, está o divórcio nos Estados-Unidos. Não obstante a relativa facilidade com que é sentenciado, a proporção de casais que se desquitam, com ou sem filhos, é de cêrca de um para cinco. Eloqüente demonstração de que, no lar, se exaltam os sentimentos de renúncia, e se calam ressentimentos em favor da prole.

O instinto de defesa pessoal, combativo ou belicoso, particulariza-se na emulação, em que se não aniquilam os adversários, cuja existência representa condição necessária da vitória e de sua constância. E' a sublimação instintiva altamente criadora em todos os ramos de atividade.

No instinto gregário esteiam-se a sociabilidade e

a vida em grupo, onde se multiplicam os atos de natureza cooperativa. Promove a urbanização, embora nesta avulte o fator econômico.

Denomina THORNDIKE *apopatéticos* aqueles instintos com que se responde a atitudes dos nossos semelhantes. Determinam variantes de comportamento, em função de três circunstâncias: presença de testemunhas, embora indiferentes, que modificam os nossos atos; alteração mais sensível si se estabelecem relações com elas; reação específica á aprovação ou censura alheia (WARREN).

A lealdade ao grupo cria o sentimento do patriotismo, cujos benefícios escusa encarecer, quando exaltado em justa medida.

Ao comparar-se a reação-estímulo dos animais e crianças com a de adultos, ressalta a ausência de proporcionalidade. Com efeito, respondem aqueles a todo excitante, com resposta máxima. Obedecem á lei fisiológica do "tudo ou nada". RIVERS distingue, dêsse ponto de vista, dois tipos de instintos: *protopático* e *epicrítico*. No primeiro, não há proporção entre o estímulo e a resposta; no segundo, esta é graduada.

Existem diferenças sexuais no instinto. O homem é mais catabólico, dispersivo de energia. A mulher, anabólica, conservadora, fundamentalmente movida pelo instinto e emoção, ainda que possua cultura idêntica á masculina. Com isso, acentua ELLWOOD, mostra-se socialmente mais adaptável, e, por conseguinte, de tipo social superior, mais em contacto com a realidade e em harmonia com o substrato bio-psicológico da natureza humana.

A mulher, opina COMTE, é menos aparelhada para a continuidade de intenso trabalho mental, cabendo-lhe, em virtude de maior sensibilidade moral e física, moderar a ação fria e rude da razão masculina.

* * *

Para os psicanalistas, os instintos são fontes de energia canalizáveis, conforme dadas condições in-

ternas e externas. Todo desenvolvimento mental, lembra FLÜGEL, pode ser considerado como uma série de mobilizações da energia instintiva, correspondendo certas fases do comportamento a manifestações da mesma energia.

FREUD reconhece o instinto sexual, a que chamou *eros* (libído, força vital), como verdadeiro instinto da vida, e preexistente á diferenciação sexual da matéria viva. *Eros* mantém unidos os elementos celulares que, ao diferenciarem-se, distribuem o trabalho assecuratório da vida do complexo orgânico ou seja do indivíduo, que não é divisível. Dessa forma, o sábio vienense substituíu o seu primeiro dualismo do instinto sexual e do *Eu* por outro — *instinto da vida e da morte.*

Quando o indivíduo percorreu certo trecho da vida em direção á morte (estado inorgânico), destaca-se, em determinadas circunstâncias, uma sua parte, constituída de plasma germinal, onde se concentrou o instinto da vida. Recomeça o caminho e, no momento adeqüado, gera um novo ser, perpetuando, dêsse modo, o ciclo da luta titânica entre a tendência de morrer e a de viver (WEISS).

Compreende-se por *introjeção* o fenômeno pelo qual o instinto, em vez de voltar-se para o objeto exterior (projeção), reflete-se sôbre a própria pessoa. Dessa maneira, o instinto agressivo para outra pessoa pode tornar-se auto-agressivo. Podem-se distinguir quatro combinações ; *a*) o *eros* reflete-se sôbre a própria pessoa: é a *libído narcisista; b*) o *eros* reflete-se sôbre objetos do mundo exterior, e é o amor a outrem ; *c*) o instinto da morte introjeta-se, e arrasta ao suicídio; *d*) o instinto extroverte-se e agride (WEISS).

O conceito de *narcisismo* foi introduzido por P. NAEKE, em 1899. Bem patente é no amor parental, em que os pais revivem nos filhos o passado, e neles depositam tôdas as esperanças, almejando que alcancem aquilo a que renunciaram.

Tôda pessoa, insiste WEISS, tende inconscientemente a tornar-se semelhante áquela cujos predicados deseja possuir. Por efeito de identificação com a que se ama ou, melhor, para que o indivíduo nela se introjete, parte da libído nesta se reflete, e volta ao *Eu*. Nesse caso, ama em outrem a si próprio: é o narcisismo secundário.

Admitida a doutrina psicanalítica, surge novo conceito que não é o de ambivalência, mas de fusão da libído com a energia destrutiva. Aquele que, ao mesmo tempo, ama e odeia, vive em ambivalência, inibidora de uma das componentes.

Não é raro topar-se o indivíduo afável com os de fóra, ríspido e intratável com os de casa. Reage ambivalentemente á diversidade do meio.

O neurótico compulsivo, observa WEISS, dominado por forte ambivalência, tem, por vezes, que defender o objeto do seu afeto contra a própria agressividade. Tal fenômeno não se verifica quando a libído vem de mistura com o instinto de agressão, pois anula os efeitos destrutivos.

Para FREUD, portanto, instinto é a tendência de todo organismo vivo para reproduzir e restabelecer o estado anterior ao qual teve de renunciar, sob influência de fôrças perturbadoras externas.

Filía-se na evolução orgânica da terra e em suas relações com o sol. Tudo que vive reverte ao estado inorgânico, morre por efeito de causas internas; logo, é a morte o fim para o qual tendem todos.

Há oposição nítida entre os instintos sexuais, de vida, – o *Eros*, e os instintos do *Eu* ou da morte. Com efeito, aquele mira a perpetuacão da vida, ao passo que êste é regressivo e representado pelo sadismo.

A hipótese freudiana da tendência regressiva dos instintos seria como que o aspecto dinâmico da teoria morfológica de WEISMANN, que distingue o *plasma germinativo*, imortal, do *soma*, parte perecedora do organismo.

São freqüentes os passos, na obra comtiana, em que se destaca a necessidade da sublimação social dos instintos.

As afeições sociais são inferiores ás pessoais, em perseverança e energia. Depende a felicidade comum da satisfação das primeiras, pois, só depois de terem criado o estado social, podem mantê-lo, a despeito da divergência com os instintos individuais.

O conceito de interêsse geral não seria compreensível sem o particular, resultando aquele do que êste tem de comum nos diversos indivíduos. Si fôra possível suprimir a preponderância dos instintos pessoais, a natureza moral, em vez de melhorada, seria destruída.

Quanto mais benevolente, tanto mais inteligente o indivíduo. O desenvolvimento intelectual corresponde, no que respeita á conduta, a acrécimo de benevolência, quer ampliando o domínio humano sôbre as paixões, quer tornando mais vivo o sentimento das reações provocadas pelos vários contactos sociais.

Em verdade, a inteligência realmente superior só se desenvolve em fundo de benevolência, único capaz de proporcionar alvo alevantado ao impulso. Sòmente as faculdades afetivas são profundamente ativas e a sua predominância fixa a direção e fim do estado social. Os pendores sociais são, simultâneamente, os únicos adequados para produzir e manter a felicidade pessoal. Não obstante, argumenta COMTE, o homem é dominado pelo conjunto dos instintos pessoais. Êsse antagonismo explica a luta entre o espírito de conservação e o de progresso. Inspira-se aquele nos instintos pessoais, e êste, na combinação da atividade intelectual com os sociais.

Os instintos pessoais dominam os sociais. Porisso, a vida familiar deve ser a escola da vida coletiva e servir de modêlo a esta, e não a recíproca. Estabelece a primeira idéia de perpetuidade ligando o futuro ao passado.

Representa a família o melhor preparo para a vida social, porque a concentração dos sentimentos é tão necessária quanto a generalização do pensamento. Até os mais eminentes homens, quando conseguem sublimar os instintos em prol da espécie ou sociedade, são a tanto levados, amiüde, por decepções de ordem doméstica.

A vida individual carateriza-se pela preponderância dos instintos pessoais ; a doméstica, pelo surto da simpatia, e a social, pela supremacia do intelecto. Cada um dêsses graus de existência prepara o seguinte, donde, para COMTE, a coordenação da moral, a princípio, pessoal, depois, doméstica, e por fim, social.

Cumpre insistir : a ordem social deve repousar sôbre os instintos, naturalmente sublimados e controlados. Sem dúvida, a perfectibilidade humana está na aquisição do método e dos preceitos que permitem alcançar a verdade. A educação não atribue aos indivíduos faculdades que não possuam ou não possam desenvolver, por motivo de herança ou de meio, senão que mostra a cada cidadão, através de atuação precoce e sistemática, os aspectos vulneráveis da sua estruturação psíquica, e os recursos mais adequados para reprimí-los e nobilitá-los.

BIBLIOGRAFIA

BANCELS (LARGUIER DES) : Les Tendances Instinctives, em G. DUMAS: *Nouveau Traité de Psychologie.* tomo II. Paris. Alcan. 1932

BERGSON (H.): Evolution Créatice. Paris. Alcan. 1907.

BOHN (G.) : La Naissance de l'Intelligence. Paris. Flammarion. 1914.

CECIL (LORD H.) : Natural Instinct – The Basis of Social Institutions. Oxford U. P. 1926.

DUMAS (G.): L'Expression des Emotions, em *Nouveau Traité de Psychologie.* v. III. Paris. Alcan.

FREUD (S.) : Au delà du Principe du Plaisir, em *Essais de Psychanalyse.* Paris. Payot. 1927.

GINSBERG (M.): The Psychology of Society. Londres. Methuen. 1928.

HACHET - SOUPLET: La Génèse des Instincts. Paris. Flamarion. 1912.

JONES (E.): Essays applied in Psycho-Analysis. Londres. Hogarth Press. 1923.

JOSEY: (C. C.) The Social Philosophy of Instinct. N. Y. cribner. 1922.

KRETSCHMER (E): Psychologie Médicale. Paris. Payot. 1927.

PAULHAN (FR.) : Les Transformations Sociales des Sentiments. Paris. Flammarion. 1920.

PAVLOV (I. P.) : Les Réflexes Conditionels. Paris. Alcan. 1927.

I VERS (W. H. R.) : L'Instinct et l'Inconscient. ed. fr. Alcan – 1926.

SKINNER (C. E.): The Status of Instinct. *Journal Educational Sociology*. maio 1933.
TROTTER (W.): Instincts of the Herd in Peace and War. Londres Benn. 1930.
WARREN (H. C.): Précis de Psychologie, Paris. Riviére. 1923
WALLAS (G.): Human Nature in Politics. Constable. Londres. 1924.
WEISS. (E. D.) Psico-analisi. Milão. Hoepli. 1933.

CAPITULO VI

INSTINTO AGRESSIVO

De todos os instintos é o agressivo, talvez, o menos controlado assim entre povos como indivíduos. A história mostra que a luta é imanente á vida social, variando tão só a ordem dos combatentes, que se dispõem consoante interêsses econômicos e políticos. Do começo do século passado a esta parte, vê-se, ora, a Inglaterra e Alemanha contra a França, ora, esta e a primeira contra a Alemanha, objetivando cada qual destruir o poder militar da nação que lhes ameace a soberania. Dessa ambivalência podem-se prever futuras coalisões defensivas contra as potências havidas por mais fortes.

A guerra tem sido necessidade cíclica, meio singular de restabelecer, temporàriamente, o equilíbrio político internacional. De 1496 A. C. a 1861, isto é, em 3.357 anos, contou NOVIKOV 227 anos de paz e 3.130 de guerra, ou seja um de paz para 13 de luta. Do ano 1500 A.C. a 1860, fizeram-se 8.000 tratados de paz, no pressuposto de vigorarem *ad perpetuum*, mas que só foram válidos, em média, durante dois anos.

O período inter-bélico não excede uma ou duas gerações, cêrca de 50 anos. E' o prazo necessário para delir da memória os horrores da luta armada, e para que a tensão internacional reatinja o seu máximo.

Dos três fatores que explicam a guerra — *psicológico*, *político* e *econômico*, é o primeiro o mais importante.

Psicològicamente, invocam-se o *mêdo*, o *instinto gregário* e o *sadismo* como fatores etiológicos da guerra.

O *mêdo* é causa importantíssima. Entre as nações e indivíduos, como entre os animais, há respeito mútuo sempre que se sentem igualmente fortes.

E' o mêdo proteiforme nas manifestações. Assim, o receio da agressão corporal leva ao desejo de liberdade; o do desconhecido, á antipatia pela raça não convenientemente integrada; o da fome ao temor que venham a faltar os meios de subsistência.

Quanto braço assassino tangido tão só pelo mêdo! O terror, nos regimes revolucionários, oferece documentação sinistra neste particular. Na vida diária é banal o receio de insetos e outros pequenos animais, que só se remove com a morte dos intrusos.

O mêdo explica o silêncio com que pessoas dignas transigem com imposições criminosas da alma coletiva. Haja vista a Convenção, em que todos votavam com a Montanha, embora esta constituisse o terço dos seus membros. Disse-o LE BON: "Em revolução, os tímidos são tão perigosos quanto os violentos ou fanáticos, porque a fôrça dêstes apoia-se na fraqueza daqueles".

Concorre ainda na gênese dos conflitos o chamado *instinto gregário*. A guerra é um fenômeno universal, que só não conhecem os esquimaus e habitantes da Gronelândia, cuja população diminuta fica inteiramente absorta na aspérrima luta pela vida. O alimento e o vestuário só são possíveis mediante colaboração imperiosa.

GLOVER (E.), de Londres, em seu livro "*War, Sadism and Pacifism*", lembra que país algum despende um ceitil, siquer, com o estudo dos fenômenos psicológicos que motivam a guerra. São êsses representados pelas fôrças inconcientes do *sadismo*, nas quais se inclue a sêde de mando, com as modalidades de inibição, desvio e disfarce.

Tècnicamente, restringe-se o sadismo ao impulso agressivo, conciente ou inconciente, associado

ao amor, o que explica o mecanismo da agressão física, da humilhação, etc.

O indivíduo desconhece a presença dêsse poderoso impulso por mantê-lo represado. Ao ver do psicanalista inglês, importa não só subtração de energia inconciente sobrecarregada, mas também reforço de energia em todo circuito de idéias que isole a zona perigosa. E', pois, fuga ao perigo, auto-decepção desconhecida do *Eu*. A repressão gera a mentira e só se justifica pelo êxito, sendo arriscada quando incompleta.

A repressão deficiente, além de desorientar o sadismo primitivo, provoca o ódio desarrazoado dos neuróticos. E que soma de angústia não se despendeu antes de surgir o sintoma mórbido !

Nas diversas fobias, o mêdo exagerado desloca-se da idéia ou situação desconhecida para outra conhecida. Antes que se verifique a descarga emotiva de origem ignorada, o paciente, amável em outras circunstâncias, desenvolve não só intensa hostilidade e desagrado, como se apressa em dirigir a agressividade a objetos mais acessíveis á projeção. A angústia nutre o ódio, êste promove aquela, e ambos convergem para a destruição.

Tal é também a lição da psicologia comparada. Pequenos animais, normalmente tímidos, ao verem-se perseguidos e acuados, sem esperança de se evadirem, agridem e atacam. Do mesmo modo, a criança amedrontada torna-se ansiosa. O ódio revela assim tendências agressivas que subtraem o indivíduo ao estado de angústia. Como o animal, a criança é premida pelo inimigo implacável, que é a tensão incomportável dos impulsos primitivos.

A frustração dos impulsos ocasionou a angústia oposta á paz de espírito. Compreende-se que, alcançado o limiar, a criança proceda como animal acossado, e só veja saída na agressão e no ataque.

O inimigo instintivo é interno e desconhecido. Para as crianças, é representado pelo mundo exterior; porisso, atacam, isto é, transferem, e recorrem á

projeção. Ora, esta nada mais é senão deslocamento psíquico, tentativa de transformar o estímulo interno (psíquico) em externo (realidade), e o inimigo, de interno em externo. Na fase adulta, o mecanismo de projeção é muito danoso para a civilização, e, não obstante, é de grande vigor na maioria das relações sociais.

Prosseguindo em considerações sôbre o assunto, lembra o autor a analogia entre os folguedos belicosos das crianças e as guerras internacionais, interpondo-se entre elas as tribais, das raças primitivas. Demonstram tais fenômenos que, no desenvolvimento humano, a projeção intervém decisiva na declaração do estado de guerra. O selvagem povoa o mundo exterior de espíritos maus, isto é, projeta os impulsos primitivos que tem dificuldade em dominar, e supõe-se sempre ameaçado por êles. Igualmente a criança. Sôbre ser imposição econômica, a guerra é derivativo, válvula de escapamento dos instintos que, insatisfeitos, representam forte potencial de desintegração da família ou tribu. E', por conseguinte, modalidade de adaptação biológica.

No caso de meninos, ocorre, segundo GLOVER, uma forma final, quasi exclusiva na projeção de hostilidade. Resulta da rivalidade excessiva com outros membros masculinos da família (pai, irmãos). O jovem procura estabelecer laços afetivos com êsses membros ou seus substitutos mais próximos.

Na sociedade adulta, portanto, a estabilidade do grupo masculino dependerá em essência, da homossexualidade sublimada (amizade, etc.), e da aptidão de projetar a agressividade sôbre indivíduos masculinos de menor representação. Trata-se de um mixto muito instável ou incompatível. No estado de guerra, proporciona-se desafôgo á hostilidade contra os indivíduos do sexo masculino (inimigos, invasores), e estabelece-se poderoso refôrço dos laços de estima entre os homens do mesmo país. Nada consolida melhor a amizade entre os indivíduos do

que aquilo que denominam uma boa guerra. Os pacifistas, que encaram o nacionalismo como causa principal de guerra, não devem desprezar tais fatores sexuais, básicos para o sentimento nacionalista. (GLOVER).

O verdadeiro nacionalismo promove a cooperação da pátria na concórdia universal dos povos.

Muitos protestam contra a guerra. Com efeito, o sentimento que os move é nobilíssimo, mas não objetiva a respectiva etiologia. Os homens só extinguirão a guerra socializando e sublimando os instintos egoistas: tal o objetivo magno, que só se obterá na educação pacifista, em especial das crianças.

Dificilmente se erradicam de vez os pendores maus. A psicanálise mostra que a parte mais profunda dos homens é feita de tendências elementares, idênticas em todos êles. São bons ou maus, conforme as relações que estabelecem com as necessidades do grupo, designando-se de perversos aqueles que a sociedade reprova.

Antes de atingirem a fase adulta, os pendores passam por longa evolução. Sofrem inibição, orientam-se de vária maneira, fundem-se, mudam de objetivo e podem tornar-se antagônicos na mesma pessoa. Surgem, com freqüência, aos pares – egoismo-altruismo, ou crueldade-compaixão. – Daí, a ambivalência afetiva que acarreta a coexistência de sentimentos opostos. Porisso, vêem-se indivíduos, amigos ontem, hoje inimigos, com sentimentos que se invertem ao sabor de instintos primários e descontrolados. Muito raro, assinala FREUD, o homem é totalmente mau ou bom. Por via de regra, é bom sob certos aspectos, e mau sob outros. Sendo a reação sentimental altamente evolutiva, compreende-se que a pessoa, sádica em criança, se torne adulto filantropo.

Transformam-se os pendores mediante dois fatores: a) *interno*, que, sob a forma de libído (amor

no mais amplo conceito), socializa os instintos reprováveis ; b) *externo*, resultante da educação e do meio.

Na adaptação á vida social, distingue-se o que é inato do que é adquirido. São muito diferentes as relações e a interdependência com os pendores que não sofreram a transformação libido-social. Em regra, a pessoa é otimista no que respeita ao comportamento humano, ou porque dê maior relêvo ao que é inato, isto é, tendência á civilização, relativamente ao que permaneceu primitivo na vida instintiva, ou por não perceber os impulsos do próximo. Julga-se aos outros pelos atos que praticam, filiados em motivos participantes da vida instintiva. Muitas vezes, tal conclusão é falsa. A mesma ação, boa, sob certo aspecto, pode ser ditada, ou não, por motivo nobre. Do ponto de vista ético, boa é aquela que revela pendor louvável. A sociedade, entretanto, desinteressa-se de tal correlação, limitando-se a reclamar do comportamento que responda ás exigências da civilização, independentemente dos respectivos motivos. Acresce a circunstância de que nem sempre a educação e a ambiência conseguem altruizar tendências egoísticas. O conhecimento superficial dos indivíduos não permite apurar si procedem bem, levados pelo impulso, ou porque os atos que praticam não consultem objetivos egoísticos. E' que o otimismo, salienta FREUD, induz a exagerar-se o número daqueles cujos pendores sofreram transformação social.

Habituam-se os indivíduos a se conformar com as imposições da vida coletiva, sem que o respectivo temperamento intervenha nessa subordinação. A diferença entre a conduta imposta e as disposições instintivas da pessoa aumenta com a repressão progressiva que deverão sofrer, manifestando-se a tensão resultante pelos mais extravagantes fenômenos de reação e compensação.

Assim, no terreno da sexualidade, avultam as neuroses. Em outros, os desequilíbrios, si não chegam

a criar estados francamente patológicos, deformam o carater, estando os instintos inibidos á cata constante de satisfação. Todos os que reagem de contínuo, submetendo-se a regras e preceitos não conexionados com os pendores íntimos, psicològicamente falando, vivem acima dos seus recursos, em regime de hipocrisia de que não têm conciência. Deduz-se que, talvez, seja útil uma pequena dose de hipocrisia, porquanto é mínimo o número daqueles em que o pendor á vida civilizada se tornou qualidade orgânica. Com o tempo, melhoram as condições, e é maior a transformação social dos impulsos.

Para o fundador da psicanálise, não cabem grandes decepções no que se refere á recente guerra européia. Atribuiu-se aos povos em luta um estado de civilização que, em verdade, não tinham alcançado; por conseguinte, não se despenharam de grande altura, que não a haviam atingido.

Afigurou-se a alguns que a raça negra seria mais sanguinária do que a branca. Citam-se crueldades no Daomé, em que meninos de sete a oito anos, que mal suportam o pêso da espada, se adestram na degola de prisioneiros. Parece, entretanto, que o reparo não procede, pois a guerra européia exibiu ferocidade a que não escaparam velhos nem mulheres.

E' de marcado valor o fato que tôda fase de desenvolvimento anterior subsiste e conserva-se paralela á que lhe deu origem. A sucessão implica a coexistência, embora sejam idênticos os materiais que serviram á série de modificações.

Em certo momento, contudo, o estado psíquico anterior, cuja latência, ás vezes, se prolonga por muitos anos, concretiza e, até, unifica as fôrças psíquicas, como si as fases ulteriores houvessem desaparecido.

Essa extraordinária plasticidade não pode exteriorizar-se em tôdas as direções da psicogênese. Traduz a capacidade especial de repressão, porquanto, não raro, a fase evolutiva subseqüente

e mais elevada, quando abandonada, não mais se pode filiar. Ao revés, os estados primitivos são capazes de reincidência e evocação, porque o primitivo, na vida psíquica, consoante FREUD, é imperecível.

As desordens psíquicas exprimem o retôrno, transitório ou duradoiro, a estados anteriores da vida afetiva.

Incidem em lapso os que consideram a inteligência isolada da vida afetiva, porquanto ela lhe é condicionada, e o cérebro só trabalha quando não esteja submetido a estados emotivos muito intensos. Por mais inteligentes que sejam, os homens imbecilizam-se quando as idéias se chocam de encontro a resistências sentimentais, reduzindo o intelecto a instrumento da vontade. Suprimidas estas, a razão readquire a soberania. A cegueira lógica na guerra é fenômeno secundário interpretado como efeito da excitação afetiva ; esta só se apaga com a supressão das causas que a determinaram.

E' o instinto de agressividade que impede as nações de restringirem a natalidade ás suas possibilidades econômicas e educativas, vivendo as potências obsedadas com o aumento da eficiência militar.

Oferece o instinto agressivo aspectos curiosos que não podem aquí ser devidamente apreciados. E' para lembrar-se, porém, que o canibalismo e a guerra representam graus do mesmo instinto. No primeiro, recrudesce a agressão ao gênero humano; no segundo, o objetivo final é o saque pela posse de alimentos, mulheres ou crianças, conquista de territórios ou hegemonia política. (ELLWOOD). O canibalismo seria usual em países tropicais, onde escasseia a carne. Nem sempre exprime fome, senão o desejo inconciente de incorporar as qualidades invejáveis da vítima, como se exemplifica no sacrifício de prisioneiros de guerra.

Vezes há em que a ferocidade dos combatentes não demonstra a crueza do instinto agressivo. Aí estão os caçadores de cabeças, de Bornéu, que não

degolam com a preocupação única de exterminar o inimigo. Tais troféus têm lugar de honra na moradia dêles: dirigem-lhes preces e oblações. Acreditam que o costume seja propiciatório de bênçãos e favores de tôda a sorte. O adversário, cuja cabeça se guarda como relíquia, passa a ser amigo e protetor.

BIBLIOGRAFIA

BOVET (P.): El Instinto Luchador. ed. esp. Madrid. F. Beltran.
DAVIE (M. R.): La Guerre dans les Sociétés Primitives. Edition française – Paris – Payot – 1931.
FREUD (S.): La Déception de la Guerre, em *Essais de Psychanalyse*. Paris. Payot. 1927.
GLOVER (ED.): War, Sadism and Pacifism. Londres. A.: Unwin. 1933.

CAPITULO VII

HÁBITO

Hábito é o comportamento repetido não determinado pela hereditariedade (MURPHY). Segundo o fundador do Positivismo, é uma das principais bases de perfectibilidade dos animais e, principalmente, do homem.

Apresenta-se, para L. DUMONT, como fato universal — atributo da fôrça, do ponto de vista mais geral. Não se restringe á animalidade, estendendo-se ao mundo inorgânico. Assim, a roupa nova assenta melhor depois de usada algumas vezes, porque espôsa melhor a forma do corpo: houve mudança no tecido, isto é, no hábito de coesão. A fechadura joga melhor depois de algum tempo; no comêço, foi preciso maior fôrça para vencer as asperezas do mecanismo, sendo tal supressão de resistência fenômeno de hábito. Os sons do violino melhoram nas mãos de artista hábil, porquanto as fibras de madeira adquirem hábitos de vibração cada vez mais conformes com as relações harmônicas.

Ao sentir do referido autor, a coesão é efeito do hábito. E' o equilíbrio que resulta de miríades de movimentos elementares. A continuidade atômica é constantemente interrompida, mas renovada. Avalia-se o grau de coesão pela soma de fôrça precisa para romper tal equilíbrio. Na composição química, os componentes perdem calor, a saber, movimento.

Para dissociar-se um composto, preciso é submetê-lo a temperatura tanto mais alta quanto mais calor perdeu ao se formar. PERSON, há 50 anos, demonstrou que, para partir-se um corpo sólido, quer

dizer, romper-lhe a coesão, cumpre empregar uma soma de fôrça mecânica ou de trabalho, equivalente mais ou menos á quantidade de calor necessária para fundir tais elementos. Em todos êsses fatos, o hábito ocorre sob a forma mais simples.

Não se confunda *adaptação* com hábito. Aquela é fenômeno, êste estado. RAVAISSON conceituava: hábito é mais que estado ou tendência – é virtude. Com efeito, a princípio, é esfôrço e fadiga, e só, depois, pela prática, se torna atraente e aprazível: passa, então, a desejo. Aí está o segrêdo da educação – arte de atrair ao bem pela ação, e de nela fixar a tendência.

Todo comportamento é produto de herança e aprendizagem. Portanto, a distinção entre instinto e hábito é relativa. Até nos protozoários se encontra leve capacidade para adquirir hábito.

Os animais privados dos hemisférios cerebrais pouquissímo aprendem. O cérebro deve, pois, ser tido como centro de formação das novas conexões entre estímulos e respostas.

Em meado do século passado, destacou-se a significação do instinto, por efeito da teoria da evolução. Seguiram-se os estudos de GALTON sôbre as diferenças individuais de inteligência, aparentemente inatas. Hoje, a psicologia tem raizes mais fundas na biologia do que nas ciências sociais, e, por conseguinte, põe de manifesto as variantes herdadas. (MURPHY).

Como se sabe, o recém-nascido humano surge com uma série de reflexos fundamentais para a futura aprendizagem. Em contraste com os animais inferiores, não tem os padrões de estímulo-resposta prontos e engatilhados. E' incapaz, e só vinga graças aos cuidados que recebe. Ora, é precisamente essa dependência e o prolongamento do período de infância que explicam a sua futura superioridade intelectual sôbre os outros animais.

Tal fase de relativa quiescência mental, assinala FISKE (1909), é condicionada á maior in-

teligência. Com efeito, á proporção que a vida mental se torna mais complexa e variada, e o que se deve aprender avulta sem cessar, quanto menos se atuar antes do nascimento, tanto mais se terá de fazer depois, nos primeiros anos de vida. Em vez, portanto, de vir ao mundo com alguns reflexos bem organizados, nasce o homem tão só com o potencial de muitos, que irá, sucessivamente, executando com êxito. Graças á infância protelada, o rebento da nossa espécie passa de animal mais elevado á categoria de homem, a saber, de criatura com relações sociais definidas, e com plasticidade específica na diferenciação zoológica.

Além dos reflexos básicos (fome, sêde, sexo, zonas sensoriais, cólera, mêdo, etc.), há outros, que, mais tarde, se correlatam com os fenomênos de maturação e aprendizagem. Sôbre êsses impulsos ou instintos primários emergem outros, secundários e terciários. Denominam-se organizações fundamentais de reação, e constituem fases permanentes de personalidade, e, rigorosamente falando, não são instintos ou reflexos prevalecentes. Constituem os hábitos básicos ou fundamentais. (K. YOUNG).

Para a psicologia social, os dois princípios fundamentais da aquisição de hábitos ou, seja, da aprendizagem, são as respostas condicionadas e a integração destas em padrões mais amplos.

A diferença entre o reflexo *simples* — salivação, deglutição, etc. — e o *condicionado*, estaria em que o primeiro se acha interposto entre os centros cerebrais inferiores e a medula, e o segundo depende do córtex do cérebro anterior.

A noção de resposta ou reflexo condicionado deve-se á escola russa de WLADIMIR BECHTEREW e IVAN PETROVITCH PAVLOV.

W. BECHTEREW (1857–1927) era neurologista. Desde 1880, consagrara-se ao estudo da anatomia e fisiologia do sistema nervoso, reflexos e moléstias nervosas e mentais. Denominava associado ao que PAVLOV chamava condicionado.

Estudava BECHTEREW de preferência os reflexos motores ; PAVLOV, os glandulares ou secretores.

Veja-se um exemplo caraterístico do reflexo associado de BECHTEREW. Aplicando-se frio sôbre a pele, desordena-se momentâneamente o ritmo respiratório, isto é, estabelece-se o reflexo natural. Quando outro estímulo qualquer, que, por si só, não tem efeito pronunciado sôbre a respiração, fôr aplicado repetidamente, e ao mesmo tempo que o frio, aos poucos poderá obter-se o mesmo efeito que com êste. E' o reflexo associado ou aprendido, estudado por BECHTEREW e seus discípulos no homem e animais.

Procurou o sábio russo dar caráter objetivo á psicologia, baseando-se nos reflexos, como conceito fundamental. Pretendia percorrer o domínio da psicologia sem empregar os vocábulos *sentimento, sensação, pensamento*. Chegou a denominar *reflexologia* á psicologia. Tinha, talvez, exageros, como o de reduzir o fenômeno psicológico ou biológico á descrição físico-química. Mas não se lhe podem negar dois grandes méritos : a) ter imprimido cunho fisiológico, geral e neurológico, ao estudo da psicologia ; b) haver ampliado vastíssimo o campo de aplicações práticas : criminologia, organização do trabalho e assuntos similares. Muito escreveu sôbre questões sociais. Em 1907, fundou a Academia Oficial de Psico-Neurologia de Leningrado onde, até á morte, dirigiu uma série de investigações sôbre desenvolvimento infantil, higiene mental, suicídio, e outros importantes problemas.

I. P. PAVLOV (1849-1933) estudou inicialmente a fisiologia da digestão. Depois de 1900, observou que a secreção da saliva começava antes que o alimento fôsse ministrado. Bastava o animal (cão) tê-lo visto, ou sentir a aproximação do servente, encarregado de dar-lhe comida, e, até, ouvir-lhe os passos ao aproximar-se a hora de refeição. Após essa observação inicial, há mais de 25 anos, PAVLOV e sua escola consagraram-se a pesquisas do

reflexo condicionado, isto é, daquele no qual a resposta se liga ao substituto do estímulo natural.

O primeiro problema foi examinar como se condiciona o reflexo. De começo, usou o metrônomo, ministrando logo depois o alimento. No primeiro dia, a resposta era negativa. No segundo, o número de ensaios foi menor do que no primeiro, e a resposta positiva. Si, porém, ao sinal do metrônomo não se seguia a refeição, o reflexo extinguia-se gradualmente.

A gênese e extinção dos reflexos condicionados, portanto, concluíu PAVLOV, têm o mesmo mecanismo cerebral, com a diferença que, no primeiro caso, a resposta condicionada é positiva, e, no segundo, negativa.

Em seguida, investigou o *reflexo diferençado*, quer dizer, a formação do reflexo condicionado, positivo para um estímulo, e simultâneamente negativo para outro similar. Recorreu a dois diapasões, cuja altura variava de menos de um semitom. Começava com o tom mais baixo, sempre dando o alimento; obtinha o reflexo condicionado. Fazia depois vibrar o diapasão de tom mais alto. No começo, a saliva segregava-se, mas não se propiciando a refeição, gradualmente a resposta era negativa para êsse tom mais alto, conservando-se positiva para o primeiro. Quando, porém, se baixava, dia a dia, o tom mais elevado, até torná-lo uníssono com o segundo, tal unificação, sem alimento, levava o animal á perda do primitivo reflexo condicionado, e êle caía em estado de neurose.

A rapidez de formação do reflexo condicionado depende da natureza e intensidade dos estímulos; para a campainha elétrica é de 111 vezes ; para a cânfora 19; para a luz vermelha 100. A-pesar-de notáveis contribuições, PAVLOV não se tinha na conta de psicólogo. Ao seu parecer, a fisiologia da região mais nobre do sistema nervoso dos animais superiores só pode ser estudada com êxito, renunciando-se ás pretensões insustentáveis da psicologia.

Reflexo Condicionado na Criança. KRASNOGORSKI estudou, por meio do açúcar, o reflexo da deglutição condicionado a vários excitantes: tonalidade, cócega, etc. Verificou que a diferença do reflexo era maior nas crianças do que nos animais. Prosseguindo nessa ordem de assunto, MATEER (1918) observou que, para as crianças mentalmente normais, eram precisos 3 a 9 ensaios; para as deficientes, 3 a 15, diminuindo o número com o aumento de idade. O condicionamento é mais específico nas crianças; no cão, regra geral, a área subordinada á cócega é circunscrita, ao passo que, naquelas, qualquer produz o reflexo, obtendo-se o diferençado com 3 a 12 ensaios.

Explicar-se-ia pelo reflexo condicionado o antagonismo racial, que estaria ligado á experiência da infância fortemente emotiva. Seria então o *reflexo condicionado transferido*, que passa despercebido durante certo período (MURPHY).

A formação dos reflexos condicionados completa-se pela integração do sistema neuro-músculo-glandular.

Com a vasta correlação sináptica, fundamental para a função dos reflexos condicionados, parece que as áreas associativas do córtex têm a função de organizar unidades de comportamento em um todo maior (K. YOUNG).

Ambivalência do Hábito. Os reflexos podem ser *divergentes*, e *antagônicos* ou *dissociados*. Há, pois, ambivalência que se não confundirá com a psicanalítica, restrita ao aspecto emotivo: amor-ódio, alegria-tristeza.

Classificação. Distinguem-se os hábitos em: a) *Sociais*, tais como: costumes, usos, etc.. b) *Intelectuais*, em que há dominância mental de certos conceitos. Assim, o corpo humano, para o biologista, é um complexo de nervos, músculos e ossos, onde se verificam fenômenos fisiológicos; para o artista, é figura bem ou mal proporcionada. c) *Emotivos*, condicionados ás reações da puerícia, e que são responsáveis pela formação dêsses eternos des-

contentes, a quem nenhuma solução agrada, e que vivem a descobrir defeitos e falhas. d) *Nervosos*, tiques e locuções estereotipadas. e) *Fisiológicos*, como seja o uso de drogas. f) *Motores*, que importam a coordenação muscular, desportes, etc.

A periodicidade dos fatos habituais explica-se pela intermitência do estímulo ou dos estados de nutrição.

No raciocínio familiar, por efeito de repetição freqüente, desprezam-se as operações mentais que o motivaram na origem e, á fôrça de desprezá-las, acaba-se por esquecê-las. E' o que explica tantas elipses na conversação usual.

Os hábitos são poderosos fatores do progresso, cuja essência estaria em criar os bons e suprimir os maus.

A complexidade do organismo humano faz supor que a transição do comportamento reflexo da criança, para o integrado do adulto, dependa muito da criação dêles.

Formação do Hábito. São clássicas as quatro leis de W. JAMES.

1.ª *Lei da Iniciativa*: **iniciativa enérgica e irrevogável.** Consolidar a decisão. Assumir, si necessário, compromisso público que coaja e estimule. A iniciativa dá a velocidade inicial, e remove a tentação de renunciar ao propósito.

2.ª *Lei da Constância*: **não admitir exceção alguma, enquanto o novo hábito não estiver seguramente enraizado.** O treino contínuo é o grande recurso, infalível, do automatismo nervoso. E' preciso não ser vencido na luta pela conquista do hábito novo, por efeito de relutância do organismo. A derrota, nesse momento, anula cem vitórias, exclama JAMES.

Segue-se o grande valor do êxito inicial, que se deve despertar com especial cuidado. Não precisa ser total logo de princípio.

O segrêdo da extirpação do vício de fumar ou beber, p. ex., consiste não em extinguí-lo ime-

diatamente, de modo radical e definitivo, senão em colher efeitos benéficos com as primeiras tentativas.

Não se procurará extirpar mais de um vício, ao mesmo tempo. No particular do fumo, cumpre não esquecer que a nicotina é dos poucos venenos circulantes, de eliminação lenta. As células nervosas ressentem, por longo prazo, necessidade do estímulo que o alcalóide exerce. Portanto, a supressão do tabagismo só será definitiva após um ano ou mais, prazo em que a excitação nervosa já não será condicionada á presença do tóxico.

O ideal seria que o indivíduo repudiasse o vício no primeiro esfôrço, mas é preciso evitar que a diligência desfeche em malôgro. O melhor, quando possa resistir á prova, é impôr-lhe um período de sofrimento agudo, dispondo-se a gente a restituir-lhe a liberdade. Surpreende quanto o desejo morre de inanição, si nunca fôr alimentado (JAMES).

3.ª *Lei da Oportunidade:* **aproveitar a primeira ocasião de pôr em prática as resoluções e orientar tôda sugestão emocional no sentido do hábito a adquirir-se.** Não é no momento em que se formam, senão ao produzirem efeitos motores, que propósitos e aspirações modificam a função cerebral.

O grande psicólogo americano repudia o sonhador sentimental, sem energia, que passa a vida no fluxo e refluxo de emoções, sem jamais chegar á ação concreta. ROUSSEAU seria o tipo clássico, aconselhando ás mães que aleitassem os filhos, mas deitando os próprios na roda.

4.ª *Lei do Exercício:* **manter vivo o esfôrço, submetendo-se a pequeno exercício diário e desinteressado.** E' o preconício do heroismo silencioso. Leia-se, diàriamente, um capítulo de grande pensador para consolidar planos e resoluções. O inferno teológico, adverte JAMES, não será pior do que o resultante da má formação de hábitos. Soubessem os jovens que, no futuro, se reduzem a um feixe ambulante de hábitos, diligenciariam for-

mar o caráter, enquanto possuem plasticidade. Tecemos o próprio destino; bom ou máu, o fio da vida somos nós que o compomos. Não se preocupem, pois, os moços, com o resultado da educação, uma vez que observem o essencial, a saber, o trabalho metódico de todo instante.

O hábito determina dois efeitos práticos: a) simplifica e aperfeiçoa os movimentos, alternando com o cansaço; b) diminue a atenção.

Cumpre recordar, porém, que, por outro lado, incrusta e enrijece, estagnando por falta de espontaneidade.

Diz-se que o hábito é segunda natureza: "Não, exclamava WELLINGTON, vale dez vezes mais!". Tal a sua tenacidade que prisioneiros soltos têm preferido voltar á clausura, qual o presidiário da Bastilha, incapazes de readaptar-se aos novos hábitos de vida e liberdade.

BIBLIOGRAFIA

DEWEY (J.): Human Nature and Conduct. Londres. A. Unwin. 1922.
DUMONT (L.): De l'Habitude. Revue Philosophique. I.º v. Paris. Alcan. 1876.
JAMES (W.): Précis de Psychologie. Paris. Riviére. 1909.
MURPHY (G.): Habit, na "*Encyclopedia of Social Sciences*" N. Y. Macmillan. v. VII.
RAVAISSON: De L'Habitude. Alcan., nova ed. – 1927.
YOUNG (K.): Social Psychology, N. Y. Crofts. 1931

CAPITULO VIII

SUGESTÃO

São três os fatores de identidade social : de pensamento ou *sugestão*, de ação ou *imitação*, e de sentimento ou *simpatia*. Em outros termos, a indução do conhecimento é sugestão; da atividade, imitação; e do sentimento, simpatia.

Sugestão é o estado psíquico de quem aceita, sem maior exame, idéia de outrem e procede de conformidade (WHEELER). Define-a BERNHEIM como ato pelo qual a idéia é levada ao cérebro e por êle sancionada. Para P. JANET, representa o desenvolvimento completo e automático da idéia fora da vontade e percepção pessoal. Conforme TH. LIPPS, carateriza-se não pela idéia evocada, mas pelo efeito psíquico produzido, o que é de suma significação.

Distinguem-se-lhe dois aspectos : *conceptual* e *afetivo*. O primeiro, *sugestão verbal*, ou *ideoplástica* de DURAND, designa a transmissão ao espírito ou conciência de alguma noção ou idéia, sem o recurso necessário de palavras. No segundo, *afetiva*, ou *hipotáxica* de DURAND, o indivíduo adquire dado estado afetivo, como ao sofrer a influência pessoal.

Em qualquer hipótese, a modificação do estado mental ocorre de diferentes maneiras, sem que a ação de outrem seja sempre indispensável.

O estado de sugestibilidade, ou de maior facilidade em receber a sugestão verbal, constitue, assim, consoante E. JONES, a conseqüência secundária do estado afetivo induzido. O papel principal cabe ao indivíduo e não ao sugestionador e, do ponto de vista

psicológico, o fenômeno mais importante da sugestão e hipnose é a dissociação da psique ou conciência, que se observa até em estado normal. As tendências psíquicas dissociadas ocasionam constantes manifestações regidas pelos mesmos mecanismos de produção dos sintomas histéricos.

O sugestionador apenas utiliza, pois, a dissociação existente que irá explicar a natureza da sugestão. Tôda e qualquer manifestação provocada de hipnotismo pode aparecer espontâneamente como efeito da neurose histérica. Tem-se, pois, a impressão de que a hipnose serve para evocar sintomas histéricos. (Jones).

Admitem-se três *condições* principais para a sugestão : a) laço de *simpatia* entre duas ou mais pessoas, desejo de acreditar, e reconhecimento da autoridade ; b) *conhecimento deficiente*; que é da maior importância na vida mental. Ouvimos opiniões e afirmações que não contestamos, e, até, subscrevemos por não nos julgarmos para tanto habilitados, quer por ignorarmos o assunto em seus diversos aspectos, quer por não confiarmos nos meios de exprimir o pensamento. Donde o supor-se que certos atos e atitudes denotem tibieza de ânimo ou menor firmeza de caráter. Ora, a ignorância nada mais é que falta de idéias contrárias para resistir á sugestão. Basta atentar-se na autoridade do professor ou autor, que sabem captar a confiança, ou, em outros termos, com os quais já se estabeleceu a corrente de simpatia ; c) *desejos insatisfeitos* – tôda proposta que afague uma aspiração conciente ou inconciente é recebida sem demora e sem crítica: "le désir est père de la pensée", dizem os franceses.

Conforme JONES, o traço caraterístico da sugestão consiste na possibilidade do pleno desenvolvimento das idéias sugeridas, sendo, em geral, as fôrças que a elas se opõem neutralizadas pela atenção concentrada do indivíduo sôbre o operador. Tal relação presume-se representada pelo laço emocional que,

para os psicanalistas, seria condicionada pelo apêgo infantil ao pai ou á mãe.

A sugestão tem exemplificação máxima no *espiritismo* e na *hipnose*.

Espiritismo. A sessão espírita patenteia o alto estado de sugestão dos asssistentes. Com efeito,o *médium* tem singular prestígio, acata-se tudo quanto diz ou faz; é considerado um eleito com faculdades superhumanas. O espiritísta crê na comunicação de vivos e mortos, e afaga a esperança de com êstes se entreter. Tais condições, propícias á sugestibilidade, concorrem muito para a atuação do médium.

WHEELER coteja a sessão espírita com a observação científica. De um lado, o ambiente velado, a sessão que se prolonga até provocar cansaço. Assediam-se os crentes com uma série de fenômenos, dispostos de modo que os levem a interpretações errôneas. As observações são vagas, imprecisas, e quem encaminha a sessão assenhoreia-se da credulidade e emotividade dos *irmãos* para nortear-lhes o juizo sôbre o que vêem e ouvem. Não assim com a investigação científica : salas arejadas e claras ; suspensão dos trabalhos quando a fadiga possa prejudicar as deduções; análise sucessiva de cada fenômeno para anotar-lhe com precisão o determinismo. O sábio pormenoriza, evita a superficialidade, reduz quanto pode o coeficiente pessoal ou a preceituação doutrinária, e procura encarar diretamente o fenômeno. E, mais que tudo, cerca-se de constante cepticismo com que orienta as pesquisas, e com que pode, em qualquer momento, modificar o plano de investigação.

Hipnose. Também chamada *hipnotismo*, é o sono provocado, ou induzido, mercê da sugestão. A pessoa submete-se voluntàriamente ao govêrno de outra, até que se disponha a crer tudo quanto esta lhe diga e mande fazer. Não é sono artificial, e sim forma do natural – comportamento determinado tão só por estímulos do domínio do hipnotizador, e em relação ao qual mantém atitude

de completa colaboração. O hipnotizado ouve, vê, sente e atua conforme o sugestionador quer e ordena. Salvo desejo dêste em contrário, fica aquele amnésico, não se lembrando do ocorrido durante o transe ou estado de sonambulismo (WHEELER).

A hipnose é, em regra, *individual*, mas pode ser *coletiva*, já repentina, no arrebatamento da massa sob o fascínio da oratória, já deliberada, como no tratamento de estados mórbidos, qual o do alcoolismo. No Instituto, para êsse fim criado por Bechterew, em Leningrado, contam-se aos milhares as curas de alcoólatras, que o grande fisiologista efeituou por hipnose coletiva.

Condições da Hipnose. São as mesmas da sugestão. Entretanto, algumas merecem relêvo.

1.º) *A pessoa deve desejar ser hipnotizada*. Ela o almeja, e tem fé no poder do hipnotizador. Excetuam-se os casos menos freqüentes do sono hipnótico, que se faz suceder ao natural, e praticado, sobretudo, por P. FAREZ, em França. Para que a hipnose se obtenha com rapidez, é preciso que o operador tenha autoridade e prestígio, fixando os olhos do paciente, de forma que êste aceite mais prontamente as sugestões.

2.º) *O paciente não deve possuir espírito crítico*, nem conhecer o mecanismo da hipnose. Si puser em dúvida o mérito do sugestionador, ou procurar analisar as sensações que experimenta, compromete o resultado.

3.º) *O impulso insatisfeito* é a melhor garantia de êxito.

A condição essencial da hipnose é a relação entre o indivíduo e o operador, relação unilateral que torna aquele psìquicamente dependente dêste. A *monoideação* (BRAID), atenção concentrada da pessoa sôbre a idéia exclusiva do operador, extingue o interêsse pelas demais circunstâncias. Segue-se a eletividade do indivíduo que reaciona á menor indicação do hipnotizador, e é insensível aos mais fortes

e dolorosos estímulos de outra procedência. JONES lembra a identificação conjugal, que se estabelece com o tempo, em virtude de sólido laço afetivo, e é mais pronunciada na espôsa.

As mulheres são melhores médiuns para a hipnose ou espiritismo. BARAGNON explicava o fato, em 1853, pelo domínio de um sexo sôbre outro. A relutância popular contra o hipnotismo baseia-se na percepção inconciente da sua natureza sexual.

Na pessoa hipnotizada reconhecem-se duas mudanças evidentes: a) o desejo de repetir as sessões hipnóticas, em seguida á repulsa inicial; b) o paciente preocupa-se em demasia com o médium. Nessa evolução, distingue JANET três *fases:* a) *cansaço curto*, com duração de um ou dois dias; b) *ação sonambúlica*, que perdura dias e semanas; c) *paixão sonambúlica*, prolongada até á sessão seguinte.

A ação sonambúlica independe das sugestões verbais da hipnose, e pode ser filiada na *sugestão afetiva*. Revela-se por nítida sensação de bem-estar, desaparecimento mais ou menos completo dos sintomas, e maior capacidade para a síntese mental. Neste período, o paciente pensa muito no médico, mas não precisa submeter-se a outra sessão.

Na paixão sonambúlica, voltam os sintomas e dificuldades anteriores, experimentando o doente desejo irresistível de nova hipnose, qual nos morfinômanos, irresistibilidade que decorre não da ação direta do tóxico, mas da sua falta (JANET).

A *transferência*, fixação de impulsos insatisfeitos sôbre a idéia do médico, de sentimentos sexuais inconcientes, representaria, para FREUD e FERENCZI, o papel mais importante nos métodos de tratamento das psico-neuroses, exceto na psicanálise, que não a cria e só se limita a torná-la manifesta. A transferência é aspecto particular do deslocamento. Na tendência exagerada ao deslocamento de sentimentos está a prova de que, nas associações superficiais, é que se deve procurar a explicação final da sugestão

anômala. Ainda que se provasse que a maior parte dos sintomas histéricos resultam da sugestão verbal, o fato em si não teria interêsse, porque se refere ao problema, aliás importante, da origem da relação afetiva, que aumenta a suscetibilidade para a sugestão verbal (JONES).

Todos nós somos mais ou menos sugestionáveis, afirma MÖBIUS. Assim consolida-se o modo de ver de CHARCOT de que são estreitos os laços entre a hipnose e a histeria. A sugestibilidade emana da aptidão de transferir as reações afetivas, uma vez que o objeto, sôbre o qual se verifica a transferência, preencha certos requisitos.

Tais reações se originam na esfera psico-sexual, embora, na maioria dos casos, hajam perdido o caráter erótico e se tenham sublimado. Julga FERENCZI que um fator sexual inconciente está na base de tôda emoção simpática e que, quando duas pessoas se encontram, o inconciente procura sempre operar a transferência. Quando consegue satisfazer o conciente, sob forma sexual ou sublimada, (amizade, respeito, etc.), estabelece-se o laço de simpatia. Si o preconciente recusa aceitar o desejo inconciente positivo, ambas as pessoas experimentam, uma pela outra, um sentimento de antipatia variável de intensidade, e que pode chegar á aversão. Aqueles a quem amamos e idolatramos na vida real são suscetíveis, em qualquer momento, de se tornarem para nós objetos sexuais (FREUD).

Caraterísticas da Hipnose. O hipnotizado apresenta caractéres nítidos: 1.º) *ilusões positivas de percepção:* supõe ver, ouvir, tocar e cheirar objetos inexistentes; 2.º) *ilusões negativas de percepção:* não pode ver objetos determinados; julga-se cego, surdo ou insensível; 3.º) *paralisias funcionais* dos membros, que não deixam levantar o braço ou perna; 4.º) *hiperestesia máxima*, graças á qual reconhece o milésimo de uma moeda pelo simples tacto; 5.º) *hipermotilidade*, de sorte que executa quasi perfeitamente e com olhos vendados, atos que, em vigília,

praticaria de modo muito desastrado; 6.º) *sugestão post-hipnótica*, (*suggestion à échéance*), realizada durante a hipnose para que se faça determinado ato, depois de voltar ao estado normal. Neste caso, recusa-se á prática de violências e atos anti-sociais.

Efeitos Orgânicos da Hipnose. Podem-se influenciar as funções vegetativas durante o transe hipnótico. O ritmo do coração, a tensão arterial, a temperatura modificam-se por intermédio dos centros nervosos. DELBOEUF, em França, produzia duas queimaduras da pele com simples aplicação de objeto frio, declarando que uma seria dolorosa, e outra, não. No primeiro caso, formava-se a bolha habitual, com cicatriz consecutiva, e no segundo, simples chamusco de que não ficava vestígio. Hipnotizadores têm conseguido suprimir a sensação de fome em criaturas que se não alimentavam havia duas semanas.

Perigos da Hipnose. Não é aconselhável aos que não lhe conheçam bem a técnica. Pessoas há muito mais sugestionáveis do que outras, que podem cair em estado de catalepsia, de onde saem profundamente esgotadas. Casos têm sido registados do experimentador novato não poder despertar o paciente, que passa do sono hipnótico ao normal, no qual se conserva durante horas e dias (WHEELER). A bem da higiene mental, devem vedar-se espetáculos públicos dessa natureza, sem embargo de representar o hipnotismo recurso terapêutico dentro de indicações precisas.

Cura Sugestiva. São vulgares os casos de psicoterapia, cujo êxito depende da crença que o paciente tem nas virtudes sobrenaturais do curandeiro. Este, por sua vez, acaba convencido de que as possue, desconhecendo que a sua influência terapêutica, na melhor das hipóteses, restringe-se a estados funcionais (histeria, etc.). Exemplo notável foi MESMER, de Viena, que julgava possuir magnetismo animal com que atuava sôbre os que dêle se acercavam. A

fé dos que o buscavam era tal que muitos se satisfaziam em roçar objetos que houvesse tocado. Tratando-se de enorme multidão, limitava-se MESMER a transmitir o seu fluido a auxiliares ou objetos da vizinhança. Dispunham-se os doentes na direção do corpo magnetizado e, graças á fé na transferência, a cura se operava, ainda que se tivessem enganado com o objeto; o essencial era que acreditassem na magnetização dêle.

Auto-sugestão. Foi bem estudada pela primeira vez por BARAGNON (1853). Apresenta duas particularidades: *a*) Favorece a suposta existência do livre-arbítrio e afaga o sentimento narcisista. Proporciona argumento em favor do conceito predileto do *Eu*, considerado fator suficiente, que opera por conta própria, independente do mundo exterior e capaz de satisfazer todos os desejos por meio de fórmulas verbais mágicas. *b*) Libera especificamente o paciente de uma das formas de dependência exterior que mais receia, e, sobretudo, da *transferência sexual*, base da hétero-sugestão.

Os fenômenos observados ordenam-se do modo seguinte: relação, inibição dos mecanismos mentais, exceto dos sugeridos, e nítido desenvolvimento dêstes últimos.

A origem primária das idéias estaria no mundo exterior, infirmando-se o axioma leibniziano de – *nihil est in intellectu quod non primus fuerit in sensu nisi ipse intellectus.* A criptestesia de CH. RICHET, como que sexto sentido, do qual a telepatia não representaria senão caso particular, viria confirmar tal conceito (L. Ribeiro e M. Campos). Os hipersuscetíveis, cujos sentimentos se chocam de contínuo, justificam a atitude em supostas agressões; são incapazes de apreender a realidade da situação, obnubilados por grande sugestibilidade (WHEELER).

Sugestão Contrária. Existe ainda a forma de sugestão sôbre o indivíduo em vigília, que é o *negativismo*, ou *sugestão contrária.* Todos sabem que

é imprudente aconselhar-se ás crianças que se acautelem, quando, p. ex., estejam junto a um poço, no tôpo de uma escada ou com instrumento cortante em mãos. Muitas dificuldades de ordem educativa procedem de tentativas frustras e contraproducentes de sugestão. A criança, v. gr., exulta em fazer o contrário do que se manda. Si o educando fôr recompensado por ter obedecido á ordem, adquire a noção de que pais e professores desejam a resistência. Em criaturas instáveis, tal negativismo pode tornar-se extremo, como na demência precoce, na qual o paciente desinteressa-se por tudo que o cerca, e acaba exibindo completa falta de reações emotivas normais para com a família, amigos e companheiros. E' um recluso por excelência; emudece e resiste a todos os esforços para estimulá-lo e, por fim, – assinala o citado psicólogo norte-americano, – descura, até, das necessidades fisiológicas.

A sugestão, como se viu, depende de dois fatores. 1.º) O indivíduo não é vítima passiva da influência que outro sôbre êle exerce. Pelo contrário, colabora ativamente, quer na vida normal da sociedade, quer durante o transe hipnótico. Tal cooperação traduz-se na disposição para acreditar, ou no desejo de satisfazer uma aspiração qualquer. 2.º) Dentro dessa situação, são inúmeros os estímulos (palavra, gesto, etc.), apropriados para despertar semelhante convicção. Assim entendida, a sugestão é modo ou forma de inter-ação entre os indivíduos (WHEELER).

BIBLIOGRAFIA

BAUDOUIN (C.): Psychologie de la Suggestion et de l'Autosuggestion – Delachaux – Neufchatel – 1924.
DUMAS (G.): L'Interpsychologie, no *Traité de Psychologie.* Paris. Alcan. 1924. vol. I
FAJARDO (F.): Tratado de Hipnotismo. Rio. 1897.
FERENCZI (S.): Sex in Psycho-Analysis. – Boston. Badger. 1916.
FREUD (S.): Psychologie Collective et Analyse du Moi. Paris. Payot. 1924.
JANET (P.): L'Automatisme Psychologique. Paris. Alcan. 1921.
JONES (E.): Traité Théorique et Pratique de Psychanalyse. Ed. fr. Paris. – Payot. 1925.
MEDEIROS E ALBUQUERQUE: O Hipnotismo. Rio. – Leite Ribeiro. 1926.

RIBEIRO (L.) e CAMPOS (M.) : O Espiritismo no Brasil. S. Paulo. Cia Editora. 1931.
SCHILDER and KAUDERS : Hypnosis. 1927. Nervous and Mental Diseases Publ. Co. N. Y. 1927.
SIDIS (BORIS): The Psychology of Suggestion. N. Y. Appleton. 1921.
WHEELER (R.) : The Science of Psychology. Londres. Jarrold. 1931.
WUNDT (W.) : Hypnotisme et Suggestion. Ed. fr. Paris. Alcan. 1893.

CAPITULO IX

IMITAÇÃO

Foi G. TARDE quem pormenorizou os aspectos da imitação social. A ciência, escrevia êle, consiste em considerar tôda realidade sob tríplice feição: repetição, oposição e adaptação, veladas por inúmeras variações, assimetrias e desharmonias.

A sociedade resulta da inter-relação mental ou da unidade psíquica, assegurada pela imitação. A equação se exprimiria: sociedade=relação inter-individual=imitação.

Bem orientada, a imitação faz ganhar tempo colossal, porque escusa passar pelas fases sucessivas do progresso, que se pretende reproduzir.

Há sempre invenção, por menor que seja, no processo imitativo.

A repetição universal corresponde, no mundo inorgânico, aos movimentos periódicos e, principalmente, vibratórios; no orgânico, á hereditariedade, e, no social, á imitação, sob tôdas as formas (costumes, moda, obediência, educação, etc.). Do ponto de vista social, imitar novidade é moda, repetir padrões em vigor constitue convenções, e reproduzir o passado forma o costume.

A reiteração resulta de renovamento, como tôda luz de um fóco. Assim, o normal, em qualquer ordem de conhecimentos, parece provir do acidental. O progresso no saber consolida a convicção de que tôdas as semelhanças resultam de repetição. Daí, a excelência do método histórico contemporâneo, que explica as doutrinas ou instituições pela evolução. Quando verdadeiros, os gênios têm sempre

um fundo comum de instrução, onde os autores da mesma invenção foram abeberar-se independentemente uns dos outros. Esse fundo é o acervo de tradições, experiências, mais ou menos organizadas, e transmitidas imitativamente pelo grande veículo, que é a linguagem, no dizer de TARDE.

A imitação facilita a adaptação social. E' o melhor meio de transmitir as uniformidades adquiridas, dela decorrendo os hábitos sociais mais importantes. A fecundidade da matemática, lembra o ilustre sociólogo, só aparece plenàriamente no cálculo infinitesimal, que desce ao elemento matemático indecomponível cujas repetições explicam tudo.

Segundo o mencionado autor, tôda imitação em que não entra a lógica, enquadra-se em duas categorias : credulidade e docilidade, a saber, imitação de crença ou desejo.

No mundo social, a interferência é tão legítima quanto no mundo físico. Donde, simpatia e contrato, de um lado; antipatia e luta, do outro. Na interferência, distinguem-se três casos: duas crenças; dois desejos; um desejo e uma crença. Exemplo do primeiro se encontra no caso de NEWTON que, ao descobrir a atração universal, confirmou a sua hipótese pelo cálculo da distância da lua á terra. Do segundo, no do comerciante que, enriquecido, procura enobrecer-se. A cupidez estimula a vaidade, donde exacerbação de ambos os impulsos ; o dinheiro já tem outra significação, e o objeto do sonho cada vez fica mais acessível. Do terceiro, lembre-se o fato de acreditar-se em tempo de guerra, nas notícias de banditismo praticado pelo inimigo. Admite-se, outrossim, qualquer calúnia a respeito de quem não se gosta. E' que a suposição aumenta o desejo, ou por tornar-lhe mais provável a realização, ou por lhe dar a aprovação.

Leis da Imitação. TARDE enunciou as quatro seguintes.

I.ª — *A imitação procede da camada social su-*

perior para a inferior. Segue-se a necessidade de escol intelectual para dirigir e manter elevado o padrão de vida espiritual. Está visto que se não aplaude a procedência atual da supremacia intelectual, porquanto emana de desigualdades financeiras, que estabelecem, preliminarmente, entre crianças e adolescentes, duas classes: a dos que devem trabalhar, e a dos que podem estudar.

O padre Petitot, citado por TARDE, refere que, entre os esquimaus, são os homens e não as mulheres que fazem oração pela manhã e á tarde. Em outros povos primitivos, a religião, como a caça e a guerra, é igualmente monopólio do sexo masculino. A propagação imitativa vai-se operando aos poucos, do sexo mais forte para o mais fraco.

O culto, a princípio privativo do patriciado romano, foi passando á plebe, pela assimilação dos costumes aristocráticos.

II.ª — *A imitação difunde-se em progressão geométrica.* Claro é que não deverá existir interferência. Portanto, para todo exemplo novo imitado por um único indivíduo, formam-se dois centros de exemplos, depois quatro, e, assim, sucessivamente. E' o que explica a rápida difusão de modas, boatos, neologismos, etc.

III.ª — *A imitação reflete-se no meio social,* quer dizer, no vocabulário, costumes, leis, religião e instituições, variando com os povos e sucessão do tempo. Inversamente, a heterogeneidade física ou social é circunstância desfavorável á difusão da onda imitativa.

IV.ª — *A imitação procede,* **ab interioribus ad exteriora.** Primeiro, as idéias e objetivos; depois, a sua expressão e meios de realizá-los. O interior exprime-se pelas idéias e fins; o exterior, pela representação ou meios de ação.

BALDWIN admite três *fases* no processo imitativo: a) *biológica ou subcortical* do primeiro grau, que não

atinge o nivel conciente, caraterizada pela *reação circular*, reprodutora do estímulo; b) *cortical* ou *psicológica*, em que as imagens se repetem concientemente; c) *social*, *plástica* ou *subcortical* do segundo grau, em que a imitação, de comêço conciente, com o tempo se torna automática e subconciente.

Causas. Já não se invoca o caráter instintivo da imitação. Entre outros argumentos contrários, ALLPORT lembra os seguintes: a) é muito difícil provocar o ato imitativo em criança com menos de 18 meses, não obstante PREYER mencionar o muchocho imitativo em lactente de quatro meses; b) o reflexo condicionado explica a imitação; c) numerosos atos, aparentemente de repetição, não passam de reações idênticas de várias pessoas ao mesmo estímulo; d) a reprodução do ato, que requer destreza, exige muito mais treino até ser praticada com perfeição.

Tem-se explicado a imitação por três teorias: do *reflexo condicionado*, das *tentativas* e *êrros*, e da *guestalte*.

a) *Reflexo Condicionado.* O companheiro, p. ex., que boceja, soma á excitação primária – cansaço, calor, etc. – outra suficiente para provocar idêntico fenômeno em nós. Casos há em que o estímulo primário e o condicionado são diferentes da resposta. Em outros, é a repetição do ato condicionado, a saber, do executado anteriormente pelo próprio indivíduo (reflexo circular de Baldwin). A *lei da substituição dos estímulos*, teoria da simpatia de HUMPHREY, explica as conseqüências, por vezes gravíssimas, de causas inicialmente despidas de significação. Aos poucos, os excitantes são substituídos e as respostas correlatas assumem importância crescente. A criança, v. gr., chora, talvez, em virtude de dôr (estímulo inicial), mas, ao chorar, ouve a própria voz. Logo E provoca R (fig. 11), e êste, o estímulo auditivo, pela audição do próprio chôro. Pela lei da substituição, o estímulo E, que produzira R, vem a ser

substituido por E', e a criança, quanto mais ouve o seu pranto, mais chora. Logo, a imitação importa reflexo condicionado, cuja excitação secundária é similar á reação.

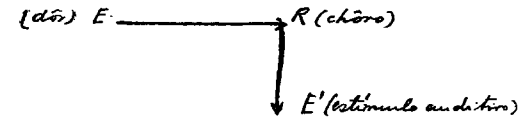


Fig. 11 — Substituição de Estímulos.
E - estímulo inicial (dôr)
R - resposta representada pelo chôro.
E' - estímulo condicionado
E, *R*, e *E'* ocorrem ao mesmo tempo.

Na fase de psitacismo, a criança repete as sílabas *pa – pa*, *ma – ma*, primeiro, por imitação, estímulo primário, depois, por ouvir o som que emitiu.

b) Na imitação, conforme o mecanismo das *tentativas e êrros*, observar-se-ia a seqüência abaixo: a) o animal vê o ato que faz parte de certo desejo, praticado por outro (posse do alimento); b) vai após o objeto desejado, em virtude de resposta condicionada ao olfato, visão, etc.; c) põe em jôgo todos os atos aprendidos, condicionados a essa situação ou outra similar; d) si os atos não forem imediatamente coroados de êxito, ocorre uma série cada vez maior com os caraterísticos de aprendizagem por tentativas e êrros.

c) Há autores que interpretam a imitação pelo *guestaltismo*.

A reprodução ás cegas seria absurda, porque¿ como repetir, sem discernir o que outro faz, e sem alvo em mira? Admitido o discernimento, a saber, a percepção e o objetivo como necessários á imitação, ter-se-á uma explicação satisfatória.

Estudou J. PETERSON a *adaptação mental* e a imitação, chegando a conclusões, que subscrevemos. a) Muitos atos, supostos de caráter imitativo, podem filiar-se em identidade de órgãos, e no fato que todos os membros da mesma espécie respondem

a grupos de excitantes análogos. Uma vez que todos os homens possuem mãos semelhantes, é natural que manuseiem igualmente os objetos. b) Todos os membros de certo grupo verificam que resulta economia de energia ou tempo, etc. ao proceder-se de dado modo, sem preocupação da forma pela qual outros se conduzem em circunstâncias similares. c) Quando os indivíduos divergem do comportamento dos que os cercam, sofrem pressão, motivo pelo qual a uniformidade no campo social é irrestrita. d) Pràticamente, almeja-se a aprovação ou amizade de outrem, como prêmio ao comportamento, e, daí, a razão de harmonizar-se a maneira de pensar com a de outros. e) Costumes e hábitos incutem-se na infância, mais por coação e mêdo de castigo do que por imitação voluntária. f) A conduta alheia desperta a imitação de atos cuja importância não provoca o interêsse do indivíduo, porque, até então, não suspeitara da sua significação social. E' o que acontece com adolescentes que descuram da regularidade nas refeições, do esmêro no traje, etc. g) Submete-se a pessoa á influência de propagandistas, entusiastas, etc., quando presentes, porque resistir-lhes acarreta contrariedades. Escutam-se, p. ex., opiniões absurdas sôbre escolas filosóficas ou sistemas políticos, sem protesto que seria inoportuno e inútil. h) A pessoa compreende que, para elevar-se mais rápido no prestígio social, é de vantagem imitar. Ao vestir-se como os demais, fá-lo para evitar crítica que provoca estado de tensão. Não é outra a razão por que a gente se conforma com ideais e objetivos do grupo, assim como se adapta ás suas ações, para sofrer o mínimo de constrangimento e conflito (WHEELER).

Na série animal, existem numerosas manifestações imitativas – *mimetismo*, p. ex., – que são respostas a estímulos do meio. Repetimos, inconcientemente, atos, modos e gestos daqueles com os quais mais convivemos. Não é preciso supor que os atos-objetivos devam ser deliberados. Constantemente,

afirma WHEELER, erra-se ou alcança-se o alvo, sem certeza do que se faz.

Pelo geral, a imitação obedece a mecanismo idêntico ao da sugestão. De um lado, o sistema neuromuscular que possibilita o discernimento e os desejos; de outro, o ambiente social de costumes e pontos de vista. A criança sorrí aos pais, ao verificar que certo ato produz sentimentos gratos ou provoca atenção e recompensa. Com a idade, imitam-se os mais velhos na tolerância e longanimidade, por se sentir a imensa relatividade das coisas. Compreende-se que, dess'arte, melhor se resguarde a energia vital.

Em crescendo, a criança deseja tudo o que vê; arrebata o brinquedo do companheiro, embora tenha igual, porquanto quer dominar a situação. Imita para diminuir o estado de tensão e conseguir o relaxamento equilibrador. Tôda e qualquer exibição de objetivo ou manifestação de desejo é indício de tensão, que se procura solucionar.

Progresso e Imitação. Consoante ELLWOOD, o progresso resulta da imitação de certas invenções pela massa, isto é, o seu verdadeiro instrumento consiste em reproduzir variações úteis de pensamento ou ideal. Não padece dúvida que assim se operaram os mais decisivos passos para o avanço da civilização. Em todos os movimentos sociais, ocorre a imitação, pôsto que não seja fator exclusivo. E' fôrça grandemente conservadora e muito simples de coordenar, preponderante na uniformização dos atos sociais.

Na imitação inteligente, não há simples repetição, mas *absorção* (BALDWIN) do caráter universal, que cada qual assimila.

Paralelos Etnográficos. Povos distanciados no espaço, de cultura e raça diferentes, apresentam, muitas vezes, costumes e instituições semelhantes. Parece que, com instintos análogos, capacidades intelectuais e desejos idênticos, a natureza humana elabora ideais e práticas similares, em especial

em estágios aproximadamente equivalentes de evolução cultural (ELWOOD).

Não há motivo para supor-se que tôda a civilização humana tivesse partido de um centro primitivo e único de difusão. Serão muitos tais centros. Na América, citam-se 15 áreas distintas de cultura indígena. Ora, a difusão cultural, segundo os antropologistas, faz-se pela imitação. Consta de caractéres de cultura, que surgem em mais de um povo, de onde se propagam para outros, em círculos cada vez mais amplos, até que estacionem por efeito de fator interferente.

BIBLIOGRAFIA

BALDWIN (J. M.): Interprétation Sociale et Morale du Développement Moral. Giard Brière – Paris. 1899.
BORDIER (A.): La Vie des Societés. Paris: C. Reinwald. 1887.
DAVIS (M. M.): Psychological Interpretations of Society. Longmans Green. Londres. 1909.
HUMPHREY (G.): Imitation and the Conditioned Reflex, em YOUNG: *Source Book for Social Psychology.*
MURPHY (G. H.): Experimental Social Psychology. Harper Brothers. N. Y. 1931.
PETERSON (J.): Instint and Mental Adjustement. Journal of Abnormal and Social Psychology. 1922–23. em YOUNG (K.): *Source Book for Social Psychology.*)
TARDE (G.): Les Lois de l'Imitation. Paris. Alcan. Nova ed. – 1921.
" " Psychologie et Sociologie. Ed. francesa. Paris. Giard. 1910

CAPITULO X

SIMPATIA

Pensava BENTLEY que o sentimento representa tão só o lado subjetivo da atividade, explicando-se a vida social pelos interêsses práticos, isto é, pelas atividades humanas. E' a emoção, lembra ELLWOOD, que consolida a vida instintiva, de sorte que os instintos-sentimentos vão constituir as fôrças sociais, denominadas desejos.

A simpatia – sentir como outros e com outros – originàriamente referia-se á dôr alheia, mas hoje estende-se a outros sentimentos. Diz-se *orgânica, psicológica* e *reflexiva*. *Orgânica*, como nos animais e crianças, que reagem idênticamente ás emoções dos que os cercam (chôro, etc.); forma de sugestão e imitação. *Psicológica*, no contágio do mêdo, revolta, alegria, pesar; corresponde á emoção simpática. *Reflexiva*, subordinada á razão, e que gera o amor da humanidade.

GIDDINGS dá relêvo singular á *conciência da espécie*, (sentido social), em que se evidencia a semelhança de raça, religião e cultura dos membros da coletividade. E' *manifesta* ou *virtual*, e abrange quatro formas: *orgânica, psicológica, reflexiva*, correspondentes ás de simpatia, e *afetiva* com *desejo de reciprocidade*. A conciência da espécie equivale á *simpatia social* de TARDE, e circunscreve os limites do grupo humano.

São dignos de atenção as considerações feitas por TARDE sôbre a curteza de vistas com que a conciência da espécie é apreciada por certas classes.

O grau de sociabilidade mede-se pela extensão com que se difunde a referida conciência. Em sua crítica, êsse autor lembrou-se de substituir a simpatia pela imitação, fato objetivo de tal magnitude que, até nas lutas e conflitos, o que existe de social ou socializante seria imitativo.

Sem embargo de ter sido o assunto estudado pelo incomparável ARISTÓTELES, deve-se a sua sistematização a ADAM SMITH (1759). Na *Teoria dos Sentimentos Morais*, a simpatia é tida como verdadeira base social da humanidade.

Como substrato da ordem social, assegura a harmonia na coordenação das atividades humanas, e, por conseguinte, tem função conservadora. Complementarmente, é a lei da simpatia, no dizer de SUTHERLAND, a de todo progresso.

Faz-se mister distinguir a simpatia do *amor*. Aquela não se preocupa com o valor dos sentimentos alheios, ao passo que, no amor, esta noção está presente.

Cotejando um e outro, HARTMANN declara que a simpatia é passiva ou receptiva, e resulta da percepção de estados afetivos em outras pessoas, enquanto que o amor é aspiração espontânea e ativa para realizar-se o sentimento de identidade.

A simpatia difere, outrossim, do contágio do *sofrimento*, onde não existe compaixão, porque o padecer não é mais de outrem, senão o próprio, ao qual o indivíduo procura esquivar-se, evitando-o de modo geral. Muitas vezes, basta reviver velho agravo doloroso, que conturbava o fôro íntimo, para dêle se ficar liberado. Em verdade, tal é o mérito da psicanálise: trazer á lembrança acontecimentos recalcados da vida emotiva.

Aspecto especial da simpatia encontra-se no *egocentrismo*, amplificação do mundo que nos cerca, e assume caráter universal. Ao sentimento de transferência, filia-se, na opinião de SCHEELER, o solipsismo, em que a realidade se totaliza no *Eu* individual com manifestações subjetivas.

Identificação Cósmica. Na moral de Brama e Buda, e também na de Lao-Tseú, exemplifica-se a transferência, simpatia ilimitada pelo universo e suas criaturas. Nisso diverge da cristã, desinteressada do mundo, e que só aspira á bem-aventurança eterna depois da morte. O cristianismo pôs abaixo a moral antiga e glorificou o sofrimento. O amor, no budismo, redime o pecador e, por meio dêle, o homem pode ultrapassar o *Eu*, liberando a individualidade. A' vista dos exemplos de pobreza e doença, abandona Buda, aos 29 anos, uma vida de luxo e fausto, e segue, no amor, o desprendimento e a renúncia de si próprio.

Conforme PLATÃO e ARISTÓTELES, o homem é intermédio entre Deus e os animais. No judaismo, o homem, feito á imagem do criador, é rei e senhor da natureza, tendo-se para êle criado o universo com todos os seres. Para os hindús, ao revés, o mundo orgânizado é constituído de criaturas irmãs e amigas, ás quais tratam igualmente, sem vislumbre de superioridade. A luta universal é imanente á vida; e onde há luta existe sempre a dôr. Esta, que é universal, é base da constituição do mundo, tal o primeiro axioma do budismo. No cristianismo, patenteia-se a fusão afetiva, quer na alegria de ressurgir em Cristo, no dia do juizo, para receber o prêmio eterno, quer na tristeza quotidiana da vida terrena, arrastando a cruz, qual o Redentor (SCHEELER).

O símbolo da simpatia máxima do cristianismo ocidental é S. Francisco de Assiz. Transferiu o misticismo a tôda a natureza, e alçou tôda a emoção amorosa para a divindade – luz universal. Desviava-se das formigas para não pisá-las, e jamais abençoou punhais, espadas ou lanças, nem sobrepôs o Jeová dos exércitos ao Deus dos pastores e dos profetas (A. GRIECO). Nas duas ovelhas que atou ao peito, simbolizava, como S. João Batista, a purificação do pecado sôbre a terra. Amava a poesia provençal, despida de erotismo, admirando nela o ritmo espiritual do amor.

Na literatura portuguesa clássica, contam-se, entre outros, exemplos de ardente fusão afetiva: H. PINTO, TOMÉ DE JESÚS e M. BERNARDES. Este dedicava quasi tôdas as obras á Mãe da Divina Graça, á Soberana Rainha dos Anjos Maria Santíssima Nossa Senhora, á Soberana e Clementíssima Senhora de Tôdas as Criaturas Mãe Santíssima e Sacratíssima, etc.

Para SCHEELER, três movimentos se originam do Renascimento, dos quais os primeiros são subordinados ao franciscanismo, e o terceiro, de certa forma, lhe é antagônico. São: a) o *platonismo* erótico e cristão de Dante e Petrarca, muito influenciado pelo movimento mosárabe e provençal; b) o *naturalismo* de Spinoza e, decorrentemente, o novo sentimento de panteismo; c) a *estética nova*, sem ligação com classes sociais ou preconceitos nacionalistas.

Merece menção o protestantismo, caraterizado pela supressão do misticismo, do ideal monástico e da fusão afetiva com a natureza, e pelo realismo em relação ao belo-sexo, por se opor ao celibato e ao dogma da Virgem-Mãe.

Ao negar a fusão afetiva, que reduz a doutrina mecanicística de DESCARTES á manifestação antropomórfica, e, portanto, ilusória, só fica uma forma de simpatia social: o humanitarismo, ou amor da humanidade, que considera o homem interposto entre a divindade e a animalidade (SCHEELER).

Movimentos contrários ao humanitarismo e ao protestantismo, nasceram com: a) o *romantismo*, onde se inclue o *positivismo* de A. COMTE, que proclama a fusão afetiva planetária, e restabelece o culto cavalheiresco da supremacia moral da mulher; b) o *proletarismo*, descrente da eficácia da simpatia, sob qualquer aspecto, e que reconhece na luta de classes o único fator da evolução histórica.

Leis da simpatia. Contam-se quatro.
Iª lei - *A identificação afetiva é subordinada á reprodução emocional.* Caratériza-se: *a)* pela evolução

subconciente ; *b*) pelo surto automático e involuntário ; *c*) pela limitação do ponto de vista subjetivo e objetivo á esfera da conciência. Seja exemplo a menina que brinca de mãe com a boneca; realiza a fusão afetiva não só para com a boneca (*fusão ecfórica*), como também para com a sua mãe (*fusão eufórica*). No primeiro caso, pondera SCHEELER, o Alter (menina) identificou-se com o Ego ; no segundo é êste que se funde com o Alter (mãe).

II[a] lei – *A participação afetiva conduz ao amor da humanidade.* A simpatia implica, em essência, o princípio da realidade do indivíduo, com o qual simpatizamos. E' na comunhão emotiva que se vence o auto-erotismo, o egoismo, em suma. No altruismo a simpatia concebe a humanidade forçosamente como unidade da espécie (SCHEELER). Nele não se distingue o forasteiro do natural, o inculto do civilizado, o criminoso do normal, pois são resultantes de fatores extrínsecos, condicionados ao meio e á herança, por conseguinte, independentes do fator pessoal.

III[a] lei – LEI DA SEMELHANÇA. *A simpatia entre dois indivíduos ou dois grupos é proporcionada ao grau de semelhança, patente ou virtual* (GIDDINGS). Está visto que ninguém simpatiza com pessoas com as quais não tenha um ou mais pontos de contacto.

Supõe FERENCZI que o fator sexual alicerce tôda emoção simpática e que, quando duas pessoas se defrontam, o inconciente procura sempre efeituar a transferência. Quando consegue satisfazer o conciente, quer sob forma puramente sexual (erótica), quer sublimada (respeito, admiração, amizade, etc.), estabelece-se o laço de simpatia. Si não se verifica o desejo positivo, ambas as pessoas experimentam antipatia recíproca.

IV[a] lei – LEI DO DESENVOLVIMENTO. *A simpatia desenvolve-se consoante a clareza e extensão das*

representações, contanto que se trate de temperamento emotivo (SPENCER). Compartilha-se mais o pesar do que a alegria. E' que, nesta, intervém a inibição da inveja, oriunda da contemplação da ventura alheia.

Chora-se, por vezes, nos momentos alegres para solver estado de tensão, qual seja a expansão da jovem mãe nos braços do espôso. As lágrimas de alegria, ensina RIBOT, ocorrem no momento de ação, e as de tristeza no de reação.

Vezes há em que a simpatia se vivifica e atinge proporções extraordinárias. MICHELET, em "*Ma Jeunesse*", exprime o sacrifício familiar. Resolveu-se em conselho que iria estudar e dispensou-se o minguado auxílio pecuniário que êle poderia proporcionar ; no entanto, a família era pobre e a mãe doente. Os pais confiavam, porém, no seu talento e queriam proporcionar-lhe melhor futuro. Sabiam que os sacrifícios dariam fruto, embora depois de êles mortos.

O evitar a vista do sofrimento nem sempre obedece a preceito moral. Receia-se fraquejar e o homem cada vez mais teme a dôr física e moral.

A falta de simpatia produz a apatia e demonstra ausência de compreensão. E' o que acontece com as crianças, cruéis e indiferentes ao mal que praticam.

BIBLIOGRAFIA

GIDDINGS (F.) : The Principles of Sociology. N. Y. Macmillan. 1928.
GRIEÇO (A.) : S. Francisco de Assis e a Poesia Cristã. Rio. Ariel. – 1933.
RIBOT (T.) : Psychologie des Sentiments. Paris. Alcan.. 1896.
SCHEELER (MAX) : Nature et Formes de la Sympathie. Ed. fr. Paris. – Payot – 1928.
TARDE (G.) : Etudes de Psychologie Sociale. Paris. Giard Briére. 1898.

CAPITULO XI

INTELIGÊNCIA

Para os guestaltistas, o animal precisa de discernimento afim de alcançar o alvo. Quando êste é experimentalmente modificado, só o atinge depois de percebidas as novas relações.

Distinguem-se duas fases no desenvolvimento intelectual. A primeira é resposta a um dos fatores da guestalte em dependência com os demais. Encontra-se já nos peixes ou, talvez, mais baixo ainda na escala zoológica. Na segunda, o animal estabelece a relação dos meios com o fim. Ambas as fases têm caráter direcional, a saber, decorrem da própria organização para o alvo.

Um dos fatores funciona como fim. A resposta obedece á lei do menor esfôrço, produzindo o estímulo tensões de equilíbrio.

Experiências de WHEELER e PERKINS, com o peixe dourado; de LEWIS, com o pinto, nas quais êsses autores recorriam a pontos luminosos de intensidade variável, indicadores do lugar onde se encontrava o alimento, levaram á conclusão que tais animais reconhecem a relação com o foco de luz. Utilizando-se de côres, e operando com camondongos, HELSON observou que escolhiam sempre o caminho mais curto ao alimento.

Nas aves e insetos, compreende-se o caráter automático das reações ao estímulo em virtude do sistema neuro-muscular especializado, de sorte que a resposta aos excitantes é limitada quanto aos objetos e relações.

O desenvolvimento da inteligência, do macaco ao homem, é, em substância, a história do constante progresso dos meios ou instrumentos de alcançar os objetivos, tornando-se aqueles mais numerosos e vários na razão direta da complexidade dêstes.

O mais antigo instrumento teria sido o eólito (Rutot), pedra talhada intencionalmente, de forma que pudesse ser empunhada. O *Pithecanthropus Erectus*, de 500 mil anos atrás, dêle se teria servido. Passando-se ao *Homo Neanderthalensis*, há 50 mil anos, habitante das cavernas, topam-se os paleólitos, flechas, machados de pedra, e, talvez, o fogo. Sucede o período glacial após o qual surgem as primeiras manifestações de arte: pintura de homens e animais, nas paredes de cavernas, sôbre ossos e armações de veados, e esculturas de pequenas figuras. Existem dêsse período duas raças pelo menos: a dos Cro-Magnons e a dos Grimaldis. Dos primeiros, da época da rena, chega-se aos selvagens de hoje, caraterizados pela cerâmica, fabricação de tecidos, agricultura, construções primitivas, domesticação de animais, invenção do número, da escrita, da religião, e com tradições e organizações sociais.

Com a vida em grupo, começa o homem a disciplinar a conduta individual, e, com isso, progrediram, paralelos, a inteligência, a emoção e o comportamento social.

YERKES verificou que, nos macacos superiores, só existe o grito emotivo e não a verdadeira linguagem verbal, que exprime conceito ou idéia.

A linguagem, mostrou DELACROIX, decorre das emoções, da vida social e da natureza da inteligência, que só será devidamente interpretada pela psicologia.

Na origem da linguagem, o gesto era mais importante do que o som articulado, seguindo-se as principais condições da palavra, falada e escrita

A escrita tem seus primórdios em pinturas ou pictogramas que, a princípio, representavam objetos. O alfabeto evolucionou do pictograma, através do estágio intermédio dos caratéres cuneiformes, (assírios, persas e medos), até os símbolos. Teria sido descoberto pelos fenícios, que verificaram podiam representar não só objetos mas também os próprios sons. O abecedário dêles não tinha vogais, inventadas, mais tarde, pelos gregos.

Inteligência Infantil. A criança manifesta os primeiros rudimentos de inteligência pela resposta aos objetos em relações simples e pelo caráter direcional dos atos.

Dois são os caraterísticos da inteligência nas crianças: a) *propriedade com que aplicam as palavras a novas situações*, prova de que aprendem os vocábulos sem diferenciá-los; b) *emissão repentina de frases e sentenças*, que empregam embora ainda não as tenham usado. Parece que não o haviam feito, porque não tinham ainda discernimento da nova situação. O fato de ouvirem palavras isoladas e não repetí-las, a não ser muito mais tarde e em frase, significa que os vocábulos, para elas, só adquirem originalidade no que respeita ás circunstâncias em que são empregadas. De início, inventam frases tanto quanto imitam. Dos três aos doze anos, o emprêgo da linguagem e de outros símbolos conduz a processo de abstração, esboçando-se o raciocínio no oitavo ano.

*Imaginação Eidética ou Idéica.** JAENSCH, KLÜVER, e muitos outros, assim denominam (*Eidos-forma*) a visão que a pessoa experimenta de novo de um objeto ou quadro. Depois de estudado em certo fundo, é possível, imediatamente após a exibição, revê-lo com nitidez quasi fotográfica, mòrmente quando se fixa em fundo semelhante ao do original. A ima-

*Adotou-se a grafia *idéica*, em vez de *eidética*. Conforme lição do ilustre filólogo patrício Alvaro Guerra, o processo de derivação é idêntico ao de *epopéica*. O *ei*, em grego, corresponde, por transliteração, a *i*, em português.

gem é tão definida que se pode determinar o momento do seu aparecimento e a sua duração. Nas crianças, a imaginação idéica é mais freqüente do que em adultos ; seria maior nas francesas do que nas alemãs. Em caso de objetos coloridos, pode ser seguida de visão da côr complementar : vermelho do verde, e amarelo do roxo. Leva isso á suposição de que a côr complementar é semelhante á imagem remanescente negativa, fenômeno de visão comum. JAENSCH e outros distinguem a imagem idéica da remanescente negativa. O seu mecanismo, porém, não deve ser confundido com o da memória habitual.

Testes Mentais. Medem só os conhecimentos adquiridos, e não aquilo que o indivíduo é capaz de aprender. Apreciam apenas a *inteligência de reação*, não passam de uma *vista em corte* das faculdades psíquicas do examinando. (Delacroix). A predição pelo teste só prevalece si não se alteram as circunstâncias do meio em que se desenvolve a criança.

E' preciso cuidado na interpretação dos testes. Reclamam grande prática em usá-los, e o valor dêles depende do critério com que os seus dados são balanceados com outros, que entram na formação psíquica, (ambiente, cultura, etc.).

KLINEBERG, em 1931–32, estudou-lhes as aplicações sociais. Mostrou que as diferenças de inteligência não podem ser referidas á superioridade racial, nem explicadas por via de herança, dependendo tão só das condições desiguais do meio social e cultural. A rapidez da resposta, igualmente, não depõe em favor da diferença intelectual inata, por não levar em conta aquelas pessoas cujo espírito se não treinou na concorrência individual.

Na criança e no adolescente, ainda em fase intensa de crescimento, o teste não inclue dois fatores capitais–o grau de maturação biológica, e o ritmo da evolução somática e psíquica, variáveis para cada indivíduo. Outrossim, muito é para ponderar-se o estado de espírito, intelectual e emotivo, permanente ou

ocasional, em que o examinado se vai submeter ás provas.

Nos casos extremos, os testes permitem distinguir a criança normal da sub-normal, assim como mostram, no aproveitamento escolar notàvelmente baixo, a diretriz do exame psicanalítico e da orientação pedagógica para a normalização do nivel psíquico.

Os alunos de alto padrão mental desprezam pormenores dos testes e, com isso, viciam fundamentalmente os respectivos índices, que jamais lhes revelam o verdadeiro valor intelectual. Os testes devem ser individuais, e não coletivos ou de grupo. Requer-se, por conseguinte, grande esmêro na classificação por meio de testes mentais, mòrmente em exames de admissão ou de vestíbulo. Durante o ano letivo, os inconvenientes dêsse diagnóstico parcial, se podem atenuar, todavia, pelo recíproco conhecimento que se estabelece entre professores e alunos.

Não obstante os reparos apontados, os testes mentais representam um grande progresso na análise da personalidade intelectual e emotiva. Substituem a apreciação pessoal, subjetiva, muito discutível, por formas de comprovada objetividade.

Inteligência na Vida Social. Diz COMTE que a lei de evolução da sociedade humana é a do desenvolvimento dos conceitos intelectuais. A inteligência socializa-se no estudo dos problemas coletivos. Todavia, até há pouco, os filósofos e pesquisadores se tinham preferentemente ocupado da natureza física do universo e de problemas individualizados.

A inteligência gera a aprendizagem. A cultura e a civilização, portanto, decorrem desta e são produto daquela. A inteligência, que se mede pela faculdade de pensar abstratamente (Thorndike), orienta a pesquisa e a meditação, subordinando-as ás regras da lógica, e vivificando o estudo desinteressado. Considerem-se, p. ex., a radiotelefonia e a radiotelegrafia, de grande vulto comercial, que datam apenas de 1910. Fundamentam-se em investigações de laboratório,

de 20 anos atrás, e ninguem previra tão maravilhosos resultados dos estudos de BRANLY sôbre as descargas elétricas em alto vácuo.

No começo dêste século, era desconhecido o valor industrial do argônio, neônio, hélio, criptônio e xenônio, e, em 1932, só nos Estados Unidos, elevava-se a 300 milhões de dólares o valor do aproveitamento dos gases nobres. ¿ Quem pressentiria a cadeia de descobertas que levou ao reconhecimento dêsses elementos? Devêmo-las á astronomia, pois que o hélio foi descoberto, no sol, pelo espectroscópio, e 35 anos depois, em quantidade mínima, no ar, também por meio dêsse instrumento.

Atente-se, v. gr., na solução do problema de desagregação do núcleo atômico, que modificará, por completo, as necessidades econômicas dos povos, quando de posse da energia universal. Depreende-se quanto urge incentivar a ciência pura.

A natureza da sociedade humana e o provável desenvolvimento da vida social sòmente se explicam pelo fator diferencial entre os grupos humanos e os animais, que é a cultura. Concretamente, consta da indústria humana e das instituições sociais. No sentido mais amplo, abrange os padrões de comportamento socialmente adquiridos e transmitidos. (ELLWOOD).

Só existe cultura quando o indivíduo aprende a modificar a sua conduta através da cultura que recebeu. Depende, pois, do intercâmbio de experiências e da linguagem.

Na curva da *cultura humana*, observam-se os períodos de MORGAN: de selvajaria, homens que vivem de caça e pesca; de barbaria, caraterizada pela agricultura primitiva, e de civilização, quando surgem a escrita e o registo dos acontecimentos. Os estágios de evolução cultural, estabelecidos pela antropologia e arqueologia, são tão nítidos, declara ELLWOOD, quanto os da biologia e geologia para a evolução orgânica.

A curta duração da vida influe mais do que outro fator qualquer na vida intelectual. Repousando a progressão social sôbre a morte física e intelectual é imprescíndivel a renovação dos valores.

Segue-se a importância do critério impessoal e do objetivo social indeclinável na seleção daqueles que devem colaborar no progresso e felicidade do país.

BIBLIOGRAFIA

DELACROIX (H.): Le Langage et la Pensée. Paris. Alcan. 1924.
ELLWOOD (C.): Cultural Evolution. N. Y. Century Co. 1927.
FEBVRE (L.) e outros: *Civilisation - le Mot et l'Idée.* Paris, Renaissance du Livre. 1930. 1.ére Semanaire Internationale de Synthèse.
HELSON (H.): Insight in the White Rat. J. Exp. Psyc. 1927. vol. X. (cit. *Wheeler: Science of Psychology*).
JAENSCH (E. R.): Die Eidetic. Leipzig. Quelle Meyer. Zweite Aufl. 1967.
KLINEBERG (O): Mental Tests. Encyclopedia of the Social Sciences. v. X. 1933.
KLÜVER (H.): Studies ou the Eideitic Type and on Eidetic Imagery. *The Psycholical Bull.* fev. 1928. v. 25, n. 2.
KLÜVER (H.): Description of Eidetic Phenomena. *Psychol. Bull.* 1925, 22. p. 331.
MILLIKAN (T. A.): The Relation of Science to Industry, em *Cowdry (E. V.): Human Biology and Racial Welfare* P. Hoeber. N. Y. 1930.

CAPITULO XII

GRUPOS SOCIAIS

Grupo social é tôda reünião de indivíduos espiritualmente solidarizados. Nesta acepção, compreende-se não só o grupo evolucionado, com ideologia própria e conciência da sua função social, mas também aquele que, em fase inicial de desenvolvimento, é privado de maior fusão psíquica dos seus membros, que se mantêm coesos pela identidade de condições econômicas.

Para DUPRÉEL, de Bruxelas, grupo social é tôda reünião de indivíduos, em cujas relações sociais o elemento de acôrdo sobrepuja o de antagonismo. Para a compreensão de qualquer problema sociológico e, portanto, do agrupamento, julga êle indispensáveis as noções de sociedade, de relação entre os indivíduos, do grau de consistência e inter-penetração dos grupos.

Na associação grupal objetivam-se vantagens na luta contra inimigos naturais, na construção de zonas de habitação resguardadas dos rigores do clima, no desenvolvimento da linguagem, no incremento da prole e na sobrevivência maior. Os mais hábeis e sagazes, adverte CHAPIN, ensinam os meios de tornar a vida social mais eficiente.

Os grupos podem ser *primários* e *secundários*. *Grupo primário*, designação de COOLEY, é o conjunto de pessoas que, em recíproca inter-ação, exercem poderosos estímulos umas sobre as outras; define-se pelo espírito de associação e cooperação direta. Abrange três fatores da sociedade humana : *a família, o grupo de recreio* e *a vizinhança*.

O grupo primário comporta um tríplice condicionamento : associação de confronto, prioridade na experiência, e sentimento plural do todo,

que se exprime pelo pronome *nós*. Todavia, lembra FARIS, como alguns grupos de confronto não são primários (instituições formais) e, a seu turno, certos grupos primários não são de confronto (famílias reais dispersas por vários países), não é indispensável a contigüidade espacial, como também não o é a prioridade temporal, uma vez que muitos grupos primários são constituídos de adultos. Seus membros vivem em um laço de mútua simpatia, dentro do conceito de todo, identificados pela condição essencial que é o sentimento.

Grupo secundário é o conjunto de pessoas que, não estando em forçosa presença física de outras, reagem de modo idêntico a dados estímulos (BOGARDUS). Cumpre assinalar que COOLEY jamais empregou a expressão grupo secundário.

O grupo diz-se ainda *físico*, *específico* e *simbólico* (SAPIR). O primeiro consta da reünião de indivíduos (proximidade física), de forma e função casual. O segundo é representado pelos que se agrupam regularmente para o mesmo fim. O terceiro assegura aos indivíduos uma situação integrada na sociedade (família, grupos universitários, partidos políticos, clubes, etc.).

A *coesão* dos grupos depende do gráu de identificação dos seus membros : é *direta*, *seletiva* e *referencial*. *Direta*, aquela em que o indivíduo está em relação pessoal com a maioria; *seletiva*, si mantém apenas relações com determinados membros da sociedade aos quais confere valor representativo ; pode ser hostil para certos membros, caso, aliás, mais freqüente; *referencial*, quando o indivíduo não se identifica com os membros do grupo, mas sente que são transmissores impessoais de uma idéia ou objetivo.

MAUNIER (R.) admite três grupos sociais : de *parentesco* (tribu e família) ; de *localidade* (aldeia, cidade e nação), e de *atividade* (casta, classe, corporação, sindicato, companhia, confraria e associação desportiva).

PADRÕES CULTURAIS. Assim se denominam certos fatores sociais do comportamento humano: *tradições, tabús, usos e costumes, e leis.* Constituem o patrimônio tradicional do povo, e aqueles que os violam ou são excluídos da comunhão ou tratados com desconfiança e suspeita.

Herança cultural do grupo, a tradição é a soma total dos padrões de cultura que o indivíduo encontra ao nascer. (BOGARDUS). Corresponde aos *folkways* dos americanos, expressão com que SUMNER designa a maneira tradicional havida como certa de se comportar. Abrange os hábitos morais, ou não, culturalizados e comuns ao grupo. (YOUNG).

As tradições são uniformes, universais, imperativas: têm fundo inconciente. Atuam de modo coercitivo sôbre os indivíduos, e representam verdadeiros cânones de comportamento. Transformam-se em superstições por efeito de inferência errada. Assim, refere-se no Diálogo das Grandezas do Brasil, que "os índios partem para a caça, mas desamparam a jornada e se tornam a recolher, si ouvem cantar a peitica, ave agourenta para êles".

Não há lógica dedutiva na observância das tradições. Assim procederam os antepassados; é razão suficiente para fazer-se o mesmo.

Os tabús são proibições e impedimentos, morais ou materiais, que revelam a contração do comportamento em virtude de imposições tradicionais e inconcientes. Raros são os que lhes resistem ás sanções, e, quando o fazem, desconhecem-lhes quasi sempre os efeitos.

Os usos e costumes divergem das tradições por se restringirem á parte cultural, considerada vital, da herança do grupo. Neles se incluem a fé religiosa, as convicções políticas e praxes que regulam a vida material e moral. Representam a herança cultural permanente. São involuntários e automáticos, no que se opõem, por vezes, ás leis, deliberadas e concientes.

Muitas vezes prevalecem sôbre estas, que, elaboradas

por um grupo diminuto, não consultam o interêsse global da comunidade, como no caso do costume. Acresce a circunstância de que é complicado o processo de elaboração, observância e revogação das leis, despidas da necessária elasticidade, de tal sorte que freqüente é vê-las reduzidas a letra morta. Segue-se que tôda legislação não fundada no sentimento consuetudinário, corre risco de inviabilidade.

Quanto mais simbólica ou indireta a função do costume, tanto mais se aproxima da *convenção*, onde se destaca nítido o motivo íntimo do comportamento, e, muitas vezes, da observância de um acôrdo ou compromisso, tácito ou expresso. A tradição, segundo SAPIR, patenteia a razão histórica do costume, sendo a diferença entre ambos mais subjetiva do que objetiva. Numa palavra, uso radicado passa a ser costume.

SOCIEDADE HUMANA. A sociedade humana é o agrupamento de indivíduos em interdependência psíquica. Tem sido explicada por três teorias: a do *contrato social*, a *orgânica*, e a do *determinismo econômico*.

TEORIA DO CONTRATO SOCIAL. Representa a mais antiga e data de EPICURO. Adotaram-na HOBBES, LOCKE e ROUSSEAU. Nela se incorporam as doutrinas que consideram o acôrdo mútuo como base da vida coletiva. A organização social seria, antes de mais nada, uma construção intelectual, condicionada a convênio explícito dos indivíduos.

O contrato não antecede, senão que decorre da evolução social. Seja exemplo o matrimônio, produto da vida coletiva, e ausente nos primórdios da formação dos grupos sociais.

Esta teoria evidencia o valor dos elementos intelectuais em prejuizo dos biológicos e geográficos. Fundamentou a ideologia revolucionária de França, em 1789-93, impregnando os seus líderes de excessivo individualismo.

Prevalece ainda na administração pública do liberalismo atual.

Sôbre representar um sistema em que se objetiva o interêsse pessoal, a teoria do contrato social nutre-se da utopia de que os indivíduos sejam observantes dos deveres sociais. Por outro lado, certo é que, no seu intelectualismo caraterístico, não se apreciam devidamente outros fatores que concorrem, de modo poderoso, na estrutura e função da sociedade.

TEORIA ORGÂNIGA. Imprimiram-lhe singular relêvo H. SPENCER, LILIENFELD, ESPINAS, WORMS. (R.) A sociedade – *organismo superhumano* – não poderia ser dirigida pela ciência. Resulta da evolução orgânica, produto das fôrças cegas da natureza e se mostra subordinada tão só ás leis biológicas. Incorre-se, aquí, igualmente, no êrro de não se levar em conta, entre outros, o fator psíquico, precioso para assegurar o ritmo da vida social, travando-lhe os surtos de animalidade.

O ponto vulnerável desta teoria é negar a existência do indivíduo e da sua responsabilidade. RICHARD demonstrá, na experiência pessoal, a participação individual na responsabilidade coletiva dos agrupamentos permanentes: família, classe e estado, ao aprovar, p. ex., um ato político de grande repercussão no futuro. Não se excluirá, pois, o concurso da criminologia e, sobretudo, do direito, na interpretação dos fenômenos sociais, sob pena de escapar o respectivo caráter circular.

DETERMINISMO ECONÔMICO. Ainda chamado *socialismo econômico* ou *científico, materialismo histórico* ou *marxismo*, por ter sido sistematizado por K. MARX, (1818–1883) é eminentemente objetivo, e procura, nos fatores econômicos e no depoimento histórico, a essência estrutural das sociedades.

Impõe-se o seguinte resumo para orientar o psicosociólogo nos quadros em que se terá de mover. O *determinismo econômico* é doutrina; o *materialismo histórico*, aplicação política. Por tal forma, porém, é vasta a extensão desta que, pelo geral, funde-se a teoria na prática.

MAX BEER, autor da "*História Geral do Socialismo e das Lutas Sociais*", e da obra – *K. Marx: sua Vida e Obra*, sintetizou, de maneira admirável, a essência da doutrina marxista. Condensamos, abaixo, a sua exposição dos fundamentos do materialismo histórico, com leves modificações para clareza e método de apreciação.

"Antes de K. MARX, o socialismo filiava a sua doutrina na áurea idade da prehistória, no direito natural, no cristianismo primitivo, na idéia da humanidade e na ética social. Com a obra do grande teórico da Revolução, tornou-se o socialismo a doutrina política do proletário revolucionário, cujo fim é desenvolver tôdas as tendências materiais e intelectuais do corpo social que concorrem para a socialização das fôrças produtivas. Constituíu-se o método de ação e o objetivo final da classe operária na luta pela emancipação social.

"DIALÉTICA HEGELIANA. MARX unificou as várias doutrinas e teorias sociais em voga, por volta de 1843, socorrendo-se da dialética de HEGEL.

"Para os gregos, dialética era a arte do discurso e da contradição. Consistia em refutar-se o adversário destruindo-lhe os argumentos e evidenciando-lhe os erros. Aliás, é método útil de discussão, porque, do choque de idéias opostas, jorra a luz e se incentiva o trabalho mental.

"HEGEL chamou dialético ao seu método de lógica. Para êle, cada conceito tem o seu contrário ou contradição, e cada afirmação comporta uma negação. E' a contradição que põe as coisas em movimento, fomenta o processo evolutivo e desenvolve tôdas as partes e fôrças do sêr. Si a terra tivesse ficado constantemente idêntica como massa gasosa inflamada, e si não houvesse surgido a contradição do resfriamento e formação da crosta terrestre, nenhuma vida lhe despontára na superfície.

"Si perdurasse o estado aristocrático e não houvesse surgido a liberdade burguesa, que é a contradição, a vida social estaria estagnada e fôra impossível a civilização. Não se opusesse a contradição do proletariado, regrediríamos para o feudalismo industrial. Só alí, onde reponta a contradição, começa a possibilidade da forma superior de existência e pensamento. Não se trata, portanto, de contradições lógicas, que obscurecem o pensamento ou representação dos fatos. MARX refere-se de preferência ás contradições materiais e aos conflitos na evolução das coisas.

"São contradições exteriores: a justiça que, no decorrer dos tempos, se transforma em injustiça; a razão em desrazão; a utilidade em nocividade; quando leis e instituições, até então úteis, terminaram o mandato social, tornaram-se peremptas, e entram em conflito com os interêsses vivos e concepções novas da sociedade; quando, por conseguinte, aparecem lutas sociais para harmonizar e ajustar tais leis e instituições com os novos conceitos e interêsses, alçando-se a fase superior do desenvolvimento social, que é a síntese, negação da negação.

"Não se limita a negação em destruir ou suprimir, senão que representa, a um tempo, o aniquilamento e a reconstrução, a morte e a vida, o renascimento sob forma superior. Aliás, a renovação com sacrifício do passado, a destruição transformadora é obra contínua, de todos os instantes. Quando o indivíduo cresce e se desenvolve, não atinge, porventura, estádios evolutivos cada vez mais complexos e elevados á custa da extinção das fases anteriores: infância, adolescência e maturidade?

"HEGEL insiste na significação essencial das contradições do pensamento e da realidade, indevidamente apreciada pela lógica antiga. Supõe-se que a identidade prevaleça em importância. Ora, em cotejo com a contradição, limita-se a determinar o simples · imediato, o sêr morto. *A contradição*

é a raiz de tôda vida e de todo movimento. Só na medida em que a coisa encerra o germe da contradição é que vive e atua.

"Por via de regra, os indivíduos só percebem que no mundo existem coisas diversas e contrárias: frio e calor, luz e treva, pesar e alegria, etc. E' só, porém, a razão pensante, declara HEGEL, que apura a contradição na variedade e diferenciação das coisas. Sòmente quando agudas, as variações entrechocam-se e recebem a negatividade, que constitue o pulso da vida.

"Tão só pelo embate dos contrários torna-se possível o processo evolutivo, que atinge um gráu superior, acima da contradição. Mas, quando falece a fôrça de desenvolvimento da contradição, o ser ou a coisa que se contradiz vem a morrer.

"A idéia de negação ou contradição é, como se vê, fundamental para a compreensão da doutrina marxista. Graças ao espírito profundamente penetrante na investigação dos fatos históricos, conseguiu MARX pôr em destaque a contradição em todos os conflitos e lutas que, na sociedade, se têm travado.

"Segundo HEGEL e MARX, onde existe contradição, começa o desenvolvimento para um gráu superior. Não há evolução automática. Sem negação, deperece e sucumbe.

"São, pois, três os gráus na evolução do pensamento e da realidade: *afirmação*, *negação* e *síntese*, na qual se suprimiu a negação ou, em outros termos, *tese*, *antítese* e *síntese*. Com esta última, resolve-se a contradição, e atinge-se nova etapa evolutiva.

"E' clássico o exemplo do ovo, que é coisa positiva. Encerra o germe que, ao desenvolver-se, lhe devora ou nega, aos poucos, o conteúdo. Essa negação não é apenas destruição pura e simples, porque, muito pelo contrário, tem como resultado produzir-se um ser vivo. Terminada a negação, o pinto, que se formou, quebra a casca. E' a síntese, em virtude da qual surge um ser orgânicamente superior.

"O fato mais importante no processo vital ou de de-

senvolvimento das idéias e coisas, frisa HEGEL, é o aparecimento de fôrças negativas e contraditórias. Só o choque entre o positivo e o negativo permite o processo de evolução e o eleva a fase superior.

"Graças ao método dialético, viu MARX, no proletariado, a negação da ordem atual e, na luta do socialismo, a síntese final. O elemento positivo é, aquí, a ordem econômica baseada na propriedade privada e na concorrência, e é contra êste estado de coisas que se dirige a luta do proletariado, ou seja, a contradição. "A concorrência e o salário põem o trabalho á mercê do capital ; e êste, sentindo-se forte, extrai do trabalhador tudo quanto êle produz, deixando-lhe apenas o suficiente para não morrer, isto é, para poder continuar a trabalhar. (ANTERO DE QUENTAL).

"São estas as idéias sociológicas fundamentais do marxismo : antagonismo irredutível entre os defensores da ordem antiga e da futura. E onde os seus partidários? Não entre os indivíduos mais ou menos notáveis ou grupos que, por motivo de maior ou menor idealismo, pendem para êste ou aquele ponto de vista, senão entre as classes com interêsses econômicos bem definidos que se contradizem em absoluto e, por conseguinte, terão, certo, de se chocar violentamente.

"Mercê da interpretação dialética, pôde MARX unificar a explicação dos problemas da burguesia e do povo, do capital e trabalho, da concentração capitalista e do desaparecimento progressivo dos pequenos produtores, que, já em 1843, se agitavam em França.

"O progresso dialético não opera sempre de modo insensível, sem surtos ou arrancos, com o que desmente a frase de LINEU : *natura non facit saltus*. Por vezes, até a quantidade se transforma em qualidade. A água, v. gr., não se congela aos poucos pelo resfriamento, mas de modo repentino ao baixar a temperatura a certo gráu. A quantidade que, no caso, é calor, transforma-se em qualidade, modificando a essência da coisa.

"Por conseguinte, a dialética é evolução com

meios revolucionários. Não é automática, pois requer o desenvolvimento da contradição. Sem ela, o positivo se torna identidade vazia e morta. Quer isso dizer que sem luta de classe não será possível a evolução social.

"Aplicado ao caso do capitalismo, teríamos os três gráus: *tese* = propriedade individual; *antítese* = capitalismo; e *síntese* = propriedade coletiva.

"CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA. Para MARX, a economia política é base da sociedade burguesa, e a evolução intelectual, em última análise, só reflete a econômica.

"Em rápido estudo da história, mostra-se que, nas diferentes épocas, tiveram os homens concepções diversas sôbre direito, moral, religião, estado, filosofia, etc., possuiram instituições e formas sociais diversas, e passaram por guerras e conflitos de tôda sorte. Como se explica essa diversidade perturbadora do pensamento e da atividade humana? Pesquisando tais problemas, preocupou-se MARX, não pròpriamente com a origem, mas com o desenvolvimento dialético, a saber, com o elemento revolucionário da história.

"As fôrças motoras da sociedade humana que modificam as idéias e o sentimento, numa palavra, a transformação da conciência e das instituições humanas não procede, em primeiro lugar, do espírito ou da razão absoluta, como afirmam os filósofos idealistas, mas das condições materiais da vida.

"A base da história da humanidade é, portanto, material. As condições materiais da existência significam o modo pelo qual os homens, como seres sociais, e por meio da natureza ambiente e das próprias capacidades físicas e intelectuais, formam a vida objetiva, procuram os meios de subsistência, produzem, repartem e trocam entre si os bens indispensáveis á satisfação das necessidades.

"De tôdas as categorias de vida material, a mais importante é a *produção*, isto é, o fabrico dos meios de subsistência, por sua vez determinada pelas

fôrças produtoras. Estas são *objetivas* ou *pessoais*. São objetivas — o solo, a água, o clima, a máteria prima, os instrumentos de trabalho e as máquinas. São pessoais — os operários, os sábios, os técnicos, enfim, as qualidades adquiridas por certos grupos humanos.

"Os operários ocupam o primeiro lugar nas fôrças produtoras. São as únicas que criam valores na sociedade humana. Segue-se-lhes a técnica moderna, fôrça eminentemente revolucionária.

"Si as fôrças produtoras aumentam por efeito da grande habilidade dos operários, da descoberta de novos métodos de trabalho, de novas máquinas, aplicação da ciência á indústria, e desenvolvimento dos meios de transporte, si, por conseguinte, a base material ou infra-estrutura econômica da sociedade se transforma, as antigas relações de produção deixam de servir os interêsses da população.

"De fato, as relações da produção, isto é, a antiga organização social, as velhas leis, instituições e doutrinas, etc., estavam adaptadas a um estado das fôrças produtivas em via de desaparecimento ou que já não existe. A super-estrutura social e a intelectual já não correspondem á infra-estrutura econômica. Contradizem-se as fôrças produtivas e as relações de produção.

"A contradição entre os conteúdos novos e as formas antigas, o conflito entre as causas novas e os efeitos caducos de causas desaparecidas, vai aos poucos atuar sôbre a conciência. Os indivíduos começam a se compenetrar que têm diante de si um mundo novo e que uma nova era se abre.

"A organização social transforma-se paulatinamente. Camadas e classes sociais desprezadas ganham fôrça econômica e social. Aquelas, ontem preponderantes, desaparecem hoje. "O povo teve conciência do seu direito ultrajado, do seu trabalho menosprezado, sentiu uma voz íntima dizer-lhe que também os filhos do povo eram homens e como tais deviam levantar a cabeça, e conquistar, para si, na sociedade, o

lugar que compete a homens livres e dignos. (ANTERO DE QUENTAL).

"Enquanto se verifica tal mudança da infra-estrutura econômica, os antigos sistemas religiosos, jurídicos, filosóficos e políticos agarram-se ás posições tradicionais e insistem em nelas se conservarem, embora, avelhentados, já não possam satisfazer as necessidades intelectuais. E' que a conciência humana é conservadora. Segue lentamente os acontecimentos exteriores, do mesmo modo como se vê o sol onde não está em realidade, porque os raios luminosos requerem algum tempo para alcançar o nervo óptico.

"A situação nova cria outros sistemas e doutrinas sociais, assim como gera grandes pensadores de que precisa.

"LUTA DE CLASSE. Tôda camada social que representa determinado papel na produção, constitue uma *classe*. A dos operários é representada pela camada social cuja principal fonte de renda é constituída pelo salário ; a dos capitalistas, pela camada cuja principal fonte de renda procede do lucro, dos juros e da renda imobiliária. São duas classes separadas por irredutíveis antagonismos, quer no que respeita ao modo como obtêm os recursos para viver, quer no que concerne á organização da sociedade. A oposição originária, fundada sôbre questões de salário e duração do trabalho, transformou-se, com o tempo, e á proporção que a conciência de classe do proletariado se desenvolve em tôrno das próprias bases da sociedade.

"A classe capitalista empenha-se pela ordem existente. O proletariado tem em mira a transformação da vida econômica e social dentro do conceito socialista. Em dado gráu de amplitude e intensidade, a luta de classe assume inevitável caráter político.

"O fim imediato da luta é a conquista do poder por meio do qual a classe capitalista se esforça por manter a posição, enquanto o proletariado quer utilizá-lo para o advento do socialismo.

"Segundo MARX, a luta se ultimará, cedo ou tarde, pela vitória da classe operária, que estabelecerá um govêrno ditatorial, durante o período de transição da propriedade privada para a coletiva e transformará progressivamente a sociedade. Foi MARX quem empregou, pela primeira vez, a expressão *ditadura proletária*, afirmando que é forma específica do período revolucionário ou de transição, e conseqüência da luta de classe.

"Cumpre distinguir a *propriedade individual*, conjunto necessário á subsistência material e espiritual dos indivíduos, que sôbre êle têm direito extenso e absoluto de usar e dispôr, da *propriedade privada*, retenção indébita dos instrumentos de trabalho, e que deve ser substituída pela *coletiva*, patrimônio da humanidade, da qual o indivíduo, por isso mesmo que faz parte da humanidade, tem direito de *usar*, mas de que, por isso mesmo que não é mais do que parcela da humanidade, não tem direito de *dispor*. Esse capital lhe não pertence individualmente : dêle *usa*, não *dispõe :* é de todos os que trabalham, de todos que queiram trabalhar : é *coletivo*. A coletividade é uma pessoa : representa a humanidade laboriosa." (ANTERO DE QUENTAL).

"TEORIA ECONÔMICA DE C. MARX. Para investigar-se a fôrça motora e o fim da economia capitalista, de onde procede o imenso acréscimo da riqueza, escreveu MARX "*O Capital*". A seu ver, riqueza é a massa de valores em uso que a sociedade produz.

"Normalmente, a economia capitalista cria todos os anos mais bens que o anterior. Acumula o excedente; em seguida, produz novo excedente, e, assim, de seguida. Dessa forma, cresce a riqueza.

"Esta mede-se pelo valor. Verificou MARX que o fabricante estabelece, como base do valor, o custo da produção, assim entendendo o conjunto das despesas para aquisição de matéria prima, uso dos edifícios, máquinas e instrumentos, pagamento de salários, além do lucro corrente que a mercadoria deve proporcionar.

"Ora, só o trabalho manual e intelectual, socialmente necessário á produção e ao transporte da matéria prima e da mercadoria, cria o *valor*.

"O salário, que o trabalho criador recebe, é sempre inferior ao valor criado, de sorte que o trabalho produtivo, em regra, traz, para o fabricante, valor superior ao que êle aplica no salário. Essa diferença é a origem da *mais-valia*, de que o fabricante aufere o lucro; o banqueiro, os juros; o proprietário de imóveis, a renda; e o comerciante, o ganho.

"Contudo, o industrial isoladamente não recebe com exatidão a mais-valia produzida na usina, porque tem de levar em conta o mercado e a concorrência. Si, p. ex., a mais-valia, produzida em sua fábrica fôr de 50 %, e a de outros produtores de 60, 40 e 30 %, o mercado proporcionará lucro médio de 45 %.

"Por conseguinte, quando o trabalho produzido constitue a medida do valor, claro é que, quanto menos trabalho manual e intelectual contiver a mercadoria, tanto menor será o seu valor. E' o caso em particular do trabalho mecânico que substitue o manual. Em tempos normais, as mercadorias tornam-se mais baratas na razão direta da extensão do maquinismo. Quanto menor o conteúdo da mercadoria em trabalho, tanto menos importante a mais-valia, tanto menor o lucro por unidade de produção, e tanto mais baixa a taxa de lucro. Para obviar a queda da taxa, no total do lucro obtido sôbre o conjunto da produção, recorre-se á produção em série, que exige considerável quantidade de matéria prima, máquinas imensas e aperfeiçoadas, assim como locais mais amplos. Sòmente fortes capitalistas e poderosas sociedades estão em condições de juntar capitais indispensáveis á produção em grande escala, e a sua concorrência esmaga cada vez mais os pequenos produtores. A vida econômica é, assim, arrastada para um processo crescente de concentração e centralização de que re-

sulta cavar-se mais fundo o abismo entre as classes e dividir-se cada vez mais a sociedade em dois campos antagonistas. De um lado, o pequeno número de magnatas que concentram nas mãos a riqueza; do outro, a grande massa dos que nada possuem e só contam para viver com a fôrça do trabalho.

"A concentração da riqueza acarreta outro resultado. Congrega massas vultosas de proletários nos grandes centros industriais, reforçando-se, dêsse modo, a organização e conciência de classe; agrava a luta de classe até que se remate na transformação da ordem existente. O último ato dêsse drama gigantesco será a expropriação dos capitalistas pelas massas populares, que colocarão os meios de produção sob a direção e controle da coletividade, e, assim, realizarão a democracia econômica.

"Enquanto se espera atingir tal objetivo, será mister estabelecer-se a fase intermédia na qual a ditadura proletária dirija de modo conciente a transformação econômica e política, e destrua todos os obstáculos".

BIBLIOGRAFIA

BEER (MAX): Histoire Générale du Socialisme et des Luttes Sociales. Ed. fr. Paris. Les Revues. vol. V. 1931.

BEER (MAX): Karl Marx, sa vie; son oeuvre. Ed. fr. Paris. Librairie de l'Humanité.

BRISTOL (L. M.): Social Adaptation. Harward Un. Pr. 1930.

DAVIS (H.): Economia Social (Aulas Mimiografadas da Escola de Sociologia e Política de S. Paulo) 1933-34.

ELLWOOD (CH.): The Psychology of Human Society. N. Y. Appleton. 1931.

MAUNIER (R.): Les Groupements Sociaux. Paris. Alcan. 1929.

QUENTAL (ANTERO DE): O que é a Intérnacional – Prosas. vol. II. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1926.

RICHARD (G.) La Sociologie Générale et les Lois Sociologiques. Paris. Doin. 1912.

SAPIR (E.): GROUP, na "*Encyclopedia of Social Science*" v. VII.

SUMNER (W. G.): Folkways. Boston. Ginn. 1906.

CAPITULO XIII

EU SOCIAL

O *Eu* é o indivíduo centrado em si mesmo. (PIAGET). Pode ser encarado do ponto de vista biológico, psicológico e social.

I) O *Eu biológico* ou *físico* é o organismo humano complexo e altamente integrado, funcionando como unidade subordinada á estrutura anatômica, em particular ao sistema nervoso, que liga tôdas as regiões do corpo á central, representada pelo cérebro. Em parte, por meio dêsse sistema, os vários órgãos da economia executam funções especializadas de modo ordenado e harmonioso, e, por seu intermédio, o ser humano estabelece grande número de contactos com o ambiente (WHEELER).

II) O *Eu psicológico* ou *espiritual* considera o organismo humano como um todo, concientemente ativo, de posse da noção de identidade pessoal, de passado e de continuidade. Tem sido descrito como: a) *conciência do Eu*, determinada por mecanismo mental, único e não analisável, sempre pronto a observar, pouco importa o que, no momento, preocupe o indivíduo; b) *experiência complexa* que, na introspecção, se fragmenta em outras mais simples, dependentes dos órgãos sensoriais, especialmente da pele e músculos. O *Eu* se reduziria ao mecanismo *táctil* (pele) ou *cinestésico* (músculo), ao lado de *imagens visuais* (quadros mentais) ou *verbais* (uso silencioso da palavra), que representam e simbolizam as atividades individuais. Aqueles que, em suas experiências, julgam a auto-conciência não analisável, seriam apenas incapazes de decompô-la nos seus mecanismos básicos.

III) *Eu social.* E' o indivíduo condicionado biológica e socialmente. A forma e qualidade da individualidade decorre dos contactos sociais,ao passo que a possibilidade de adquirí-la depende, em igual extensão, da estrutura que o organismo herdou.

Deduz-se que o *Eu* social não se define em função do sistema nervoso (*Eu* biológico), nem da conciência (*Eu* psicológico), senão do intercâmbio entre o indivíduo e o grupo. Este é que interessa ao psico-sociólogo quando procura prever e dirigir o comportamento humano, de extrema complexidade, e que, embora normal, é um todo unificado em constante modificação. O indivíduo de hoje não é o mesmo de tempos atrás.

A transfiguração é intrínseca a tudo que tem vida : é a corrida em direção á morte, penhor seguro de eterna renovação.

O *Eu* social define-se pela consideração que a pessoa goza no seu meio. Possue-se o desejo inato de ser notado. O homem tem tantos *Eus* sociais quantos os indivíduos que o conhecem e dêle formam opinião.

Como os indivíduos se distribuem em grupos, pràticamente pode dizer-se que há tantos *Eus* sociais quantos são os grupos de cujo conceito a gente se preocupa. Em regra, a pessoa mostra-se em ângulos diversos, conforme o ambiente. Não somos os mesmos dentro de casa ou fóra. Aquí, abrimo-nos com os amigos; alí, guardamos reserva com aqueles que não nos inspiram confiança. Segue-se o desmembramento da personalidade em diversos *Eus*, que se podem opor uns aos outros, mas que também podem harmonizar-se na divisão do trabalho. Seja exemplo o militar, afetuoso com a família, e cruel para com os soldados ou prisioneiros.

A idéia favorável que o mundo faz do indivíduo varia consoante se comporta de acôrdo com certas exigências, que não são necessàriamente as mesmas para com os membros de outra categoria. Assim, o particular pode abandonar a cidade invadida pela peste,

mas não o deve fazer o médico, sem deshonra profissional. O civil pode fugir á chegada do inimigo, mas não o deverá fazer o militar. A multiplicidade dos *Eus* sociais é flagrante na vida de políticos, que diversificam a conduta como homens privados ou chefes partidários.

O político, que adere ao partido vencedor, está dominado pelo *complexo de Edipo*, solucionável pela identificação, fase inicial de todo fenômeno de amor, com o adversário poderoso.

Para o psiquiatra, o *Eu* é o organismo dinâmico, em luta com tendências que, sem cessar, procuram obter satisfação, estabelecendo conflito com os padrões sociais. Por via de regra, vence êle os obstáculos, mas si os tabús forem muito numerosos, as inibições muito freqüentes e prolongadas, os conflitos entre os impulsos biológicos e o almejo de aprovação coletiva transformam o indivíduo num recalcado. Evitará o mundo por julgá-lo cruel e ríspido. Racionaliza a conduta para ressarcir-se dos prazeres que a sociedade lhe veda e dos desgostos que curte, disfarçando o verdadeiro fôro íntimo. Vive em dissociação quasi inextricável de *Eus*, funcionando cada qual como unidade distinta (WHEELER).

Desenvolvimento Genético. As reações infantís, já foi dito, do mesmo modo como os movimentos, a princípio, não são diferençadas. Dessas sensações gerais é que irão emergir, progressivamente, os mecanismos especificados, o táctil e o cinestésico.

A noção de posse concorre para a formação do conceito do *Eu*. Assim, a criança aprende que deve brincar com alguns objetos, que são seus, e abster-se dos que não lhe pertencem. Com o tempo, tal distinção abrange até a pessoa. Os apelidos modificam o conceito do próprio indivíduo, consoante a significação pejorativa ou diminutiva.

Na adolescência, é bem de ver-se, a personalidade firma-se de modo irregular, por surtos e arrancos.

O jovem começa a pensar no futuro, percebe a

significação do caráter. Exalta-se-lhe o desejo de reciprocidade, sobretudo do sexo oposto. Os *Egos* hipertrofiados surgem, então, quer por efeito do complexo de inferioridade, quer por sugestão parental.

Análise da Personalidade. O método experimental é aleatório em psicologia social, devendo o seu subsídio harmonizar-se com outros dados. Aplicado ao estudo de fenômeno tão complexo e variável como é o da personalidade, depreende-se quanto seja delicado o seu emprêgo. Teve o mérito, declara WHEELER, de patentear o conteúdo emotivo do comportamento humano, e mostrar que tais disposições de espírito são socialmente condicionadas.

A) *Métodos gerais.* Abrangem a análise de biografias, autobiografias e casuísticas. Segue-se o exame psicanalítico de biografias, quer dizer, investiga-se a primeira infância do indivíduo para relacioná-la ao comportamento de adulto. *

B) *Métodos especiais.* Incluem os testes de *distância social,* isto é, de diferença de compreensão simpática entre duas pessoas, dois grupos, ou uma pessoa e um grupo. Em uma de suas investigações, BOGARDUS fêz inquérito entre 248 estudantes adiantados de psicologia social, para classificar várias raças em três grupos: *a*) grupo pelo qual nutrem simpatia; *b*) grupo ao qual são indiferentes; *c*) grupo pelo qual têm aversão. O número de vezes que a raça era colocada em dada classe exprimiria, *grosso modo*, a respectiva atitude social.

---

* Merecem recordadas as monografias seguintes: LEONARDO DA VINCI (FREUD – 1919); ALEXANDRE MAGNO e LINCOLN (CLARK – 1921 e 1923); G. SEGANTINI (K. ABRAHAM – 1911); ANDREA DEL SARTO (E. JONES – 1913); SHAKSPEARE, em HAMLETO. (E. JONES – 1910 e 1923); DANTE (A. SPERBER – 1914); N. LENAU (J. SADGER – 1909); H. VON KLEIST (J. SADGER – 1910); GOGOL (O. KAUS – 1912); WAGNER (MAX GRAF – 1911); L. BONAPARTE, rei de Holanda (E. JONES 1913); AMENHOTEP IV (K. ABRAHAM – 1912); CONDE ZINZENDORF (O. PFISTER – 1910); LOYOLA (G. LOMER – 1913); SCHOPENHAUER (E. HITSCHMANN – 1913); SOCRATES (KARPAS – 1915); LUTERO (SMITH – 1913); VERHAEREN (BAUDOUIN); BAUDELAIRE (LAFORGUE), etc.

Turcos	119
Pretos	79
Japoneses	61
Hindús	44
Judeus alemães	42
Alemães	38
Chineses	30
Gregos	19
Húngaros	11
Russos	8
Polacos	3
Ingleses, Franceses, Romenos, Espanhóis e Suecos	2
Canadenses, Dinamarqueses, Holandeses, Noruegueses e Escoceses	0

Por via de regra, os consultados tinham sentimentos amistosos para com as raças das quais procediam. No grupo das raças indiferentes, figuravam as de que não tinham conhecimento algum. Naquelas para com as quais nutriam aversão, a antipatia era mais efeito de tradição do que de motivo direto. A maioria dos 119, que colocaram os turcos no recorde de raças indesejáveis, não tinha jamais visto um siquer. Era malquerença gratuita, efeito de leitura de jornais, de filmes em que são diminuídos, de narrativas que lhes deprimem o caráter, ou reminiscências de piratarias lendárias.

Em outra experiência, BOGARDUS pediu a 110 pessoas que mostrassem a distância social entre elas e diferentes raças. As questões eram sete, a saber:

1) matrimônio,
2) companheiros de clubes,
3) vizinhos,
4) colegas de profissão,
5) concidadãos,
6) simples visitantes do país,
7) exclusão do país.

Os extremos oscilavam entre turcos e ingleses.

Deduziu o psico-sociólogo que a distância aumenta na razão inversa do parentesco étnico.

BINNEWIES aplicou o mesmo método ao estudo da distância social rural. Os itens eram seis :

1) casar-se com lavrador,
2) morar em fazenda,
3) passar a maior parte do tempo no campo,
4) gozar férias no campo,
5) ir ao campo uma ou outra vez,
6) não gostar do campo.

O índice divergia conforme o contacto com a vida rural.

Mais interessante é o estudo do *critério moral*, de PITKINS. Consultou 500 figuras representativas, homens e mulheres, cuja idade ia de 20 a 60 anos. Solicitou que ordenassem os "Dez Mandamentos", de acôrdo com o ponto de vista pessoal. Eis o resultado :

Não matarás	6.º	1.º
Honrarás a teu pai e a tua mãe	5.º	2.º
Não furtarás	8.º	3.º
,, levantarás falso testemunho	9.º	4.º
,, adulterarás	7.º	5.º
,, terás deuses estranhos	1.º	6.º
,, cobiçarás	10.º	7.º
,, farás para ti imagens	2.º	8.º
,, jurarás	3.º	9.º
Guardarás o domingo	4.º	10.º

Este resultado leva á suposição de que quanto mais se cultiva a inteligência, tanto mais se modificam os conceitos morais, e menor é a importância dos mandamentos puramente religiosos. Entre os consulentes havia 59 moralistas, padres e pastores evangélicos, sendo possível que tivessem concorrido para conservar o 1.º mandamento no 6.º lugar.

Perfil de Caráter ou Psicografia. O uso do perfil de caráter é recente. BOWDEN, em 1926, e DOWNEY fizeram nesse sentido pesquisas curiosas.

BOWDEN observou em 40 estudantes líderes que os caractéres dominantes são : combativi-

dade, extroversão, expansibilidade, alta inteligência, boa intuição das situações sociais, e aptidão de diagnosticar o caráter por fotografias da expressão facial.

BIBLIOGRAFIA

BINNEWIES (W. G.): A Method of Studying Rural Social Distance. J. Appl. Soc. 1926. vol. 10, p. 239–242. (cit. *Wheeler: Science oj Psychology.*)

BOGARDUS (E. S.): A Social Distance Scale. *Sociology and Social Research.* 1933.

BOWDEN (A. O.): A Study of the Personalities of Student Leaders in Colleges in the United States. *J. Abn. and Soc. Psy.* 1926. vol. 21. p. 149–160. (cit. idem.)

PIAGET (J.): L'Individualité en Histoire, em *Caullery* e outros: *L'Individualité.* Paris. Alcan. 1933.

PITKINS (W. B.): Our Moral Anarchy. Century. 1926. vol. 112, 648. (cit. idem.)

THORNDIKE (E. L.): Individuality. H. Mifflin. Boston. 1911.

CAPITULO XIV

PERSONALIDADE

Para PIAGET, personalidade é o indivíduo que se submete ás normas de reciprocidade e universalidade. WHEELER define-a como o organismo psicológico ou a organização total das tendências de reação do indivíduo. E' o padrão particular, o equilíbrio das reações que distinguem uma pessoa de outra ou, em outros termos, a soma dos caractéres mentais de cada um. Com muita probabilidade, diz êsse autor, o primeiro objeto que a criança reconhece é o rosto da sua mãe, a saber, adquire o sentimento total da face materna, indiferençada em seus elementos – olhos, nariz, bôca, etc. E' a face como um todo a cujas caraterísticas responde. Si a face é amiga, a criança apresenta-se em estado de confiança ou abandono; si não o é, de excitabilidade ; reage, igualmente, ao modo como é tratada.

O recém-nascido distingue imediatamente o afagar materno do de outra pessoa. Está visto que não se trata de avaliar a maneira como é manuseado, mas do sentimento total que lhe permite reconhecer a mãe. A criança protesta contra a manipulação do seu corpo com estímulo global não analisado, que será de irritabilidade ou bem-estar, consoante a forma por que é assistida. Dess'arte, começa a adquirir o temperamento dos pais e a estabilizar as respostas iniciais com que se irão, aos poucos, firmar os traços do caráter. A saúde, a digestão, os hábitos de sono, etc., desempenham papel de destaque no desenvolvimento da personalidade, da mesma sorte

que, pela movimentação e vozes dos circunstantes, amplia a esfera dos conhecimentos.

Sendo preocupação máxima dos pais, em regra, a de lhes assegurar a nutrição, as crianças gostam de ser acalmadas. Exprimem êsse dêsejo pelo pranto. Choram quando querem ser amimadas ou receber cuidados, e tanto mais quanto mais pressurosamente são atendidas.

Com isso, esculpem-se imperceptíveis, mas indeléveis, os primeiros vestígios de prepotência, egoismo e sêde de mando.

Personalidade Infantil. A' proporção que cresce, a criança torna mais estreitas as relações com os pais. Si êstes forem em demasia autoritários, prejudicam-lhe a iniciativa e ela ficará sujeita, mais tarde, á agressividade de outros, a ponto de se subalternizar completamente á vontade alheia.

Quando, ao revés, os pais são descuidados, o futuro da criança estará por igual comprometido, pois fica dependente da complacência dos que encontrar pela vida, inadaptando-se, portanto, aos meios sociais, menos submissos que o lar.Só se sentirá bem no papel de chefe, e cabendo-lhe a primazia de lugares e honras. Segue-se o valor inestimável de moderação na disciplina, e em todos os atos para com as crianças, si lhes quisermos equilibrar a personalidade.

E' êsse ainda o critério que deve prevalecer na vida do adolescente. O jovem acanhado, tímido e melindrável, que se julga diminuído, e vive a descobrir agravos e desconsiderações por parte de colegas ou pessoas da família, é aquela mesma criança, em casa menos estimada, de cujas opiniões se troçava, e cujas perguntas não eram levadas a sério. Tal ambiência não é propícia para a formação do sentimento de confiança pessoal e do respeito próprio, consectários da alegria e do êxito, tão valiosos quanto o estímulo da iniciativa. O adulto fica, como diz A. MEYER, em estado de *alotropismo*, isto é, constantemente preocupado com aquilo que outros pensam e sentem a seu respeito.

Existem pais em demasia zelosos que subtraem os filhos a tôda sorte de riscos, imaginários ou reais, (equitação, natação, escotismo, etc.). Passam a infância e adolescência sem liberdade de se aventurarem ou de enfrentarem tôda e qualquer dificuldade, por menor que seja. Ficam privados da coragem, que constitue, com a prudência e a perseverança, as três qualidades fundamentais do caráter. Serão futuras vítimas do complexo de inferioridade, que ADLER estudou de modo especial, mostrando como tais indivíduos procuram equilibrar a hipoexcitabilidade de pensamento e ação pelo recurso da compensação.

Ambição dos Pais. Rememorando a infância, atribuímos, por vezes, a nossos pais, erros educativos, deliberados ou resultantes de circunstâncias desfavoráveis, pouco importa. O certo é que a educação recebida não consulta as necessidades do atual momento social, cada vez mais complexo. Procuramos, então, dar aos filhos aquilo que nos faltou, esquivá-los ao que nos foi nocivo. Erramos em um e outro caso. Constitue êste fenômeno a projeção das ambições dos pais sôbre os filhos.

Os dissídios domésticos comprometem muito a formação dos filhos, porque o pai e a mãe procuram dar, respectivamente, ao filho e á filha, a educação que lhes parece capaz de subtraí-los a idênticos dissabores. Novo engano. E' preciso não projetar sôbre os filhos tendências e sentimentos pessoais. Emancipemo-los, quanto antes, assim da tutela física, como da psíquica e emotiva, causadora de tantos males. Nada é mais escravizador do que o apêlo sentimental dos pais, que acarreta para os filhos, senão a tristeza de viver, pelo menos o malôgro da existência futura. Haja estreita colaboração entre uns e outros, mas não lhes marquemos muito a nossa imagem, que é de outra época e geração. Faríamos reimpressão avelhentada, sem o necessário prestígio para a luta social em que se vão empenhar.

Dedicação constante e renúncia ao prêmio, eis o lema que norteará os pais ao educar e formar a personalidade dos filhos. Ambiente-se inteligentemente o momento em que as emoções dos jovens se tornem autônomas, e procure-se discretamente ajudá-los a dirigirem o próprio destino. Guarde-se viva na memória a sentença do poeta K. GIBRAN: "Os filhos nascem de nós, mas não são nossos; podemos abrigar-lhes o corpo, mas não a alma, porque irão viver no dia de amanhã, a nós vedado conhecer até mesmo em sonhos".

Refere K. YOUNG exemplos de adultos infelicitados pela projeção ambiciosa dos pais. Aliás, cada qual pode citar casos análogos. Lembra êsse autor aquela mãe que se opôs ao casamento da filha, sob pretexto de que deveria terminar os estudos e seguir a carreira de professora. A verdadeira causa, porém, era inconciente. Não pudera concluir o curso de normalista, e atribuía a sua vida precária a êsse incidente; desejava, pois, afastar da filha semelhante causa de insucesso. Entretanto, sua atitude foi contraproducente: a filha não foi aprovada, deixou de casar-se, desinteressando-se por todo e qualquer trabalho. Sem embargo, a mãe não se rende á evidência do êrro, entendendo que nada podia almejar-lhe de melhor do que uma educação esmerada e uma carreira liberal.

Outro exemplo. Enriquecido e bem instalado na vida, quis certo pai dar ao filho o prestígio cultural com que sonhara em moço para si próprio. O filho, todavia, pouco dotado de inteligência, não conseguiu vencer o programa do colégio. O pai consultou um psicólogo sôbre a capacidade mental do rapaz, e, informado de que tinha alcançado o limite de educabilidade, irritou-se sobremodo, forçando o filho ao estudo, e censurando professores e colégio. Dêsse modo, uma personalidade acanhada teve de arrastar o fardo da desorientada aspiração paterna.

Para W. J. THOMAS, quatro *desejos fundamentais*

definem a personalidade : atividade, segurança, reciprocidade e aprovação.

a) — Desejo de atividade. Nascemos, diz THOMAS, com tendência constante para a atividade, em busca de novas experiências. Vivemos em eterno desejo. A posse é pábulo de nova ambição, e, assim, de contínuo, enquanto sôbre nós não desce a senilidade ou a invalidez. A experiência nova é estímulo, mixto de aventuras em que se desenvolvem a sagacidade e a energia, e se lança mão dos recursos pessoais.

Na vida primitiva, era na caça que os antepassados se tresdobravam resistentes, argutos, e destemidos. Nos desportos, há o complexo de padrão-caça : habilidade, audácia e astúcia.

E' sempre a emoção violenta do êxito ou da derrota, que leva o homem ao jôgo, ao álcool e aos tóxicos em geral.

b) — Desejo de segurança. E' antagônico ao das novas experiências. Fundamenta-se no sentimento de mêdo. Preside á estabilidade da vida. Forma o homem de hábitos regulares e trabalho sistemático. Quando exagerado, cria tendências egoísticas, produz o reacionário, inspira o sentimento do conservantismo e desperta a neofobia.

c) — Desejo de reciprocidade. O aplauso é grato, mòrmente si vem do sexo oposto.

O desejo de reciprocidade ou correspondência é correlato ao amor, de todos os sentimentos o mais social, pois envolve o fenômeno bilateral de simpatia.

Si é egoístico e sexual na primeira fase, transforma-se e sublima-se na vida familiar, que é de renúncias e deveres, em prol da espôsa e geração futura.

d) — Desejo de aprovação. Todos almejam aplauso aos seus atos e á sua conduta social. Nada arrefece mais o entusiasmo e dedica-

ção do que a indiferença ou a negação, deliberada ou involuntária, a respeito do nosso proceder. E' êsse desejo que leva á conquista do melhor lugar na sociedade.

Quando o indivíduo não alcança a sanção pública, pode, no caso de menor resistência psíquica, cair em *negativismo*. Destaca-se pela humildade extrema, abstém-se de colaborar, refugia-se na doença, e apresenta outras manifestações mórbidas. O *refúgio na doença* é recurso mais usual do sexo feminino, embora encontradiço também entre os homens. Em regra, os que se fazem de vítimas ou perseguidos entram nesse rol; obtêm o que pretendem despertando comiseração e dó.

A moléstia psicogênica é mecanismo de defesa contra a volta de impulsos reprimidos e contra a ansiedade mórbida que os acolita.

Tipos de Personalidade. Em rigor, não há tipos estáveis de personalidade, pois que se transformam mercê das agitações emotivas. Contudo a despeito da precariedade em classificá-los, podem grupar-se os indivíduos, consoante JUNG e CONKLIN, em três classes: *extroversos*, *introversos*, e *ambiversos*, ou *extroflexos*, *introflexos* e *ambiflexos*.

O *extroverso* é aquele cujo interêsse vital se concentra na vida exterior; avalia as coisas pelas relações que mantêm entre si. E' espiritualizado objetivamente, prospera com o estímulo ambiente, ama os esforços físicos, e considera-se parte integrante do mundo exterior.

Pelo comum, não se interessa pela literatura, arte, e filosofia, ou apenas as tolera, porque, afirma CONKLIN, não possue senso estético. Tem entusiasmo pelas transações comerciais, desportos, clubes, sendo as suas tendências emotivas de ordem geral.

O *introverso* ajuiza do mundo pelas relações com a sua pessoa. Gosta de ler, escrever, refletir e devanear, cabendo-lhe ao *Eu*, todavia, papel saliente. Pode ser introspectivo, vibrátil, sonhador, distraído, e apraz-lhe a solidão. Desinteressa-se por negócios,

exercícios físicos, e, de ordinário, por tôda e qualquer atividade.

O indivíduo equilibrado é *ambiverso*. Interessa-se pela vida espiritual e pelos negócios; ora é extroverso, ora, introverso; apresenta fases mentais que se sucedem ao sabor das circunstâncias. CONKLIN cita, como exemplos, o agricultor que não só faz prosperar a lavoura como aproveita as horas de ócio para leitura, meditação filosófica e contemplação estética; o professor universitário que, além dos estudos e trabalhos escolares, sabe atribuir tempo á vida recreativa.

A diferenciação da personalidade total em instâncias claramente independentes constitue, ao ver de F. ALEXANDER, a constituição científica fundamental da psicanálise.

Até há pouco, a psicologia escolástica desmembrava o conjunto do *Eu*, descrevendo isolados os elementos ou faculdades da alma: memória, percepção, etc. Mas a psicologia só pode merecer o nome de ciência da alma depois dos descobrimentos de FREUD. O primeiro dêles ensina que a personalidade psíquica do homem não é harmônica, porquanto, ao lado de elementos concientes, há os subconcientes (preconcientes ou inconcientes), por vezes, impetuosos, e que motivam desejos e tendências. Tais fenômenos deslocam-se da personalidade conciente e são repelidos como antiestéticos e imorais, insociáveis ou antissociais. Não se convertem em concientes, porque são de novo recalcados no fôro íntimo, caso tenham permanecido algum tempo no conciente. O primeiro fator típico da personalidade consiste, pois, na diferenciação dos elementos psíquicos.

FREUD distingue três áreas no espírito humano. *a*) *Conciente*, dos pensamentos de que se tem noção em dado momento. *b*) *Pre-conciente*, antecâmara da-

quele. Os pensamentos tornam-se concientes, em circunstâncias adequadas, quer através do esfôrço da vontade em recordar, quer estimulados por meio de idéia associada. No pre-conciente, distinguem-se os pensamentos de que se pode ter noção sem grande dificuldade, lembranças de fácil reminiscência, e os que só penosamente se tornam concientes. Este último grupo tem conexões associativas especiais com o inconciente, o que aumenta o obstáculo a trazê-los á conciência. *c*) Existe, por fim, o *inconciente*, constituído dos pensamentos incapazes de ficarem concientes, salvo si a análise produzir especial atividade coordenadora. Parece haver fator seletivo de cuja ação depende a admissão de dado pensamento, de um para outro compartimento mental. E' a censura – *principal*, entre o inconciente e o pre-conciente, e – *fraca*, entre êste e o conciente.

Do ponto de vista dinâmico, reconhecem-se, na personalidade psíquica, três *instâncias:* o *Id*, o *Ego* e o *Super-Ego*.

O *Id* é a soma dos impulsos que o indivíduo traz ao nascer. E' o substrato indiferenciado da psique, reservatório dinâmico e caótico de tendências, somáticas e psíquicas, em busca de ajustamento e adaptação (ALEXANDER).

No começo do desenvolvimento, parte dêsse *Id* destaca-se de modo notável por contacto com o mundo exterior. A essa parte, cuja principal função é estabelecer relações entre o organismo do indivíduo e o mundo exterior, inclusive o ambiente ou meio humano, chama-se *Ego*. Muitas das suas partes importantes são inacessíveis ao conciente.

Dessa sorte, assim como se isola parte do *Id* recalcado, parte do *Ego* também se diferencia no curso do desenvolvimento, e será o *Super-Ego*. A função dêste, em mais íntimo contacto com o *Id* do que o *Ego*, é velar pelas relações entre ambos, e

evitar que êste dê entrada a impulsos recalcados daquele. Tal função, já o dissemos, é conhecida pelo nome de censura, mas deve entender-se que é o *Ego* que procede á repressão, operando sob comando do *Super-Ego*.

Sempre que o indivíduo muda de um grupo social para outro, tem de submeter-se aos respectivos cânones de vida coletiva, sob pena de provocar conflitos. E' exatamente o que acontece com o emigrante que precisa aclimar-se, adaptando-se ás novas condições de metabolismo e de meio.

Assim como o organismo, graças á imunidade, adquire resistência contra certas doenças, a personalidade constitue *mecanismos de defesa* com que enfrenta os conflitos sociais.

Todo desequilíbrio acarreta estado de tensão que, para o caso particular da personalidade, se nomeia *complexo*. Entende-se assim o conjunto dos desejos e recordações, relacionados entre si, e do seu substrato emotivo recalcado no inconciente.

Atingido o limiar de resistência, todo estado de tensão requer desafôgo, que se obtém, em geral, pela racionalização, sublimação ou introversão.

Na *racionalização*, o indivíduo justifica, perante a conciência, o comportamento, alegando razões e motivos que disfarçam a contrariedade inconciente. Sirva de exemplo a pessoa que perde a hora de despedir-se do amigo; racionaliza o esquecimento, afirmando que é penoso dizer adeus, e ficaria contristado em vêl-o partir. Com isso procura manter o prestígio do *Ego* e evita a censura.

Não é outra a razão por que alunos reprovados atribuem o mau êxito á inépcia ou injustiça dos professores. Dessa maneira, mantêm íntegro o *Ego* para com o meio exterior, sobretudo familiar, e não lhes fica a aresta irritativa. Igualmente, quando se dá uma topada, sente-se, imediatamente, irritação súbita, que se explica por que, á medida que se reduz a energia cinética, eleva-se a potencial. Es-

ta muda de direção quando o caminho direto ao objetivo está bloqueado. Ora, o objetivo,no caso, é a estima própria, e, como esta sofreu bloqueio temporário pelo acidente, a energia volta-se para outro objeto imediatamente próximo. Elege-se incontinente a vítima. O potencial descarrega, mas o sistema de energia humana, que é a personalidade, fica resguardado.

Parece que nem tôda racionalização seja inconciente. O indivíduo sabe da falta de sinceridade do seu comportamento. E' equivalente da fuga á verdade, e, quando perde a noção da insinceridade, já não é passível de reeducação.

Aquele que racionaliza pode desconhecer o sentimento que o domina, mas sente remorso momentâneo. Sempre que o equilíbrio psíquico estiver ameaçado, embrenha-se pela racionalização.

Quando se nos malogra uma pretensão, mantêmos o equilíbrio mental inacessível aos dissabores resultantes, considerando: as vantagens são mais aparentes do que reais, o cargo iria fomentar inimigos, e bem diz o ditado: "grande nau, grande tormenta". E' a substituição do motivo real pelo plausível.

Na *sublimação*, a tendência sexual ou reprovável é transformada por outra que não o é, de maior valimento social. Assim, o instinto de crueldade ou impulso sádico, sublima-se no cirurgião que se compraz, inconcientemente, no sangue que verte, ou no protetor de animais que se deleita em ouvir a narrativa de crueldades infligidas aos animais. O sádico sublimado não gosta dos cirurgiões, porquanto êstes podem ver correr sangue, o que lhes é vedado. Quando se acusa alguém de sádico, não se molestará si não o fôr, ao passo que, si houver fundamento, irrita-se ou procura justificar-se.

A *introversão* constitue aspecto defensivo. Assume, comumente, caráter de devaneios. Censurando, diante de terceiros, o rapaz ou estudante, por via de regra, em vez de estimulá-lo, deprimimos-

lhe o brio. A censura só é útil quando oportuna, amistosa e não reiterada. Caso contrario o educando defende-se, agrava a falta, e arquiteta um mundo, onde exalta o *Ego*, vence os adversários, e dignifica a vida. As fantasias, com efeito, representam válvula de segurança da personalidade.

As mães, p. ex., não se conformam com a emancipação dos filhos. Seguem-nos sempre com conselhos e recomendações. Prevêem acidentes, receiam desastres, numa palavra, criam um mundo fantástico onde continuam a prestar aos filhos tôda a sua infinita ternura; tal estado de ânimo as conserva na doce ilusão de que ainda dependam delas, e precisem de sua proteção e assistência.

A introversão é mais pronunciada em caso de vícios físicos. Com isso, exime-se a vítima a vexames e contrariedades, pois ninguém deseja despertar compaixão ou curiosidade.

O meio social agrava a situação moral de certos inválidos. Hajam vista os cegos. Muita gente supõe que tenham menor capacidade intelectual, esquecendo que compensam a perda da visão, pelo apuro da imaginação, do tacto e ouvido. Sejam exemplos Milton e Castilho. Cego, Milton compoz o *Paraiso Perdido*, poema em que se encontram formosíssimas imagens, vocábulos-compostos, sintéticos, em que uma só palavra condensa a impressão descritiva. A. F. Castilho, que perdeu a vista aos seis anos, foi o último clássico da língua portuguesa, e não cede vantagem a nenhum outro na harmonia da frase.

Ninguém deve mostrar-se, pois, surpreso diante de pessoas com vício físico, cabendo-lhe o dever, que é inteligência, de tratá-las como indivíduos normais. Escusa caridade, que deprime, e agrava situações dolorosas.

A personalidade não ajustada resulta da incompreensão inicial, que se acentua, provocando, a princípio, desconfiança, e, depois, agressividade. A vítima retrai-se, isola-se, perde a iniciativa e todo estímulo

de viver; suspeita de todos e inquire do que se fala a seu respeito. Em resumo, fica alotrópica.

Daí á demência precoce é um passo. Dêsse estado mórbido funcional, suscetível de cura psicanalítica, são responsáveis, freqüentemente, os pais, os educadores e o meio onde o adolescente se desenvolveu. O indivíduo luta com o ambiente social para manter a organização psíquica através do período da sua formação.

Para que a personalidade evolva de modo normal, é indispensável que o educando encontre, no meio doméstico e social, identidade de emoções. Si, no primeiro, prevalecem a ternura e simpatia, e os instintos de combatividade se asfixiam, está claro que o adolescente não terá lastro suficiente para arrostar o mundo, impregnado de dissídios e hipocrisias. A divergência entre o estímulo social e o doméstico acarreta a dissociação da personalidade.

O isolamento psíquico priva a pessoa de gozar os benefícios da natureza humana em tôda a plenitude. As qualidades e o caráter dependem das relações funcionais que o homem entretém com o meio. Nas formas máximas, a segregação pode culminar na indiferença total, até pelo alimento e cuidados corporais; anula-se o interêsse por tudo, e extingue-se a vida emotiva.

A adolescência é de difícil direção. E' a fase de desequilíbrios psíquicos que podem ter repercussão definitiva na personalidade adulta. Faz-se mistér dispensar-lhe o maior cuidado e atenção.

* * *

As leis da personalidade são as mesmas da natureza humana, enunciadas no capítulo terceiro.

I^a) *O todo é maior do que a soma das partes.* O todo é a sociedade, e as partes são as personalidades. A natureza humana, fenômeno do grupo e não do indivíduo, só se desenvolve em sociedade, indispensável para a estruturação dos padrões de comportamento. Não padece dúvida que o grupo

exibe aspectos que se não encontram na soma dos comportamentos individuais.

IIª) *As propriedades das partes decorrem das do todo.* Assim como o pêso do corpo se subordina ao sistema de gravitação, a personalidade adquire a caraterística do grupo social. Todos os aspectos da conduta humana, intelectual, emotiva e sensorial, modelam-se de acôrdo com os padrões de atividade coletiva. Pelo produto avalia-se o produtor. A criança nervosa, irritável, é indício, quasi seguro, da excitabilidade psíquica dos pais ou do meio em que cresceu.

IIIª) *O todo governa as partes.* Os usos e costumes do grupo circunscrevem a atuação pessoal. O êxito social do indivíduo decorre da relação dinâmica com o grupo; procede dentro das leis e preceitos da coletividade. Fora do respectivo sistema configuracional, que é a sociedade, o homem nada significa. O mesmo se dá com o corpo que cái; abstraída do sistema gravitacional, a massa não tem maior significação.

IVª) *As partes emergem do todo por diferenciação.* As variações da personalidade decorrem dos padrões sociais que regulam o comportamento do indivíduo isolado. A pessoa não tem exatamente as mesmas relações no tocante á outra ou ao grupo social. A evolução da personalidade é análoga ao desenvolvimento funcional do embrião, onde as várias partes adquirem, por via de individuação, estruturas e funções específicas.

Vª) *Os todos desenvolvem-se como todos.* A sociedade humana não resulta de processo aditivo. Já se assinalou o grupo social como unidade evolucionária. A estruturação da personalidade faz-se de modo gradual, atinge a maior complexidade na adolescência, em que se amplia em superfície, e na maturidade, onde ganha em profundeza e se estabiliza. A evolução biológica condiciona-se em grande parte á existência das sociedades, na qual se elabora o progresso espiritual e material.

VI[a]) *Lei do menor esfôrço.* Tôdas as tensões precisam ser solucionadas da forma mais direta. Quando a ascendência da vida doméstica se prolonga em demasia, o indivíduo fica em condições desvantajosas na luta pela vida. Constrói o sistema de energia consoante o padrão doméstico, diverso do social, para onde se desloca a futura atividade. Ora, o lar representa zona de tensão mínima, e, adotando tal modêlo para organizar o seu sistema energético, o adolescente perderá, certo, eficiência e segurança de ajustamento social.

Os pais não devem esquecer-se de que os filhos não irão viver no aconchêgo do lar. Libertem-nos em o momento asado, e limitem-se a aconselhá-los.A coordenação emotiva não deve entrar em conflito com os interêsses sociais.

VII[a]) *Lei do trabalho máximo.* O indivíduo resguarda, progressivamente, a personalidade de inovações perturbadoras da integridade psíquica, que ocasionam longa série de conflitos, com derrotas e vitórias. Porisso, o misoneismo, horror ás idéias novas, aumenta com a idade. Com efeito, á proporção que envelhece, a pessoa pressente que já não possue energia capaz de enfrentar as lutas necessárias á implantação de novo regime.

Só vingam as idéias depois que se tenha modificado a mentalidade, afim de serem integradas no patrimônio intelectual do indivíduo. Impôr á fôrça doutrinas é inútil e contraproducente: tôda violência gera reação igual e contrária. Si a idéia é parte do todo psíquico do indivíduo ou grupo, compete, preliminarmente, preparar um e outro á assimilação daquela. A parte deve coexistir em relação funcional com o todo; logo, é indispensável mudar primeiro aquele, para depois incutir a noção nova.

A demência precoce oferece bom exemplo do trabalho máximo. Na desconfiança geral que alimenta por todos, o paciente antecipa a tensão e sua causa. E' o derradeiro recurso para subtrair-se á desintegração psíquica.

Os governantes jamais deveriam olvidar a lei áurea da dinâmica social de que *tôda ação determina reação igual e de sentido contrário.* A justiça só imperará quando os líderes se deixarem guiar não por impulsos, senão pela irradiação da verdade psicológica.

VIII[a]) *Lei da forma ou configuração.* A personalidade conserva o equilíbrio dentro da distribuição eqüitativa dos estímulos sociais. Segue-se que equivale á unidade orgânica, e responde a todos os seus aspectos externos. Quanto mais variados os pontos dos estímulos, mais diferençada, ampla e estável será a personalidade, deformando-se, todavia, dentro de relações unilaterais.

BIBLIOGRAFIA

First Colloqium on Personality Investigation Proceedings. American Psychiatric Association. N. Y. 1928.

ALEXANDER (F.): The Psycho-analysis of the Total Personality. Nervous and Mental Disease Publ. Co. N. Y. 1930.

BURGESS (E. W.): Personality and the Social Group. Chicago Un. Press. 1929.

A. DELMAS et M. BOLL: La Personalité Humaine. Paris. Flammarion 1922.

JUNG (C. G.): Psychological Types. N. Y. Harcourt Brace. 1926.

KRETSCHMER (E.): Physique and Character. N. Y. Harcourt Brace. 1926.

PIAGET (J.): L'Individualité en Histoire, em *Caullery* e outros: *L'Individualité.* Paris. Alcan. 1933.

THOMAS (W. I.): The Unadjusted Girl. Boston. Little Brown. 1923.

CAPITULO XV

ADAPTAÇÃO SOCIAL

Na adaptação social distinguem-se os processos de compensação, racionalização, projeção, introversão, identificação e regressão.

Compensação é o mecanismo pelo qual um aspecto louvável do caráter se desenvolve para ocultar do *Ego* o que lhe é oposto, e que só existe no inconciente. Na *racionalização*, justificam-se, de modo falso, pensamentos, atos e sentimentos. A *projeção*, variante de racionalização, leva o indivíduo a transferir sôbre outrem os agravos recebidos como profilaxia de sentimento antagônico (ambivalência). Carateriza-se a *introversão* pela transferência do interêsse do mundo exterior para o interior. Com a *identificação*, elege-se um tipo pelo qual se modelarão atos e pensamentos. Por fim, na *regressão*, o indivíduo volta á fase infantil, por não poder viver em nivel alto : é retirada estratégica da psique ante as dificuldades do mundo objetivo.

Consideraremos, aquí, a compensação, fator de grande importância no reajustamento psico-social, minuciosamente examinado por ALFREDO ADLER, de Viena.

A escola adleriana não confere maior influência aos fatores hereditários, do indivíduo ou raça, sem embargo de levar em conta as condições de inferioridade anatômica ou funcional.

"E' elogio, diz CROOCKSHANK, acusar-se ADLER de simples, alegando que a sua psicologia é a do bom-senso. Com efeito, quanto mais acessível a noção, tanto mais provável o ser verdadeira. A universalidade de uma

lei é penhor da sua exatidão. Repudiar uma escola psicológica porque a entendem mulheres, crianças e o povo em geral, a saber, os que não estão afeitos ao raciocínio lógico, seria absurdo, pois demonstra que é aceita pelos que não têm a compreensão deformada por sofismas e construções intelectuais convencionais. O êrro começou em substituir-se a simples intuição, comum a tôda a humanidade, pelas chamadas operações do espírito".

× Os desvios de adaptação social resultam, em essência, do *sentimento de inferioridade*, adquirido em conseqüência de fatos ou impressões da infância. Estabelece-se o equilíbrio psíquico compensando tal sentimento pela exaltação do de personalidade, em tôrno da qual gira a sintomatologia complexa do neurosado.

O grau de desvio psíquico depende da inadaptação ás imposições do meio. O indivíduo luta contra o estado mórbido anátomo-patológico, e contra a sua psique. Ao examinarem-se as manifestações proteiformes das neuroses, descobrem-se sinais e sintomas comuns ás diversas formas, como sejam: hipersensibilidade, sugestibilidade, irritabilidade, egoismo, e, menos freqüentemente, perversidade, ou bondade que atinge o sacrifício, sêde de mando, vaidade, esbanjamento, covardia, timidez, etc. Corresponde ao *sentimento de incompletude*, de JANET, e, na uniformidade sintomática, demonstra-se a unidade da personalidade, em oposição ao conceito de ambivalência.

Contesta ADLER os dois fundamentos do freudismo: gênese sexual das neuroses, e papel etiológico dos desejos incestuosos (complexo de Édipo ou de Electra), assim como a reserva dos psiquiatras KRÄPELIN, KRETSCHMER, que mais se preocupam com a causa orgânica.

Não há, no neurótico, insiste ADLER, fatores do caráter que se não encontrem no homem normal. E' questão de intensidade e desvio. Em longa análise, da qual deve o doente participar de maneira ativa, o

psicoterapeuta conseguirá rastrear a gênese do mal. Dêsse modo, pode e deve confiar na reeducação eficaz dos que têm inferioridade orgânica. Os dispositivos psíquicos do neurótico são verdadeiras antenas sensíveis, com que mede e compara as reações nas lutas incessantes com o meio, e na projeção sôbre o futuro. Luta com os impulsos em extremo agressivos, com a máxima inquietude e impaciência. Daí, os sentimentos de temor, esperança, dúvida, amor, repulsa e ódio.

O complexo de inferioridade de um ou mais órgãos torna-se para o indivíduo fator permanente do desenvolvimento psíquico. A luta com o meio exterior começa, ao nascer, para quem tenha inferioridade orgânica, e levá-lo-á a pelejar mais do que si fôra normal.

O número de vítimas dessa causa é bem maior do que de qualquer outra. Só na Grã-Bretanha, GILLESPIE orçou em 3 milhões os casos de ambos os sexos que reclamam a psicoterapia.

A enumeração dos órgãos inferiores é longa: estrabismo, miopia excessiva, desordens da palavra e audição, grande fealdade, estatura muito baixa ou muito alta, etc.

As crianças de um a dois anos, com convulsões tetanóides, raro têm saude perfeita. Mais tarde, apresentam sinais de inferioridade somática e mental com estigmas psicopáticos e neuropáticos. Os espasmófilos são predispostos a graves estados neuro-psicopáticos. Igualmente para as desordens gastro-duodenais, como mostrou CZERNY. Em muitos suicidas, encontrou BARTEL a constituição timo-linfática com hipoplasia genital.

A inferioridade do órgão influe sôbre a constituição psíquica, compromete a atividade e o pensamento, manifesta-se nos sonhos, reflete-se na escolha de profissão, dos pendores e disposições artísticas. A' visão originalmente deficiente corresponde

viva imagem mental. Idêntica hipertrofia vicária observa-se, quer nos vícios da audição, como foi o caso de BEETHOVEN, quer nos da palavra, como se deu com DEMÓSTENES. O aparelho digestivo inferiorizado incrementa a atividade psíquica no que se refere á alimentação, donde a gula, e, por extensão, cobiça, poupança e avareza.

As desordens nutritivas são comuns e instalam-se na amamentação. A falta de alimento pode levar o neurótico a exasperações incríveis: paroxismos de cólera, reações introflexas, mutismo. Tem amor precoce ao dinheiro. Come de modo estereotipado: ou devora impacientemente o melhor prato, ou, de propósito, deixa-o para o fim. ADLER verificou casos em que a fome determinava cefaléia, tremores, depressão, sentimento de ódio, e, até, delírio.

A estrutura mental compensadora traduz-se, quando muito pronunciada, em fenômenos psíquicos de pressentimento ou antecipação mental, e no refôrço dos fatores ativos – memória, hiper-sensibilidade, interêsse, atenção, etc.

O sentimento de inferioridade decorre de ter o indivíduo constituição deficiente ou de julgar-se tal. A vontade e o pensamento repousam sôbre uma base formada pelo aludido sentimento, resultante da inadaptação ao meio, ou de não se supôr á altura do fim que tem em vista. Tal sentimento, assinala ADLER, decorre do cotejo que, em criança, o adulto fêz com outras pessoas, em regra com o pai, membro mais forte da família, por vezes, com a mãe, irmãos e irmãs, e, virtualmente, com todos os que encontra na vida.

E' comum a tendência das crianças menos favorecidas pela natureza para se analisarem. As muito feias, punidas ou acarinhadas em extremo, procuram, mais do que as normais, meios de subtrair-se ás misérias da vida. Repelem para futuro remoto a triste sorte de que se sentem ameaçadas. Socorrem-

se de construção auxiliar. Começam pela auto-análise. Inventariam males, refletem sôbre o quanto são incapazes, inferiores, humilhadas e inseguras: é o primeiro ponto fixo; no segundo, estabelecem a projeção, isto é, conferem todo prestígio ao pai ou á mãe. Dêsse modo, procuram evadir-se da dúvida para viverem em pleno reino da fantasia. Assim, deixam desassombradamente o terreno da realidade e se afundam nas malhas da ficção.

A *criança nervosa* oferece duas variedades de comportamento: *petulância* e *desobediência*, com que eleva o complexo da personalidade, e que a ajudam a vencer, tacteando, o caminho que deve levá-la ao alvo final – virilidade ou seu equivalente. Quando existe inferioridade orgânica, real ou subjetiva, o sentimento de personalidade é muito minguado. Entre outras causas, está a ordem do nascimento: 4 ou 5 filhas que precedam o filho único, e a irmandade feminina se tornará ou acreditará indesejável. Por outro lado, a agressividade, decorrente de inferioridade constitucional, junta-se ao desejo de ser grande e forte como os adultos, e põe em realce as tendências que substratam a ambição.

Tôdas as idéias do neurótico, cumpre insistir, têm estrutura idêntica á sua representação no desejo infantil. E' o meio com que procura fugir á humilhação, e ao rebaixamento que teme acima de tudo. Ora, na infância, conseguiu o objetivo; por coerência, abre mão da objetividade concreta, guia-se pela ficção e procede como si ainda fôsse criança.

O adulto conserva resíduo de ficções que aguça em momentos de agitação e incerteza. Constituem simplificações solucionadoras da vida. Surgem no infante, no selvagem ou rústico porque, acentua ADLER, todos os problemas humanos reclamam solução que consulte a sêde de mando.

O neurótico contempla o porvir e precinde do presente: donde a fôrça imaginativa e fuga á realidade. Forja o ideal na exaltação do sentimento de pessoa. Decorre o culto dos meios que lhe pro-

piciam o fim almejado: exação no trabalho, pontualidade, e rigor no traje.

Ofusca-se o neurótico no desejo da oniciência, resultante da aspiração de ser o mais forte. Do ponto de vista social, é destituído de iniciativa, e tem a ação paralisada nos embates supervenientes.

Para a elevação do sentimento de personalidade – concorrem ainda o egoismo, a inveja, a avareza, o conceito pejorativo de todos os que o cercam (efeitos de natural desconfiança), e, por fim, o sadismo, com que se farta na dôr alheia – expediente de tímidos e indecisos, que recuam diante do normal e acabam incidindo em rudeza e descortesia. Na obstinação e no espírito de contradição, vestígios de comportamento infantil, encontra o indivíduo meio de reduzir a distância que o separa do mais forte e, assim, extingue o sentimento de inferioridade; pessimista e introflexo, é o eterno descontente, esquivo de todos e de tudo.

O neurótico pensa muitas vezes em suicídio, meio de vingar-se da vida, exprimindo, assim, o desprêzo e pouco valor que ela lhe merece. Dessa maneira, a criatura protege-se definitivamente contra a humilhação da vida familiar, ou do amor não correspondido. No Japão, parece, não são raros os suicídios de mulheres que, julgando-se maltratadas pelo espôso, procuram, com tal desfecho, votá-lo á desestima social.

Na sêde de mando, a pessoa quer tudo e quer ser sempre a primeira; não obstante, quando duvida do triunfo, disfarça e simula desinterêsse.

Exprime-se ainda a sêde de mando nos cônjuges ciumentos, que, dêsse modo, usufruem prestígio e autoridade. O marido, que vive a espreitar os passos da consorte, traduz constante receio de ser substituído, e dá prova de sentimento de virilidade incompleta.

Nas mulheres, cria o *complexo de masculinidade*, que é desejo de reagir como homem, no senti-

mento e ação, afim de suprimir a inferioridade que as acabrunha. Algumas escolhem esposos com manifesta desvantagem orgânica para exercer sobre êles domínio compensador. O deslize conjugal seria sempre, ao ver de ADLER, reação de vingança ou protesto contra a diminuição da personalidade, justificada ou não, conciente ou inconciente, sob forma de ódio ou indiferença.

O desejo de posse egoística e universal existe no meio familiar, embora passe despercebida com freqüência. E' o caso da irmã ou irmão, que faz noivado feliz ou alcança notas brilhantes; causa á irmandade dôres de cabeça, insônia, e outros disfarces psíquicos do despeito. A inibição agressiva reclama, por vezes, assistência médica. Rubor involuntário, cefaléia, palpitações, àgorafobia, tremor, depressão, polidipsia, poliúria, etc., não são invulgares em tais circunstâncias. Em criaturas primárias, tais reações podem levar ao homicídio.

Na *velhice*, acentuam-se as manifestações neuróticas, como a avareza e a inveja. Poucos são os que guardam o equilíbrio psíquico ao descerem o vale da morte. A compensação é obtida pela impulsão agressiva, estimulada pelo sentimento de insegurança, que desperta o desejo.

Cumpre lembrar a possível neurose basedoviana da menopausa. Na fase de encerramento do ciclo genital, as mulheres podem oferecer sintomatologia trifásica: de prudência, na tortura de que poderiam perder os bens; de angústia, por sentir que vão perdê-los, e de melancolia, por tê-los perdido.

E' para referir-se ainda o *onanismo*, gerador de receios infundados, cujo maior malefício está na sua persistência. Provoca o sentimento indevido de culpa, que subtrái o indivíduo ao intercurso com o sexo oposto, e o lança em ambiente de dúvida.

O nervoso deixa-se prender por *escrúpulos*. Paga á vista ou adiantadamente. Não fica só em sala estranha com receio que se lhe atribua possível furto.

E' modo de mostrar superioridade sôbre os demais. Proclama nada dever : dinheiro ou favor. Tais pessoas vêem, em tôda despesa, nova diminuição da personalidade.

A *timidez* é consectária da neurose. Confunde-se com o sentimento de incerteza em relação a outras pessoas : ruborizados, cabisbaixos, gagos e emocionados, fogem da sociedade. E' a expressão psíquica do sentimento de inferioridade orgânica, de imperfeições infantís e grande conturbação moral.

Muita gente resolve o recalcamento inconciente substituindo a agressão física, de que é incapaz, por murmurações e calúnias contra o desafeto ausente.

A *crueldade*, superestrutura compensadora nas crianças, leva cedo á reconstrução do ideal de personalidade. E' o instinto torcionário revelado na escolha de certas profissões. Gostariam de ser cocheiros para fustigar, professores para punir, soldados para atirar, etc. Algo existe, dizia LA ROCHEFOUCAULD, na desdita do amigo, que não é de todo desagradável . . .

A analogia simbólica encontra-se na criança que se atira ao chão como protesto, e pratica atos vedados e reprováveis. E' semelhante á insistência ansiosa dos que vivem a aconselhar, e só sossegam quando a vítima se rende á importunação. A espôsa, que pranteia a morte do marido, é arrancada solìcitamente do esquife, pelos que consultam, em verdade, a própria constituição neurótica e desejam dar fim á cena que os incomoda. Outras vezes, são pais nervosos que intervêm na vida conjugal dos filhos, acarretando mais prejuizo do que vantagem. A' autoridade opressiva não se furta, por vezes, até o psicoterapeuta, que não deve esquecer a facilidade com que se deprime o paciente hipersensível.

O alarde de *pontualidade* constitue aspecto caraterístico da reação neurótica. Não a que é ordem, utilização do tempo nosso e dos outros, exação sim-

pática, mas a dêsses neuropatas frustos, que se servem da pontualidade para alfinetar a paciência alheia com suposta supremacia. A falta de correspondência é pretexto para que exibam manifestações mórbidas do temperamento. (ADLER).

Há, por outro lado, o sentimento oposto dos *retardatários*, que, de caso pensado, se fazem esperar, e, assim, pretendem estabelecer primazia pela espera que impõem.

Neurose de Conflito. E' peculiar ao indivíduo que vive em luta perpétua com os que dêle se acercam. Apega-se ao conflito que o distrái, e, assim, não se compenetra das responsabilidades da vida. Segue inconciente o caminho da demência precoce e paranóia.

Na *compaixão* existe transferência sentimental. Ressente-se o sofrimento alheio como si fôra o próprio. A pessoa interpõe entre ela e o ato, que julga perigoso, como na acrobacia, a distância de segurança.

Quando a realidade se contrapõe á ficção diretriz, o neurosado só tem três soluções: a) *não lutar e estabilizar o sentimento de dúvida e hesitação* (neurastênicos, psicastênicos) ; b) *cair em psicose*, dando realidade á ficção ; c) *mudar de forma*, e interpor obstáculos entre si e as exigências da vida, utilizando desvios e rodeios como a mulher, que se alça ao ideal masculino.

Deduz-se a necessidade de suprimir para logo o sentimento subjetivo de inferioridade, e a tendência depreciativa (pólos do comportamento nervoso), encorajando o doente e convencendo-o a que se analise. *O sentimento de inferioridade e a tendência depreciativa*, adverte consoladoramente ADLER, *são a base da neurose, mas não da alma humana.*

A-pesar - de grande otimismo, o psicólogo vienense é razoável nas esperanças de reeducação social. No que concerne á *criminalidade infantil*, julga que muito se tem de fazer ainda, e que os resultados serão, por enquanto, diminutos, porque pais e edu-

cadores, povo e govêrno, ainda não estão ao corrente das normas que regulam a psique infantil. Refere o caso de uma pequena camponesa de cinco anos, que matou a três meninas menores, levando-as para brincarem e, depois, atirando-as ao rio. Foi descoberta depois do terceiro infanticídio. Não mostrou arrependimento; apenas rápido pranto, distraindo-se logo depois. Foi internada em hospital de alienados, verificando-se tratar-se de deficiência mental. Apurou-se que, durante quatro anos, era a caçula de vários irmãos e amimadíssima pelos pais. Com o nascimento de outra menina, deslocaram para esta o afeto, guardando ela, porisso, violento rancor á irmãzinha. Lembrou-se de suprimí-la, mas era difícil por ser muito vigiada, e, com mêdo de ser apanhada, transferiu o ódio a tôdas as crianças menores do que ela, que passaram a ser suas inimigas virtuais.

A prova de *maturidade* do psicólogo consiste em compreender não só os fenômenos das neuroses e psicoses, como também os da vida normal, no que oferecem de antagônico. A tarefa do psicoterapeuta, ensina ADLER, é discernir, na atitude provocante do *presunçoso*, o acanhamento ridículo do fraco; na *desobediência* e *crueldade*, os esforços do homem submisso e incapaz de dominar a si próprio; na *virilidade transbordante*, a revolta contra as leis que constrangem e o terror que inspira a possibilidade dò papel feminino; e, na *embriaguez do mando*, o terror da derrota.

BIBLIOGRAFIA

ADLER (A.): Le Tempérament Nerveux. Ed. fr. Paris Payot – 1926.

CAPITULO XVI

PRECONCEITO DE RAÇA

Os preconceitos resultam do etnocentrismo, segundo o qual o nosso grupo é centro universal e unidade-padrão.

No estudo dos preconceitos, recorre-se á distância social, pela qual se calcula o grau de intimidade das relações sociais e pessoais, determinante da influência de um fator sôbre outro. Dá a medida dos conflitos, assim se entendendo, com GIDDINGS, tôda e qualquer forma de inter-ação social, sem conteúdo necessário de hostilidade ou agressão.

Dos preconceitos principais: *racial*, *religioso* e *político*, é o primeiro o mais importante do ponto de vista social, por se referir a caractéres anatômicos, indeléveis, que se perpetuam através do tempo. Não assim os restantes, que mais fàcilmente se anulam ou, pelo menos, se atenuam, pela conversão, mimetismo ou educação.

A significação do preconceito racial cada vez mais se torna avultada. O pan-germanismo muito colaborou na gênese da grande guerra, o pan-eslavismo eo despertar da raça amarela estão a demonstrar que urge harmonizar as aspirações e direitos de todos os povos a igual quinhão de felicidade sôbre a terra. E' preciso, salienta HERTZ, pôr em destaque a noção de que os caractéres fundamentais são idênticos em tôdas as étnias, assim o ensinam a história e a etnologia. A adaptabilidade dos indivíduos de uma raça ás condições sociais e culturais de outras, não é limitada por qualidades herdadas.

A habilidade diplomática e governativa, todavia, só encontra solução no extermínio, e só consegue manter o anacronismo de certas instituições com o apêlo aos instintos de egoismo, vaidade e sadismo.

A doutrina errônea da inferioridade biológica de algumas raças, com as ilações decorrentes da supremacia de outras, é o maior impedimento á paz universal.

Para nós, brasileiros, o assunto é de singular magnitude. Foi AGASSIZ, parece, quem primeiro profligou a mestiçagem, e apontou o nosso país como aquele em que mais patentes se mostravam os malefícios do cruzamento de branco com preto e índio. Os males alegados resultam não da miscegenação, mas da falta de seleção individual dos elementos que se conjugam.

A política do povoamento nacional deve nortear-se pela rigorosa seleção dos indivíduos, e não por divergências e antagonismos raciais. R. PEARL sugere a imigração periódica para assegurar a assimilação progressiva do sangue novo nos países de desenvolvimento econômico, industrial e extrativo. A entrada de imigrantes seria fechada durante 20 anos, e, depois, aberta no decênio seguinte, com restrições só de ordem individual.

A ficção da superioridade do branco, e, em particular, do ariano ou nórdico, é obra de aristocratas, preocupados em fundamentar pretensos direitos naturais á nobreza, que os eximam á eqüidade social e á realidade da luta pela vida.

Todos os grupos de importância histórica, disse HANKINS, foram heterogêneos na composição étnica. As raças têm tôdas as qualidades humanas em grau diverso de desenvolvimento. Esta sobressái pela energia física, aquela pelos dotes intelectuais. Essencial é, todavia, não esquecer que, assim considerando o problema, nenhuma é detentora de superioridade universal. Não se podem atribuir qualidades específicas a indivíduos pelo simples fato de pertencerem a determinada raça. As barreiras sociais,

levantadas em nome da teoria racial, não têm substrato biológico. O cruzamento é fator na produção de homens superiores, e o autor americano não hesita em subscrever a hipótese de que a maioria dêles, pelo menos na história européia, procede da miscegenação.

Infelizmente, a noção da desigualdade racial tem raizes longínquas.

ARISTÓTELES justificava a escravatura, articulando os considerandos seguintes: *a*) há raças para dominar, e outras para obedecer, tendo as primeiras, sôbre as segundas, direito idêntico ao do homem sôbre os animais; *b*) explica-se tal subordinação pelo fato que os subjugados são destituídos de maior raciocínio e precisam ser guiados; *c*) o povo conquistador prevalece sempre por qualidades excelsas, e, portanto, os bárbaros nasceram para escravos.

No reinado de Luiz XIV, teve voga a teoria de BODIN, segundo a qual os franceses procediam de gauleses emigrados para a Germânia, e que de lá voltaram para libertarem os irmãos do jugo romano.

Com a obra póstuma do conde BOULAINVILLIERS, (1727), começa o mito ariano. Afirmava êsse titular que existiam, em França, duas raças: a dos nobres, de origem germânica, e a dos plebeus, descendentes de celtas vencidos e de romanos. Semelhante fantasia é revivida pelo conde MONTLOSIER que, em 1812–14, nos seus volumes sôbre a *Monarquia Francesa*, sustentava a mesma tese. Com efeito, declarava, existe a raça dos homens livres, nobres, e verdadeiros franceses; e a dos escravos, cidadãos política e socialmente inferiores.

Foi, porém, o conde GOBINEAU (1851) que culminou na divulgação de tal lenda. Em sua fantasia, foi estimulado por outros titulares: os condes BASTEROT, PAUL DE LEUSSE e ROCHECHOUART. O livro de GOBINEAU, "*Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*", foi publicado em 1851, depois, portanto, da revolução francesa de 1848. E', por conseguinte,

essencialmente reacionário. A seu ver, a grande liberação de 1789-1793 não passou de luta de celtas inferiores contra a nobreza germânica.

Aliás, a preocupação de entroncar linhagens sempre foi esmeradamente alimentada pelos aristocratas. Em Roma, no primeiro século da nossa éra, contavam-se 50 famílias, que se diziam descendentes diretas de Eneas e outros antepassados gloriosos.

Muito concorreu para agravar o dissídio racial a obra de CHAMBERLAIN: *"Gênese do XIX Século"*, publicada em 1881, com a qual, entre outras conseqüências lamentáveis, se acentuou a separação entre anglo-saxônios da Grã-Bretanha e celtas da Irlanda.

O volume teve êxito colossal na Alemanha. GUILHERME II lia-o aos filhos e mandou distribuí-lo aos oficiais do exército, ás bibliotecas e associações alemãs. BISMARCK não ocultava o orgulho ariano: "os germânicos, ou seja a raça teutônica, representam o princípio masculino que, frutificando, se estendeu pela Europa, sendo celtas e eslavos a parte feminina".

Cabe lembrar algumas considerações sôbre as causas do declínio de Roma e Grécia, atribuidas, pelo gobinismo, ao mestiçamento.

A miscegenação, demonstra a história, é consectária forçosa na genêse e decadência dos povos. O cruzamento de patrícios e plebeus, em Roma, era vedado por leis, tradições e preconceitos. Para ascender ao trono, Tito desquitou-se de Berenice, por ser judia.

Para avaliar-se do partidarismo de CHAMBERLAIN, recorda HERTZ o juizo que faz de imperadores romanos, a quem classifica de mestiços.

Os imperadores mais crueis: Tibério, Calígula, Nero, Domiciano eram de puro sangue romano. O primeiro imperador não itálico foi Trajano, com o qual começou o século dos Antoninos, início da série dos quatro melhores imperadores romanos (Trajano, Adriano, Antonino e Marco Aurélio), o

mais feliz período da humanidade, segundo GIBBON. Procedia o primeiro de família espanhola, de estirpe itálica; o segundo era rebento da casa dos A. Elii, também domiciliada em Espanha, e o terceiro de nobre família romana estabelecida na Gália.

Mais acertado é procurar as causas da decadência no extermínio ou exclusão dos grandes valores pelas guerras civís, perseguições religiosas, etc.

Não é diverso o caso da Grécia.

O seu declínio começou com fenômenos exclusivamente políticos, e se precipitou com a tirania romana. Na fase final, o desenvolvimento social do velho mundo levou á geral escravização. O Estado, resume HERTZ, como que existia para satisfazer tão só apetites de latifundiários, oficiais e soldados.

Na sua formação concorreram raças de civilização oriental. O berço da cultura helênica foi a Jônia, onde mais estreito se mostrava o contacto dos elementos gregos e asiáticos: tôda a grandiosidade helênica tem as suas raizes no espírito jônico.

TALES, primeiro dos grandes sábios e filósofos gregos, era de origem semítica, e colheu sua sabedoria dos egípcios. Dos semitas, os gregos conservaram o alfabeto e outros elementos culturais, como a música, e tal se depreende do nome de instrumentos.

Conta Plutarco que, ao fundar Atenas, exclamara Teseu: *Concorram, aquí, tôdas as nações!* Para Heródoto, os atenienses não eram de linhagem helênica e as suas principais famílias originaram-se do estrangeiro. Foi graças á miscegenação inteligente, que se tornou Atenas a cidade mais ilustre do universo. Coteje-se com Esparta, aristocrática, orgulhosa, isolada do convívio com o resto do mundo. Conservou-se culturalmente estéril, não obstante a linhagem muito mais helênica do que a ateniense. Tal retraimento, adverte HERTZ, não a impediu de despovoar-se, e de se despenhar na degeneração político-moral.

Alega CHAMBERLAIN que a decadência grega resultou da invasão de sangue ádvena; no entanto, eram árias e nórdicos os que penetraram na Hélade, depois da derrota dos celtas, em 280 A. C. — Decorridos cinco séculos após o empalidecimento da Grécia, nela se estabeleceram os primeiros teutões. No VI século, começaram os assaltos dos búlgaros, que se fixaram definitivamente no oitavo. Mantiveram-se segregados dos gregos até o começo do nono, quando, com o imperador bizantino Basílio I (867–886), aceitaram a religião cristã e começou o amálgama em grande escala. Parece a HERTZ que a mistura de raça fino-turco-eslava foi muito propícia para o sangue helênico. E a derrocada só se desfechou de novo com a implantação do sistema feudal e da intolerância católica. A causa do ocaso grego se encontra, portanto, em fenômenos sociais, desordens econômicas e conseqüências da organização militar.

Revolução Francesa. Foi GOBINEAU quem rotulou o movimento de justiça social, de 1789–93, de luta do povo, de procedência céltica, contra a fidalguia, de origem germânica. LUDWIG WOLTMANN demonstrou, contudo, que os chefes eram de descendência teutônica. A nobreza francesa, no período revolucionário, era a classe mais corrupta que se possa conceber : adquiria os títulos para gozar isenções e privilégios . Afora isso, as regiões onde o celticismo era mais acendrado, como a Bretanha e a Vendéia, foram, de fato, aquelas que mais tenaz e violentamente combateram o regime republicano.

* * *

Uma vez que a dissolução do mito de desigualdade racial, tão funesto á civilização e á paz universal, só se pode obter com o trabalho lento e sistemático da educação, compreende-se o malefício dessas teorias cerebrinas, pseudo-científicas, que fundamentam violências inomináveis de nações e povos. LAPOUGE, embora partidário da doutrina (*Race et Milieu*

Social), previa a futura luta dos homens, aos milhões, por causa de uma diferença mínima nas dimensões do crânio. Na guerra de Secessão, muitos escravocratas sulistas defendiam o seu ponto de vista do modo seguinte: "o homem foi feito á imagem de Deus; ora, Deus não é preto; logo, preto não é gente".

E' espantoso, nota HERTZ, que tão abstruso e deshumano preconceito, como o racial, tenha prevalecido a-pesar da opinião contrária de notáveis cientistas.

"A humanidade é um todo-unidade; há, sem dúvida, raças plásticas mais altamente educadas e que se têm nobilitado pela cultura mental;" é esta a opinião do eminente sábio A. HUMBOLDT, no *Kosmos*. WIRCHOW, um dos maiores vultos da medicina moderna, renovador da anatomia patológica, pondera que "no conspecto da humanidade, ressalta flagrante a irmandade dos seus membros". C. E. VON BAER, insigne embriologista, descobridor do ôvo de mamífero, entendia que o dogma da inferioridade dos pretos era invocado pelos escravocratas para se porem ás boas com a conciência. RATZEL, fundador da antropo-geografia, insistia sôbre a identidade da cultura e mentalidade das raças: "existe uma só humanidade, cuja diferença é de forma e não de profundeza." Por fim, F. von LUSCHAN, na obra "*Völker, Rassen and Sprachen*" em 1932, estatue: "não existem raças selvagens senão povos cuja cultura diverge da nossa. Os caractéres decisivos das chamadas raças resultam, em essência, dos fatores – clima, sociedade e outros. Não há raças fundamentalmente inferiores. As diferenças, em particular, morais e intelectuais, não são tão grandes como as que se encontram entre indivíduos da mesma raça."

O negar a inferioridade das raças não importa desconhecer as diferenças físicas e mentais que apresentam. O que se contesta é que tais diferenças sejam irremovíveis, inerentes a determinada raça, transmissíveis por herança, a despeito da ação conjugada do meio, regime alimentar, etc. Ora, o

ensinamento moderno é que se trata de divergências não qualitativas, senão quantitativas, questão de grau e intensidade.

A) *Diferenças Físicas.* — HERTZ oferece copiosa documentação neste sentido. Refere o caso do anatomista alemão, que dispôs um grupo de crânios para seriar vários tipos de raça, colhendo-os todos em sua coleção de crânios germânicos.

Em París, encontrou-se, num cemitério, avultado número de esqueletos, supostos de soldados russos, mortos em 1814. Foram identificados por notável anatomista como pertencentes a fineses, bashquires, calmucos, e outras tribus siberianas ; mais tarde, ficou apurado tratar-se de ossadas de mulheres, vitimadas pela epidemia colérica de 1832. – Ao sentir de WIRCHOW, por mais consumado que seja o antropometrista, jamais poderá filiar em dada raça o crânio cuja história desconheça.

Repita-se com PITTARD que o índice cefálico, fundamental para a classificação racial, não tem significação alguma, psicológica ou social. "No crânio imutável, modifica-se o cérebro," adverte H. BERR. Daí, a inópia científica dos que sôbre êsse fato assentam a superioridade do dolicocéfalo sôbre o braquicéfalo.

O branco não pode ser diferençado do preto por fatores físicos cujos limites diferenciais não podem ser precisos.Não existe e nem pode existir raça pura. A hibridização é imperativo do instinto, que só não obrigaria a raça isolada do convívio humano e do intercurso sexual.

As caraterísticas físicas e psíquicas são peculiares ás diversas raças. Seria ilógico, pondera HANKINS, que a psique humana fósse imutável e invariável, quando é patente e manifesta a diferenciação física. Depreende-se que só se deve dizer que uma raça é superior ou inferior a outra em relação a determinado caráter, físico ou mental.

B) *Diferenças Psíquicas.* — Ninguém pleiteia a uniformidade das reações mentais, v. gr., entre preto

e branco. A divergência é clara no que respeita ás faculdades psíquicas e sensoriais.

São interessantes os resultados a que se chegou no estudo do cérebro de preto e branco. As diferenças verificadas não são maiores, e, por vezes, mostram-se inferiores ás observadas entre homens e mulheres brancas. Ao cabo de muitos anos de disseção, nas Indias Orientais Holandesas, KOHLBRÜGGE declara não ser possível distinguir o cérebro de aborígene do de europeu.

O crânio do grande poeta SCHILLER, medido por FRORIEP, pesava apenas 1.300 gr., pêso inferior, por conseguinte, ao consignado por FISCHER e MILLISON para a média dos negros.

PEARSON (K.), fundador da biometria, muito concorreu para que se negasse a relação do volume craniano com a inteligência. Estudou-a, em 1906-7, em 1000 universitários e 5000 escolares de Cambridge, chegando a resultados negativos. Não adotou, porém, técnica especial para avaliar a idade mental, e não separou, portanto, os fatores da inteligência em geral dos que lhe definem o grau.

A evolução demonstra, contudo, que, no animal, o desenvolvimento das faculdades mentais é acompanhado de maior volume cerebral. E' nítida a diferença entre os antropóides e o homem; naqueles, atinge o máximo de 600 gr., e, neste, tem o mínimo de 900 gr.

Para HANKINS, é inegável a correlação entre o tamanho do cérebro e a eficiência mental, entre a normalidade do desenvolvimento cerebral e a da adaptação da conduta.

A estrutura seria mais importante do que o volume. Neste particular, o cerébro do *Neanderthalensis* lembra o dos antropóides ou dos microcéfalos. A relação dos hemisférios cerebrais para o do homem moderno é de 32 : 43, e as áreas corticais ou zonas de associação, embora superiores ás dos macacos, são muito inferiores ás do homem atual.

São fundamentais dois fatos: a mudança de extensão das áreas sensitivas, e a formação do córtex cerebral, fator mais considerável, determinante do desenvolvimento das mais altas atividades mentais.

Estruturalmente falando, o lóbo frontal do negro seria menor, menos convexo, com fissuras menos pronunciadas, menor proporção de substância branca e circunvoluções mais simples. Existiria depressão do centro de associação anterior, e relativa saliência do de associação posterior. Admitida a hipótese de que êsse centro seja incumbido das faculdades sensitivas, da coordenação orgânica, do senso musical e da lascívia, e aquele, do autogovêrno, juizo e razão, parece haver base neurológica para diferença no comportamento.

Depreende-se, com HANKINS e outros, que as diferenças são de grau e não genéricas.

As raças divergem na organização mental com diferenciação subsecutiva das faculdades culturais. Não se deduza, todavia, que a civilização branca seja superior em todos os sentidos, nem tão pouco que seria reproduzida pela raça africana em identidade de condições geográficas e culturais, senão que o homem de côr criaria uma cultura diferente da do branco, e, em alguns pontos, superior á dêstes.

As diferenças étnicas médias entre as raças são pequenas em comparação á série total de variações dentro da mesma raça e não têm maior significação.

A conclusão final é que a potencialidade genética das raças é diversa do ponto de vista físico, intelectual e do caráter.

- Basta uma consideração anatômica para não se insistir sôbre a diferença de volume e pêso como critério de inferioridade cerebral.

Ninguém dirá que a mulher seja inferior ao homem, embora tenha reações mentais e emocionais quantitativamente diversas. O cérebro masculino pesa 1.360 gr. e o feminino 1.220 gr. ; logo, há um saldo interpretado, não como desvantagem, mas como diferença funcional.

MISTURA DE RAÇAS.—Vão rareando os que impugnam o cruzamento sob pretêsto de prole estéril e inferior.

A história mostra inúmeros exemplos de mestiços superiores: os Dumas, em França; Brandès, na Dinamarca; na Rússia, Tolstoi, Dostoiesvki, Gorki, Lenine e Pushkin, os primeiros de ascendência mongólica, o último, de origem africana.

J. B. LACERDA, do Museu Nacional, frisava que, si o mulato brasileiro físicamente é assaz fraco e pouco resistente, tem inteligência superior á média dos pretos, e muitas vezes dos brancos; é imaginoso, jactante, teórico, e instável nas convicções e compromissos. Citam-se mestiços poetas, músicos, oradores, médicos, juristas e engenheiros de singular mérito.

O mulato tem duas fôrças a propulsá-lo na vida - a do preto, que quer vê-lo egresso do seu meio acanhado, e a do branco a incutir-lhe energia e ambição.

E' bem evidente a sua filiação mental. De modo geral, o negro, pelo menos o afro-brasileiro, é imprevidente, satisfaz-se com o êxito momentâneo, possue grande destreza manual, é vivaz, arrebata-se com a oratória e com o verbalismo. Destacam-se nele: inconstância, pequena energia psíquica, escassa iniciativa, e desambição geral.

No caso brasileiro, cumpre distinguir os negros conforme a procedência. *

Os haussás sabiam lêr e escrever árabe. Promoveram os levantes religiosos na Baía, em começo do século passado. "Aos negros sudaneses cabe inconteste a primazia em todos os feitos que, da parte do preto, houve na história brasileira, afirmação da

(*) — NINA RODRIGUES distribue os africanos importados, existentes na Baía, em quatro povos: a) *camilas africanos*, a que se juntam os *mestiços camilas* e os mestiços *camilas-semilas;* não são negros, e sim ramo da raça branca, embora de côr mais ou menos preta; são muçulmanos, de cuja civilização elevada fala a antiga cultura do Egito e Abissínia; b) *bantus*, ocidentais e orientais; c) *sudaneses*, que compreendem os mandeses, os da Senegâmbia, das Costas do Ouro e dos Escravos, entre os quais os nagôs ou iorubas e os centrais, dos quais se destacam os haussás; d) *insulanos*.

sua ação ou dos seus sentimentos de raça." (Nina Rodrigues). Demonstraram irredutível sentimento religioso, perante as inquirições judiciárias e penas bárbaras que lhe foram impostas. Segundo o ilustre professor baïano, a colônia haussá extinguiu-se pràticamente com a insurreição de 1813, preferindo os valentes pretos repatriarem-se depois da lei de libertação.

Cabe mencionar a diferenciação cultural dos africanos, para aquí trasladados, afim de evidenciar o que representam na formação econômica do povo brasileiro.

Não padecem cotejo com o índio nômade, inadaptado á vida de lavoura e pastoreio.

Predominaram no tráfico, os bantus e os sudaneses, procedentes de áreas agrícolas e pastorís.

"Os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada foram o elemento ativo, criador, e, quasi que se pode acrescentar, nobre na colonização do Brasil, degradados apenas pela condição de escravos. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. Foram a mão direita da formação brasileira ; os portugueses e os índios, a mão esquerda.

"ESCHWEGE salienta que a mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos. Não é outro o pensamento de P.CALÓGERAS, para quem são metalurgistas natos. MAX SCHMIDT destaca dois aspectos da colonização africana que deixam entrever a superioridade técnica do negro sôbre o indígena e até sôbre o branco : o trabalho de metais e a criação do gado. Poderia acrescentar-se um terceiro : a culinária que, no Brasil, se enriqueceu e refinou-se com a contribuição africana.

"A raça negra foi injustamente ignominiada como depravadora. Aliás, prova a história, a degeneração de costume é consectária da escravidão. Si a

negra ou mulata concorreu para a precoce depravação do menino branco de classe senhoril, fê-lo tão só como parte de um sistema de economia e de família : o patriarcal brasileiro.

"A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas ; o elemento ativo na corrupção da vida da família ; e moleques e mulatos o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiu por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações de sexo e classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Exprimiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Dêle se deriva tôda a acre tendência para o sadismo caraterístico do brasileiro, nascido e criado em engenho". (G. FREYRE). *

Não obstante o seu pessimismo, NINA RODRIGUES não nega a hierarquia cultural do negro, nem o condena a eterna selvajaria ; pensa, entretanto, que o aperfeiçoamento é em extremo moroso, e é êste o ponto fraco da sua civilização.

Diverge de tal parecer o arcebispo IRELAND. Afirma que a história jamais observou progresso mais espantoso, e em período apenas de 40 anos, do que o dos pretos norte-americanos depois de emancipados.

A causa da inércia racial dos negros e índios é o terem-se contraído durante três séculos de escravização, datando o primeiro contrato de tráfico de 1583.

Segundo PARK (R. E.), o preconceito racial traduz reação de defesa contra a concorrência.

O fator econômico é o grande motivo de antipatia norte-americana pelos japoneses. Não obstante o

(*) — Leia-se a excelente obra *"Casa Grande e Senzala"*, de GILBERTO FREYRE, que estuda monogràficamente o triplo fator da miscegenação brasileira: o indígena, o colonizador português e o escravo negro. E' notável pela documentação, e moderna orientação antropológica.

surto espantoso da sua civilização* que, em pouco mais de uma geração, conseguiu transformar o país de teocrático e feudal em democrático, onde o ensino é obrigatório e gratuito durante oito anos, a vacinação e a revacinação são compulsórias, as castas já não existem e tantas outras conquistas elevaram a nação a grande potência mundial — é acentuada a idiosincrasia da grande república americana por efeito de rivalidades políticas e econômicas.

Aliás, é essa a lição de todos os dias. Os membros de um grupo qualquer se acamaradam perfeitamente, enquanto os novos não lhes fazem sombra. Mal êstes reclamam o quinhão de recompensa, eis que rompem a malquerença e o dissídio.

E', com efeito, remanescente da luta prehistórica, e o perseverar na hostilidade, a despeito da imotivação, explica-se porque cumpre denegrir a quem se tenha agravado. TÁCITO ensinava: *Proprium humani ingenii est, odisse quem læseris.*

O preconceito medra nos países onde é grande a diferença cultural das raças. Prova de que se trata de sentimento adquirido, e não inato, está em que as crianças brancas divertem-se com as pretas, na maior espontaneidade. E' preciso a advertência dos pais, por vezes castigos, para dissuadí-los dêsse convívio natural.

* * *

Haverá, porventura, fado mais doloroso do que o do judeu, eternamente perseguido ? ! Amoedador por excelência, esta a única compensação que lhe sobra, aliás, estimulada pela sua religião, que tem a riqueza como bênção de Jeová.

Os israelitas possuem grande espiritualidade e manifesto pendor para a vida intelectual e científica. Grande é o número dos que têm culminado na ciência, da física e matemática de EINSTEIN á filo-

* O maravilhoso progresso cultural e industrial do Japão é devido, essencialmente, ao seu sistema escolar. Possue 46 mil instituições educacionais, 3 para cada 10 milhas quadradas, em que estão matriculados 13 milhões de pessoas, ou seja um quinto da população do império. (SCHERER).

sofia de SPINOZA e BERGSON. Provàvelmente, a fórmula adleriana do homem superior em função do complexo de inferioridade encontra neles ótima exemplificação. Para se liberar do ambiente de asfixia emotiva, lançam-se ao estudo com tenacidade e energia incomparáveis. Dedicam-se muito á medicina; e, nessa eleição profissional, intervém, talvez, o pavor racial ao sofrimento e á morte.

Em artigo sôbre as resistências que encontra a psicanálise, pergunta FREUD si o fato de haver brotado de cérebro hebreu não teria concorrido para ofuscar-lhe a importância e retardar-lhe as aplicações. Para exaltar a psicanálise, observa êle, era preciso estar amplamente preparado a aceitar o isolamento a que o condena a oposição, destino, mais do que a qualquer outro, familiar ao judeu.

BIBLIOGRAFIA

Vários Autores: Por que ser anti-semita? Civilização Brasileira. Rio. 1933.

BÄLZ (E.): Zur Psychologie der Japaner. Globus. tomo 84.20. 1903.

BAUER, FISCHER and LENZ: Human Heredity. Allen Unwin. Londres. 1931.

BOAS (F.): The Mind of Primitive Man. Macmillan. N. Y. 1931.

" " : Anthropology and Modern Life. Londres. Allen Unwin. 1932.

COUTO (M.): Discurso contra a Imigração Japonesa, na Assembléa Nacional Constituinte. Mundo Médico. Rio. 24 fev. 1934.

FARIA (ALVARO DE): O Problema da Tuberculose no preto e no branco e relação de resistencia racial. Tese apresentada no Congresso Afro-Brasileiro. Recife. 1934.

FINOT (J.): Le Prejugé des Races. Paris. Alcan. 1905.

FREYRE (GILBERTO): Casa Grande e Senzala. Rio. Maia Schmidt. 1934.

FREUD (S.): Résistances à la Psychanalyse. Revue Juive. Paris. 15.3.25.

HANKINS (F. H.): The Racial Basis of Civilisation. N. Y. Knopf. 1931.

HERTZ (F.): Race and Civilisation. Ed. ingl. Londres. K. Paul. 1928.

KOHN (H.) Race Conflit. *Encyclopedia of the Social Sciences.* v. XIII. 1934.

LAPICQUE (A.): Analyse des relations du poids cérébral avec la grandeur du corps et le degré de l'intelligence, em *G. Dumas: Nouveau Traité de Psychologie.* cap. IV. Paris. Alcan. 1.° vol. 1930.

NINA RODRIGUES: Os Africanos no Brasil. Cia. Editora Nacional. S. Paulo. 1932.

" " : As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil. Rio. Ed. Guanabara. s. d.

OKAKURA (K.): Les Idéaux de l'Orient. Le Réveil du Japon. Paris. Payot. 1917.

PITTARD (E.): Les Races et l'Histoire. Paris. La Renaissance du Livre. Col. L'Evolution de l'Humanité v. V. 1924.
RAMOS (ARTHUR): O Negro Brasileiro. Rio. Civilização Brasileira. 1934. Biblioteca de Divulgação Científica.
ROQUETE-PINTO (E.): Ensaios de Antropologia Brasiliana. Cia. Editora S. Paulo. 1933.
SCHERER (J. A. B.): Japan's Advance. The Hokuseido Press. Tokio. 1934.
SOMBART (W): Les Juifs et La Vie Economique. Paris. Payot. 1923.
STEINER (J. F.): The Japanese Invasion. Chicago. A. C. McClurg. Co. 1917.

CAPITULO XVII

LIDERANÇA

A evolução social aparece como resultante da ação recíproca de dois fatores distintos: o *indivíduo*, cujos subsídios particulares decorrem do jôgo de certas formas fisiológicas e infra-sociais; o *meio social*, com a faculdade de lhe aceitar ou repelir o concurso. Ambos os fatores são essenciais a qualquer modificação. Sem o impulso individual, a comunidade fica em estagnação, impulso que, mais tarde, se extingue na simpatia social (JAMES). A ação é, portanto, recíproca, consoante a fórmula comtiana: o homem se agita e a humanidade o conduz.

Esta subordinação não foi, todavia, devidamente reconhecida por muitos dos que estudaram o papel dos homens históricos, pois consideram a êstes como surtos esporádicos sem filiação no passado.

O homem superior difere do comum pela maior energia dos atos que consultam o interêsse coletivo; cabe-lhe a iniciativa de pensamento e ação. O duplo elemento que o explica, disse SÉAILLES, exprime-se na lei fundamental do espírito: *tendência para organizar tudo o que nele penetra pelo renovamento da sensação na imagem, e pela relação íntima desta com o movimento que a provoca.*

A organização nada mais é do que a unidade na variedade, pela correlação da imagem com o movimento, e ligação da obra concebida com a executada.

O gênio é a fecundidade do espírito, com aptidão de estruturar idéias, imagens ou sinais, sem recorrer aos processos lentos do pensamento reflexivo

ou ás fases do raciocínio. Nada deixa penetrar na inteligência que não fique ordenado. Por conseguinte, a sistematização é preceito vital, sendo a morte desordem e esfacêlo. O espírito só pode criar a ordem, porque subsiste só por causa dela (SÉAILLES)

Os grandes homens são a resultante do movimento social. Criam valores especiais de cunho pessoal (KRETSCHMER), e são portadores de predicados e aspirações do povo, em dado momento evolutivo. São numerosos os casos de descobertas e invenções simultâneas, reveladoras de identidade nas condições do ambiente e da evolução intelectual.

No conceito de HEGEL, grande homem é o que apreende o conteúdo universal superior e dêle faz objetivo da vida. Os indivíduos históricos não seriam felizes, e só lograriam ventura na obra que lhes consagra o ideal.

Ao sentir de GOETHE, gênio é aquele cuja adolescência não fenece; na sua alma, viceja perpétuo o entusiasmo.

Porisso mesmo que se subordina ás imposições do meio, a ação dos grandes homens ou líderes é efêmera. Terão prestígio enquanto preencherem as necessidades gerais do povo ou da nação, e souberem aproveitar as fôrças sociais. Quando, todavia, imprimem aos atos nota pessoal e excedem os limites das solicitações presentes, e transformam, aos poucos, o apôio público em sustentáculo da sua vontade e pensamento, não tarda o malôgro. *Querem o futuro*, escrevia GUIZOT, *assim como possuíram o passado.*

Carateriza-se o líder pela preponderância de *ideologia coletiva*, *forte vontade*, adequada ás necessidades da massa e ao seu temperamento de comando, e *plena responsabilidade dos seus atos* (RANK). Claro é que tais predicados variam em proporção, e, daí, tipos diversos.

Consideremos os líderes *sociais* e *intelectuais*.

A função do lider social é essencialmente dinâmica ou criadora. O indivíduo propulsa um valor ou

complexo de valores, dentro de programa sistemático de reorganização. Constela em tôrno da sua personalidade um grupo com o qual exerce ação superior á que emanaria do cidadão isolado. Aspira alterar os valores atuais da sociedade, e formar ambiente propício ao transplante de nova cultura. Define-se pela ampla irradiação social, por meio de núcleos de cristalização, de doutrina ou partido, que funcionam quais satélites.

Confira-se a necessária significação ao fator mesológico, aceito o princípio que *tôda evolução individual deve reproduzir espontâneamente as fases essenciais da iniciação coletiva.* Dentro dêsse espírito, reconhece-se a participação do conjunto dos predecessores como muito maior do que a dos contemporâneos.

Si, como ensina COMTE, os grandes deveres exigem grandes fôrças, compreende-se quanto é indispensável um aparelho de educação de finalidade universal, onde se ministre o ensino, em seus vários graus, sem distinção de classes.

Por via de regra, quando o indivíduo parece exercer notável ação, não o faz, entretanto, pelas próprias fôrças, em extremo pequenas, senão pelas exteriores que atuam, consoante leis sôbre as quais não tem ação. Todo o poder se firma na inteligência, que coloca o indivíduo, adverte COMTE, em estado de conhecê-las pela observação, de prever-lhes os efeitos, e, por conseguinte, de fazê-las concorrer para o fim em vista, contanto que as empregue segundo a natureza delas.

Julga-se descabido pretender alguém saber física e astronomia, sem as ter estudado, e, no entanto, qualquer se reputa habilitado na ciência política, emitindo opinião categórica sôbre princípios de máxima abstração, embora não haja tido o trabalho de nelas refletir e não lhe mereça, aquela ciência especial estudo. Esse velho reparo de Condorcet está de pé para a maioria dos políticos contemporâneos.

Foi HUME quem primeiro estudou o aspecto psi-

cológico da liderança, nos seus *Ensaios*. publicados em 1741–2. A condição fundamental da influência do líder, diz o filósofo inglês, é a fôrça que o sustenta: *opinião pública* ou *partidária, econômica* e *militar*, sendo esta, das três, a mais restrita.

Cabe a SIMMEL o ter chamado atenção para o papel dos *liderados* que condicionam, mais do que se supõe, a função do líder. Este teme-lhes a resposta negativa ou antagônica, comprometedora do prestígio e eficiência administrativa.

Particularizando-se, agora, as considerações sôbre a *liderança intelectual*, ver-se-á que é do maior interêsse reconhecer precocemente aquele que, no futuro, assumirá a direção em dado campo de atividade mental.

OSTWALD entende que a sua caraterística, como estudante, é a de não se satisfazer com o ensino ministrado, e conservar a autonomia de pensamento que lhe resguarda a originalidade, e, a despeito de métodos rijos e anacrônicos, procurar sempre aperfeiçoar-se na observação dos fatos e na lógica construtiva.

O ilustre químico distingue dois tipos – *romântico* e *clássico*, taquipsíquico ou bradipsíquico, que se diferenciam pela rapidez das reações cerebrais.

Os *clássicos* são minuciosos e tardios no trabalho; têm a obsessão de serem completos e perfeitos; remodelam constantemente; retraídos, com invencível tédio á controvérsia, decepcionam os que com êles privam; não têm o brilho esperado, sendo, quasi sempre, mínima a ação pessoal. Os *românticos* são o oposto: originalidade, espírito versátil, arrebatam e encantam, aureolados por um grande círculo de entusiastas.

Teria OSTWALD encontrado a significação do fenômeno dos homens superiores no estudo da energia. Com efeito, argumenta êle, grande homem é todo aparelho capaz de produzir grandes trabalhos; depende, portanto, da quantidade de energia de que dispõe. E' isso conseqüência do primeiro princípio de

energética, segundo o qual *os homens são sensivelmente iguais, uma vez que sejam normais e tenham saúde.*

A energia transforma-se, e as quantidades, que dela desaparecem e surgem, são equivalentes, dentro da mesma unidade. As condições do trabalho serão tanto mais desfavoráveis quanto maiores forem outros gastos de energia. Por outro lado, o trabalho depende do coeficiente de transformação da energia bruta em formas específicas. Dess'arte, explica-se a maior ou menor produção, em dadas condições exteriores. As outras influências – educação, meio, etc., participam da formação espiritual, e, mais tarde, deixam sulcos indeléveis na mentalidade.

Subscrevem-se *in totum* as considerações de OSTWALD sôbre o valor eminentemente formativo dos *livros*. São os verdadeiros mestres dos futuros gênios. A história evidencia que os homens superiores adquiriram os conhecimentos pela assimilação direta dos bons livros. Na formação dêles, pouco interveio o ensino sistemático que as escolas proporcionam, e nenhum dos vultos, estudados pelo sábio alemão, foi lançado no caminho da glória por outro grande homem.

O indivíduo superior tem assegurada, no livro, a escolha da orientação, pois só lê aqueles onde espera encontrar o que precisa.

O livro respeita a autonomia intelectual, não circunscreve o surto da mentalidade, como faz o melhor professor, que sempre modela a seu modo o espírito do discípulo. Por conseguinte, de maneira muito mais generalizada do que se faz, *deve-se despertar nos estudantes a convicção de que a ciência se encontra mais ou menos nos livros, e basta procurar os bons, o que, de regra, não é difícil.*

Entre outras caraterísticas psicológicas da liderança intelectual, há a distinção importante entre *espíritos analistas* e *sintéticos*. Na divisão do trabalho social, é preciso levar em conta esta diferenciação fun-

damental, bem estudada por PAULHAN. Atribua-se a cada qual conforme a capacidade mental, pois um e outro se completam. Os primeiros procedem á colheita do material, fazem obra documentária, que os segundos dinamizam para o progresso social.

A condição vital do lider é o *prestígio*, pessoal ou adquirido, perdido o qual dificilmente poderá readquiríl-o, porquanto a sua influência sôbre as massas já não é de ordem emotiva, senão lógica, e, portanto, sujeita aos rigores da dedução.

Pondo de lado o prestígio adquirido, extrínseco á individualidade, e resultante do nome, fortuna, e conceito no exercício de cargos e da profissão, cumpre assinalar o papel da persuasão na conquista do prestígio pessoal. Emana do fáscinio de quem a exerce, quer pelos seus dotes de simpatia e trato, quer pela linguagem convincente e harmônica com o sentimento do auditório ou da coletividade. Ao lado da admiração, existe o temor, que leva a pessoa a render-se ao domínio do chefe.

O êxito dá continuidade ao prestígio. Para gozar autoridade, isto é, arrancar da massa a aprovação de atos e idéias, não se apela para a razão. E' a lógica dos sentimentos que comanda.

Si a persuasão é básica na formação do prestígio, ela decorre do desejo e da crença. O orador, por exemplo, antes de falar, estrutura os sentimentos em tôrno dos quais se dispõem os períodos e a elocução. A eficácia retórica está na clareza com que sintoniza os seus impulsos com os do auditório e a sugestão coletiva dependerá da energia do verbo.

MACPHERSON mostrou como a auto-persuasão diverge da de outras pessoas. Acreditamos porque desejamos acreditar ; do contrário, a notícia que nos chega aos ouvidos seria recebida com cepticismo e indiferença. Assim procedemos para satisfazer instintos e emoções. E' que ou o meio e a educação despertam certos sentimentos, ou há interêsse em plasmar a nossa reação emocional na de outros.

Na auto-persuasão, a crença é, amiúde, inconciente. Origina-se de fatores remotos e o seu mecanismo é, por conseguinte, amplamente inconciente. Na hétero-persuasão, é, de comêço, conciente, e, portanto, o seu mecanismo também o é. E' uma tentativa, mais ou menos sistemática, de impô-la a outrem. Em ambos os casos, o escopo é a aprovação, por nós e pelos outros, da crença e do desejo que aceitámos.

De certo modo, desejos e crenças se confundem. Dêles nasce a persuasão, que procede principalmente dos fatores emocionais. Uns e outros são recebidos porque satisfazem, inicialmente, uma solicitação qualquer da emotividade.

O caráter fundamental da persuasão está na sua etiologia emotiva. Nisso diverge da lógica racional, onde não desponta vislumbre de emoção, ou, pelo menos, é ela tão pequena que não influe nem sôbre a seqüência do raciocínio, nem sôbre a conclusão final.

A única semelhança que a persuasão apresenta com a lógica está em que obedece igualmente a uma série de juizos. Na dedução lógica, percebe-se a semelhança entre os termos da proposição e admite-se a conclusão como verdadeira. Parte-se da proposição, geral ou particular, e conclue-se, através de dados rigorosamente correlatados dentro do princípio da analogia.

Na persuasão, pelo contrário, parte-se de um desejo ou crença, em que já se antecipa a ilação, e a esta se chega, por meio de uma cadeia de juizos ligados uns aos outros. Limitam-se êstes, em essência, a concretizar a crença ou desejo primitivo e satisfazer a emoção sôbre a qual se apoia.

A atitude de quem sugestiona é sempre unilateral. Todos os seus juizos conferem valor ás pessôas, atos e objetos, enquanto se harmonizarem com os sentimentos motivadores do impulso originário.

Na hétero-persuasão também intervém a lógica. As relações entre os conceitos se exprimem sob forma

racional ; a ordem e a disposição das provas se firmam, em grande parte, em razões de natureza reflexiva. Lembra o psicólogo mencionado que, ao analisar-se um discurso político ou outra forma qualquer de persuasão verbal, encontram-se argumentos de tôda a sorte: dedutivos e indutivos; colhidos, ora de princípios, ora de exemplos; analógicos, quer de causas a efeitos, quer de efeitos a causas. A lógica é, pois, mais aparente do que real. Na persuasão, em última análise, o valor dos juizos é relativo á capacidade de levar a efeito a crença ou desejo dominante e dar expansão ás emoções que os fundamentam.

Em todo exemplo concreto de persuasão, é, em regra, possível imprimir aos argumentos aspecto de lógica racional, mas as formas decorrentes, adverte MACPHERSON, diferem, em substância, da sugestão, por não traduzirem as emoções onde todos os conceitos se vão inspirar.

BIBLIOGRAFIA

GUIZOT (F.) : Histoire de la Civilisation en France depuis la Chûte de l'Empire Romain. vol. II. Paris. Perrin.
HEGEL (J. G. F.) : La Filosofia de la Historia Universal. Tomo I. Revista do Occidente. Madrid. 1928.
HUME (D.) : Essays Moral, Political and Literary. Londres - Longmans Green. 1912.
JAMES (W.) : La Volonté de Croire. Ed. fr. Paris. Flammarion. 1916.
KRETSCHMER (E.) : The Psychology of Men of Genius. Londres. K. Paul. 1931.
MACPHERSON (W): The Psychology of Persuasion. E. P. Dutton Co. s. d.
OSTWALD (W.) : Les Grands Hommes. Paris. Flammarion. 1912.
PAULHAN (FR.) : Analystes et Esprits Synthétiques. Paris. Alcan. 1902.
PICARD (J.) : Conditions Positives de l'Invention des Sciences. Alcan. 1928.
RANK (OTTO) : Modern Education. N. Y. Knopf. 1932.
SCHMIDT (RICH.) : Leadership. na *Encyclopedia of Social Sciencies.* N. Y. Macmillan. vol. IX.
SÉAILLES (G.) : Essai sur le Génie dans l'Art. Paris. Baillière. 1883.

CAPITULO XVIII

OPINIÃO PÚBLICA

Juizo coletivo mais ou menos raciocinado, a opinião pública é determinada pela inter-ação dos vários conceitos individuais; está para o grupo como a opinião pessoal para o indivíduo. Rege as atividades nos grupos sociais altamente dinâmicos, assim como as tradições norteiam os povos primitivos.

Não se trata de acôrdo entre opiniões diferentes, senão, como supõe COOLEY, da harmonização dos interêsses da maioria. Resulta dos seguintes *fatores* – opinião em geral, princípios, experiência, estereotipias, personalidade, usos e costumes.

Baseia-se a opinião sôbre impressões sem o conteúdo necessário de certeza. Os princípios têm maior estabilidade, mudando os indivíduos mais fácilmente de opinião do que de princípios. A experiência é pessoal ou egocêntrica; entretanto, pode ser heterocêntrica, quando se agreguem impressões de outro grupo, em geral amistoso. Na estereotipia, verifica-se que o mecanismo de pensar e sentir se enquadra na mesma figura e imagem, e pode simbolizar sentimentos diversos. Assim, Cristo é, para os cristãos, o símbolo da salvação; para os espiritualistas, do amor universal. A personalidade importa a gênese da opinião do povo, dificilmente se achando duas idênticas; dessa divergência nascem debates orientadores do público. E' manifesta a ação diretiva dos usos e costumes sôbre os sentimentos e modos de atuação da coletividade.

A opinião pública desenvolve-se principalmente pe-

lo intercâmbio espiritual entre os membros dos diversos grupos sociais. Porisso é que se deforma á mais leve restrição da liberdade de pensamento. Neste caso, já não se pode dizer que exprima o modo de pensar e sentir da maioria. Contudo, dentro de certas reservas de ordem técnica (vocabúlário), ou psicológica (natureza do assunto), pode-se conservar a comunicação social, que se opera não só pela reação dos espíritos mos também pela sugestão supletiva. A restrição da opinião pública determina a do desenvolvimento da razão na vida social. (ELLWOOD).

Racionaliza-se a opinião pública pela organizacão do grupo, ampliando-se os meios de inter-relação mental; pela inteligência dentro de sistema educacional que objetive os principais problemas sociais, e pela liderança, nas suas caraterísticas de energia, altruismo e incorruptibilidade.

Na formação da opinião pública, sucedem-se as *fases* seguintes: a) de *indicação*, conciência da necessidade de decisão em dado sentido; b) de *difusão* na qual colaboram tôdas as fôrças sociais; *c*) de *progresso* quando intervém o govêrno e se verifica a atuação máxima da minoria, afim de que prevaleça o seu ponto de vista; é o período de debates, polêmicas e publicidade; d) de *impulso emotivo* variável com o conteúdo sentimental do plano e exaltação decorrente; e) de *sugestões novas* ou *complementares;* f) de *conflitos de solução* por efeito de demora nos trabalhos; g) *investigadora*, na qual se constitue uma comissão para sugerir soluções; h) de *discussão* ampla dos resultados; *i*) *integradora das soluções* que se unificam; j) de *acôrdo*, na qual se dissipam as divergências.

Essa seqüência de tempos observa-se bem nas atividades partidárias. Si, porém, o grupo se sente em condições de inferioridade, entra em fase de transigência, aceitando imposições da situação dominante. Criada a opinião pública, surge a decisão popular, que a sanciona.

Convém distinguir *público* de *multidão*. Aquele não pressupõe contacto físico pessoal, podendo o indivíduo participar de diversos públicos, mas de uma só multidão. Sem embargo de menor sugestibilidade, ele apresenta mais acentuado grau de concomitância ou convergência de estímulos, procurando criar instrumentos capazes de lutar contra o espírito inconciente da massa. Igualmente, diferencia-se o *sentimento* popular da *emoção* popular; esta é forma de contágio psíquico, e aquele, síntese dos usos e tradições de determinado grupo.

A opinião pública reage com as circunstâncias; é de caráter provisório, profundamente dinâmica, de grande mutabilidade, e alterável com as condições. Favorece a transição de um estado social para outro. De certo modo, é fator de solução, e atua muito mais amplamente do que tôda e qualquer organização, até de ordem cultural. Bafeja o poder público cujo prestígio está na razão direta do apôio que lhe concede.

A imprensa, o rádio e o cinema constituem os três *órgãos* fundamentais da opinião pública, destacando-se a primeira pela importância. A imprensa goza de ação decisiva sôbre o espírito popular, porque reflete a mentalidade ou comportamento humano em suas linhas gerais. Põe em realce o *estímulo visual*-fator psicológico fundamental, o mais importante dos sensoriais, porquanto cêrca de 87 % dos conhecimentos são obtidos por seu intermédio. Além disso, elabora a *imagem sinestésica*. Seja exemplo o anúncio sugestivo que estabelece uma corrente de simpatia, e reclama não só a resposta visual, mas também a sinestesia de reação.

O rádio não consegue provocar o mesmo interêsse por não produzir a imagem sinestésica, e só despertar o estímulo auditivo.

Em sua versatilidade, a imprensa diária abre margem ao inconciente de cada leitor, cuja emotividade se ajusta aos diversos artigos e notícias. Dess'arte, apela-se para o instinto. Veja-se, p. ex., o noticiário

desportivo onde se revela a sublimação do instinto agressivo. Há uma terminologia específica correspondente aos sentimentos belicosos e tendências cinegéticas de inúmeros leitores.

Para tornar-se atraente, o jornal despreza informações anódinas, e explora as que despertem os resíduos de sadismo, que todos conservam em maior ou menor grau de latência. Ora, é altamente deplorável a divulgação escandalosa ou delinqüente, que revolve e traz á tona instintos incoercíveis e desfaz a obra educativa.

Há ainda a nota vaga e indefinida do desconhecido que aguça a curiosidade, base do conhecimento humano.

Pelo geral, o jornal consulta mais o interêsse comercial do que as possibilidades educativas, que conserva em estado potencial. Limitando-se a dar informações recentes de fatos, muitos dos quais subordinados ao imperativo biológico, não concorre para a sublimação dos instintos, mais ou menos egoísticos, com grave prejuizo da cordialidade entre classes e pessoas. Prefere, segundo Sieburg, da *Franckfurt Zeitung*, manter-se uniforme, aquém do nivel intelectual dos leitores, contribuindo mais para estabilizar do que para desenvolver a personalidade. No entanto, quantos benefícios para a humanidade, si, ao lado da função informadora, objetivasse o conhecimento sistemático de outros povos e instituições, e repudiasse a nota tendenciosa, talvez fragmentàriamente verdadeira, mas falsa e inverídica no conjunto e na conclusão.

Depreende-se a responsabilidade do jornalista, cuja qualidade primacial é a impersonalidade (LESSA), a saber, o amor á Verdade e Justiça. Quanto é, pois, urgente a sua formação profissional, através de sistemática educação!

Regula-se a opinião pública pela *censura* (controle negativo) e pela *propaganda* (controle positivo). Aquela sempre existiu, assumindo o aspecto mo-

derno sob Napoleão I. Não cabe aquí insistir sôbre os malefícios decorrentes da função repressora unilateral.

A *propaganda* foi oficialmente estabelecida, pela primeira vez, por Gregório XV, em 1631, com a *Congregatio de Propaganda Fide*, destinada ao fomento de novas missões no estrangeiro.

Exemplo conspícuo de propaganda teve-se na participação dos Estados Unidos, na guerra de 1914-1918.

Como é sabido, Wilson fôra reeleito, em novembro de 1916, justamente por ter assegurado que a América do Norte não tomaria parte na guerra. A tensão internacional extremou-se, porém, a ponto de não ser mais possível manter a promessa, e o presidente teve de preparar a nação para aceitar a luta. Para tanto, estabeleceu uma campanha metódica a favor da cooperação americana, sob pretêsto de que viria consolidar a democracia entre os povos.

Pronunciaram-se 750 mil discursos. Distribuíram-se, cada 15 dias, 600 mil panfletos a professores universitários, circulando 200 mil diapositivos em que se insistia sôbre os perigos do pan-germanismo.

Tudo isso foi feito pelos jornais, coadjuvados pelo cinema e por inúmeros mitins. Para avaliar-se o concurso cinematográfico, basta referir que, durante a guerra, o govêrno americano expedia para a França, semanalmente, nove milhões de metros de fita, e, em 1920, contavam-se, na república norte-americana, 15 mil cinemas, freqüentados por cêrca de dez milhões de pessoas.

Outro exemplo de propaganda inteligente é a da Lituânia, ao tratar da sua independência. A França e a Polônia opunham-se a tal aspiração, mas os lituanos compreenderam que o árbitro da questão seriam os Estados Unidos. Enviaram, portanto, numerosas comissões a êsse país, cada uma com finalidade definida, e que, no conjunto, permitiam formar juizo seguro sôbre a república báltica. Uma comissão de sábios demonstrava a origem racial do

povo e da sua lingüística. Exibiam outras os recursos da sua indústria, tradições, indumentária, música popular, tudo, enfim, que despertasse a simpatia pela justa pretenção. Com tal habilidade se houveram, que, ao chegarem, mais tarde, os franceses e polônios nada conseguiram, pois que a opinião pública dos ianques era simpática á pretensão.

DUNLAP aconselha a observância das seguintes regras na propaganda.

1.ª) Si tiver de lançar uma idéia, guarde-a sempre presente, sôbre ela falando e escrevendo sistemática e constantemente. 2.ª) Esquive-se a discussão de modo geral. Nunca transija. Ao expôr, evite sugerir reflexões ou idéias associadas, salvo as favoráveis. Reserve os argumentos para o diminuto número dos que se guiam pela lógica, ou para chamar a atenção daqueles com quem não esteja discutindo. 3.ª) Procure relacionar a idéia com os desejos conhecidos do auditório, porquanto mais vezes do que a lógica, constituem a base de aceitação das idéias. 4.ª) Faça exposição clara, em linguagem simples, para que o auditório possa reproduzir o pensamento sem deturpá-lo. 5.ª) Use argumentos diretos só quando tiver certeza de já contar com a simpatia pública. Caso contrário, recorra apenas a dados indiretos, insinuando e deduzindo. O argumento direto deve interessar o auditório, sem levá-lo á reflexão. 6.ª) Oriente a propaganda de modo permanente, e, si fôr caso, torne extensiva ás crianças.

Si é certo que a propaganda é de grande vantagem, cumpre, entretanto, lembrar o seu perigo de destruir a ordem estabelecida, e desviar o estímulo para fins menos nobres.

BIBLIOGRAFIA

BERNAYS (E. L.): Crystallizing Public Opinion. N. Y. Boni Liveright. 1923. (cit. (*Young (K.) Source-Book for Social Psychology.*

CANO (S.) e outros. Le Rôle de la Presse. Societé des Nations. Intellectuel. 1933.

DODGE (R.): Psychology of Propaganda. *Relig. Educ.* 1920. v. XV, (cit. idem.)
DUPRÉEL (E.): I a-t-il une foule diffuse? L'Opinion Publique. Qua. triéme Semaine International de Synthese. *La Foule.* Paris-Alcan. 1934.
LARRABEE (A.): The Function of Public Opinion Thorugh Moving Pictures. *Relig. Educ.* 1920. v. XV – (cit. *Young* idem.).
LESSA (PEDRO): Discursos e Conferencias – Rio. 1916.
LIPPMANN (WALTER): The Phantom Public. N. Y. – Macmillan. 1927.
" " : Public Opinion. N. Y. Macmillan. 1932.

CAPITULO XIX

MULTIDÃO

A mentalidade coletiva constitue o núcleo da psicologia social. Bem conhecida é a classificação das multidões, de LE BON, em dois grupos: *heterogêneas* e *homogêneas*. As primeiras são *anônimas*, e *não anônimas*. As segundas abrangem, na ordem de complexidade crescente, as *seitas*, *castas* e *classes*.

R. DE LA GRASSERIE sugeriu, no Congresso Internacional de Sociologia, de París, em 1903, a distribuição dos grupos sociais em *quantitativos* e *qualitativos*. Os quantitativos são constituídos pelo indivíduo, como representante único da sociedade, -par social, triumvirato, diversas massas, totalidade da província ou nação, e as nações em suas respectivas relações. Os qualitativos compreendem as *massas heterogêneas* e *homogêneas*. As primeiras são *momentâneas:* a) *aglomeradas* – multidão, juri, público-auditório; – b) *dispersas* – público-leitor, povo, imprensa; – c) *permanentes* – parlamento. As segundas são: a) *involuntárias* (pessoas semelhantes quanto á idade, sexo, classe, casta, profissão e raça); b) *voluntárias* (correligionários políticos, sociais, religiosos, de seitas e sociedades secretas.)

Só nos ocuparemos da multidão no sentido de grupo heterogêneo e anônimo, ou seja a reünião de indivíduos suscetíveis de reações psicológicas uniformes.

Há multidão sempre que a pessoa perde a individualidade no grupo; é o que acontece ao desaparecer a estabilidade estrutural do grupo. No dizer de DUPRÉEL, a sociedade fica asseptada, isto é, rompem-se os quadros da ordem social anterior.

Para que o grupo passe ao estado de multidão, são precisas quatro *condições:* a) *objetivo comum* para o comportamento de todos os indivíduos; b) *razões idênticas de ação;* c) *fator emotivo externo*, representado por determinado grupo ou pessoa que o simbolize, e em relação ao qual a multidão alimenta sentimento de mêdo, hostilidade ou vingança; d) *líder*, que consolide as aspirações da coletividade e lhe guie a ação.

O líder não é obrigatòriamente personificado. Na multidão formada em derredor da vítima de um acidente, o sentimento geral de simpatia pelo sofrimento alheio, é a imagem que reativa a emoção.

As *caraterísticas* do comportamento da multidão são: o *predomínio do inconciente*, definido pela hiperemotividade e raciocínio elementar; a *sugestibilidade*, e a *irreprimibilidade* de desejo e ação.

O predomínio da vida inconciente ou, como querem outros, a primitividade do comportamento é, por sem dúvida, a caraterística fundamental. A multidão transporta-se pelo sentimento, arrebata-se na excitação emotiva, mas não raciocina. Tudo é imprevisto, nada deliberado. Complasmado no turbilhão da coletividade, o indivíduo renuncia á personalidade. Quer, sente e atúa com a maioria. Por mais culto que seja, abdica o *Eu*, e funde-se na totalidade.

Surdo á razão, vibra ao sôpro dos acordes que em sua alma desferem retóricos e demagogos. E' essa ascendência, como que exclusiva da vida inconciente, que explica a lei da *unidade mental*, ante-primeira da psicologia das multidões, ao vêr de LE BON. Sem unidade no sentir e proceder, a multidão não teria certeza de que é irresistível no querer, e invencível na ação.

Da primitividade do comportamento decorrem o *egotismo* e o *idealismo*.

A massa reclama o reconhecimento imediato da soberania e intangibilidade das suas aparências. E'

o *egotismo* exaltado. Não admite dúvida ou interpretações equívocas sôbre o brio ou honra de que é irrestritamente ciosa e altiva. As alegações com que justifica os atos podem disfarçar vingança; pouco importa sejam meros pretêstos: são elas inelutáveis e devem ser acatadas a todo o transe. Nada a demove. Aqueles que vociferam e clamam reivindicando direitos e privilégios, esquecem-se de que procedem de modo inconciente. O que pedem para o grupo, querem-no para si: poder, honra e glória (MARTIN). A multidão é vulnerável á lisonja, e os grandes condutores de homens sabem afagar-lhes a vontade e aplaudir-lhes os atos.

Dentro da agitação tumultuosa de emoção e sentimento, a multidão ostenta imaculado *idealismo*, e, embora destituída de espírito crítico, tem elevado senso moral.

Obedece a imperativo ético obseca, imperativo discutível em período normal. Não conhece pessoas; só o interêsse geral a move e dirige. Não transige com os princípios a que obedece, justificativos da sua razão de ser. Sob o mesmo estandarte conjugam-se hostes contrárias e antagônicas que, na paz, se digladiam e guerreiam. Para conservar a sinergia coletiva, a multidão estabelece sanções com que estigmatiza os transgressores. E' o período dos distintivos com os quais se simboliza a identidade de sentimentos.

Sugestibilidade. Constitue a segunda característica da multidão. A alma coletiva é sacudida pela onda contagiosa, irrefreável e recrescente. Entendem alguns que os indivíduos são levados pela imitação, o que dá na mesma, porque esta é condicionada á sugestão, é fenômeno primitivo e irredutível, fator fundamental na vida psíquica do homem.

Explica-se a fusão integral dos indivíduos na massa, de modo tão coercitivo e fulminante, pela *indução recíproca* ou contágio psíquico. A percepção de um estado afetivo qualquer, mas vivo (dôr, in-

dignação, revolta, pranto, etc.), pode provocar, de modo automático, idêntico estado em quem o percebe. A reação será tanto mais intensa quanto maior o número de pessoas nas quais se verificar. O indivíduo é incapaz de analisar-se e aumenta a excitação de que participa. Assim a carga afetiva intensifica-se por indução recíproca. E' um como impulso de imitar e sintonizar-se com o sentimento geral. Quanto mais elementares as emoções, tanto mais provável a sua propagação por tal mecanismo (Freud).

Irreprimibilidade de desejo e ação. A multidão atúa de modo siderante, nada lhe trava o caminho. Não há embargar-lhe o passo que leva a todos de roldão, hesitantes e retardatários. E' a bola de neve que se despenha em alude. Quer com ímpeto, mas é inconstante e arrefece logo.

A incoercibilidade constitue feição essencial do comportamento da multidão, que sente e procede como criança.

A massa abomina os perturbadores do seu ritmo vital. Impossibilitada de averiguar a causa dos males que a afligem, em regra econômica, denuncia sem maior exame o responsável aparente e imediato.

Tal a impetuosidade agressiva, quando encolerizada, que, em lhe fugindo a vítima eleita, não hesita em substituí-la em continente, com violação da justiça e da lei. MARTIN conta o caso ocorrido, em cidade do sul dos Estados Unidos, onde se linchou o jurado cujo voto determinara a absolvição de um réu preto. Escapara a vítima; era mister outra para satisfazer a crise sádica da turba. PÔRTO CARRERO lembra o reparo dos que entendem que: "só com muito sangue as cousas endireitam". E' sentimento até de grupos pacíficos, cuja sanguissedência inconciente só se extingue no bode expiatório..

Preciso é consumar o castigo, ainda que atinja o menos culpado: é a *vingança neurótica.*

Não existe, por conseguinte, vislumbre de res-

ponsabilidade pessoal, e, muitas vezes, as criaturas aderem a massa para dar vazão a instintos refreados.

As crianças e mulheres, sobretudo estas, por efeito de grande emotividade, avivam as reações instintivas da massa.

O indivíduo espera que, na multidão, não será reconhecido, e que ninguém se animará a denunciá-lo como responsável. Persuade-se de que os seus atos ficarão ooultos por não ser possível punir a todos os participantes. Ao lado da fruição inconciente da irresponsabilidade, bem descrita por LEFEBVRE, existe o estado de superexcitação emotiva dos agrupamentos reacionários, que, por efeito de inter-penetração mental, leva os seus membros á angústia e ao paroxismo. Precipitam-se na ação: é a – *fuite en avant*, dos francêses.

Entre os autores que estudaram a psicologia das multidões, merecem citados LE BON, MC. DOUGALL, TROTTER e FREUD.

G. LE BON foi quem primeiro, em 1895, sistematizou dados psicológicos sôbre a multidão. Tem o mérito de ter chamado a atenção para a predominância, como que exclusiva, da vida inconciente. Ao sentir do brilhante polígrafo, os fenômenos concientes representam parcela mínima ao lado dela. A primazia do inconciente na alma coletiva denuncia-se pela emotividade excessiva, e notável baixa do espírito de lógica e raciocínio. A bem da verdade, deve lembrar-se que SIGHELE assinalara, antes dêle, essa dupla caraterística. Além disso, o psicólogo francês eqüiparou muito justamente o comportamento da multidão ao de povos primitivos e ao de crianças.

MC. DOUGALL, no volume "*The Group Mind*" (1920), dá maior relêvo á *hiper-emotividade*, criadora de indução recíproca na gênese do comportamento coletivo, e que elucida a absorção do indivíduo pela massa.

Si o fenômeno inconciente, com as reações conhecidas, constitue a caraterística da multidão, o meio de corrigir-lhe os defeitos seria transferir o seu poder para indivíduos ou grupos altamente organizados. Para tanto, ao parecer do autor, as condições seguintes elevariam o nivel psíquico.

a) — *Continuidade* de existência do grupo, *material*, si as mesmas pessoas fazem parte da multidão durante tempo mais ou menos longo; *de forma*, quando persiste o sistema de posições, ocupadas, sucessivamente, por uma série de indivíduos. Tal a condição fundamental.

b) — *Conceito* da massa sôbre natureza, estrutura, funções, capacidade e relações dos indivíduos com o grupo.

c) — *Intercâmbio* com organizações análogas, embora divergentes no ideal ou objetivo.

d) — *Tradições*, usos e costumes que determinem as relações dos membros entre si e dêles para com o grupo em geral.

e) — *Organização especializada* com diferenciação funcional dos componentes do grupo.

Presentes tais condições, estariam suprimidos os inconvenientes psíquicos da multidão, porquanto, dêsse modo, retira-se-lhe a solução de problemas intelectuais, que se confia a indivíduos, já não se observando a queda do nivel mental.

W. TROTTER entende que a multidão opera dentro dos ditames do *instinto gregário*, indecomponível e primário, causa de sugestibilidade. A pessoa isolada sente-se incompleta; falta-lhe algo que só encontra no seio da multidão. A horda repele o que é novo e aquilo com que não esteja afeita. O misoneismo pode não ser mais do que disfarce, definindo-se o animal gregário pelo sentimento de culpa.

O gregarismo é fenômeno encontradiço na série zoológica, particularmente em aves e insetos. Hajam vista os vôos de gafanhotos e andorinhas. Tem-

se verificado, quer pela observação, quer em experiências que, na passagem do estado gregário ao solitário, certas espécies de grilo adquirem a côr verde, caraterística da vida isolada, e, vice-versa, ao passarem para o gregarismo, a côr parda, própria da vida em grupo.

A antropologia cultural mostra, por sua vez, que o estado de multidão é habitual nas sociedades primitivas, mòrmente nas muito rudimentares.

Pode a multidão ondular coesa dentro da integração dos seus membros, sendo o nivelamento, por baixo, a condição primeira de estrutura. A reivindicação de igualdade constitue o fundamento da conciência social e do sentimento de dever. Cria o espírito de classe, a cuja rasoura devem todos submeter-se. Ninguém se destaque dos demais. Possuam todos a mesma coisa, e proceda-se uniformemente, pois aí estão, vigilantes, a inveja e o despeito.

A justiça social consiste em recusarmos a nós mesmos aquilo a que outros renunciam ou não se animam a reclamar. O sentimento de igualdade no gôzo dos bens, sobretudo materiais, explica a chamada angústia dos luéticos ou de certos infectados crônicos. Consiste na luta que alguns infelizes mantêm contra o desejo inconciente de transmitir a doença. ¿ Porque seriam os únicos contagiados, a quem tudo se nega, quando outros passam a vida folgados e venturosos ?

Não é diversa a razão de muitos juizes sentenciarem, recusando a ambas as partes o direito reclamado. FREUD lembra a sentença de Salomão: ¿ si uma das mães perdeu o filho, porque há-de a outra conservar o seu ?

Psicanalìticamente, explica-se a unidade e coesão dos membros da massa pelo laço afetivo geral, de energia universal, a libído, que é o amor em suas múltiplas manifestações. Em 1917, adotára FREUD a hipótese de DARWIN de que a forma primitiva da sociedade humana teria sido representada pela horda submetida ao domínio absoluto do

homem poderoso. Os destinos dela deixaram traços indeléveis na história hereditária da humanidade. O totemismo, que engloba os primórdios da religião, da moral e diferenciação social, relaciona-se com a supressão violenta do chefe, e com a sua substituição pela comunidade fraternal.

A psicologia da multidão é regressiva. Provam-no as caraterísticas — predomínio do inconciente, unificação de idéias e sentimentos, emotividade exaltada e execução imediata dos planos. E' a ressurreição, o retôrno á horda primitiva. O homem, diz NEVES MANTA, decái á fase totêmica.

A primeira manifestação do laço afetivo para com outra pessoa, revela-se na *identificação* que, a princípio, é ambivalente e onde o sentimento de amor alterna com o de ódio. Nessa fase, a identificação tanto pode ser orientada no sentido de ternura como no de supressão, e o objeto amado é destruído para ser incorporado. O repasto canibalesco, como o descreveu Gonçalves Dias, no I-Juca-Pirama, exemplifica a fase oral na qual se devora o inimigo cuja bravura se admira, para que uma parcela da sua coragem se difunda no corpo do vencedor.

PSICOSES EPIDÊMICAS

O comportamento coletivo, na forma crônica, culmina nas *epidemias mentais* ou *psicoses epidêmicas*. Adotamos a distinção de G. DUMAS entre *epidemia mental*, *psicose coletiva* e *psicose gregária*. *Epidemia mental* é o estado no qual os fenômenos mórbidos se produzem por contágio, exaltação coletiva de sentimentos e idéias, ou por uma e outra causa. *Psicose coletiva* é moléstia das correntes sociais; diferencia-se da epidemia pelo caráter coletivo e sintético das manifestações; é a coletividade doente, excitada e em delírio. *Psicose gregária* é loucura da multidão.

DURKHEIM distingue três aspectos no contágio mental: a) nivelamento das idéias pelo intercâm-

bio inter-mental; b) adoção da idéia pelo raciocínio, levando-se em conta a utilidade, simpatia e constrangimento material ou moral; c) contágio pròpriamente, de movimento, como nos agrupamentos animais (estouro da boiada, etc.).

A *epidemia das cruzadas*, como é sabido, reinou de 1095 a 1270, custando perto de sete milhões de indivíduos á Europa. Entre a 4.ª e a 5.ª, observou-se a *cruzada das crianças*. Com efeito, por volta de 1212, o pastorzinho Estêvão, de Cloyes, começou a pregar a guerra santa, conseguindo reünir hoste numerosa de meninas e meninos, entre os quais se contavam alguns de dez e, até, de oito anos. Tal era a sugestibilidade das crianças que não houve medida coercitiva capaz de retê-las. Nem o edito de Felipe Augusto, ordenando que regressassem aos lares, nem a ordem paterna, nem a súplica maternal, nada os detinha. Si, porventura, eram aprisionadas, fugiam arrombando portas e janelas, e precipitavam-se para tomar parte na procissão que passava. E quando, por acaso, alguma não conseguia evadir-se, morria como ave migratória engaiolada. (SIDIS).

Outro exemplo se oferece na *epidemia dos flagelantes*, iniciada na Itália, em 1260, de onde se propagou pela Europa tôda. Homens e mulheres, velhos e moços, até crianças de cinco anos, percorriam as ruas, seminús, mal resguardados por uma cinta, proclamando-se corroídos de remorso, e fustigando-se até brotar sangue.

De epidemia mental, o exemplo mais impressionante, foi, de seguro, o da *demonofobia*, de 1488 ao fim do século 17.º Descreve-a SIDIS, na *Psicologia da Sugestão*.

A Europa lembrava vasta colônia de paranóicos. Era a verdadeira *paranóia persecutória*, a que não escapava nem a inocência, nem a formosura. Todos se contagiavam: incultos e letrados, católicos e protestantes.

Na a bula de 1488, Inocêncio III pregava a cruzada contra feiticeiros e bruxas, endemoni-

nhados, praticantes de tôda sorte de crimes. Confabulam com o diabo, secam o trigo nos campos, a flor nos jardins e o fruto na árvore. Por tôda parte, dôr e aflição.

A chacina recrudescia com o suceder dos papas, de Inocêncio III a Adriano VI, em 1522. BARTOLOMEU DE SPINA informa que, no ano de 1524, nada menos de mil pessoas foram postas á morte, por crime de bruxaria, no distrito de Como, e durante muito tempo, a média anual, nesse lugar, excedia cem vítimas. Aldeias havia no Piemonte, onde não existia uma família siquer que não chorasse a morte de um dos seus.

Na Alemanha, os comissários do papa mandaram á fogueira mais de 3.000 desventurados.

Do continente, a epidemia alcançou a Inglaterra. A rainha Isabel reputava da maior gravidade o crime de feitiçaria, e tal juizo exacerbou-se com os Puritanos. Na Escócia, em menos de 40 anos, contavam-se 14 mil condenações.

Tudo justificava a suspeita. A pessoa reservada em excesso, ou que passasse noites em vigília, era indiciada de pacto com espíritos infernais, e dificilmente escapava á morte, si não justificasse, pormenorizadamente, o que tinha feito, dia e noite.

No caso de mulheres, o estudo clínico pôde demonstrar que, em grande parte, as acusadas estavam em fase menstrual. Apresentavam sintomas especiais, que se agravam em tal período, com exacerbação repentina e desorientada da libído.

Consideremos, agora, outra causa de psicose epidêmica: o *delírio de cupidez*. Citam-se: a alucinação do ouro, na Califórnia, em 1848, que tantas vidas e decepções custou; a tulipomania que, no século 17°, (1634-6), invadiu os Países Baixos, e assinalou o primeiro exemplo de especulação de bôlsa.

Entre nós, mencionam-se o encilhamento, no comêço da República; as valorizações do café, que culminaram, em S. Paulo, na mais rica monocul-

tura do mundo, representada por cêrca de um bilhão e meio de cafeeiros.

Eloqüente é o caso da *Companhia do Mississípi*, organizada por João Law, em 1717, na regência do Duque de Orléans. Propunha-se explorar os territórios franceses, á margem ocidental do Mississípi, onde se dizia haver abundância de metais preciosos. O capital inicial era de 200 mil ações, sendo de 500 libras esterlinas cada uma. A alma do negócio era dificultar a subscrição dos títulos, para despertar o desejo de adquirí-los.

Com os magníficos resultados da primeira emissão, obteve LAW novo decreto que, em 1718, concedia á Companhia o monopólio do comércio para as Indias, China, Mares do Sul, e tôdas as possessões da C.ia Francesa da India Oriental. Emitiu mais 50 mil ações, embaindo, indistintamente, a todos com as suas promessas. Segundo MACKAY, que descreve pitorescamente a formidável negociata, só não cairam no lôgro, dentre os nobres, o duque de St. Simon e o marechal Villars.

Para avaliar-se a alucinação coletiva, atente-se no que se prometia :

valor nominal da ação	500 libras
dividendo, no fim do ano.	200 „
custo, apenas	100 „

E o lucro garantido pelo Banco Real de França...

* * *

Entre os fatores capazes de disciplinar o comportamento coletivo, isto é, de manter a preponderância da vida conciente sôbre a inconciente, apontam-se os seguintes.

a) — *Educação* em que se procure ministrar a verdade objetiva dentro das normas abaixo.

Minimizar o ensino livresco, de memória, em que se chega ao absurdo de decorar tradução de textos clássicos e demonstrações geométricas. A-pesar-das reformas de ensino, a situação não tem melhorado. O problema entronca-se diretamente no ensino

secundário; é preciso, portanto, cuidar preliminarmente do respectivo professorado. Sem uma Faculdade de Ciências, nas sete principais capitais do Brasil, nada se terá feito de grande e sólido pelo nosso ensino científico.

Dar a conhecer a estrutura e função do corpo, do espírito, e da sociedade: higiene corporal e mental, psicologia e sociologia, de preferência á astronomia, geologia, etc. Aquelas ciências têm conteúdo cultural maior do que estas, que deveriam constituir especialidades ou, pelo menos, ser lecionadas posteriormente.

Gravem-se nítido na memória dos moços os fatos sociais dominantes da história contempôranea, a começar da revolução científica e industrial, onde se vai rastrear a gênese da inquietação universal.

Estimular o trato com os clássicos. Cumpre evidenciar a filiação do espírito humano nas suas fontes de beleza e moral. Quando o indivíduo está familiarizado com os vultos de Homero e Aristóteles, de Platão e Vergílio, torna-se, a um tempo, disciplinado aos ensinamentos do passado, e compreende que tudo quanto usufrue de belo e verdadeiro é cristalização da obra dos grandes pensadores e dos homens de grande coração.

Professores idôneos que transmitam a ciência, consagrando-se não a fazer discípulos e escolas, mas a criar colaboradores capazes de melhorar a obra social. Para isso, o professor deve possuir grande dose de renúncia, e julgar-se premiado no esplendor dos alunos.

b) Desportos. Estimulá-los, sob tôdas as formas, porquanto demonstram, com a experiência individual, a indissolubilidade da vida intelectual e física. Complete-se a educação física no convívio da natureza, na vida rural, onde o homem desenvolve a observação direta, e se esquiva á sugestão do urbanismo.

O indivíduo deve participar de associações em cujo intercâmbio requinte as qualidades de altruismo e

adquira conhecimento recíproco. Aprende a ser tolerante, a dominar-se nas discussões e a conformar-se com a opinião da maioria.

Acima de tudo, porém, é de observar-se uma doutrina que dirija os nossos atos, e proclame a *supremacia dos valores afetivos e intelectuais na vida social.*

BIBLIOGRAFIA

BOHN (G.): e outros; *Le Grégarisme.* Quatriéme Semaine Internationale de Synthese: *La Foule.* Paris. Alcan. 1934.

BOHN (G.) HARDY, ALPHANDÉRY, LEFEBVRE et DUPRÉEL: *La Foule.* Quatriéme Semaine Internationale de Synthése. La Foule. Paris. Alcan. 1934.

ELLIOT (H. S.): The Process of. Group Thinking. N. Y. Association Press. – 1928.

FOSCOLO (N.): Delirios Colectivos. Tese Inaug. Fac. Med. Rio – 1918.

FREUD (S.): Totem et Taboo. Paris. Payot. 1924.

" " : Psychologie Collective et Analyse du Moi. Paris. Payot – 1924.

GRASSERIE (R. DE LA): Des Sciences Intermédiaries entre la Psychologie et la Sociologie. V èmre Congres International de Sociologie de Paris. 1903.

LE BON (G.): Psychologie des Foules. Paris. Alcan. nova ed. 1909.

LINS (A.): A Paixão Coletiva. Cachoeira de Itapemirim. 1923.

MACKAY (C.): Memoirs of Extraordinary Popular Delusions v. I. Londres. 1852 (citação de *Young* (*K.*): *Source Book for Social Psychology.* N. Y. Crofts. C. – 1931.).

MAC DOUGALL (W.): The Group Mind. Cambridge U.P. – Ed. 2. – 1927.

MANCI (F.): La Folla. Milão. Vallardi. 1924.

MARTIN (E. D.): The Behavior of Crowds. N. Y. Norton. – 1920.

MARIE (A.A.): La Psychologie Collective. Paris. Gautier-Villars.

MARIE (A.A.) et BAGENOFF: Psychologie Collective et Psychologie Morbide, em *Traité International de Psychologie Pathologique* vol. XIII. Paris. Alcan. 1912.

NEVES-MANTA: Psicanalise da Alma Coletiva. Flores e Mano. Rio – 1932.

OLIVEIRA (ELIAS DE): Criminologia das Multidões. Fortaleza. Ltvraria Quinderê. 1934

PORTO-CARRERO (J. P.): Psicanalise de uma Civilização. Ed. Guanabara. Rio – 1933.

ROSSI (P.): Sociologia y Psycologia Colectiva. Madrid. Espana Moderna – 1900.

ROSSI (P.): Psicologia Colletiva Morbosa. Torino. Bocca – 1901.

" " : Los Sugestionadores y la Muchedumbre. Barcelona. Henrich. 1906.

SIGHELE (S.)Psychologie des Sectes. Paris. Giard et Briére – 1898.

" " : A Multidão Criminosa. Lisboa. Bertrand. s. d.

SIDIS (B.): The Psychology of Suggestion. Appleton. N. Y. – 1921.

TROTTER (W.): Instinct of the Herd in Peace and War, Londres. Benn. 1930.

CAPITULO XX

REVOLUÇÃO

Revolução é tôda mudança súbita e violenta da ordem política ou social, por efeito de antagonismo partidário ou ideológico. E' êste o conceito geral. Considerando-se, porém, os marcos fundamentais da evolução social, tôda revolução importa a substituição de uma etapa histórica por outra superior.

Embora em aparência fenômeno repentino, a revolução tem gênese longa e profunda. A Revolução Francesa, v. gr., desfechou o estado de espírito peculiar á Europa ocidental no fim do século XVIII, ao passar a civilização da fase teológico-militar para a científico-industrial (ROBINET). A renovação ideológica teve como figuras culminantes, na Alemanha, KANT ; na Inglaterra, HUME, e, na Itália, BECCARIA. Em França, compreendia três grupos: cosmologista, onde figuravam d'ALEMBERT, LAGRANGE, BUFFON, LAPLACE, LAVOISIER, etc., consagrado ao estudo do universo; sociologista, representado por VOLTAIRE, ROUSSEAU, MONTESQUIEU, TURGOT, CONDORCET, que se ocupavam do aspecto político e social da humanidade ; moralista, com DIDEROT e outros entregues ao estudo do Homem, supremo objeto da ciência.

Além da causa econômica, e dos fatores psicológicos da multidão, estudados no capítulo anterior, relevam-se, na gênese da revolução, a desigualdade de classes e a incapacidade governamental.

Como já foi dito, a alma revolucionária subordina-se á lógica coletiva, essencialmente sentimental, e, por conseqüência, irredutível á razão.

Particulariza-se a ação revolucionária pela subitaneidade, violência e incoercibilidade de explosão. E' a vaga incontinente de indução afetiva, que

não cogita da origem, nem da finalidade do movimento. A causa determinante da deflagração pode ser simples ameaça dos responsáveis do Poder. Atitudes há que têm o dom de provocar o sentimento de revolta imediata. Ferida no âmago dos sentimentos, a alma popular arranca-se indomável, dentro de uma lógica férrea, que é a supressão dos que a malconhecem ou desacatam.

Na mentalidade revolucionária, assinala LEFEBVRE, ressaltam, do ponto de vista afetivo e moral, a inquietação e a esperança. Aquela transforma-se em mêdo, sob forma de desconfiança, e culmina no *mal de suspeição*. Esta é simplista. Ao seu ver, o advento imediato da felicidade universal depende tão só da supressão do indivíduo, grupo ou classe dominante.

O sentimento revolucionário só pode ser entendido na totalidade, jamais dissecado pela razão. Não aceita a colaboração fragmentária e condicional, senão a de quem se arrebata.

Eis a razão por que, cessada a reação pos-revolucionária, restabelece-se quasi sempre a máquina administrativa derribada. Prepondera o sentimento dos princípios vencidos, porquanto a subversão não removeu a causa do mal-estar social, que só se suprime com a democracia econômica e com a ação educacional renovadora e profunda. A caraterística específica da revolução está no modo como os chefes entendem e prestigiam a educação das massas.

A revolução científica é aceita com menor relutância por não interferir com o sentimento e por se demonstrarem objetivamente os seus postulados. Não intervém o fator pessoal. A inteligência faz pensar; o sentimento faz agir; aquela evidencia verdades gerais e eternas; êste, particulares e transitórias. (LE BON). Transige-se com idéias, mas, muito raro, com sentimentos.

Convém não esquecer a diferença entre *crença* e *conhecimento*, afim de não se enveredar por discussões

que malbaratem a energia psíquica. O conhecimento é concreto e racional; a crença, irredutível e inconciente, não se modificando pela observação, experiência ou reflexão. Quando um problema levanta opiniões violentamente contraditórias, pode-se assegurar, com LE BON, que pertence ao ciclo da crença e não do conhecimento. Abstenhamo-nos, então, de maiores comentários, pois o momento não é asado; é mister preparação prévia dos contendores. Atentando-se no caráter emotivo da crença, compreende-se a intolerância doutrinária, que levou COMTE a inscrever, como norma, a intransigência na teoria e a tolerância na prática.

A *intolerância*, que, na perseguição política, culmina no terror, é recurso de que também se utiliza a religião — a começar pelo inferno, reservado aos violadores dos seus dogmas. A fé independe da razão e não pode deixar de ser intolerante, porquanto a pessoa se convence de que é detentora da verdade absoluta, e só a sua é a legítima. Tal fato aconselha a que se não violentem as fôrças morais do país, que só devem ser reprimidas quando ferirem a liberdade espiritual.

O indivíduo criterioso ou bem equilibrado desinteressa aos grupos extremados. Torna-se preciso grande fortaleza de espírito para esquivar-se uma pessoa ás correntes da opinião pública no que apresentam de inconciente e sádico. A fôrça do agrupamento, muitas vezes, resulta tão só da fraqueza dos adversários. Durante o Terror, imperava a suspeita: mandava-se á guilhotina o inimigo antes que fizesse outro tanto.

Foi, muito provàvelmente, o excesso de confiança em sua fôrça e a na convição da covardia dos membros da Convenção, que teria levado Robespierre ao cadafalso. Com efeito, acusado com veemência de tirano, e proclamado fora da lei, inhabil em defender-se, mal lhe acodem razões de ordem lógica. Ora, as assembléias só se rendem ás imagens que falem aos ins-

tintos de ódio, orgulho e vaidade. Em três dias, a reação termidoriana degolava 104 responsáveis pelo trágico período. Essa reviravolta mostra que, até na prática da violência e vingança, a massa farta-se logo.

Desigualdade Social. Enquanto não se suprimir o antagonismo entre o capital e o trabalho – a revolução será o supremo recurso da reivindicação de classe.

Cumpre proporcionar o advento de uma era de justiça universal, oferecendo a todos os homens os bens imanentes á vida : saúde, educação e trabalho.

Como solução preliminar, avulta, integral e coletivo, o sistema de educação, assecuratório para todos, indistintamente, de condições idênticas de desenvolvimento físico e intelectual. Proporcione-se a existência única, onde se apaguem preconceitos destruidores da fraternização dos homens e se faculte ao proletariado a fruição dos bens que condicionam a felicidade humana.

Sem entrar na apreciação dos aspectos psicológicos da democracia, é para notar-se que, em geral, a sua prática é mais fictícia do que real. Basta referir a percentagem de crianças, em idade escolar, que não têm matrícula nas escolas públicas do nosso país, para reconhecer quanto é utópica, ainda, a obtenção dêsse mínimo de igualdade humana.

Tudo que cerceia a liberdade de pensamento e ação, tudo que fere o orgulho do indivíduo e da sociedade, é germe de revolta.

Contràriamente ao que era de supôr-se, os povos mais conservadores estão votados a revoluções mais profundas, porque não souberam evolucionar lentamente e adaptar-se ás variações sociais. Chegado o momento decisivo, estão muito distanciados das aspirações dominantes e a transformação é em extremo violenta (caso russo). Esta aparente evolução súbita, que é a revolução, ou seja o ajustamento repentino, não podem os governantes do-

miná-la dentro de sistema político sem elasticidade para adaptar-se ás transformações profundas da Humanidade A ilegalidade do recurso á fôrça só subsiste para o revolucionário, tal o conceito dos detentores do Poder.

Incapacidade Governamental. Praxe velha é responsabilizar-se o govêrno por tudo que anda mal. E' resíduo psíquico da fé infantil na influência do Pai-Todo-Poderoso.

Há, sem dúvida, governos responsáveis, quer pela obstinada intransigência, quer pela ambição, que os leva a adotar o lema *divide et impera*, dentro do qual fragmentam o bloco adverso, e aniquilam, individualmente, a cada um dos rivais.

Não é de estranhar-se tal método de estabilização na direção *suprema dos negócios públicos*. A arte de governar tem sido, pelo geral, a de não consentir prolongada preponderância a nenhuma personalidade de valor.

A hesitação mórbida, os atos de despotismo, as arbitrariedades e tributações cada vez maiores, e a palavra desprestigiada de Carlos I, explicam, p. ex., a reação capitaneada por CROMWELL.

Os povos e grupos sociais, assim como os indivíduos, não suportam diminuição de prestígio, sendo-lhes incomportável o sentimento de inferioridade, imposto pela tirania partidária ou ditatorial.

A repressão excessiva, por seu lado, "gera a revolução", na frase do presidente WILSON. Quando chega á fase de opressão, constitue ótimo fermento revolucionário. Prova disso oferecem-nos aqueles países, como a Grã-Bretanha, em que a autoridade tem sido temperada e soube assim conservar-se, prolongadamente, desde a última revolução do século XVII. Em oposição, na Irlanda e nas Indias, onde não mantém a mesma flexibilidade administrativa, a metrópole está, amiúde, a braços com dissensões graves

Entre outros *efeitos da revolução*, enumeram-se os seguintes.

A *incontinência verbal*, falada ou escrita, é demonstração inequívoca de ambiente revolucionário. Todos procuram exibir-se de uma ou outra forma.

A usurpação da propriedade, igualmente, por ser um o instinto do domínio e posse um dos mais reprimidos durante o período normal. E' a eterna miragem das classes que labutam e não auferem lucro do trabalho; nem siquer lhes pertencem os instrumentos com que ganham o pão. Em volta de si, confôrto e luxo. Compreende-se que, invertida a situação, o primeiro impulso seja o de apoderar-se do que sempre lhes faltou.

O saque tem sido apanágio das revoluções. Na Grécia, conta TUCÍDIDES, mataram-se os ricos, confiscaram-se-lhes os bens, despojaram-se os templos, saquearam-se casas e propriedades rurais, que se distribuíram á populaça.

Sila, em Roma, galardoava os correligionários com 120 mil lotes de terras roubadas. Os confiscos renderam 500 milhões de francos, adquirindo-os os onzenários por preço ínfimo.

A transferência de propriedade é ressarcimento da miséria passada, do mesmo modo como o são a indisciplina e o desamor ao trabalho, cuja intensidade depende da extensão e prazo do movimento subversivo.

As reações de sadismo oferecem documentação exuberante. Na sessão do ano 82, v. gr., ao chegar ao Senado o clamor das vítimas da sua vingança, interrompe Sila o discurso, exclamando: *Hoc agamus, patres conscripti, seditiosi pauculi meo jussu occidentur.**

O terror, porém, não é só político. A religião dêle se valeu muitas vezes. Por ocasião da chacina de São Bartolomeu, queimaram-se fogos de artifício, e deram-se salvas pela destruição dos hereges, man-

* "Continuemos, srs. senadores, executam-se, conforme as minhas ordens, alguns rebeldes". Eram 200 senadores, e cêrca de 5-6 mil cidadãos...

dando Gregório XIII cunhar uma medalha comemorativa em que se lê: *Ugonotorum Strages*. A Inquisição, as perseguições aos judeus, etc. representam outras tantas provas do sadismo religioso.

Caraterístico de todo movimento revolucionário é o surto de indivíduos e grupos mais ou menos heterogêneos, que se podem subordinar a quatro tipos: *espírito fanático, revolucionário, jacobino e oportunista.*

Espírito Fanático. Representa a forma social do sentimento religioso, assim como a mística representa a sua forma individual. Em um e outro encontram-se as mesmas reações psicológicas, embora sob aspecto vário. A diferenciação está na diversidade de pessoa. O místico, interiorizado, esquiva-se quanto possível á vida exterior, porque as tentativas de ajustamento custam-lhe agravos e dissabores. Em cada embate com o ambiente social, o seu *Eu* sofre diminuição.

Entende-se o sentimento religioso como unificação emotiva. O fanático objetiva a identidade do pensamento e ação, e não dá quartel aos dissidentes do seu credo, político ou religioso. Tal sistematização é obtida por dois processos: um negativo, o *exclusivismo*, e outro positivo, o *proselitismo*. A perseguição, em infinito grau, constitue o instrumento de ação; corresponde, na coletividade, ao ascetismo da vida individual. Com efeito, assim como ,neste, se procura excluir da conciência os diversos pendores e imagens perturbadoras; naquela, busca-se remover da sociedade os pontos de vista particulares e as vontades divergentes. Conciente ou inconciente, lembra MURISIER, o fanático combate a divergência social.

A conversão de incrédulos e dissidentes representa vitória moral, que restabelece a unidade política ou religiosa, do mesmo modo como o extermínio e a perseguição contribuem, pelo terrorismo, para o êxito da propaganda.

Espírito Revolucionário. Invocam-no aqueles que, em suas reações narcisistas, se supõem eleitos para dirigir os destinos do país, ou os grupos que tiram vantagem da situação, ou, por fim, todos os que, sem idéia conciente do que significam a revolução e seus efeitos, ignoram que não passam de meros reflexos do descontentamento geral. Muito diminuto é o número dos que se batem por um ideal, e que, movidos tão só pelo altruismo, procuram a diretriz político-social mais acertada.

A mentalidade do revolucionário é produto de conflitos emotivos infantís que a psicanálise explica claramente. Discutidor, sempre a protestar, embevece-se em fórmulas verbais, e diverge sempre que não é ouvido ou consultado. Eterno descontente, torturado na inquieta e desmesurada vaidade, nunca está satisfeito. Reclama sempre, não lhe escapando motivo para doestos e reparos. E' um inadaptado com a alma obsessa de idéias fixas. Aparenta energia, mas é incapaz de resistir aos impulsos que o dominam. Anima-o o espírito místico que lhe oferece aso para violências, e tem-se na conta de grande reformador. Agita-se e torna-se chefe de movimento. Inclina-se, ora para um lado, ora para outro, porque precisa estar em oposição a um grupo, seja êle qual fôr. Deslembra-se de que a transformação de idéias e costumes deve preceder á reorganização política e que, para modificar o coração humano, cumpre preliminarmente transformar-lhe a existência material.

Espírito Jacobino. Descreveu-o bem LE BON como repousando sôbre a tríade seguinte: raciocínio mínimo, paixão violenta e misticismo intenso. Todo jacobino é místico, eis a condição irredutível. Supõe-se guiado pelo raciocínio, mas o é tão só pelo sentimento. Em vez de conservar-se dentro dos ditames da razão, adapta os fatos á sua crença. Impregna os discursos de racionalismo, mas dêle não se utiliza no pensamento e na conduta. Nunca se rende á evidência, por efeito de

visão curtíssima que o impede de resistir a veementes instintos.

O jacobino é sempre um apaixonado, explicando-se, assim, a intransigência e o pensamento estreito e rígido, inacessível á critica e a todo argumento estranho á sua fé. Preso nas malhas do misticismo e da lógica afetiva, torna-se em extremo simplista. Só apreende as relações superficiais, dando corpo e forma ás suas idealizações. Não se preocupa com o encadeamento dos fenômenos e suas resultantes, nem sabe ligar o presente ao passado. Em devaneio perpétuo, avança desprendido da realidade.

Um dos efeitos mais perniciosos do jacobinismo, sôbre que insistiu o psicólogo francês, é a convicção na eficácia de decretos.

Na dificuldade de apurar os verdadeiros motivos dos males sociais está uma das razões da mania reformativa. Julgam-se os governantes na obrigação de descobrir-lhes a gênese, e, assim, invocam causas fictícias muito simples. Decorrentemente, os remédios apontados serão simples. Tais remodelações desrespeitam a continuidade administrativa e equivalem a pequenas revoluções. Todo partido político está convencido que tais leis sejam panacéia dos males que afligem a sociedade. São os indivíduos e seus métodos, e não os regulamentos, afirma LE BON, que conferem valor a um povo.

Espírito Oportunista. E' o tipo bifacial, em constante malabarismo político. Inefável nos gestos, dilue o pensamento na tinta partidária dominante, esquiva-se a situações dilemáticas, e desmancha-se em explicações reservadas ou póstumas. Tira partido da confusão, explora os vultos emergentes e só enxerga interêsse no dissídio e na luta.

Com êle corre parelhas o *delinqüente*, que se prevalece da irresponsabilidade coletiva para dar livre pasto a instintos sádicos.

* * *

E' o *direito de revolução* consectário iniludível da tirania e inépcia governamental.

Não há mister revolver muito as páginas da história para mostrar que as reinvindicações de classe social foram sempre obtidas pela massa amotinada, vitoriosa ou ameaçadora.

Em Roma, com os irmãos Caio e Tibério Graco, acentua-se a luta de classe. Mercê dos esforços doutrinários, vigorosos e perseverantes de Tibério, vota-se a lei agrária que concede 80 mil pequenos lotes rurais aos desprotegidos da fortuna. A sua obra foi reforçada por Caio, ambos, porém, sucumbindo assassinados, em holocausto á massa oprimida.

O grande clássico J. F. LISBOA, cujo *Jornal de Timon* é documento precioso para a história dos nossos costumes políticos, reconhece o direito de revolução, isto é, o ritmo evolutivo dentro da renovação social. Dêle se transcreve o seguinte trecho.

"Esta gente (conservadores a todo transe) arripia-se ao só nome da revolução ; e, no seu santo furor, proscreve do mesmo lanço a idéia como os homens que ousam propagá-la e defendê-la. Dêles há que sustentam as vantagens e a excelência de uma eterna imobilidade ; e dêstes é que disse Lamartine que podiam ser cômodamente substituídos por simples marcos de pedra.....

"Por mais que esta cruel verdade pese e amargue aos reis e aos cortesãos, como á tôda a casta de adoradores dos poderes estabelecidos, a revolução é um fato dominante em tôda a história da humanidade, e é mais que um fato constantemente reproduzido, é um direito fundado na justiça e necessidade, e na própria natureza do homem, que, amorosa do bem e do aperfeiçoamento, o leva a aborrecer, combater e vencer o mal, revelado sob os acidentes da opressão e de um mau govêrno.

"Negar a revolução é negar a um tempo a razão e a história, isto é, o direito consagrado pela sucessão dos tempos e dos fatos, pela fôrça e natureza das cousas, e pela marcha irresistível dos interêsses, que

afinal triunfam dessa imobilidade a que tão loucamente aspiram todos os partidos de posse do poder; dêsse poder conquistado sem dúvida em eras mais remotas pelos mesmos meios que debalde se condenam quando chega a ocasião de perdê-lo.

"Assim, não é o acidente dos meios brandos ou violentos, que pode justificar as revoluções; que a fôrça e legitimidade delas está tôda na sua necessidade e oportunidade, que vale tanto como dizer — na sua justiça.....

"O fato material rebuça a idéia que triunfa."

E' essa a lição quotidiana da obstetrícia. Com efeito, durante a gestação, e especialmente no parto, prepara-se o organismo feminino, de maneira evolutiva, para a síntese final, criadora da vida humana, que é o nascimento da criança. Quando, porém, o seio materno não preenche os atos que lhe incumbem, e se refugia no esgotamento ou na desproporção feto-pélvica, isto é, na inércia ou dificuldade do desprendimento fetal, intervém a cirurgia, decisiva e sumária, para arrancar á morte mãe e nascituro.

BIBLIOGRAFIA

LE BON (G.): La Révolution Française et la Psychologie des Révolutions — Flammarion. 1913.

LE BON (G.): Les Opinions et les Croyances — Paris. Flammarion. 1911.

LEFEBVRE (G.): Foules Historiques. Les Foules Révolutionnaires. Quatrine Semaine Internationale de Synthése *La Foule*. Paris Alcan. 1934.

LISBOA (J. F.): Obras. 1.º Vol. — 2.ª Ed. 1901. (*Jornal de Timon* — Considerações Gerais. p. 204 a 208).

MATHIEZ (A.): La Révolution Française. 3 vols. Paris. Colin. 1927.

MURISIER (E.): Les Maladies du Sentiment Religieux. ed. 2. Paris. Alcan. — 1930

ROBINET — Laffitte: La Révolution Française. Societé Positiviste. Paris — 1895.

Adaptação social, 94
Compaixão, 202
Complexo de masculinidade, 199
Criança nervosa, 93
Criminalidade infantil, 202
Crueldade, 201
Escrúpulos, 200
Maturidade do psicólogo, 203
Neurose de conflito, 202
Pontualidade, 201
Retardatários, 202
Sêde de mando, 99
Sentimento de incompletude, 95
" " inferioridade, 95, 96
Soluções do neurótico, 202
Timidez, 201
Velhice, 200

Aprendizagem, 54
Amnésia, 62
" retroativa, 62
Aspectos motores, 68
Associação e discernimento, 58
" impropriedade, 59
Condições, 55
" emotivas, 58
Conhecimento dos resultados 57
Definição, 54
Desejo de aprender, 56
Desenho sob reflexão, 68
Descrição e explicação, 72
Destreza muscular, 68
Dilação inicial, 69
Discernimento, 54
Emoção, 68
Esquecimento, 57
Estímulo-padrão, 70
Horário de estudo, 65
Inibição retroativa, 66
Irradiação, 65
Lei da coerência intelectual,59
" " contiguidade, 58
" do efeito, 28
" " exercício, 28
" da frequência, 59
" " intensidade, 59
" da recentidade, 59
" " viveza, 59
Maturação, 67
Memória, 60
" lógica, 64
Métodos auxiliares de memorização, 64
Objetivo, 55
" antecipado, 55
" e precisão, 56
Planaltos, 66
Prova testemunhal, 61
Punição infantil, 58
Recordação, seus êrros. 61
Repetição, seu valor, 62
Repetições espaçadas, 63
Sinapses, 60
Tarefa incompleta. 57
Tentativas e êrros, 28
Todo (o) e as partes, 64
Transferência, 67
" bilateral, 67

Biologia (subsídio da), 17
Biologia e falácias, 18

Bieviorismo, 27
Emoção, 29
Introspecção, 30
Instinto, 30
Lei da ação-massa, 31
" " equi-potencialidade, 31
Pensamento-linguagem, 28
Respostas bieviorísticas, 29

Eu social, 172
Desenvolvimento genético, 174
Eu biológico, 172
" psicológico, 172
" social, 173

Grupos Sociais, 157
Classificação, 157, 158
Concepção materialista da história, 166
Contrato social (Teoria do), 160
Determinismo econômico, 161
Dialéctica hegeliana, 162
Luta de classe, 168
Padrões culturais, 159
Coesão dos, 158
Teoria econômica de K. Marx, 169
" orgânica, 161

Guestaltismo, 32
Caracteristícas, 33
Discernimento, 42
Figura e fundo, 40
Fundadores, 33
Individuação do todo, 40
Lacunas, 41
Percepção, 36
Propriedade-forma, 34
Inversão perceptiva, 40
Todo organizado, 34

Hábito, 117
Ambivalência, 122
Classificação, 122

Formação, 123
Lei da constância, 123
" do exercício, 124
" da iniciativa, 123
" " oportunidade, 124
Reflexo condicionado, 119
" diferençado, 121
" " transferido, 122
" " na criança, 122

Imitação, 136
Adaptação mental e, 140
Causas, 139
Fases, 138
Guestaltismo, 140
Leis, 137
Paralelos etnográficos, 142
Progresso, 142
Reflexo condicionado, 139
Substituição dos estímulos, 139
Tentativas e êrros, 140

Instinto, 96
Classificação, 100
Conceito biológico, 96
Conceitos errôneos, 100
Introjecção, 103
Instinto aquisitivo, 100
" da vida e da morte, 103, 104
" de defesa pessoal, 100
" -emoção, 96
" epicrítico, 102
" -hábito, 97
" protopático, 102
" apopatético, 102
Narcisismo, 103
Paixão de colecionar, 98
Periodicidade, 99
Reflexo de preensão geral, 98
" " liberdade, 99
" " submissão, 99
" do alvo, 97

Instinto agressivo, 108
Fatores da guerra, 108
" psicológicos, 109
Instinto gregário, 109
Mêdo, 109
Sadismo, 109
Transformação dos pendôres, 112
Inteligência, 150

Cultura humana, 155
Imaginação eidética, 152
Infantil, 152
Testes mentais, 153
Vida social (na), 154

Introdução, 1
Conceito de psicologia social, 1
A psico-sociologia em França, 10 a 14
" " nos Ests.-Unidos, 3 a 7
A psico-sociologia na Inglaterra, 7 a 8
" " na Alemanha, 8 a 10
" " na Itália, 14
Leis, 13
Social e Coletiva, 1
" " Etnica, 1
" " Individual, 9

Liderança, 220
Caractéres, 221
Conceito de Ostwald, 223
" hegeliano, 221
" goethiano, 221
Espirito analítico, 224
" sintético, 224
Liderados, 223
Lider intelectual, 223
" social, 221
Prestígio, 225
Tipo clássico, 223
" romântico, 223
Valor dos livros, 224

Multidão, 235
Características, 236
Classificação, 234
Condições, 236
Delírio de cupidez, 243
Demonofobia, 244
Egotismo, 236
Epidemia das cruzadas, 243
" dos flagelantes, 243
Hiper-emotividade, 239
Idealismo, 236
Identificação, 242
Inconciente (predomínio do), 236
Indução recíproca, 237
Instinto gregário, 240
Irreprimibilidade, 238, 240
Psicoses epidêmicas, 242
Sugestibilidade, 237
Unidade mental (lei da), 236
Vingança neurótica, 238

Natureza humana (leis da), 44
Lei da ação determinada, 47
" " configuração, 53
" " gênese do campo, 48
" " individuação, 47
" do menor esforço, 49

Lei das propriedades do campo, 46
" " " derivadas, 46
" do trabalho máximo, 53

Opinião Pública, 228
Censura, 231
Estímulo visual, 230
Fatores, 228
Fases de formação, 229
Orgãos, 230
Propaganda, 232, 233
Público e multidão, 230
Sentimento e emoção popular 230

Personalidade, 179
Alotropismo, 180
Ambição dos pais, 181
Análise, 175
Complexo, 187
Critério moral, 177
Desejos fundamentais, 182
Distância Social, 175
Infantil, 180
Instâncias psíquicas, 186
Leis, 187
Mecanismos de defesa, 187
Perfil de caráter, 177
Psicanálise da, 185
Refúgio na doença, 184
Sublimação, 188
Tipos, 184

Preconceito de Raça, 204
Aristóteles, 206
Declínio de Roma e Grécia, 207,
Diferenças físicas, 211
" psíquicas, 211
Japoneses, 216
Judeu, 217
Mistura de raças, 214
Revolução Francêsa, 209

Revolução, 248
Crença e conhecimento, 249
Desigualdade social, 251
Direito de, 257
Efeitos da, 253
Intolerância, 250
Incapacidade governamental, 252
Mal de suspeição, 249
Espírito fanático, 254
" revolucionário, 255
" jacobino, 255
" oportunista, 256
" delinquente, 256

Simpatia, 144
Amor e, 145
Conciência da espécie, 144
Egocentrismo, 145
Formas, 144
Identificação cósmica, 146
Leis, 147
Sofrimento, 145

Sociologia (subsídio da), 75
Consenso social, 80
Dinâmica social, 80
Estática social, 80
Experimentação, 89
Imaginação e observação, 76
Inquérito, 88
Método comparativo, 89
" estatístico, 91
" histórico, 90
Métodos de investigação, 88
Mobilidade social, 92
Observação, 88
Perfectibilidade humana, 86
Regras de Durkheim, 92
Séries sociais, 90
Variação social, 88

Sugestão, 126
Ação sonambúlica, 130
Auto-sugestão, 133
Condições, 127
Cura sugestiva, 132
Espiritismo, 128
Hipnose, 128
" (características da), 131
" (condições da), 129
" (efeitos da), 132
" (fases da), 130
" (perigos da), 132
Sugestão afetiva, 126
" contrária, 133
" verbal, 126
Transferência, 136

ADLER (A.), 181, 194, 195, 197, 198, 200, 202, 203
ALEXANDER (F.), 182 185, 186, 193,
ALLPORT (F. H.), 6, 14, 138
ARISTÓTELES, 3, 86, 99, 145, 206,

BAER (C. E. von), 210
BAGEHOT (W.), 7, 14
BALDWIN (J. M.), 4, 15, 138, 142, 143
BÄLZ (E.), 218
BANCELS (Larguier des) 106
BARAGNON, 130, 133
BARNES (H. E.), 15
BASTEROT, 206
BAUDOIN (C.), 134
BAUER, FISCHER e LENZ, 218
BECHTEREW (V. M.), 73, 119, 129
BEER (Max), 162, 171
BENTLEY, 144
BERGSON (H.), 106, 230
BERNARD (Cl.), 86
BERNARD (L. L.), 5, 15
BERNARDES (M.), 147
BERNAYS (E. L.), 233
BERNHEIM, 126
BERR (H.), 211
BINNEWIES (W. G.), 177, 178
BIRD (C. H.), 67
BISMARCK, 207
BLONDEL (Ch.), 13, 15
BLUMER (H.), 95
BOAS (F.), 218
BODIN, 206
BOGARDUS (E. S.), 6, 15, 158, 159, 175, 176, 178
BOHN (G.), 106, 247
BOOK (W. A.) e NORWELL (L.), 57
BORDIER (A.), 143
BOUGLÉ, 10
BOULAINVILLIERS, 206
BORING (E.G.), 72
BOVET (P.), 116
BOWDEN (A. O.), 177, 178
BRAID, 129
BRISTOL (L. M.), 171
BURGESS (E. W.), 193
BRYAN e HARTER, 66

CALKINS, 96
CANNON, 96
CANO, 233
CARVALHO (DELGADO), 15
CECIL (H.), 106
CHAPIN, (F. S.), 157
CHAMBERLAIN, 207, 209
CHARCOT, 131
CHILD (C. M.), 44, 73
COGHILL (G. F.), 36, 44, 73
COMTE (A.), 1, 3, 12, 48, 75, 76 78, 86, 89, 91, 95, 99, 102, 106, 154, 222, 250, 258
CONDORCET, 85, 86, 95, 212
CONKLIN (E. G.), 96, 184, 185
COOLEY (C. H.), 95, 157, 228, 195
COUTO (M.), 218

DARWIN, 245
DAVIE (M. R.), 116
DAVIS (M. M.), 143
DAVIS (H.), 17
DAVY (G.), 10, 15
DELACROIX (H.), 151, 153, 156
DELBOEUF, 132
DELMAS (A.) e BOLL (M.), 193
DENDY (A.), 26
DEWEY (J.), 3, 5, 125
DODGE (R.), 234
DOMINGUES (Otavio), 260
DOWNEY, 177
DUMAS (G.), 72, 106, 134, 242
DUMONT (L.), 117, 125
DUNLAP (K.), 15, 233
DUPRAT (G. L.), 13, 15
DUPRÉEL (E.), 157, 234, 235, 240, 251
DURAND, 126
DURKHEIM (E.), 1, 2, 10, 11, 12, 15, 92, 95, 242

EBBINGHAUS, 56
EBERT e MEUMANN (E.), 64
EHRENFELS, 34
ELLIOT (H. S.), 247
ELLWOOD (C.), 1, 2, 5, 15, 91, 95, 99, 100, 102, 115, 142, 143, 144, 155, 156, 171, 229,
EMERSON (R. A.), 22
EPHRUSSI (P.), 64
ESSERTIER (D.), 13, 15
EWER (B. C.), 6, 15
EWERT (P. H.), 67

FAJARDO (F.), 134
FAÑEZ (P.), 129
FARIA (ALVARO DE), 218
FARIS (E.), 5, 158
FAUCONNET(P.), 10
FEBVRE (L.), 156
FERENCZI (S.), 131, 134, 148
FERNBERGER (S. W.), 155, 160
FERRERO (G.), 51, 74
FERRI (E.), 14
FERRIÈRE (A.), 95
FINOT (J.), 218
FISHER (S. C.), 156, 160
FISCHBEIN e WHITE, 203
FISKE, 118
FLEURY (L. G.), 73
FLÜGEL (J. C.), 103

FOLLETT (M. P.), 73
FOLSOM (J. K.), 6, 15
FONTENELLE, 86
FOSCOLO (N.), 247
FOUILLÉE (A.), 209
FRANZ (S. T.), 30, 31
FREIMARK (H.), 267 ;
FREYRE (Gilberto), 216, 218
FREUD (S.), 8, 27, 103, 104, 106, 113, 115, 130, 131, 134, 138, 185, 218, 238, 241, 247

GALTON, 154
GAROFALO, 14
GARRETT (H. S.), 72
GATES (A. I.), 68
GAULT (R. H.), 6, 15
GECK (L. H. A.), 1, 8, 10, 15
GEE (W.), 95
GIBBON, 208
GIBSON (W. R. B.), 73
GIBRAN (K.), 182
GIDDINGS (F. H.), 5, 15, 144, 148, 149, 204
GILLESPIE, 196
GINSBERG (M), 107
GLOVER (E.), 109, 111, 112, 116
GOBINEAU, 206, 209
GÖETHE, 221
GRASSERIE (R. de la), 235, 247
GRIECO (A.), 146, 149
GROPPALI, 1, 14,
GUERRA (A.), 152
GUILHERME II, 207
GUNTHER (J.), 26
GUIZOT (F.), 221, 227

HACHET-SOUPLET, 106
HAASE (K.), 8, 9
HALBWACHS (M.), 10, 209
HALL (S.), 4
HANKINS, 205, 211, 212, 213, 218, 231
HAYES (H. G.), 15
HAYES (H. G.), 199, 200, 201, 202, 211, 215
HEGEL, 162, 163, 164, 165, 221, 227
HEGNER, 96
HELSON (H.), 73, 150, 156
HERBART (J. F.), 8
HERRICK (C. J.), 97
HERTZ (F.), 204, 207, 208, 209, 210, 211, 218;
HOLZAPFEL, 8, 9
HSIAO (H. H.), 73
HUMBOLDT (A.), 210
HUME, 3, 222, 227
HUMPHREY (G.), 139, 143;
HUNTER (W. S.), 27
HUBERT (H) e MAUSS (M), 10

INGEGNIEROS (J.), 251
IRELAND (Bispo), 216
IRVIN, 36

JAENSCH (E. R.), 152, 153, 156
JAMES (W.), 3, 14, 72, 123, 124, 125, 220, 227
JANET (P.), 2, 15, 126, 130, 134, 195
JENNINGS (H. S.), 18, 19, 20, 21, 24, 26
JESUS (Tomé de), 147
JONES (E.), 106, 126, 127, 130, 131, 134
JOSEY (C. C.), 5, 106
JOST (A.), 62
JUNG (C. G.), 184, 193

KANTOR (J. R.), 5, 6, 15
KARPF (F. B.), 15
KATZAROFF, 68
KEHL (Renato), 242
KITSON, 57
KLINEBERG (O.), 153, 156
KLÜVER (H.), 152, 156
KOFFKA (K.), 33, 43, 73
KOHLBRÜGGE, 212 ;
KÖHLER (W.), 7, 33, 42, 43, 44, 73
KOHN (H.) 218
KRASNOGORSKI, 122
KRETSCHMER (E.), 116, 193, 221, 227
KROH, 154
KRÜGER e REKLESS, 6, 15

LALANDE (A.), 95, 151
LACERDA (J. B.), 214
LAPICQUE (A.), 218
LAPOUGE, 209
LARRABEE, 234
LASCHLEY (K. S.), 30, 31, 36, 44
LAZARUS e STEINTHAL, 8
LE BON (G.), 10, 13, 15, 109, 235, 236, 239, 247, 249, 250, 255, 256, 258,
LEFEBVRE, 239, 249, 258,
LEIBNIZ, 85
LESER (W. P.), 95
LESSA (P.), 231, 234
LEUSSE (P.), 206
LÉVY-BRUHL, 10
LEWIN (K.), 57
LEWIS, 150
LILIENFELD, 161
LINDNER, 8
LINS (A.), 247
LIPPMANN (W.), 234
LIPPS (Th.), 126
LISBOA (J. F.), 257, 258
LOMBROSO, 14

LOCKE, 160
LOWRIE (S. H.), 15
LUSCHAN (von), 210

MACH (E.), 52
MACHADO (Alcântara) 74
MACKAY (C.), 245, 247
MANCI (F.), 247
MARIE (A. A.), 13, 15, 247
MARIE e BAGENOFF, 247
MARSHALL, 100
MAUNIER (R.), 158, 171
MARTIN (E. D.), 237, 238, 247
MARX (K.), 161, 163, 164, 165, 166, 169, 203, 206
MACPHERSON (W.), 225, 227
MATEER, 122
MATHIEZ (A.), 258
MC. DOUGALL (W), 7, 8, 15, 239, 247, 253;
MEDEIROS e ALBUQUERQUE, 134
MEUMANN (E), 64
MEYER (A.), 180
MEYER (M.), 30
MICHELET, 149
MILLIKAN (T. A.), 156
MIRANDA (Pontes de), 95
MONTLOSIER, 206
MORGAN (J. H.), 23, 155
MOSS (F. A.), 58
MURCHISON (C.), 6, 16
MÜLLER e PILZECKER, 66
MURISIER (E.), 254, 258
MURPHY (G.), 6, 16, 73, 117, 118, 122, 125, 143
MUKERJEE e SUPTA, 16

NAEKE (P.), 103
NOVIKOW, 108
NEVES-MANTA, 242, 247, 253

ODUM eJOCHER, 95
OGDEN (R. M.), 73, 75
OKAKURA (K), 218
OLINTO (P.), 73
OLIVEIRA (Elias de), 247
OSTWALD (W.), 74, 223, 224, 227

PARODI (D.), 16
PAULHAN (Fr.), 106, 225, 227
PARK (R. E.), 216
PARKER, 96
PASCAL, 258
PAVLOV, (T. P.), 36, 73, 78, 97, 98, 99, 106, 120, 121, 122
PEARL (R.), 26
PEARSON (K.), 21, 205, 212
PECHSTEIN (L. A.), 65
PERKINS (N. L.), 60
PERSON, 117
PETERMANN (B.), 73
PETERSON (J.), 56, 140, 143
PIAGET (J.), 172, 178, 179, 193
PICARD (J.), 227
PIÉRON (H.), 27, 32, 73
PINTO (H.), 147
PITKINS (W. B.), 119, 177, 178, 213
PITTARD (E.), 211, 219
PLATEAU, 37
POLITZER (G.), 31, 73
PORTO-CARRERO (J. P.), 238, 247

QUENTAL (A. de), 165, 168, 169, 171

RAMOS (A.), 219
RANK (O.), 221, 227
RAVAISSON, 118, 125
RATZEL (F.), 210
RIBOT (T.), 50, 51, 52, 74, 95, 149
RIBEIRO (L.) e CAMPOS (M.), 133, 135
RICE (S. A.), 95
RICHARD (G.), 12, 13, 16, 162, 171
RICHET (Ch.), 134
RIGNANO (E.), 73
RIGOLAGE (J. E.), 75, 95
RIVERS (W. H. R.), 96, 100, 102, 106, 108
ROBINET, 248, 258
ROBINSON (E. S.), 67
ROCHECHOUART, 206
RODRIGUES (Nina), 214, 215, 216, 218, 231, 232, 253
ROQUETE-PINTO, 219
ROSS (E. A.), 6, 16
ROSSI (P.), 1, 14, 16, 247, 253
ROUSSEAU, 124, 160
RUSSELL (B.), 30

SALLES (A.), 95
SAPIR (E.), 158, 160, 171
SAWDON (E. W.), 65
SCHEELER (Max), 5, 145, 146, 147, 148, 149
SCHERER (J. A. B.), 217, 219
SCHILDER e KAUDERS, 135
SCHMIDT (M.), 227
SCHMIDT (R.), 227
SÉAILLES (G.), 220, 221, 227
SELIGMAN (E. R. A.), 7, 16
SERGI (G.), 14
SHERRINGTON, 36, 60
SIDIS (B.), 135. 243, 247
SIEBURG, 231
SIGHELE (Sc.), 1, 14, 16, 247
SIMMEL (G.), 8, 9, 14, 223
SKINNER (C. E.), 107
SLYE (M.), 25
SMITH (A.), 145
SMITH e GUTHRIE, 29
SNODDY (G. S.), 63, 65, 66, 68, 69

SOMBART (W.), 219
SOROKIN (P.), 92, 95, 257, 267, 268
SPENCER (H.), 3, 96, 161, 198
SPINOZA, 3, 231
SPROWLS (J. W.), 6, 16
STARCH (D.), 63
STEINER (J. F.), 219
SUMNER (W. G.), 159, 171,

TÁCITO, 217
TARDE (G.), 5, 6, 10, 16, 136, 137, 138,143, 144, 149, 198, 253
THOMAS (W. I.), 182, 183 193
THORNDIKE (E. L.), 5, 28, 83, 42, 58, 59, 74, 102, 154, 178
THOULESS (R. H.), 19
TODD (A. J.), 96, 160
TROTTER (W.), 7, 16, 107, 240, 247, 253

VIANA (Oliveira), 16,

WALLAS (G.), 107
WARD, 144
WARREN (H. C.), 102, 107
WATSON (J. H. B.), 5, 27, 28, 29, 30, 73
WEISS (A. P.), 27
WEISS (E. D.), 103, 104, 107
WELLINGTON, 125
WERTHEIMER (M.), 33, 36, 38, 39
WHEELER (R.H.), 5, 6, 16, 39, 46, 49, 54, 60, 61, 64, 70, 74, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 141, 142, 172, 174, 175, 179
WHEELER e PERKINS, 15, 74, 150
WILLIAMS (J. M.), 16
WILSON, 252
WIRCHOW, 210, 211
WOLTMANN (L.), 209
WOODWORTH (R. S.), 30, 35, 37, 41, 73
WULFF (F.) e KOFFKA, 60
WUNDT (W.), 8, 9, 16, 33, 135

YERKES (R. M.), 151, 156
YOUNG (K.), 6, 12, 16, 119, 122, 125, 159, 182

ERRATA

Pag.	Linha	Onde se lê	Leia-se
75	8	única	único
136	9	inter - indivídual	inter - individual
239	9	ooultos	inultos
250	35	e a na	e a sua
253	6 e 7	por ser um o	por ser o